UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

JANY DILOURDES NASCIMENTO

EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA DA LIBERDADE NUMA SOCIEDADE CAPITALISTA: UMA PROBLEMÁTICA POSTA A PARTIR DA EDUCAÇÃO DE PESSOAS JOVENS E ADULTAS

São Paulo
2009

JANY DILOURDES NASCIMENTO

EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA DA LIBERDADE NUMA SOCIEDADE CAPITALISTA: UMA PROBLEMÁTICA POSTA A PARTIR DA EDUCAÇÃO DE PESSOAS JOVENS E ADULTAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo como parte dos requisitos necessários para obtenção do título de Mestre em Educação.

Área de concentração: Filosofia da Educação.

Orientadora: Prof[a]. Dr[a]. Maria de Fátima Simões Francisco

São Paulo

2009

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catalogação na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo

374 Nascimento, Jany Dilourdes
N244e Educação como prática da liberdade numa sociedade capitalista : uma problemática posta a partir da educação de pessoas jovens e adultas / Jany Dilourdes Nascimento ; orientação Maria de Fátima Simões Francisco. São Paulo : s.n., 2009.
195 p. il., grafs. tabs.

Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Educação.Área de Concentração : Filosofia da Educação) - - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

1. Educação de pessoas jovens e adultas 2. Trabalho 3. Capitalismo 4. Política 5. mito.
I. Francisco, Maria de Fátima Simões, orient.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Jany Dilourdes Nascimento

Título: **EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA DA LIBERDADE NUMA SOCIEDADE CAPITALISTA: UMA PROBLEMÁTICA POSTA A PARTIR DA EDUCAÇÃO DE PESSOAS JOVENS E ADULTAS**

Dissertação apresentada à Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Educação.

Área de concentração: Filosofia da Educação

Aprovado em:

Banca examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____

Instituição _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____

Instituição _____ Assinatura _____

Por desejar ser uma pessoa melhor a cada amanhecer, por me fazer acreditar e lutar por um outro mundo mais justo, igualitário e possível, dedico a meus filhos – João Pedro e Beatriz.

E mais dia menos dia
A lei da selva vai mudar
Todos juntos somos fortes
Somos flecha e somos arco
Todos nós no mesmo barco
Não há nada pra temer
— Ao meu lado há um amigo
Que é preciso proteger
Todos juntos somos fortes
Não há nada pra temer

Chico Buarque, *Todos Juntos*

A todas as pessoas jovens e adultas que, como eu, vivem a dificuldade de conciliar estudo e trabalho com a vivência cotidiana. A todos quero dizer que:

Esse imenso desmedido amor
Vai além de seja o que for
Vai além de onde eu vou
Do que sou, minha dor

[...] lembrar e nunca esquecer
Se eu tivesse mais alma pra dar,
Eu daria, isso pra mim é viver.

Djavan e Caetano Veloso, *Linha do Equador*

AGRADECIMENTOS

Encontrei minha tradução em Thiago de Mello e em sua poesia,toda a expressão de meu sentimento de gratidão.

Pois aqui esta a minha vida.
Pronta para ser usada.
Vida que não se guarda.
Nem se esquiva assustada.
Vida sempre a serviço da vida.

Para servir ao que vale.
A pena é o preço do amor.

Ainda que o gesto me doa,
Não escolho a mão: avanço
Levando um ramo de sol.
Mesmo enrolada de pó,
Dentro da noite mais fria,
A vida que vai comigo é fogo.
Está sempre aceso.

[...]
A vida vai no seu peito
Mas é quem vai me levando.
Tição ardente velando:
Girassol na escuridão.

Carrego um grito que cresce
cada vez mais na garganta
cravando seu travo triste
na verdade do meu canto.

[...] mas sabe também o tempo
Da febre e o gosto da fome.

Nas águas da minha infância
Perdi o medo entre os rebojos
Por isso avanço cantando.

Estou no centro do rio
no meio da praça
piso firme no meu chão,
sei que estou no meu lugar
como a panela no fogo
e a estrela na escuridão.

O que passou não conta? Indagarão
as bocas desprovidas.
Não deixa de valer nunca.
O que passou ensina
Com sua garra e seu mel.

Por isso é que agora vou assim
No meu caminho. Publicamente andando.

Não tenho caminho novo.
O que tenho de novo é o jeito de caminhar.
Aprendi:
(o caminho me ensinou)
a caminhar cantando
como convém
a mim,
aos que vão comigo.
Pois já não vou mais sozinho.

Aqui tenho a minha vida:
Feita a imagem do menino
Que continua varando
Os campos gerais
E que reparte o seu canto
Como o seu avô
Repartia o cacau
E fazia da colheita
Uma ilha de bom socorro

Feita à imagem do menino
Mas a semelhança do homem:
Com tudo que ele tem de primavera
De valente esperança e rebeldia.

Vida, casa encantada,
Onde eu moro e morava em mim
Te quero assim verdadeira
Cheirando a manga e jasmim
Que me sejas deslumbrada
Como ternura da moça
Rolando sobre o capim.

Vida, toalha limpa,
Vida posta na mesa,
Vida brasa vigilante
Vida pedra e espuma,
alçapão de amapolas,
o sol dentro do mar
estrume e rosas do amor:
a vida.
Há que merecê-la.

Thiago de Mello, A Vida Verdadeira

Quero, então, agradecer a minha mãe Maria Madalena do Nascimento.

Maria, Maria
É um dom, uma certa magia
Uma força que nos alerta
Uma mulher que merece
Viver e amar
Como outra qualquer
Do planeta

Maria, Maria
É o som, é a cor, é o suor
É a dose mais forte e lenta
De uma gente que ri
Quando deve chorar
E não vive, apenas agüenta

Mas é preciso ter força
É preciso ter raça
É preciso ter gana sempre
Quem traz no corpo a marca
Maria, Maria
Mistura a dor e a alegria

Mas é preciso ter manha
É preciso ter graça
É preciso ter sonho sempre
Quem traz na pele essa marca
Possui a estranha mania
De ter fé na vida....
Milton Nascimento, *Maria,Maria*

Aos meus filhos João Pedro e Beatriz, gostaria de dizer o quanto mudaram e enriqueceram minha vida me fazendo compreender o que significa realmente amar. Talvez eles ainda não tenham a noção da importância sobre a minha persistência na luta por um mundo melhor para todos, mas eu sei o quanto devo a eles a força de levantar mesmo quando o desanimo e a falta de esperança parece tomar conta de tudo, ali estavam eles e a sua simples presença me dizia que não podia desistir, mesmo que não fosse por mim.

Não me entrego sem lutar
Tenho ainda coração
Não aprendi a me render
Que caia o inimigo então

Legião Urbana, Metal contra as nuvens

Aos meus avós maternos, Antenor Davi Reginaldo e Luzia Alvarenga Belchior, pelo amparo e acolhimento durante minha infância.

Ao meu irmãozinho caçula, Marcelo do Nascimento ‘in memória’ e a sua pequena Evylin, minha sobrinha.

À minha querida orientadora, minha outra Maria, Maria de Fátima Simões Francisco, agradeço não só pela orientação, mas também pela coragem e ousadia em assumir junto comigo este trabalho pouco familiar a sua área.

Também quero agradecer aos amigos já que:

Amigo é coisa para se guardar
Debaixo de 7 chaves,
Dentro do coração,

[...]Amigo é coisa para se guardar
No lado esquerdo do peito,
mesmo que o tempo e a distância digam não
Milton Nascimento, *Canção da Ámentia*

Andréia Oliveira Conceição, Aracele Florêncio Bezerra, Bethânia Abulquerque, Carolina Bezerra Perez, Daniela Pinheiro de Andrade Alvani, Fabiana Ribeiro, Fabiana Valeria Tavarez, Fátima Aguiar Moro, Jane Sousa Silva, João Oliveira Santana, Juliana Malagoli, Juliana Macedo Rocha, Luciana Keiko Rizzi, Sheila Silva, Talita Teixeira e Tânia Gonçalvez.

Também não poderia esquecer de agradecer a todas as alunas e alunos jovens e adultos desta caminhada de mais de dez anos. por tudo que me ensinaram por meio de suas histórias de vida e de resistência sobre o valor das pessoas, das coisas e da vida, mesmo num contexto capitalista.

Ainda quero agradecer a todas minhas professoras e professores do curso de Pedagogia (1997/2001) e pós-graduação (2006/2009) e finalmente, agradeço à Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo por tornar essa pesquisa possível e ainda ao Programa Bolsa Mestrado do Estado de São Paulo

RESUMO

Título: **Educação como prática da liberdade numa sociedade capitalista: uma problemática posta a partir da educação de pessoas jovens e adultas**

Este trabalho, de natureza teórica e empírica, tem como objetivo discutir a educação como prática da liberdade frente a uma sociedade capitalista, problematizando esta questão por meio da Educação de Pessoas Jovens e adultas. Essas pessoas mostraram buscar na educação algo relacionado a sua própria formação humana, ou seja, algo muito além da instrução funcional pragmática com fins salariais. Discute também, idéias tais como: a captura de nossas consciências pelo sistema econômico em que vivemos, a aceitação da desigualdade social como algo natural, que resulta no conformismo com este modo de viver como único possível. Propomos a desmistificação destas questões, tomando como referencial considerações advindas de estudos da antropologia que tomaram como base sociedades indígenas, firmadas sob outra lógica não capitalista, referencial esse comum entre alguns autores fundamentais tais como Bruno (1991), Costa (2004) e Kelh (2004).Outros autores, não menos importantes, ajudaram a discutir o direito à educação como bem incompressível, portanto como parte de um direito humano, como Candido (2004), outros ainda situaram esta educação como Di Pierro (2007) e Soares (1990); já Fétizon (2002) e Freire(1987), a definiram e propuseram uma reflexão crítica sobre esta como, prática que liberta da opressão mitificante do sistema econômico e político. Por último, apresentamos os depoimentos dos sujeitos da pesquisa e a análise de suas entrevistas e, finalmente, concluímos que se concebemos o ser humano como ser político, capaz de articular, resistir e lutar então nem tudo esta perdido.

Palavras-chave: educação, capitalismo, trabalho, política, prática da liberdade e mito.

ABSTRACT

Titulo: **Education as a practice of liberty in a capitalist society: an issue seen from the point of view of the education for young and adult people**

This theoretical, empirical study aims at discussing education as a practice of liberty when confronted to the capitalist society. In doing so, it does it by means of the Education for Young and Adult people. Its discussion deals with the following ideas: materialization of consciences, and conformation of social structures; and proposes the demythification of the State. It also takes as a reference some considerations originated in History, Sociology, Anthropology, and Psychology. We propose a discussion among scholars who deal with education and the capitalist system, such as Bruno (1991), Candido(2004), Costa (2004), Di Pierro (2007), Fétizon (2002), Freire (1987), Kehl (2004), Saviani (1977) and Soares (1990). Finally, once we consider that men are political beings, able to articulate, resist, and struggle, we thus conclude thay “not everything is lost”.

Keywords: Education for Young and Adult people; capitalism; politics; practice of liberty; myth.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	1
INTRODUÇÃO	3
CAPÍTULO I – O CAMINHO PERCORRIDO: O CONTEXTO E SEUS SUJEITOS	13
I.1. Situando o problema	13
I.2. Dos objetivos	21
I.3.1 Memórias	24
I.3.2. As narrativas autobiográficas	25
I.4. Procedimentos e coleta de dados	28
I.4.1. O trabalho de revisão da literatura	28
I.4.2. O trabalho de campo	35
I.4.2.1. O primeiro grupo: NEA – FEUSP	37
I.4.2.2. O segundo grupo: parceria entre Senac e Instituto Paulo Freire	41
I.5.1. O perfil dos sujeitos da pesquisa	42
I.6. Das entrevistas	50
I.7. Das Transcrições	55
CAPITULO II – UM BREVE E CRITICO HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO DE PESSOAS JOVENS E ADULTAS	57
II.1. O 1º momento	58
II.2. O 2º momento	65
II.3. O 3º momento	66
II.4. As políticas publicas para educação de jovens e adultos no Brasil	71
CAPITULO III – REVISÃO DOS ESTUDOS ANTERIORES	81
III.1. O poder político: as idéias de Lúcia Emília Nuevo Barreto Bruno (1991)	81
III.2. O direito à literatura: as idéias de Antonio Candido	96
III.3. Homens invisíveis: relato de uma humilhação social. As idéias de Fernando Braga da Costa	106
III.4. Sombra e Luz – o tempo habitado: as idéias de Beatriz Fétizon	116
III.5. Pedagogia do oprimido: as idéias de Paulo Freire	128

III.6. Civilização partida: as idéias de Maria Rita Kehl 140
III.7. Estudos complementares 151
III.7.1. A educação de jovens e adultos trabalhadores 151
III.7.2. A alfabetização de jovens e adultos na educação escolar 152
III.7.3. Estudos das memórias e história de vida 154
CAPÍTULO IV – A RELAÇÃO ENTRE OS PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E OS RELATOS DOS SUJEITOS DAPESQUISA 159
CAPITULO V – CONSIDERAÇÕES FINAIS 181
REFERENCIAS

ANEXOS
ANEXO A – Distribuição geografica da produção acadêmica discente, por Região e UF (Série Estado do Conhecimento nº 8, p.12, Sérgio Haddad)
ANEXO B – Poema
ANEXO C – Carta de Agradecimento
ANEXO D – Convite
ANEXO E – Perfil dos sujeitos da pesquis
ANEXO F – Instrumento para entrevista

TABELAS

Tabela 1 – Total de teses e dissertações dos bancos bibliográficos: Dedalus e Cereja no período (1999-2008) posterior a pesquisa: Série Estado do conhecimento (1996-1998)

Tabela 2 - A Distribuição geográfica da produção acadêmica discente de nossa pesquisa por Região e UF

Tabela 3 – Naturalidade

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Faixa Etária

Gráfico 2 – Gênero

Gráfico 3 – Naturalidade distribuída por Unidade Federativa

Gráfico 4 – Zona rural e zona urbana

Gráfico 5 – Estado civil

Gráfico 6 – Número de filhos

Gráfico 7 – Trabalho

Gráfico 8 – Início ou retorno à escola

Gráfico 9 – Série Inicial

Gráfico 10 – Série Final

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Alfasol - Alfabetização Solidária

ANPEd - Associação Nacional de Pesquisa em Educação

ASO - Alfabetização dos Servidores da USP

CEAA - Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos

CEE - Conselho Estadual de Educação

Cereja - Centro de Referência em Educação de Jovens e Adultos

CNBB - Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

CNEA - Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo

COSEAS - Coordenadoria de Saúde e Assistência Social da USP

CPCs - Centros de Cultura Popular

DEDALUS – USP

EJA – Educação de Jovens e Adultos

Fapesp/Finep – Fundação para a Pesquisa do Estado de São Paulo/ Financiadora de Estudos e Projetos

FE-USP - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo

FUNDEB – Fundação de Desenvolvimento do Ensino Básico

FUNDEF - Fundo de Desenvolvimento do Ensino Fundamental

GETA – Grupo de Estudos de Trabalhos em Alfabetização

IBGE - Instituto Pesquisas Brasileiro de Geografia e Estatística

IDH - Índice de Desenvolvimento Humano

IG Metal – Sindicato Alemão

IMF - Federação Internacional dos metalúrgicos

LDB – Lei de Diretrizes Básicas

MEB - Movimento de Educação de Base

MEC/INEP/SEEC – Ministério da Educação e Cultura/ Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira/ Secretaria Estadual de Educação e Cultura

Mobral - Movimento Brasileiro de Alfabetização

NEA - Núcleo de Estudos sobre Jovens e Adultos e Formação Permanente de Professores

ONGs - Organizações Não-Governamentais

ONU - Organização das Nações Unidas

PCO - Prefeitura da Cidade Universitária.

PEA - Programa de Educação de Adultos da Faculdade de Educação

PEI - Programa de Educação Integrada

PNE - Plano Nacional de Educação

SEA - Serviço de Educação de Adultos

Senac – Serviço Nacional do Comércio

SID - Sistema de Informação e Documentação da Ação Educativa

UF – Unidade Federativa

UNE - União Nacional dos Estudantes

UNESCO – *United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization*

UNISA – Universidade de Santo Amaro

USP – Universidade de São Paulo

As palavras de sinhá Vitória encantavam-no. Iriam para diante, alcançariam uma terra desconhecida. Fabiano estava contente e acreditava nessa terra, porque não sabia como ela era nem onde era. (...) E andavam para o Sul, metidos naquele sonho.Uma cidade grande, cheia de pessoas fortes. Os meninos em escolas, aprendendo coisas difíceis e necessárias.(...) Retardaram-se, temerosos.Chegariam a uma terra desconhecida civilizada, ficariam presos nela.E o sertão continuaria a mandar gente para lá. O sertão mandaria para cidade homens fortes, brutos, como Fabiano, sinhá Vitória e os dois meninos.

Desenho com giz de cera, feito por Jany Nascimento para uma aula na EJA em 1999.

Pouco a pouco uma vida nova, ainda confusa, se foi esboçando. Acomodar-se-iam num sítio pequeno, o que parecia difícil para Fabiano, criado solto no mato. Cultivariam um pedaço de terra. Mudar-se-iam para uma cidade, os meninos freqüentariam escolas, seriam diferentes deles.

Graciliano Ramos •

• Fragmento do capítulo “A Fuga”, extraído do livro: Vidas Secas. Rio de Janeiro: - Record, 2008.

APRESENTAÇÃO

O título inicial pensado para este trabalho foi uma discussão em torno da possibilidade de uma Educação como prática da promoção humana numa sociedade capitalista, ao longo das leituras e reflexões estimuladas no curso de pós-graduação este título acabou transformando-se para tentar explicitar melhor a essência de sua proposta, passando a ser - Educação como Prática da Liberdade Numa Sociedade Capitalista - Problemáticas e Reflexões Postas a Partir da Educação de Jovens e Adultos.

Nosso primeiro desafio foi introduzir e contextualizar o assunto numa sociedade capitalista, como sua capacidade de manipular, dominar e conformar consciências e por conseqüência as atitudes de pessoas que sobrevivem sob seu jugo. Sob esta perspectiva discutimos também a essência humana como sendo política e ainda questionamos o status de mito do estado e do trabalho portanto, a aceitação de sua naturalização, situação confortável, mas não real.

Optamos por pesquisa de natureza teórica e empírica de maneira que no primeiro Capítulo passamos a mostrar o caminho percorrido pela pesquisa, os objetivos, a proposta metodológica com abordagem qualitativa realizada por meio de narrativas autobiográficas e composta por trabalho teórico de campo.

Para situarmos a problemática proposta no segundo Capítulo tentamos apresentar um breve, porém crítico histórico da Educação de Pessoas Jovens e Adultas no Brasil.

A fim de aprofundar as questões propostas, no terceiro Capitulo nos dedicamos a revisar a literatura sobre o assunto, apresentando as idéias dos autores, as aproximações e distanciamentos entre eles.

Ainda estabelecemos a relação entre os pressupostos teóricos e os relatos dos sujeitos no quarto Capítulo e por último apresentamos as conclusões finais e as referências de todo o trabalho.

INTRODUÇÃO

Para que possamos, *a priori*, justificar este trabalho, tentamos entender o nosso tempo. Este exercício é um princípio fundamental para Milton Santos (1998). Para Paulo Freire (1987), implica a negação do homem abstrato, isolado, solto, e desligado do mundo, bem como a negação do mundo como uma realidade ausente dos homens, concebendo os homens e mulheres em suas relações com o mundo.

Partindo de tais premissas, nossa contextualização origina-se do chão histórico oferecido pela década de 1970, quando a crise de um regime de regulação do capitalismo conhecido como fordista teve seu início. Tratava-se de um regime caracterizado por mudanças lentas, no qual o trabalhador realizava uma única tarefa fragmentada e repetitiva, e que, reificado, foi tão bem retratado pela figura do apertador de parafusos que trabalhava numa na linha de produção, no filme “Tempos Modernos”, de Charlie Chaplin.

Essa crise, impulsionada pela microeletrônica e logo em seguida pela informática, trouxe profundas modificações nos processos de produção, causando uma nova revolução tecnológica, que resultou no chamado toyotismo, também conhecido como “acumulação flexível”.

As modificações no processo de produção conseqüentemente modificaram a organização e as relações de trabalho dentro das fábricas, exigindo que o trabalhador se adaptasse a mudanças constantes, que operasse novas máquinas o tempo todo. A constante mudança e as novas demandas exigiam, pois, maior qualificação, e de forma permanente, do operário.

Dentro da doutrina conhecida como neoliberalismo, essas transformações impuseram redefinição das funções do Estado nas relações políticas, econômicas e internacionais.

Nessa nova conjuntura, uma progressiva abertura dos países ao comércio mundial e aos movimentos internacionais de capitais cujas palavras de ordem são estabilização econômica e concorrência, passou a existir. Países chamados “emergentes”, tais como o

Brasil, têm passado por importantes transformações, consideradas pelo discurso dominante essenciais para a inserção no "mundo globalizado" e cujo processo é considerado necessário, inevitável e irreversível. Dentre estas transformações, estão a estabilidade da moeda, para que o país consiga "se beneficiar" dos fluxos internacionais de capital (o que tem sido obtido em vários países, incluindo o Brasil, com políticas recessivas e o aumento do desemprego); a redução dos gastos governamentais, que têm imposto cortes freqüentes no orçamento público para áreas sociais como educação e saúde; a abertura comercial para forçar as empresas nacionais a se modernizarem mediante sua exposição à concorrência internacional; as mudanças nos processos de trabalho, com a crescente automação exigindo um trabalhador polivalente e qualificado; e as transformações nas relações de trabalho, com cortes nos direitos sociais anteriormente conquistados pelos trabalhadores e que promovem um processo de precarização do trabalho em si, tais como trabalho temporário, parcial, autônomo, e informal — todos, é claro, gozando de poucos ou nenhum direito trabalhista previsto em lei.

Sob essa ótica, a educação é entendida como meio de produção do que tem sido chamado pelos economistas de "capital humano". Nesse sentido, para compreender nosso tempo e tendo em vista que a educação se dá num contexto sócio-econômico, cultural, histórico e político; consideramos urgente estudarmos como essas transformações resultantes de uma nova fase de acumulação capitalista têm repercutido na organização social, pautada pelo trabalho economicamente produtivo, bem como de que maneira essa afeta a educação.

De acordo com Fétizon (2002), o ocidente desenvolveu uma mística do trabalho enquanto valor essencial, vital e até mesmo essencial da construção da dignidade humana individual e da qualidade da organização social.

Milton Santos (1998) nos alerta sobre como essa crença tem influenciado os rumos da educação:

> O mundo do pragmatismo triunfante é o mesmo mundo do "salve-se quem puder", do "vale tudo", justificados pela busca apressada de resultados cada vez mais auto-centrados, por meio de caminhos sempre mais estreitos, levando ao amesquinhamento dos objetivos, por meio da pobreza das metas e da ausência das finalidades. O projeto educacional atualmente em marcha é tributário dessas

> lógicas perversas. [...] É nesse campo de forças e a partir deste caldo de cultura que se originam as novas propostas para a educação, as quais poderíamos resumir dizendo que resultam da ruptura do equilíbrio, antes existente, entre uma formação para a vida plena, com a busca do saber filosófico (M. SANTOS, 1998)

Neste contexto, queremos colocar em foco, principalmente na área da educação, a expressão da contradição visceral da nossa sociedade capitalista que sobrevive da exploração do outro. Percebemos duas concepções bastante distintas no sentido dado à "educação". A primeira das concepções é entendida num sentido mais amplo, como formação humanizadora para uma vida plena — que, como tal deveria ser o motor da busca de formas melhores de sociabilidade entre os seres, que viveriam segundo formas de convivência mais igualitárias e, portanto, mais justas. Quanto à segunda concepção, referimo-nos ao "pragmatismo triunfante". Antonio Candido (2004,p.170) tenta esclarecer que "é verdade que a barbárie continua até crescendo, mas não se vê mais o seu elogio, como se todos soubessem que ela é algo a ser ocultado, não proclamado"

Ambas as concepções negam-se mutuamente por não compartilharem de valores e objetivos comuns. Assim, a segunda parece não entender a educação como formação para vida plena, nem como possível, ou sequer apropriada para todos. Dito de outro modo, ela reivindica para si bens e direitos que não estende a outros. Portanto, em certa medida, não nega a primeira concepção, porquanto concorda com ela desde que restrinja este tipo de formação apenas para si e para o grupo do qual faz parte.

Encontramos respaldo para discutirmos este equivocado entendimento da diferenciação de bens e direitos, em uma discussão feita pelo próprio Antonio Candido acerca dos direitos humanos, afirmando que seu pressuposto é

> reconhecer que aquilo que consideramos indispensável para nós é também indispensável para o próximo. [...] Nesse ponto as pessoas são freqüentemente vítimas duma curiosa obnubilação. Elas afirmam que o próximo tem direito, sem dúvida, a certos bens fundamentais, como casa, comida, instrução, saúde, coisas que ninguém bem formado admite hoje em dia que seja privilégio de minorias, como são no Brasil. Mas será que pensam que o seu semelhante *pobre* [o destaque é nosso] teria direito a ler Dostoievski, ou ouvir os quartetos de Beethoven? Apesar das boas intenções no outro setor, talvez isto não lhes passe pela cabeça. E não por mal, mas somente porque e quando arrolam os seus direitos não estendem todos eles ao seu semelhante. Ora, o esforço para incluir o semelhante no mesmo elenco de bens que reivindicamos está na base da reflexão sobre os direitos humanos. (CANDIDO, 2004, p.172)

Para melhor esclarecer o assunto, Candido passa a utilizar o conceito de "bens compressíveis" e "bens incompressíveis" do sociólogo francês Louis-Joseph Lebret, que define bens incompreensíveis como aqueles que não podem ser negados a ninguém e os quais acrescentamos, ou seja, aqueles que não podem ser apertados, reprimidos, comprimidos ou sofrer redução de volume[1]. O autor prossegue explicando que certos bens são obviamente incompressíveis, como o alimento, a casa, e a roupa, enquanto outros são compressíveis, tais como os cosméticos, os enfeites, e vários outros. Ele apresenta, assim, a teoria da "utilidade marginal", segundo a qual, em economia política, o valor de uma coisa depende em grande parte da necessidade relativa que temos dela, numa tentativa de explicar como é difícil delimitar a fronteira entre esses dois bens.

> O fato é que cada época e cada cultura fixam os critérios de incompressibilidade, que estão ligados à divisão da sociedade em classes, pois inclusive a educação pode ser instrumento para convencer as pessoas de que o que é indispensável para uma camada social não o é para outra. Na classe média brasileira, os da minha idade ainda lembram o tempo em que se dizia que os empregados não tinham necessidade de sobremesa nem de folga aos domingos, porque não estando acostumados a isso, não sentiriam falta... Portanto é preciso ter critérios seguros para abordar o problema dos bens incompressíveis" [...](CANDIDO, 2004, p.173)

Antonio Candido faz defesa segura desses direitos e considera todas as pessoas igualmente dignas deles. Para ele, uma pessoa não é mais ou menos humana do que outra, e tampouco mais ou menos digna de direitos. Ao contrário, vê o outro com os mesmos direitos que alega para si, independentemente do grupo social a que pertence.

> Por isso, a luta pelos direitos humanos pressupõe a consideração de tais problemas, chegando mais perto do tema eu lembraria que são bens incompressíveis não apenas os que asseguram a sobrevivência física em níveis decentes, mas os que garantem a integridade espiritual. São incompressíveis certamente a alimentação, a moradia, o vestuário, a instrução, a saúde, a liberdade individual, o amparo da justiça pública, a resistência a opressão etc.; e também o direito à crença, à opinião, ao lazer e por que não, à arte e à literatura (CANDIDO, 2004, p.173 – 174).

No entanto, nem todos compartilham dessa opinião. Em agosto de 1991, numa entrevista concedida ao *Jornal do Brasil*, Goldemberg, então recentemente empossado como Ministro da Educação, declarou que

---

[1] Acrescentamos a definição do dicionário: http://www.priberam.pt/dlpo/definir_resultados.aspx Acesso em 08/01/2009.

> o grande problema de um país é o analfabetismo das crianças e não o dos adultos. O adulto analfabeto já encontrou o seu lugar na sociedade. Pode não ser um bom lugar, mas é o seu lugar. Vai ser pedreiro, vigia de prédio, lixeiro ou seguir outras profissões que não exigem alfabetização. Alfabetizar o adulto não vai mudar muito sua posição dentro da sociedade e pode até perturbar (GOLDEMBERG, in *O Jornal do Brasil*, dia/08/1991, p. XX).

Certamente, o ministro nunca seria capaz de se imaginar na posição de lixeiro ou pedreiro — esta era a posição do outro, que não lhe cabia e, nessa ordem, as coisas lhe pareciam bem agradáveis. Porém, encontramos uma grande divergência a esta visão quando observamos a posição de Antonio Candido, quando defende uma condição mais igualitária de vida para todos. Sua visão vai de encontro à posição de Goldemberg, que declaradamente vê a si mesmo e outros da sua situação social como seres mais dignos e merecedores de direitos não extensíveis a todos.

As idéias de Candido são reforçadas pelos textos de Saviani, (1977, p. 41) ao afirmar que na relação humana o prático-utilitário de dominação sobre as coisas nunca poderá ser exercido nas relações de pessoa para pessoa, porque apenas o prático-utilitário não satisfaz. Em suas palavras citadas de, "o homem é aquele animal para o qual o supérfluo é necessário" [2]. Entendemos, então, que o "supérfluo necessário" é o equivalente a bens incompressíveis.

Por meio da declaração pública do ministro, observamos a existência de um contingente de pessoas que defende até mesmo a educação, um direito elementar, de forma parcial e não como um direito de todos, tomando como prioridade a educação de crianças em relação à educação de jovens e adultos. Segundo Goldemberg, "temos que estancar a fonte de analfabetos, nos primeiros anos de escola e não tentar alfabetizar adultos". O físico, então Ministro da Educação, outra vez tentava desqualificar as pessoas jovens e adultas, utilizando-se agora do critério etário para declarar seus argumentos.

Todavia, o professor Celso Beiseigel (1997) manifesta-se sobre tal declaração dizendo que

---

[2] Nota retirada do artigo de Saviani para destacar que o termo usado por ele não era de sua autoria -Cf.Ortega y Gasset. J. – Meditação da Técnica, pp. 21-22.

> essa posição é muito discutível. [...] é pouco razoável colocar a educação de crianças e a educação de adultos como alternativas mutuamente excludentes. Há cinqüenta anos, com Lourenço Filho, o pensamento educacional já vinha equacionando a questão da educação básica de crianças e adultos em termos bem mais aceitáveis" (BEISEIGEL, 1997, p.29).

Percebemos claramente a forma como Beiseigel critica a declaração de Goldemberg, considerando-a um retrocesso frente aos avanços sociais, educacionais e intelectuais do país.

Outra infeliz declaração nesse mesmo sentido foi feita por Darcy Ribeiro e exposta por Haddad (2001):

> Deixem os velhinhos morrerem em paz! Deixem os velhinhos morrerem em paz! Assim se pronunciou Darcy Ribeiro, diante das câmaras de vídeo e os olhares atônitos de cerca de 1.500 pessoas, educadores, professores, responsáveis por políticas públicas, no encerramento do Congresso Brasileiro organizado pelo GETA - Grupo de Estudos de Trabalhos em Alfabetização - em 1990, por ocasião das mobilizações que marcaram o Ano Internacional da Alfabetização. Darcy, firme, falador incansável, argumentava, diante do seu amigo Paulo Freire, que assistia à sua performance na mesma mesa-redonda, no auditório da antiga Escola Caetano de Campos.
> Pode-se dizer que ali, por sua ousadia, Darcy inaugurava uma nova etapa de desqualificação da educação de pessoas jovens e adultas no âmbito das políticas públicas, revertendo um movimento inclusivo dos direitos por educação dos últimos cinqüenta anos (HADDAD, 2001, p. 111).

Da mesma forma, constatamos que há em nossa sociedade a existência de duas posições do direito: enquanto teoria e enquanto fato. Teoricamente, o direito à educação, como tantos outros, está previsto na Constituição de 1988, em vigor como lei mais importante do país. Em seu artigo 208, a Constituição estende a garantia de ensino fundamental como um direito subjetivo de todos os brasileiros, inclusive aqueles que não tiveram acesso quando crianças, mas o fato é que mesmo 20 anos depois de ter sido promulgada, não assistimos à efetivação desse direito tal como apregoado pela lei máxima da nação.

Direito, desde que reconhecido como *direito*, não deveria ser discutido: deveria estar pronto e acabado e, por isso, há o estranhamento causado pelas declarações que não condizem com as conquistas históricas de educação para todos. Pior do que isso, vivemos numa sociedade em que grupos rejeitam a idéia de uma sociedade com o máximo de igualdade e justiça.

> Na segunda metade do século XX, o pensamento hegemônico que se conformou em torno do tema proporcionou que a educação fosse considerada direito inalienável de todo cidadão — inclusive o adulto — , inscrito em1948 na Declaração Universal dos Direitos Humanos no Pacto Internacional sobre Direitos Econômicos, Sociais Culturais de 1966, assim como em diversas outras convenções e iniciativas internacionais (Di Pierro, 2007, p.14).

A garantia deste direito, numa ação prática, porém, parece não se efetivar, mesmo com as defesas tão contundentes como a que vimos nos trabalhos de teóricos da educação, e tampouco por meio da estatura de direito inscrito na lei. Basta observarmos que o próprio Candido (2004, p.172) afirmou que até mesmo bens fundamentais são privilégios de minorias no Brasil e que Di Pierro (2007) confirma ao declarar que:

> o reconhecimento do direito à educação no sistema jurídico internacional e de cada país é condição necessária, mas insuficiente para sua garantia, que depende da forma como a cidadania se realiza em cada contexto, como resultado dos conflitos e consensos sociais que se estabelecem em cada momento histórico determinado (DI PIERRO, 2007, p. 14).

Diante de tal quadro, discutiremos, segundo Gentili (1995), a questão da aceitação da desigualdade numa sociedade capitalista como expansão do universo mercantil que invade não só as coisas materiais, mas também as consciências, interiorizando valor mercantil e passando a aceitar o próprio mercado como âmbito no qual devem desenvolver-se.

Fétizon (2002) compartilha de tal visão e explica tal interiorização como efeito do mito do trabalho que “comporta-se exatamente como nos comportamos diante dos mitos: irracionalmente. Mitificado e mistificado, o trabalho, erigido em valor supremo, ofusca os demais valores” (p. 165).

Essa sociedade do espetáculo é a sociedade das aparências, onde o “ter” se sobrepõe ao “ser” e onde nossa dificuldade para enxergar talvez advenha do tempo em que vivemos, um tempo em que as relações mercantis invadem tudo completamente, forçando-nos a ver através das lentes do capitalismo e de sua lógica que tenta transformar os piores absurdos em fatos naturais. Cabe aqui ressaltar a advertência de Marina Colassanti (1996):

> Eu sei que a gente se acostuma. Mas não devia. [...] A gente se acostuma a pagar por tudo que se deseja e o que necessita. E a lutar para ganhar dinheiro com que pagar. E a ganhar menos do que precisa. E fazer fila para pagar. E a pagar mais do que as coisas valem. E a saber que cada vez pagará mais. E procurar mais trabalho, para ganhar mais dinheiro, para ter com que pagar nas filas em que se cobra (COLASANTI, 1996, p. 9).

Segundo Trenkle (1998), não devemos nos acostumar a tal realidade, pois o trabalho em nossas sociedades ocidentais, visto como "a coisa mais natural do mundo" é a atividade pela qual os seres humanos são obrigados "a vender sua energia vital para poderem sobreviver" e não há nada de natural nisso e nem na tamanha desigualdade social.

Beatriz Fétizon (2002) nos insta a pensar se não estamos vivendo uma inversão de valores, ao declarar que "(...) o Ocidente desenvolveu toda uma mística do trabalho erigido como valor essencial, vital e primeiro da constituição da dignidade individual e da qualidade e justiça da organização social." (p. 186) e ao perguntar se "O trabalho dignifica o homem. Será? Alguém já se perguntou se não seria exatamente o contrário? O homem é que dignifica o trabalho?" (p. 167).

Desse modo, entendemos que a educação de jovens e adultos evidencia essa problematização ao colocar as questões: o que estas pessoas vão buscar na escola? Procuram alguma finalidade pragmática ou simplesmente procuram satisfazer uma necessidade de ordem maior, da sua própria humanização neste mundo? Encontram? Qual a finalidade da educação? Deve formar para uma vida plena ou para o pragmatismo do trabalho economicamente produtivo? Deve haver uma distinção educacional baseada nas duas concepções acima ou baseada na aceitação de ricos e pobres? Por que as leis são insuficientes para garantia e efetivação de direitos, mesmo aqueles ditos fundamentais? È possível uma participação plena numa sociedade letrada sem o domínio da leitura e da escrita, bem como o domínio da matemática? O sistema econômico capitalista é capaz de garantir a igualdade? A escola enquanto veículo da educação tem sucumbido aos imperativos do mercado, que passa a vê-la como bem de produção?

O fato de não sermos indiferentes a estas questões e de querermos entender nosso tempo fizeram destes o objetivo de nosso trabalho. Saviani (1977) explica, afinal, que dada a condição de seres reais e históricos, os nossos objetivos são síntese da própria valoração das questões que colocamos, pois delimitam prioridades que são determinadas pelas

necessidades, pelas existências humanas concretas, pela necessidade das respostas que ainda não temos. Assim, quiçá possamos ainda contribuir para os esforços de tornar *o que é* naquilo que *deve ser*, e aquilo que *deve ser* naquilo que *de fato é*.

Comida

Titãs

Bebida é água
Comida é pasto
Você tem sede de quê?
Você tem fome de quê?
A gente não quer só comida
A gente quer comida, diversão e arte
A gente não quer só comida
A gente quer saída para qualquer parte

A gente não quer só comida
A gente quer bebida, diversão, balé
A gente não quer só comida
A gente quer a vida como a vida quer

Bebida é água
Comida é pasto
Você tem sede de quê?
Você tem fome de quê?

A gente não quer só comer
A gente quer comer e fazer amor
A gente não quer só comer
A gente quer prazer pra aliviar a dor
A gente não quer só dinheiro
A gente quer dinheiro e felicidade
A gente não quer só dinheiro
A gente quer inteiro e não pela metade

Desejo,
Necessidade , vontade
Desejo,
Necessidade , vontade

CAPITULO I - O CAMINHO PERCORRIDO: O CONTEXTO E OS SEUS SUJEITOS

Neste capítulo, dedicado ao caminho percorrido pela investigação deste trabalho, procuramos situar a educação no contexto sócio-econômico de desigualdade do capitalismo de forma a retomar seus objetivos e de apresentar a trajetória metodológica empregada, bem como a caracterização dos sujeitos — a saber, pessoas jovens e adultas que ingressam ou retornam à escola no Ciclo I do Ensino Fundamental no período compreendido entre 1998 e 1999.

I.1. Situando o problema

De acordo com o professor Demerval Saviani (1977), a reflexão sobre problemas educacionais sempre nos levará à questão dos valores. Dessa forma, para iniciarmos esta discussão, não pudemos deixar de reconhecer que qualquer projeto de educação implícita ou explicitamente orienta-se por concepções sobre o tipo de pessoa e de sociedade que se considera desejável, ou seja, funda-se sobre o problema dos valores e objetivos.

Uma vez definida tal premissa, o autor nos diz que a vida humana só pode se sustentar e se desenvolver a partir de contexto que a situe, e por isso é levado a valorizar os elementos dos quais tira sua sobrevivência no domínio da natureza e da cultura. Nesse sentido, valorizar é não ser indiferente, pois em si mesmo os elementos não valem, nem deixam de valer: eles simplesmente são. No entanto, ao se relacionarem com o ser humano, tais elementos passam a ter significado e a valer. O domínio do prático-utilitário resultante da satisfação das necessidades humanas leva à valorização e aos valores. O ser humano, porém, não é um ser passivo: ele reage diante da situação, ele intervém e é capaz de aceitar, rejeitar, ou transformar; é capaz de superar os condicionamentos; não é totalmente determinado; por ser autônomo, é livre, e a liberdade amplia o campo da valorização do ser, pois o torna capaz de tomar decisões, de avaliar, de fazer opções, de se engajar por elas e também pelo outro — que, por sua vez, é igualmente sujeito, nunca objeto. Assim, essa relação de poder que o homem exerce sobre as coisas e as subordina a seus desígnios não é

permitida na relação do homem para com outro homem. Para Saviani (1977), o fato é não ser indiferente à pessoa do outro, pois a relação de dominação só é permitida na relação do homem para com as coisas. Por outro lado, a relação do homem para com outros homens seria a de colaboração, na qual se descobre que o domínio do prático-utilitário não satisfaz. Nesse sentido, para continuarmos esta discussão, apropriamo-nos da definição de Saviani sobre o que é valor, de forma a distinguirmos esta daquela outra concepção capitalista de valor de uso, a qual transforma as pessoas em meros objetos.

Se entendermos que a educação visa à promoção, entendemos, então,

> [...] que a educação é o processo e o mecanismo da construção da humanidade do indivíduo ou da pessoa (como preferirem). Enquanto processo, a educação é pertença do indivíduo (ou da pessoa) — isto é, é o processo pelo qual, a partir de seu próprio equipamento pessoal (biofisiológico/ psicológico), cada indivíduo se auto-constrói como homem. Enquanto mecanismo, a educação é pertença do grupo — é o recurso (ou instrumento) que o grupo humano — e só ele — possui para promover a autoconstrução de seus membros em humanidade (ou como homens) (FÉTIZON, 2002, p. 230).

De acordo com Saviani (1977), se a vida humana só pode sustentar-se e desenvolver-se a partir de um contexto, a discussão sobre este tema precisa inicialmente ser contextualizada, sobretudo numa sociedade capitalista.

> [...] não é só o meio puramente natural que condiciona o homem. Também o meio cultural se impõe a ele inevitavelmente. Já ao nascer, além de uma localização geográfica mais ou menos favorável, o homem se defronta com uma época de contornos históricos precisos, marcados pelo peso de uma tradição mais ou menos longa, com uma língua já estruturada, costumes e crenças definidos, uma sociedade com instituições próprias, uma vida econômica peculiar e uma forma de governo ciosa de seus poderes. Este é o quadro da existência humana. E neste quadro o homem é encaixado, é enquadrado. O homem é, pois, um ser situado (SAVIANI, 1977, p. 45).

Recorremos a Gentili (1995) para nos ajudar nessa contextualização. Segundo o autor, a acumulação de capital sempre implicou uma tendência generalizada e crescente à mercantilização de todas as coisas, de acordo com seus estudos derivados de contribuições formuladas por Immanuel Wallerstein, a expansão do universo mercantil traz impacto não somente para as coisas materiais, mas também para a materialidade da consciência, ou seja, na medida em que os indivíduos interiorizam o valor mercantil e suas relações como padrão

dominante de interpretação dos mundos possíveis, eles passam a aceitar o próprio mercado como âmbito no qual devem desenvolver-se enquanto pessoas humanas.

Desse modo, a própria vida numa sociedade capitalista é capaz de configurar crenças, pensamentos e atitudes, é capaz de configurar a forma de ver e estar no mundo, de acordo com valores disseminados por tal experiência e, diante disso, pensarmos a educação atualmente não é tarefa fácil.

Encontramos um exemplo no texto do próprio Gentili (1995). Nesse texto, ele relata a experiência de uma professora de 3ª série do Ensino Fundamental, que ao perguntar aos seus quase quarenta alunos "o que não se pode comprar com dinheiro?" obteve como respostas coisas tais como um transatlântico, toda a coleção da Barbie, e uma casa com quadra de futebol e de tênis, entre outras. Ora, claro está que todas essas coisas poderiam ser compradas. "Para eles, o que não se podia comprar com dinheiro era aquilo que nunca poderiam comprar com o dinheiro que imaginavam ter um dia" (p.229).

Situações como essas nos fazem pensar em como, nesta sociedade, as pessoas, desde muito pequenas, já têm interiorizado este tipo de pensamento mercadológico. A professora do exemplo citado acima conclui: "Creio que, quando é difícil reconhecer algo que não seja comprável com dinheiro, ou seja, quando a relação mercantil invade tudo completamente, nossa própria tarefa de defesa da educação pública torna-se cada vez mais complexa" (p. 229).

É provável que uma das piores características desta sociedade onde o "ter" se sobrepõe ao "ser" seja sua tendência de tentar mascarar fatores construídos, posicionando fatores da ordem da cultura enquanto fatores naturais. Notamos a tendência à naturalização das coisas que não são naturais, e isso pode fazer com que percamos nosso estarrecimento diante do absurdo delas. Como sabiamente nos adverte Colasanti, "a gente se acostuma, mas não devia" (1996, p. 9).

Devido à pertinência do assunto ao tema tratado, não podemos deixar de compartilhar um relato oferecido pela professora Lisete, professora desta faculdade, a Faculdade de Educação da USP. Certa vez, em um trabalho de intercâmbio entre as faculdades do Brasil e de Cuba, a professora ficou responsável por recepcionar outra professora vinda daquele país, e ia com ela a todos os lugares. A professora cubana não

deixava de reparar no paradoxo entre as mansões do Morumbi e suas favelas, até que certo dia elas foram juntas ao *shopping center*, onde a professora cubana inicialmente se deslumbrou com a oferta e a variedade de coisas em tão grande quantidade, mas sem hesitar disparou a pergunta fatal: “isto aqui está disponível para todo mundo?” A professora Lisete engasgou e explicou que estava disponível desde que se possuísse o dinheiro para comprar e que, como a própria professora havia reparado, há uma grande desigualdade em nosso país, e portanto o poder de compra também é muito desigual entre as pessoas de nosso povo. Imediatamente o encanto desapareceu do rosto da professora visitante e ela arrematou com o seguinte questionamento: “e vocês convivem assim pacificamente? As pessoas aceitam isto? Não se revoltam?” É interessante notar como, para aquela mulher nascida e criada num país ainda não dominado pelo capitalismo, tanta desigualdade assim não lhe parecia nada natural.

Segundo Trenkle (1998), o trabalho é entendido como a forma social pela qual as atividades são executadas na produção de mercadorias em troca de dinheiro. Trata-se de um tipo de atividade em que os seres humanos são obrigados “a vender sua energia vital para poderem sobreviver”. Para o autor, “o trabalho é para o homem com socialização ocidental a coisa mais natural do mundo; tão natural que, de um modo geral, ele não desperdiça um pensamento a refletir sobre o que seja realmente o trabalho” (p.9).

Nessa linha de pensamento, Beatriz Fétizon, (2002) nos incita a repensar o mito do trabalho. “Parece-me que, por razões de sobrevivência social, o Ocidente desenvolveu toda uma mística do trabalho erigido como valor essencial, vital e primeiro da constituição da dignidade individual e da qualidade e justiça da organização social.” (p. 186). Ela pergunta: “Se não seria (*sic*) o homem quem dignificaria o trabalho?” (p.167).

Trenkle (1998) explica, também, que “o caráter coercitivo do trabalho não é consciencializado (*sic*) pela maioria das pessoas; isso só demonstra até que ponto ele está interiorizado”. O autor afirma que “[...] a estrutura social dominante penetra no psiquismo dos indivíduos. E é por isso que são indivíduos impregnados pelo capitalismo que constituem o maior obstáculo na crise da sociedade do trabalho à superação do sistema fetichista dominante” (vide website).

Se notarmos a definição de mito adotada pela professora Beatriz Fétizon (2002), poderemos entender melhor o motivo de tal comportamento diante do trabalho:

> Esclareço, contudo, que estou tomando *mito* e *mística* no sentido da linguagem comum: *mito*, como imagem ilusória de uma realidade elaborada pela cultura e introjetada por seus membros desempenhando papel essencial no comportamento destes últimos; e *mística*, como "crença ou sentimento de arraigado devotamento a uma idéia" (Aurélio *apud* FÉTIZON, 2002, p. 186).

A professora nos mostra a importância de compreendermos este mito para podermos discutir a educação, pois, para ela, o ponto fundamental é que o trabalho tomou atualmente o lugar do homem como doador de sentido além de servir de medida para a vida. Sendo o trabalho o doador de sentido e a medida para todas as coisas, vivemos uma inversão de papéis. Ela mesma argumentou, anteriormente, que considera o homem o fundamento para educação, e não o contrário.

Ao invés de as condições cada vez mais alarmantes do trabalho alertar, elas parecem intensificar os valores capitalistas interiorizados que conformam esta estrutura social. Trenkle (1998) ainda explica que "onde surgem protestos as pessoas não estão contra, mas a favor do trabalho" (vide website) — segundo ele por causa desta necessidade profundamente enraizada nas pessoas. Talvez pelo fato de haver a situação de conformidade com este sistema a grande maioria das pessoas — a chamada "classe trabalhadora" — não consiga pensar em outra possibilidade de existência sem o trabalho tal qual o conhece e que a explora, e sendo capaz até mesmo de fazer sua defesa e de lutar pela preservação dele, ainda que sob as piores condições.

Bruno (1991) afirma que todos nós sabemos que ninguém trabalha mais do que o necessário para suprir suas necessidades, caso não haja coação para que o faça. Sendo assim, a exploração da capacidade de trabalho alheia é um ato de dominação, do exercício do poder sobre o outro.

De acordo com Trenkle (1998), a educação e outros investimentos públicos não fazem sentido dentro da lógica capitalista, por não criarem lucro. Eles são apenas condições gerais para que eventuais empresas se estabeleçam e utilizem alguns poucos trabalhadores com baixo custo, pois a maior parte da população mundial se encontra degradada na condição de indivíduos do mercado, e para este mesmo mercado a condição humana enquanto formadora de um ser pleno é considerada inteiramente supérflua.

Recorremos novamente a Fétizon (2002) para tornarmos esta idéia mais palpável:

> Exemplos dramáticos podem ser encontrados nos anais do 100º Congresso da Federação Internacional dos metalúrgicos (IMF), em 1993 [...]. Trabalhadores da ex-Alemanha Oriental passaram a recusar o lema [...] (*pagamento igual para trabalho igual*), porque tendo que equipará-los aos da parte ocidental, as empresas simplesmente emigravam para o vizinho leste europeu ou, ainda mais vantajosamente para o Brasil, para a Índia, ou sudeste asiático, etc. Resultado: sindicatos alemães, inclusive o IG Metal, passam a assinar acordos com achatamento e até rebaixamento de salários. (A título de exemplo: na Alemanha Ocidental o salário/ hora de metalúrgicos era de 24 dólares; na Oriental, 17 dólares; e à medida que se avançava pa o leste, podia chegar até a 2 dólares/hora).
> [...] um americano relatava as manobras de *turnover* da Caterpillar (demitindo os que chegavam a 17 dólares /hora para readmiti-los por 7 dólares/hora); o líder da Malásia (*Rajasikaran*) relatou que em seu país câmaras japonesas e *chips* de semi-condutores americanos eram montados por salários que, depois de recente aumento, eram de 130 a 150 dólares mensais. [...] Sem falar na China, onde ao salário mínimo industrial nas zonas rurais era de 24 dólares/ mês — ou no Vietnã, cujo salário era um décimo do da Malásia. Enfim, como disse o investidor anglo-francês James Goldsmith, o custo de um francês equivale ao de 47 vietnamitas! (FÉTIZON, 2002, p. 206-208).

Com esse exemplo, a professora Beatriz Fétizon (2002) ilustra nossa análise e nos ajuda a explicar que o acelerado desenvolvimento provocado pela ciência e suas aplicações tecnológicas transformam rapidamente a organização da produção econômica, fazendo com que a cada dia os postos de trabalho diminuam e, por conseqüência, o desemprego aumente.

Trenkle (1998) nos informa, por meio de Piper, que “nos Estados Unidos, no último quarto de século, foram não só criados 45 milhões de novos postos de trabalho, como a jornada de trabalho subiu ao mesmo tempo em média 0,1%”, e que “a percentagem das pessoas empregadas subiu para 0,5% e o rendimento per capita cresceu 1,6% por ano”. Ele prossegue de acordo com suas próprias conclusões, enfatizando “que este glorioso ‘milagre do emprego’ [...] tenha consistido esmagadoramente em empregos flexíveis (‘*flexi-jobs*’) mal pagos e inseguros, e que o trabalhador tenha de acumular dois ou três destes empregos para conseguir um rendimento apenas aceitável”, como nos exemplos citados acima.

Embora os exemplos advenham de fora do país, é importante afirmarmos que procuramos inserir também nesta discussão o contexto sócio-econômico e político da Educação no Brasil. Segundo o documento Síntese de Indicadores Sociais 2008 — Uma Análise das Condições de Vida População Brasileira —, há uma imensa diferença sócio-econômica no país. Entre 1997 e 2007 o percentual de famílias com rendimento *per capita*

de até meio salário mínimo caiu de 31,6% para 23,5% — o que não deixa de ser assustador —; porém, no nordeste, a queda foi de 53,95 para 43,1%, mostrando que as diferenças ainda são mais acentuadas em algumas regiões do que em outras.

A taxa de analfabetismo das pessoas com mais de 15 anos também caiu de 14,7% para 10%. No entanto, o número de pessoas que não sabem ler e escrever persiste em 14,1 milhões de analfabetos, sendo mais da metade negros que residem na região nordeste, que concentra 52% dos analfabetos com 15 anos ou mais. Apesar de registrarem reduções expressivas, as regiões norte e nordeste ainda possuem taxas de analfabetismo para a população de 15 a 21 anos que são quase o dobro das demais regiões. O rendimento familiar é importante na questão do analfabetismo, pois o documento mostrou que o conjunto da população que vivia com rendimento familiar *per capita* de até meio salário mínimo, cerca de 18% eram analfabetos em 2007, enquanto nas classes cujos rendimentos eram superiores a dois salários mínimos o percentual era de 14%. Outro dado mostrava que o fenômeno do analfabetismo se destaca nas áreas rurais, pois a taxa rural (23,3%) era três vezes maior do que a urbana (7,6%). Em 2007, 2,6 milhões de pessoas freqüentavam programas de Alfabetização de Jovens e Adultos, dado que segundo o documento pode representar resposta adequada a este tipo de problema, embora seja uma análise da qual discordemos. Isso porque o alto índice de freqüência à escola nem sempre se traduz em qualidade do aprendizado. Em 2007, 2,1 milhões das crianças de 7 a 14 anos de idade que freqüentavam escola não sabiam ler e escrever, ou seja, 87,2% do total de 2,4 milhões que freqüentavam escolas. Não deixamos, tampouco, de chamar a atenção para o número de crianças de 14 anos fora da escola: 204,8 mil.

A pesquisa também mostrou que, em 2007, aumentou a proporção de crianças de 10 a 15 anos que trabalhavam na própria casa e no domicílio do empregador. No caso dos adolescentes entre 15 e 17 anos, a freqüência escolar deste grupo como um todo era de 82,1%. Porém, a disparidade era grande entre os 20% mais pobres (76,3%) e os 20% mais ricos (93,6%). Esse era um fator que acontecia em todas as regiões do país e podia ser explicado pela necessidade de trabalhar que tinham os jovens mais pobres. De acordo com o documento, as crianças que trabalham freqüentam menos a escola. O documento ainda mostra que a contribuição da renda dos idosos representa mais da metade do total da renda domiciliar em 53% dos domicílios com idosos.

Em 2007, somente 48% dos adolescentes entre 15 e 17 anos estavam cursando Ensino Médio. Dentre os 30,9% de jovens de 18 e 24 anos que deveriam estar na universidade, bem mais da metade (57,6%) estava cursando o ensino fundamental[3], o ensino médio, ou outros. A defasagem série/aluno no ensino fundamental era de 25,7% em 2007, sendo que as regiões norte e nordeste mantinham as taxas mais elevadas (35,4% e 38,8%, respectivamente).

Em nenhuma das faixas etárias até 17 anos atingiu-se a média de anos de estudo esperada para a idade. As crianças de 11 anos, que deveriam apresentar em média 4 anos de estudo, apresentavam 3,3 anos. As crianças de 14 anos, que deveriam apresentar 7 anos de estudo, apresentavam apenas 5,8 anos. Aos 17 anos, quando deveriam ter atingido 10 anos de estudo tal como é a escolaridade esperada, a média era de apenas 7,9 anos.

Reiteramos o fato de que dentro da lógica capitalista os direitos mais elementares, aos quais incluímos a educação, não são considerados necessários para todos — pelo menos, não de uma forma plena. Esta estaria reservada a poucos, à elite que não vê outros como dignos de bens que alega para si.

Kurz (2007) justifica que, de acordo com essa lógica, “do jardim da infância ao instituto de pesquisa teórica, todo o sistema de educação, cultura, formação e ciência se arruína, exatamente como todos os outros domínios não lucrativos” e continua a mostrar que a crise no capitalismo tem motivado uma “educação de elites”. “Educação e ciência que devem ser alta e massivamente financiadas ‘em cima’, no resto, pelo contrário, devem ficar à míngua” (vide website).

Nesse sentido, segundo Candido (2004, p.173) a própria educação pode ser instrumento para convencer as pessoas de que o que é indispensável para uma camada social não é para outra, no sentido de conformar a desigualdade. Por esta razão, para Freire (1987) é preciso superar a consciência ingênua, os mitos, pois

> [...] é necessário, inclusive que a situação em que estão não lhes pareça como algo fatal e intransponível, mas como uma situação desafiadora, que apenas os limita. Enquanto a prática “bancária” [...] enfatiza, direta ou indiretamente, a percepção fatalista que estejam tendo os homens de sua situação, a prática problematizadora, ao contrário, propõe aos homens sua situação como problema. Propõe a eles sua situação como incidência de seu ato cognoscente, através do

[3] Foi considerado como dado na pesquisa o ensino fundamental de 8 anos.

> qual será possível a superação da percepção mágica ou ingênua que dela tenham. A percepção ingênua ou mágica da realidade da qual resultava a postura fatalista cede seu lugar a uma percepção que é capaz de perceber-se. E porque é capaz de perceber-se enquanto percebe a realidade que lhe parecia em si inexorável, é capaz de objetivá-la (FREIRE, 1987, p.74).

Apresentamos tais considerações com a finalidade de contextualizar a questão que nossa pesquisa se propõe a investigar — a educação como prática da liberdade numa sociedade capitalista —, pois Trenkle (1998), inspirado no jovem Marx, nos convida a pensar de forma crítica a loucura, a contraditoriedade interna e a insustentabilidade de uma sociedade baseada no valor de uso.

I.2. Dos objetivos

Segundo Saviani (1977), uma vez definido que somos seres reais e históricos, nossos objetivos sintetizam a valoração da questão que colocamos, pois delimitam prioridades que são determinadas pelas necessidades existenciais humanas concretas, ou, como colocamos aqui, necessidade de respostas que ainda não temos. Para o autor, "[...] um objetivo é exatamente aquilo que ainda não foi alcançado, mas que deve ser alcançado, [...] considerando-se que a educação visa à promoção do homem, serão as necessidades humanas que irão determinar os objetivos educacionais. [...] Os objetivos indicam os alvos da ação" (p. 42). Nesse sentido, os objetivos deste trabalho são compreender, por meio da EPJA, os valores e objetivos da educação apesar da sociedade, capitalista.

Saviani (1977) ainda explica que a função da valoração e dos valores na vida humana é indicar as expectativas, as aspirações que caracterizam o homem em seu esforço de transcender a si mesmo e a sua situação histórica para "transformar *o que é* naquilo que *deve ser* [...] e aquilo *que deve ser* naquilo que *é*" (p.41-42).

Paulo Freire endossa a importância da reflexão e da ação, pois, para o autor, não há palavra verdadeira que não seja a *práxis*.

> Assim é que, esgotada a palavra de sua dimensão de ação, sacrificada, automaticamente, a reflexão também, se transforma em, palavrearia, verbalismo, bláblábla. Por tudo isto, alienada e alienante. É uma palavra oca, da qual não se pode esperar a denúncia do mundo, pois que não há denúncia verdadeira sem compromisso de transformação, nem este sem ação (FREIRE, 1987, p. 78).

Assim, o objetivo central deste trabalho é pesquisar por meio de pessoas jovens e adultas em classes de alfabetização, numa sociedade capitalista, se a educação se apresenta como prática da liberdade ou apenas conforma para aceitação das desigualdades, dentre outros objetivos mais específicos, conforme seguem abaixo relacionados:

- Entrevistar, colher depoimentos sob a forma de narrativas autobiográficas;
- Estudar um grupo de alunos das classes de alfabetização no PEA o período de 1998;1999;
- Estudar outro grupo de alunos das classes de alfabetização do Senac/Instituto Paulo Freire, que funcionou de 1999 a 2001;
- Conhecer quais as expectativas destes grupos sobre a escola e a relação desta com o trabalho; e
- Verificar por meio deles se a educação consegue efetivar-se como prática da liberdade mesmo numa sociedade capitalista.

I.3. Proposta metodológica

Optamos por uma abordagem qualitativa, realizada por meio de narrativas autobiográficas e composta por trabalho teórico e de campo. Observando as orientações do professor Antônio Joaquim Severino (2000), procuramos realizar um trabalho *pessoal*. Ainda assim, por se tratar de uma problemática vivenciada pelos próprios pesquisadores, ela representa nossos esforços para ultrapassar o nível meramente sentimental e conseguir atingir o nível da relevância do problema abordado e do universo envolvido por ele, fazendo deste objetivo parte de nossa vida.

Nesse sentido, entendemos que “a escolha de um tema de pesquisa, bem como a sua realização, necessariamente é um ato político” (SEVERINO, 2000, p. 145), pois além do

caráter pessoal o trabalho também possui uma dimensão social, e procuramos então orientar a escolha da pesquisa olhando para o mundo e indagando de forma crítica sua situação, para deste ponto pensar como este se engajaria nas tramas políticas da realidade social. “Trata-se de saber bem, o mais explicitamente possível, o que se quer, o que se pretende no mundo dos homens” (SEVERINO, 2000, p. 146).

Esforçamo-nos, ainda, para realizar um trabalho *autônomo* que indique nossa ação de fazer uso da contribuição alheia de trabalhos de outros pesquisadores, relacionando-as entre si e com os fatos. Severino (2000), porém, nos alerta que “é preciso soltar-se, criar, avançar e não ficar apenas num eterno repetir de idéias e descobertas já feitas” (p.146), o que exige do trabalho de pesquisa e reflexão a inserção no momento histórico vivido pela sua sociedade, revelando sensibilidade “às condições que a sua sociedade vive, as exigências de sua transformação, em vista de seu crescimento constante” (SEVERINO, 2000, p.147).

Também procuramos fazer um trabalho *criativo*, o que significa não apenas aprender, mas colaborar no desenvolvimento da ciência, fazer avançar este conhecimento buscando seu desvendamento e sua explicação, pois o conhecimento não se dá por acaso. Sob esse aspecto, levamos em consideração a concepção de Severino (2002). Para o autor, ser original significa voltar à origem, ou seja, possibilitar um esclarecimento original, capaz de trazer novas luzes, que necessariamente não quer dizer novidade.

Assim, comprometemo-nos também com o trabalho *rigoroso*, que se define pelo esforço, pela perseverança e pela obstinação que “impõem-se um empenho e um compromisso inevitáveis, sem os quais não há ciência e nem resultado válido” (SEVERINO, 2000, p. 148).

Tais características foram adotadas como parâmetros da nossa metodologia de pesquisa, procurando a “busca de uma imprescindível fundamentação teórica, tanto científica como filosófica” (SEVERINO, 2000, p.148).

I.3.1. Memórias

Nosso trabalho se constitui em parte por narrativas autobiográficas, estando estas inseridas num campo maior a que denominamos “Memórias” e cuja concepção consideramos necessária esclarecer ao leitor.

De acordo com o **Dicionário Aurélio**, o gênero textual “memórias” refere-se a escritos em que alguém conta sua vida ou narra fatos a que assistiu ou de que participou. Embora as narrativas sejam constituídas por este gênero, partimos de uma compreensão bem maior do conceito: a definição adotada pela professora Maria Cecília Sanches Teixeira (2002).

Para explicar a concepção de memória a que nos apegamos para a realização deste trabalho, Teixeira (2002) recorre a Bachelard (1988) em sua obra **A poética do devaneio**, e a Durand (1997) na obra **Estruturas antropológicas do imaginário**, que descreve a memória como sendo “um processo afetivo-representativo complexo no qual as imagens-lembranças não são meros reflexos de objetos exteriores ou de textos lidos, pois evocam imagens de ordem afetiva e intelectual”. Dito de outro modo, a imagem reanima e ilustra a memória.

Para Fétizon (2002), “[...] a imaginação e a memória formam um complexo indissolúvel, no qual a lembrança tem sempre um valor de imagem” (p.19). A lembrança é, então, a imagem que se entrelaça com outras imagens, não sendo coisas prontas que ficam guardadas em arquivos ocultos de nosso psiquismo para serem consultadas; ao contrário, elas podem ser evocadas, pois “[...] elas são reconstruídas poeticamente (*poiésis*) a partir das solicitações da realidade. O estado afetivo e intelectual presente é dilatado, agudizado pela imagens-lembranças evocadas por um acontecimento, por um texto, ou por uma solicitação externa” (p.19).

Em nossa pesquisa, tentaremos realizar, segundo as definições da autora, a evocação por uma solicitação externa com o intuito de expor sentimentos despertados pelas imagens-lembranças, a fim de poder por meio deles re-significar a existência, dando-lhe um novo sentido. Porque, de acordo com a autora, “a função primeira da imaginação é a busca do Sentido, do ‘humano absoluto’” (FÉTIZON, 2002, p.19)

A memória, segundo Durand (1997), nega o tempo, ergue-se contra ele, “assegura ao sujeito imaginante a continuidade da consciência contra a dissolução do devir, permitindo-lhe regressar para além das necessidades do destino” (p.77). De acordo com esta concepção, esta memória ultrapassa o sentido da percepção: “para os arquivos da memória importa encontrar para além dos fatos, os valores” (FÉTIZON, 2002, p.20).

I.3.2. As narrativas autobiográficas

Após termos esclarecido sucintamente a concepção de memórias considerada neste trabalho, passamos para o campo das narrativas autobiográficas propriamente ditas.

Segundo Nilce da Silva (2001), compreender como cada pessoa se formou é encontrar as relações entre as pluralidades que atravessam a vida. Nesta perspectiva, o percurso da vida é considerado como um percurso de formação. Ela afirma sua concordância com G. Pineau (1993), quando este diz que tentar explicitar a própria vida é uma atitude educativa extremamente conscientizadora.

De acordo com Gaston Pineau e Jean Louis Legrand (1993), a prática da autobiografia não é recente na história da humanidade. Já entre os gregos era uma forma de constituição da identidade perante os outros. Na Idade Média, encontramos os escritos de Santo Agostinho em busca da aceitação. Logo depois, na Renascença, as autobiografias pretendiam localizar o “eu” no universo. Nos anos 1970, as autobiografias foram retomadas como prática, por conta do descrédito nas teorias explicativas do ser humano, no mesmo contexto em que surgiram a Psicologia e a Psicanálise. Há ainda os inúmeros romances autobiográficos que podemos citar depois desta data, de maneira a poder afirmar que as histórias de vida encontram seu lugar entre as Ciências Humanas e a Literatura.

Segundo Nóvoa (1992), a atenção dada às autobiografias no campo científico demonstra uma mudança cultural, um movimento social mais amplo, que faz reaparecer os sujeitos e sobrepõe a qualidade à quantidade, a vivência ao instituído.

Na experiência de Nilce da Silva (2001), ela relata que em sua experiência fez um diário de bordo para cada um de seus sujeitos da pesquisa, para poderem escrever um texto novo e personalizado sobre si mesmos, para poder reconsiderar a experiência passada e

presente, para encontrar as experiências significativas e seu valor tanto para a memória episódica (ou seja, aquela que se refere a momentos e a fatos vividos) quanto para a memória semântica (aquela que trata dos significados atribuídos por estas experiências a sua vidas) (ANEXO E). Não chegamos a fazer um diário de bordo devido à dificuldade de encontrar periodicamente os sujeitos e, assim, propomos duas dinâmicas relativas a memórias, tendo sido realizadas em encontros separados.

A primeira dinâmica foi feita por meio de fotos significativas escolhidas pelos ex-alunos, e a segunda dinâmica foi realizada por meio de objetos significativos aos alunos, isto é, que tivessem relevância nas lembranças de cada um. A partir dessas dinâmicas estenderam-se longas conversas acerca de suas memórias.

De acordo com Silva (2001), devíamos lembrar da importância da vigilância epistemológica para podermos utilizar os instrumentos de análise da reflexão que outros fizeram sobre si mesmos. “Desta forma, o método autobiográfico tem sido valorizado enquanto alternativa, já que procura apreender o sujeito social enquanto ser psicológico também. Ou seja, esta busca por uma metodologia de pesquisa adequada às Ciências Humanas” (p.46). A autora explica, então, que por meio da leitura de uma autobiografia é possível ler uma sociedade inteira.

A leitura do trabalho da professora ainda contribuiu para pensarmos em questões tais como um tema gerador[4] para a análise por meio de duas perspectivas tomadas como eixos da pesquisa:

1 – a perspectiva diacrônica, que corresponde a diferentes momentos e fases de transformação do ser, de caráter dinâmico; e

2 – a perspectiva sincrônica, que corresponde a trocas de diferentes componentes externos, referentes ao passado, mas que aconteceram simultaneamente.

Sob esta ótica, consideramos vários elementos pertinentes à nossa própria pesquisa. Com relação à primeira perspectiva — a diacrônica —, a autora elaborou alguns eixos de análises dos quais retiramos e adaptamos alguns elementos, que consideramos muito apropriados:

[4] Investigação que se faz em torno dos níveis de percepção da realidade em que vivem os homens, segundo sua visão de mundo.

1- o percurso de vida;

2- a relação que o sujeito estabelecia com a escola antes de seu ingresso nela;

3- a relação que estabeleceu depois do ingresso na escola;

4- o que se aprende na escola;

5- por quê se inscreveu num curso para jovens e adultos;

6- a relação que estabelece com a pessoa em situação de pouca ou nenhuma escolaridade;

7- a relação que estabelece com pessoas escolarizadas;

8- se houve ou há um projeto de vida;

9- o diagnóstico de capacidades ligadas à cultura letrada;

10- as dificuldades que sente por conta da falta do domínio da leitura e da escrita;

11- a existência de sentimentos de pertencimento ou não-pertencimento;

12- a situação de auto-estima;

13- a relação que tem consigo mesmo ao repensar todos estes fatos; e

14- a relação que estabelece entre escola e trabalho (ANEXO F).

Em relação à segunda perspectiva — sincrônica —, a autora também elaborou alguns eixos para análise, considerando os dados colhidos a partir do primeiro eixo. Ela afirma ter trabalhado basicamente com o conceito de “momento Charneira”, que em nota explica ter retirado da obra do Professor Nóvoa e que poderíamos definir rapidamente como sendo o “momento da virada de vida” ou de “tomada de decisões”, “de novos rumos na vida”. Nossa tradução para estes eixos é apresentada por nós da seguinte maneira:

1- o momento de identidade, de pertencimento a algum grupo;

2- o momento de alteridade, de autonomia; e

3- o momento de crise, de estagnação.

Para tanto, usamos como instrumento entrevistas semi-abertas, coleta de depoimentos, e dinâmicas. Por sugestão do trabalho da autora, também trabalharmos com figuras variadas e fotos, além da apresentação de trechos autobiográficos e poesias com o mesmo caráter.

Desta maneira, a metodologia adotada constitui-se na construção da memória. Segundo Catani (1998) “o prazer de narrar-se favorece a constituição da memória pessoal e coletiva inserindo o indivíduo nas histórias e permitindo-lhe, a partir destas tentativas, compreender e atuar” (*apud* SILVA, 2001, p. 51).

> De maneira que escrever relatos sobre si, de história de vida escolar, pode constituir um processo simultâneo de descoberta de si e de construção do sentido de sua vida profissional possibilitando permanências e rupturas, ou seja, concluímos e esperamos contribuir para a formação do outro (especificidade da profissão docente) por meio da retomada e da reflexão da própria formação de si (Catani 1998 *apud* SILVA, 2001, p. 51).

I.4. Procedimentos e coleta de dados

Para realização da pesquisa, percorremos uma trajetória metodológica que tomou como ponto de partida o levantamento de estudos teóricos. Buscando elaborar uma revisão da literatura sobre a questão que estamos nos propondo a pesquisar, e de maneira a subsidiar a análise empírica e contribuir para a compreensão do tema pesquisado em campo, também consultamos os códigos de confidencialidade e consentimento para pesquisa empírica elaborados pela Comissão de Ética da FE-USP e procuramos atendê-los criteriosamente.

I.4.1. O trabalho de revisão da literatura

Iniciamos nossa revisão pelo trabalho Série Estado do Conhecimento nº 8 – Educação de Jovens e Adultos no Brasil de (1986 - 1998). Haddad (2002), uma referência na área, juntamente com sua equipe de pesquisa, propõe sistematizar este campo do conhecimento, identificando temáticas e abordagens dominantes e emergentes; lacunas e campos inexplorados para novas pesquisas. Assim, de acordo com o próprio autor, o objetivo do trabalho é detectar e discutir os temas emergentes da Educação de Jovens e Adultos no Brasil, situado num recorte temporal definido.

Segundo o pesquisador, esse estado do conhecimento refere-se estritamente à produção discente dos programas nacionais de pós-graduação *stricto sensu* em Educação, compreendendo as teses de doutoramento e dissertações de mestrado das universidades que os comportam. No entanto, inicialmente, o levantamento foi extensivo e incluiu toda sorte de publicações, de documentos de órgãos públicos de educação a documentos de organizações não-governamentais. Dentre outras fontes consultadas, foram utilizados os catálogos de teses da Associação Nacional de Pesquisa em Educação (ANPEd), que trazem publicações de 34 instituições que mantém programas de pós-graduação em Educação, além de 98 coleções de periódicos nacionais, dentre outros.

Desta maneira, foram apurados 1.300 títulos no período de 1986 a 1998, e verificou-se que quase 33% da produção consistiam em artigos de periódicos. As teses e dissertações representavam 9,5% de toda a produção; os livros ou publicações seriadas consumiam apenas 7,93% deste total. Haddad (2002) constata então a escassez do desenvolvimento editorial na área temática.

No período referido, foram defendidos 222 trabalhos de pesquisa, tendo sido 202 dissertações (91%) de mestrado e 20 (9%) teses de doutorado. Segundo Haddad, de acordo com o CD-ROM ANPEd (1999) a produção discente no período de 1986 a 1998 somou 7.568 estudos, sendo 6.449 dissertações e 1.119 teses, incluindo as teses de livre docência. Assim, as 222 pesquisas relacionadas ao tema “Educação de Jovens e Adultos” desse período representariam 3% da produção nacional, sendo 1,8% das teses de doutoramento e 3,1% das dissertações de mestrado.

A metodologia usada para o trabalho referido foi baseada na identificação de pesquisas pertinentes ao campo por meio das palavras-chave e da leitura dos resumos elaborados pelos próprios autores das obras, de maneira que a equipe do Sistema de Informação e Documentação da Ação Educativa (SID) empenhou-se em adquirir e recuperar cópias dos trabalhos e incorporá-los ao acervo, indexando-as na base de dados bibliográficos com as referências necessárias para posteriormente serem tratadas com mais cuidado pela equipe de bolsistas, que preenchia uma ficha de análise do conteúdo. Essa ficha identificava o objetivo, o problema da pesquisa, a abordagem teórica, o tipo de metodologia e as conclusões, além de uma apreciação crítica.

Na etapa posterior, as fichas eram examinadas e classificadas pelos pesquisadores. Nessa fase, alguns trabalhos não foram considerados pertinentes ao recorte temático e temporal e foram excluídos, reduzindo o total de documentos a 183.

O coordenador da pesquisa encarregou-se das orientações necessárias a uma estrutura comum, organizou seminários e produziu a síntese final; os pesquisadores foram divididos pelos subtemas e ficaram responsáveis por eles.

Para a revisão dos estudos anteriores, adotamos o modelo da pesquisa realizada por Haddad (2002), embora em escala bastante reduzida. Nossa primeira base de dados foi o trabalho citado acima, realizado por Haddad (2002); no entanto, também verificamos a produção USP, da ONG Ação Educativa e do acervo Cereja, do Programa Alfasol. Tivemos algumas surpresas.

Consultamos o acervo virtual da ONG e separamos os trabalhos que nos interessavam. Agendamos visita e fomos até lá em vão, pois os poucos registros que ainda restam no sistema não passam de mero descuido. Fizemos a reclamação necessária, posto que outras pessoas poderiam sofrer o mesmo engano de acreditar que aquelas obras ainda existam lá, como consta no website, e então pedimos gentilmente para retirá-las do sistema. A biblioteca da Ação Educativa conta hoje apenas com livros e periódicos.

O acervo físico da biblioteca da Ação Educativa sobre a área temática não existe mais, pois todos os volumes de teses e dissertações foram doados ao Programa Alfasol. Segundo um contato obtido com o responsável pela biblioteca da ONG, que chegou a ser considerada a biblioteca mais bem equipada da América Latina no assunto, a USP não se interessou pelo acervo.

Como vimos na descrição do próprio Haddad sobre a metodologia do trabalho Estado do Conhecimento Nº 8 Educação de Jovens e Adultos no Brasil, foi feito um grande levantamento das produções de teses e dissertações em todo território nacional, que serviu para consulta de muitos doutorandos e mestrandos ao realizar suas pesquisas. Por isso, lamentamos muito a dissolução de tal acervo e constatamos a falta de interesse de uma instituição pública sobre o tema, pois a adoção do acervo seria de grande utilidade pública.

Nosso próximo passo foi procurar os responsáveis pelo Centro de Referência em Educação de Jovens e Adultos (Cereja[5]), criado pela Alfabetização Solidária, que mantém uma biblioteca. Falamos acerca de nossa pesquisa e do interesse em consultar o seu acervo. Solicitaram um pedido formal, por escrito com carimbo e assinatura do orientador, bem como a delimitação do assunto. Assim o fizemos e iniciamos a pesquisa da seguinte forma: antes de irmos pessoalmente à biblioteca; consultávamos o website e selecionávamos os trabalhos que nos interessavam. Em seguida, enviávamos esta seleção por e-mail sob forma de uma lista aos responsáveis, a fim de agilizar o trabalho de procura no acervo. Ao chegarmos à biblioteca Cereja do Programa Alfasol, todos os exemplares estavam separados em uma mesa à espera do nosso exame.

Nesse exame, verificávamos volume por volume, lendo os resumos, a introdução, algum capítulo que fosse relevante à nossa pesquisa, e as conclusões; deixávamos marcadas as partes que precisaríamos copiar e, na visita seguinte, ao iniciarmos o exame de outras obras, retirávamos cópias das anteriores. Este padrão foi seguido até que tivéssemos concluído nossa pesquisa naquele local.

Nosso recorte compreendeu o Tema II – O ALUNO, do Estado do Conhecimento realizado por Haddad (2002). Porém, para a nossa seleção examinamos todo o acervo virtual do Programa Alfasol, que adotou as teses e dissertações reunidas anteriormente pela ONG Ação Educativa.

Entendemos que poderia ser de alguma utilidade pública a divulgação de tabelas feitas por meio de nossos esboços. Nosso recorte reduziria bastante o aproveitamento do tema; no entanto, para chegar a ele, como dissemos, fizemos análise de todo banco de dados desta instituição (Alfasol) no período posterior a 1998, no qual a pesquisa Série do Conhecimento encerrou-se. Continuamos seguindo o notável modelo deixado por Haddad (2002) sem a pretensão de alcançá-lo — antes, tentamos pôr em prática seu exemplo,

---

[5] Centro de Referência em Educação de Jovens e Adultos (Cereja) criado pela Alfabetização Solidária (www.cereja.org.br), segundo definição do próprio: é um espaço de interlocução e interação de profissionais e instituições interessados e/ou dedicados à educação de jovens e adultos, e tem como objetivo resgatar, sistematizar, preservar, valorizar e disseminar informações e experiências em educação de jovens e adultos, assim como incentivar a disseminação de uma cultura de reflexão e difusão dos saberes que se desenvolvem em torno da EJA. Ela mantém acervo “vivo” e permanentemente atualizado.

embora de forma bem mais rasa, embora não menos séria, devido à proporção à qual se restringe uma pesquisa de mestrado.

Em nosso trabalho, desprezamos os estudos realizados no período anterior e equivalente a 1998, por estes já se encontrarem disponíveis em Haddad (2002).

Situamos nosso trabalho, fazendo recorte temporal que partia de 1999 e avançava até 2008. Encontramos na base de dados do Programa Alfasol sob o tema “Referências Dissertações/Teses 822” trabalhos organizados em ordem alfabética por autor. Ali, nossa primeira incumbência foi excluir as que já estavam contidas no trabalho de Haddad (2002); fizemos isso a partir de um recorte temporal, tomando como referência o período citado acima. Também excluímos as monografias resultantes de Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC) pertencentes a este banco. O quadro abaixo resume e ilustra o processo.

Prosseguimos nossa pesquisa consultando o Banco de dados bibliográficos da Universidade de São Paulo (DEDALUS - USP). Foram encontrados 57 registros, dentre os quais 39 atendiam ao recorte temporal e 18 eram anteriores ou contemporâneos a 1998. Porém, dentre estes 39 registros apontados no recorte temporal de1999 a 2008, nem todos eram teses e dissertações: encontramos 8 livros, que foram dispensados por não atenderem ao objetivo desta pesquisa.

Ainda notamos que, dentre os 31 registros restantes, 19 já estavam contemplados pela pesquisa anterior, ou seja, eram registros comuns aos dois bancos de dados bibliográficos. Eles constavam no banco de dados bibliográficos do Programa CEREJA e no banco de dados DEDALUS, de forma que esses também foram descartados, para não somarmos trabalhos repetidos. Acrescentamos à tabulação apenas os 12 trabalhos inéditos.

Tabela 1. Total de teses e dissertações dos bancos bibliográficos: DEDALUS e Cereja no período (1999-2008) posterior à pesquisa: Série Estado do conhecimento (1996-1998)

ANOS	DISSERTAÇÕES		TESES		TOTAL	
	Nº	% Série	Nº	% Série	Nº	% Série
1999	44	10,71%	2	0,49%	46	11,19%
2000	45	10,95%	1	0,24%	46	11,19%
2001	62	15,09%	5	1,22%	67	16,30%
2002	51	12,41%	3	0,73%	54	13,14%
2003	57	13,87%	3	0,73%	60	14,60%
2004	34	8,27%	2	0,49%	36	8,76%
2005	28	6,81%	2	0,49%	30	7,30%
2006	38	9,25%	4	0,97%	42	10,22%
2007	19	4,62%	5	1,22%	24	5,84%
2008	5	1,22%	1	0,24%	6	1,46%
TOTAL	**383**	**93,19%**	**28**	**6,81%**	**411**	**100,00%**

Ao todo, encontramos 411 trabalhos, sendo 383 dissertações e 28 teses incluindo uma livre-docência. Novamente, verificamos a predominância massiva de dissertações sobre as teses como também fora verificado no período anterior. Considerando nosso espectro bastante reduzido em relação à pesquisa Haddad, ainda assim podemos observar dentro do limite da abrangência da pesquisa um aumento considerável de produções discentes sobre o tema.

Tabela 2. Distribuição geográfica da produção acadêmica discente de nossa pesquisa por Região e UF (1999 – 2008)

REGIOES ESTADOS	DISSERT	TESES	TOTAL	% REGIAO	% TOTAL
Norte	**1**	**0**	**1**	**100,00%**	0,24%
AM	1		1	100,00%	0,24%
PA			0	0,00%	0,00%
Nordeste	**46**	**1**	**47**	**100,00%**	11,44%
BA	2	1	3	6,38%	0,73%
AL	4		4	8,51%	0,97%
CE	7		7	14,89%	1,70%
MA			0	0,00%	0,00%
PB	20		20	42,55%	4,87%
PE	6		6	12,77%	1,46%
PI			0	0,00%	0,00%
RN	6		6	12,77%	1,46%
SE	1		1	2,13%	0,24%
Centro Oeste	**33**	**0**	**33**	**100,00%**	8,03%
DF	24		24	72,73%	5,84%
GO	2		2	6,06%	0,49%
MT	2		2	6,06%	0,49%
MS	5		5	15,15%	1,22%
Sudeste	**220**	**24**	**244**	**100,00%**	59,37%
ES	2		2	0,82%	0,49%
MG	17		17	6,97%	4,14%
RJ	20	4	24	9,84%	5,84%
SP	181	20	201	82,38%	48,91%
Sul	**83**	**3**	**86**	**100,00%**	20,92%
PR	6		6	6,98%	1,46%
SC	40	1	41	47,67%	9,98%
RS	37	2	39	45,35%	9,49%
TOTAL	**383**	**28**	**411**	**100,00%**	**100,00%**

Nossa pesquisa torna a confirmar os dados apontados por Haddad (2002), que constatou que a produção está concentrada principalmente no centro-sul do país, embora anteriormente os destaques fossem para os estados de São Paulo e Rio de Janeiro na região

Sudeste. Porém, em nossa pesquisa, os Estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, pertencentes à região sul, também se destacam, mostrando-se inclusive produção maior do que a do estado fluminense.

Ainda cabe acrescentar que a investigação em websites institucionais também contribuiu para o acesso a informações como as formuladas na tabela 2, bem como possibilitou a consulta de diversos documentos oficias referentes à legislação.

I.4.2. O trabalho de campo

Inicialmente, pensamos em realizar a pesquisa com apenas um grupo, pertencente ao NEA/ USP. Entretanto, devido ao fato de esse grupo possuir característica muito particular — sendo obrigatório o aluno ser funcionário da USP para poder se matricular no curso —, vimos que esta condição de pessoa necessariamente empregada poderia influenciar o resultado da pesquisa ou pelo menos levantar suspeita dos leitores desta. Facilmente poder-se-ia pensar que talvez alguém com emprego garantido não teria preocupações com a funcionalidade da escola, ou que devido a esta condição poderiam nutrir expectativas mais voltadas para a formação humana. Mesmo conhecendo o fato da cobrança de seus chefes e supervisores para que freqüentassem a escola que fora criada como programa, inicialmente para prestar atendimento à escolaridade dos funcionários da universidade, pensamos que esse fato poderia comprometer a credibilidade da pesquisa.

Assim, decidimos optar por um segundo grupo que possibilitasse diversificadas condições entre as pessoas, tais como donas-de-casa, aposentados, e desempregados, dentre outras condições.

Decidimos pelos dois grupos porque consideramos ser maior a possibilidade de isenção nos resultados e maior abrangência destes. O primeiro grupo foi formado por ex-alunos do NEA[6] - Núcleo de Estudos sobre Jovens e Adultos e Formação Permanente de

[6] Posteriormente o NEA passa ser denominado PEA/ FEUSP - Programa de Educação de Jovens e Adultos da Faculdade de Educação da USP e Formação Permanente de Professores.

Professores e o outro grupo foi formado por ex-alunos de um curso de alfabetização oferecido pelo Senac em parceria com o Instituto Paulo Freire.

Um fator importante para Bourdieu (1997) é o fato de deixar aos pesquisadores a liberdade de escolherem os pesquisados conhecidos ou apresentados por pessoas conhecidas, pois a proximidade social e a familiaridade poderiam assegurar condições principais de uma comunicação não violenta.

> Para que seja possível uma relação de pesquisa o mais próxima possível do limite do ideal, muitas condições deveriam ser preenchidas: não é suficiente agir como o faz espontaneamente todo "bom" pesquisador [...] Deve se agir também, em certos casos, sobre a própria estrutura da relação [...], portanto na própria *escolha* das pessoas interrogadas e dos interrogadores (BOURDIEU, 1997,p.696).

Desta forma, todos os ex-alunos eram conhecidos pela pesquisadora, que trabalhou como professora-estagiária (termo adotado pelo NEA) e como professora no curso do Senac.

De acordo com o que descrevemos anteriormente, foram selecionados dois grupos, com dez pessoas em cada um, para participar da pesquisa. Os critérios para formação dos dois grupos foram:

1- Gênero: mulheres e homens;

2- Idade: jovens e adultos;

3- Iniciantes na vida escolar e egressos que retornavam à escola; e

4- Empregados e desempregados.

Com este quadro, ambos os grupos deveriam estar eqüitativamente distribuídos.

I.4.2.1. O primeiro grupo: NEA – FEUSP

Em sua tese de doutoramento, a professora Stela Piconez apresenta um breve histórico do Projeto de Educação de Jovens e Adultos. Neste documento, afirma que a Faculdade de Educação da USP assina o primeiro "Termo de Cooperação" para um projeto de alfabetização de adultos em junho de 1995. Este envolvia o diretor da Faculdade de Educação, Prof. Dr. Antonio Carlos C. Campino, a então prefeita da Cidade Universitária,

Profa. Dra. Adélia Aparecida Souza, o chefe de Departamento de Metodologia de Ensino, Prof. Dr. Nélio Parra e a Profa. Nívea Gordo, diretora da Escola de Aplicação.

Originalmente, esse documento estabelecia que os beneficiados pelo programa seriam os funcionários com pouca ou nenhuma escolaridade da Prefeitura da Cidade Universitária. (PCO). A primeira denominação do projeto foi Alfabetização dos Servidores da USP (ASO), e o projeto atendia a formação escolar das quatro primeiras séries do 1º grau (denominação utilizada naquela época). A Faculdade de Educação responsabilizava-se pela docência, preparo do material pedagógico e avaliação dos alunos; a PCO ficava responsável pelo repasse de verbas.

Foram encaminhadas inicialmente duas professoras da Escola de Aplicação, para as duas salas de aula que funcionariam na PCO. A supervisão seria feita por um representante da Faculdade de Educação, por um representante da PCO e um representante da Escola de Aplicação. Respectivamente, tais papéis foram desempenhados pela Profa. Dra. Mary Julia M. Dietzsch, pela Sra. Hatue Narimatso e pela Profa. Nívea Gordo.

Em 1987, a professora Stela Piconez foi designada como presidente da Comissão Coordenadora do Projeto, da qual também participaram a Profa. Dra. Martha Khol de Oliveira e Profa. Dra. Beatriz A. de Moura Fétizon. Elas então propuseram novas alterações ao Termo de Cooperação, tais como o envolvimento de alunos estagiários da disciplina Metodologia e Prática de Ensino do curso de Pedagogia e o desligamento da participação dos professores da Escola de Aplicação. No segundo semestre de 1988 foi assinado um Termo Aditivo, segundo o qual a Fundação Educar passaria a integrar o Convênio, obrigando-se a colaborar com material didático e a expedir certificados.

Com a repercussão do projeto, em janeiro de 1989 o senhor Wanderley Messias da Costa, então Coordenador Geral da COSEAS (Coordenadoria de Assistência Social) da USP, propôs à FE um convênio para atender também aos funcionários lotados em seus serviços de atendimento à comunidade da universidade. Assim, foram abertas mais três salas de aula nas “colméias” (prédios de arquitetura hexagonal) próximas ao Restaurante Central da universidade para atendimento de tal demanda.

Em dezembro de 1989, 28 alunos da primeira turma recebiam certificado de conclusão referente às quatro primeiras séries do primeiro grau o equivalente ao antigo

primário. Em 1990, o projeto se estendeu aos funcionários da FE, passando a funcionar no período da manhã e no intervalo entre os períodos vespertino e matutino (das 17h40 às 19h30).

Em dezembro de 1991, o Conselho Estadual aprovou pela deliberação CEE 1947/47 o processo de solicitação de autorização de funcionamento do programa como escola, com certificação própria. Paralelamente, conquistaram remuneração para os alunos professores via bolsa-trabalho.

Por solicitação do Dr. Adib Jatene, designado pela Reitora como relator do projeto, em fevereiro de 1992 foram abertas cinco salas de aula na Faculdade de Medicina da USP.

No primeiro semestre de 1993, 97 alunos formaram-se, tendo recebido o certificado de conclusão do então primeiro grau completo, o que equivalia à escolaridade de 1ª a 8ª série. No segundo semestre formava-se a segunda turma, composta por 44 alunos, e assim continuaria o processo.

Também obtivemos outros dados referentes ao histórico do Programa de Educação de Adultos da Faculdade de Educação (PEA) no livro da Profa. Dra. Stela Piconez.

Posteriormente, a iniciativa deixou de ser projeto e passou a ser chamada de Programa, devido à demanda e à relevância que este adquiriu ao longo dos anos iniciais. Dessa forma, sua nomenclatura passou a ser NEA - Núcleo de Educação de Jovens e Adultos e Formação Permanente de Professores (Ensino Presencial e a Ensino à Distância), quando também passou a atender a escolaridade do Ensino Médio. Em 2002, contava com 30 salas, mais de 800 alunos-funcionários e 60 alunos-professores dos cursos de Pedagogia e das Licenciaturas. Enquanto Programa, o PEA continha:

> em seu projeto político-pedagógico preocupações teórico-práticas que foram sendo ampliadas para o estudo das competências básicas dos alunos, da atuação dos professores, dos conteúdos escolares e sua relação com as competências básicas do trabalho e da ética e convívio social (PICONEZ, 2002, p. 90).

O Programa mantinha-se em constante aperfeiçoamento e construção permanente e formava em serviço, sob forma de estágio para os alunos-professores, pois lhes ensinavam a planejar sob a forma de um mini-projeto interdisciplinar. Esta era a proposta do

Programa: promover uma reorganização curricular e ampliar a experiência já existente sobre Educação de Jovens e Adultos.

A legislação previa um período de dois anos divididos em semestres para o curso então chamado de Suplência I (equivalente ao ciclo I do Ensino Fundamental -1ª a 4ª séries) e mais dois anos para o curso de Suplência II (equivalente ao ciclo II do Ensino Fundamental – 5ª a 8ª séries). A carga horária diária do curso era de duas horas de segunda-feira a quinta-feira, devido às determinações tomadas pelo próprio Programa, embora fossem respaldadas na lei. Portanto, para cumprir a carga horária mínima num total de 200 dias letivos, foi necessário expandir cada ciclo para um semestre.

Esta ampliação para cada ciclo ser realizado no período de dois anos e meio foi solicitada ao Conselho Estadual de Educação (Parecer CEE 1.947/91). Com o passar do tempo, os alunos foram cada vez mais alfabetizados, de forma que seus níveis de escolaridade se elevaram. Isso motivou instituições e empresas a procurar o programa para dar lhes assessoria em suas próprias iniciativas, e essa demanda deu origem ao Núcleo de Estudos sobre Educação de Jovens e Adultos e Formação Permanente de Professores (NEA). Financiado pela Fapesp/Fienep e pela Nestlé do Brasil, o Núcleo também se dedicou a outros estudos, tais como a educação à distância.

O Núcleo lidava com a perspectiva freireana de alfabetização, que ultrapassava a capacidade de assinar o nome ou escrever um bilhete simples, como exigido nos recenseamentos oficiais. “Era preciso rever preconceitos, estigmas e rótulos de visões ideologizadas e, portanto, incompletas sobre esse nível de ensino” (PICONEZ, 2002, p. 93). Segundo a Profa. Dra. Stela Piconez, responsável pelo programa,

> as diretrizes do PEA fora embasadas nos ideais educativos de Paulo Freire e nos objetivos da Constituição Brasileira e da Legislação Estadual de Ensino — que possuem como tarefa inevitável o provimento da garantia da educação básica e obrigatória e gratuita, até mesmo para os que a ela não tiveram acesso em idade própria (PICONEZ, 2002,p. 94).

Projeto continuava, então, a manter suas características bastante particulares ao considerar que para atender a jovens e adultos após um dia exaustivo de trabalho não poderia manter o mesmo formato da escola regular. Dessa forma, viu-se respaldada pela lei:

> Priorizando os conhecimentos adquiridos ao longo da vida e o trabalho dos próprios alunos, a elaboração do programa pautou-se também pelo que dispõe a lei 5,692/71, artigo 25, parágrafo único– os cursos supletivos terão estrutura, duração e regime escolar que se ajustem às suas finalidades próprias e ao tipo essencial de aluno a que se destinam- ampliado na atual LDB nº 9.394/96(PICONEZ, 2002, p. 94).

A proposta do programa também encontrou justificativa no Plano da Divisão de Desenvolvimento de Recursos Humanos da Universidade de São Paulo, que previa que os funcionários tivessem níveis de desempenho cada vez melhores. De acordo com a iniciativa, um de seus objetivos era oferecer subsídios para que fosse possível aproximar o perfil do funcionário ao perfil exigido pelo cargo num processo de contínuo aperfeiçoamento, visando à relação custo-benefício, esse aperfeiçoamento seria uma forma de minimizar os custos com a educação e a formação de sues funcionários.

Apresentamos, dessa forma, mais do que um bom motivo para a escolha deste grupo para a nossa pesquisa: não só a formação dos funcionários e tudo o que envolve seu contexto de formação, mas a formação de professores que, como nós, viriam e virão a se tornar pesquisadores, de forma a contribuir com a discussão de caráter científico desta questão no Brasil.

Tendo sido fechado o NEA, não encontramos documentos relativos aos ex-alunos que pudessem nos ajudar a encontrá-los, e por isso fomos até a Diretoria de Ensino Centro-Oeste, levando conosco um pedido assinado pela orientadora para levantamento documental que possibilitasse reencontrar os alunos das turmas de alfabetização nos anos de 1997 e 1998.

Primeiramente, verificamos a folha de remessa[7], e em seguida passamos a abrir as caixas de arquivos com as fichas de matrículas dos ex-alunos, pois estas se encontravam em ordem alfabética, ou seja, não facilitava o nosso critério temporal. Após 3 dias inteiros, tínhamos conseguido verificar todos os arquivos de A a Z . Ao passo que íamos encontrando pessoas que se encaixavam no perfil, separávamos as fichas para copiar; desta maneira, elaboramos um documento Remessa com 68 fichas de matrícula que continham foto, nome e telefone da unidade de trabalho.

---

[7] "Folha de remessa" é o documento que aponta numa listagem todos os materiais que a Diretoria de Ensino recebe das instituições de ensino — neste caso, da secretaria do NEA.

Nosso próximo passo foi ligar para aquelas pessoas, a fim de nos identificarmos e justificarmos nosso contato por conta da pesquisa. Constatamos que muitos não trabalhavam mais na USP, outros não trabalhavam mais nas mesmas unidades, ou o telefone residencial estava desatualizado. Nesses casos, dirigimo-nos pessoalmente ao trabalho das pessoas. Alguns estavam de férias e sua unidade não podia nos fornecer seu novo número de telefone. Por isso, escrevemos cartas e continuamos a visita pelo *campus* da universidade. Aos poucos, íamos recebendo retorno das cartas e telefonemas. Começamos a marcar os encontros e a realizar as entrevistas.

I.4.2.2. Segundo grupo: parceria entre Senac e Instituto Paulo Freire

No caso do curso oferecido por esta parceria, foi mais difícil encontrarmos documentos que nos dessem o paradeiro dos alunos.

Procuramos o Instituto para sabermos como obter informações das turmas de alfabetização provenientes da parceria com o Senac e descobrimos que toda a documentação estava com o Senac, pois o instituto só havia se encarregado da formação dos profesores e da assessoria pedagógica.

Fomos à unidade do Senac de Santo Amaro, onde lecionamos, e descobrimos que todos os documentos foram encaminhados para a unidade Consolação. Entramos em contato por telefone e por e-mail e fomos informados de que as pessoas daquela época não trabalhavam mais lá e ninguém sabia do paradeiro de tais documentos.

Assim, recorremos a antigas anotações de telefones e endereços de alunos, com alguns dos quais sempre mantivemos algum contato. Também escrevemos cartas com nosso telefone residencial. Recebemos ligações e marcamos encontros. A partir desses primeiros contatos, passamos a encontrar outras pessoas por meio dos próprios alunos, que também mantinham contato uns com os outros. Nesse caso, os encontros e entrevistas foram realizados nas casas dos alunos em dia e horário marcados por eles.

I.5. Os sujeitos

De acordo com o que descrevemos anteriormente, foram selecionados dois grupos de pessoas jovens e adultas que então ingressavam ou retornavam à escola, nas turmas de alfabetização – Ciclo I do Ensino fundamental, nos anos 1997 e 1998. Os critérios para formação dos dois grupos foram:

1 – Gênero: mulheres e homens;

2 - Idade: jovens e adultos;

3 - Iniciantes na vida escolar e egressos que retornavam à escola; e

4 – Empregados formais, informais, e desempregados.

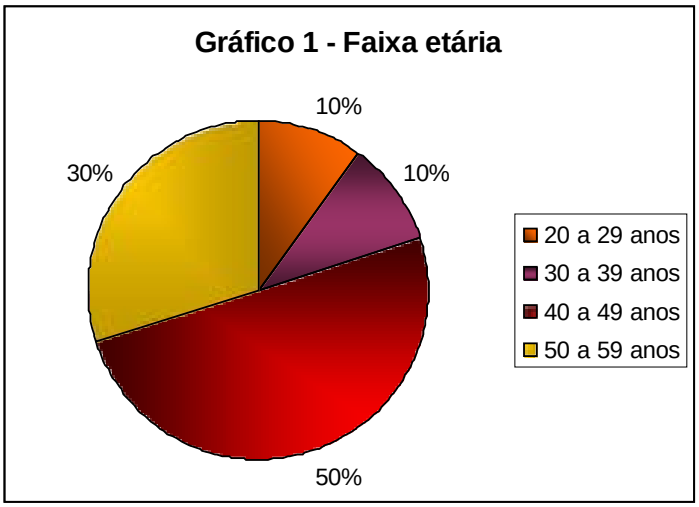
Desse modo, os dois grupos deveriam estar eqüitativamente distribuídos.

I.5.1. O perfil dos sujeitos da pesquisa

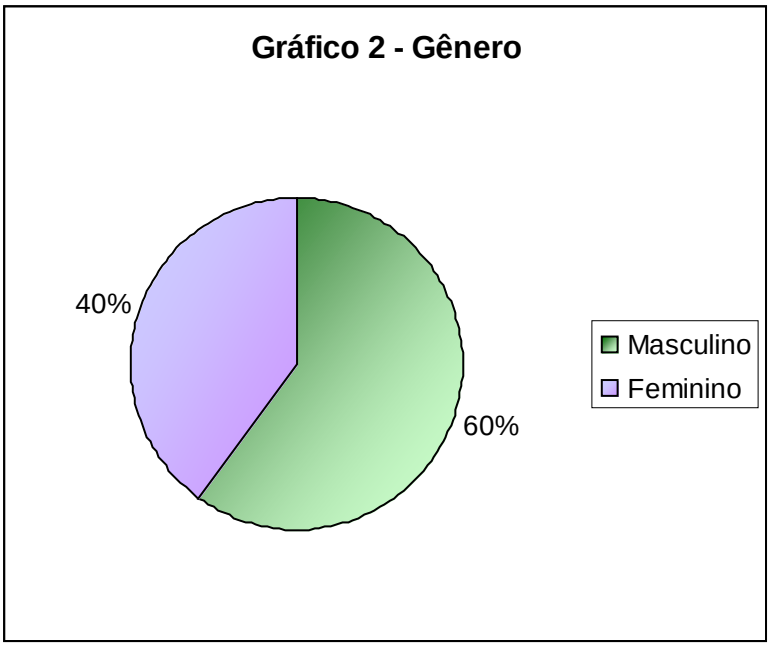
Os sujeitos que formaram o primeiro grupo desta pesquisa foram funcionários da USP, ex-alunos do curso do Ensino Fundamental ciclo I, oferecido pelo NEA- FEUSP - Núcleo de Educação de Jovens e adultos e Formação Permanente de Professores da Faculdade de Educação da USP. O segundo grupo foi formado por ex-alunos do curso de alfabetização de jovens e adultos oferecido pelo Senac em parceria com o Instituto Paulo Freire.

A partir dos dados coletados nas entrevistas sobre a caracterização pessoal, escolarização e também a situação de trabalho das pessoas entrevistadas, elaboramos gráficos identificados de acordo com o aspecto analisado, e cujo objetivo foi traçar com maior acuracidade o perfil dos sujeitos da pesquisa. Seguem, abaixo, o apanhado e a análise destes resultados.

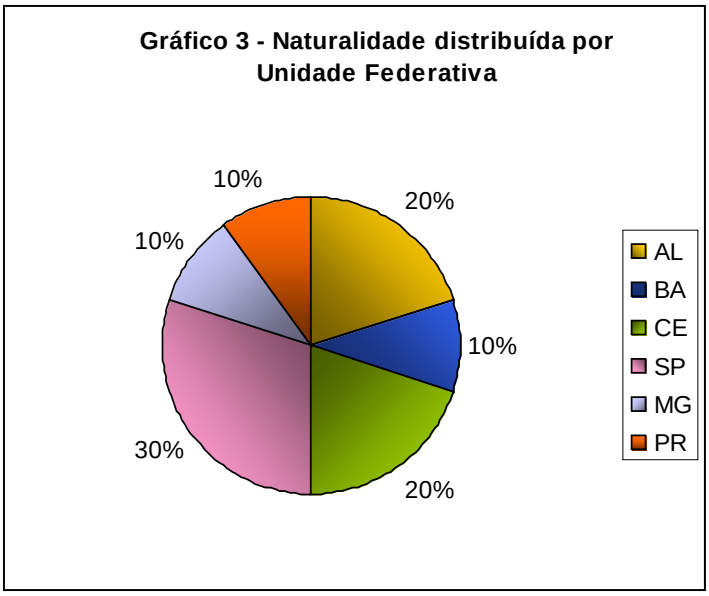
I.5.1.1. Caracterização pessoal dos sujeitos da pesquisa



Levando em consideração o motivo de ingresso ou retorno à escola, a faixa etária apresentada caracteriza os sujeitos quando ingressaram ou retornaram a escola em 1998/1999. Isso significa que, atualmente, essas pessoas estão cerca de 10 anos mais velhas do que os dados apontados no gráfico, o que equivale a dizer que a maior parte desse grupo estava na faixa de 40 a 49 anos de idade.



O grupo foi composto por uma presença discreta de pessoas do sexo masculino.



Para o esclarecimento de informações que poderiam ser mascaradas pelo gráfico acima, acrescentamos a tabela abaixo.

Tabela 3 – Naturalidade

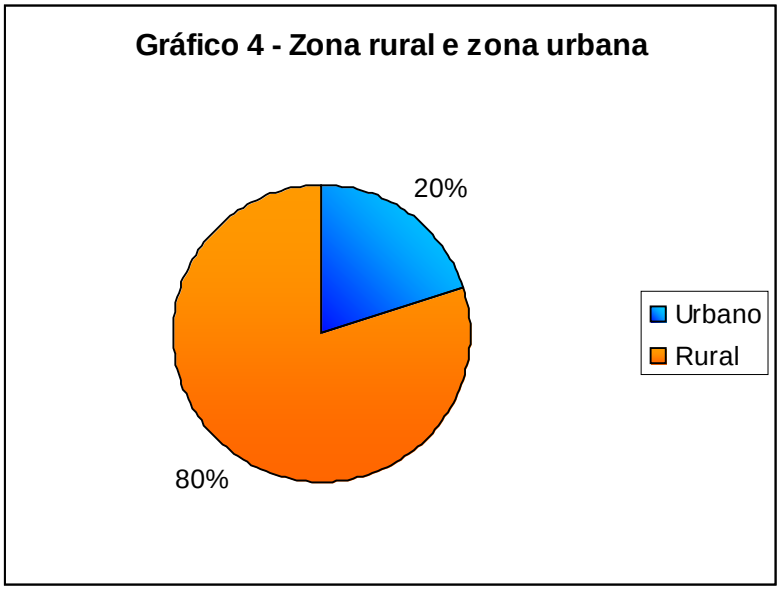
Nome	Cidade	Estado
Luiza	Igreja Nova	AL
Margarida	Palmeiras dos Índios	AL
Reinaldo	Cruz das Almas	BA
Francisco	Itagua	CE
Erico	Itapipoca	CE
Jose	Viçosa	MG
Márcia	Campo Mourão	PR
Mauricio	São Paulo	SP
Messias	São Paulo	SP
Ester	Valparaíso	SP

Procuramos agrupar a naturalidade por unidades federativas, de forma a obtermos uma visão mais ampla, alcançando a visualização da distribuição por regiões e assim termos uma noção mais próxima da condição real das pessoas que compõe, em geral, a população do grupo de pessoas com pouca ou nenhuma escolaridade no Brasil. Pela amostragem — ainda que pequena —, percebemos que 50% dos entrevistados haviam nascido na região nordeste do país.

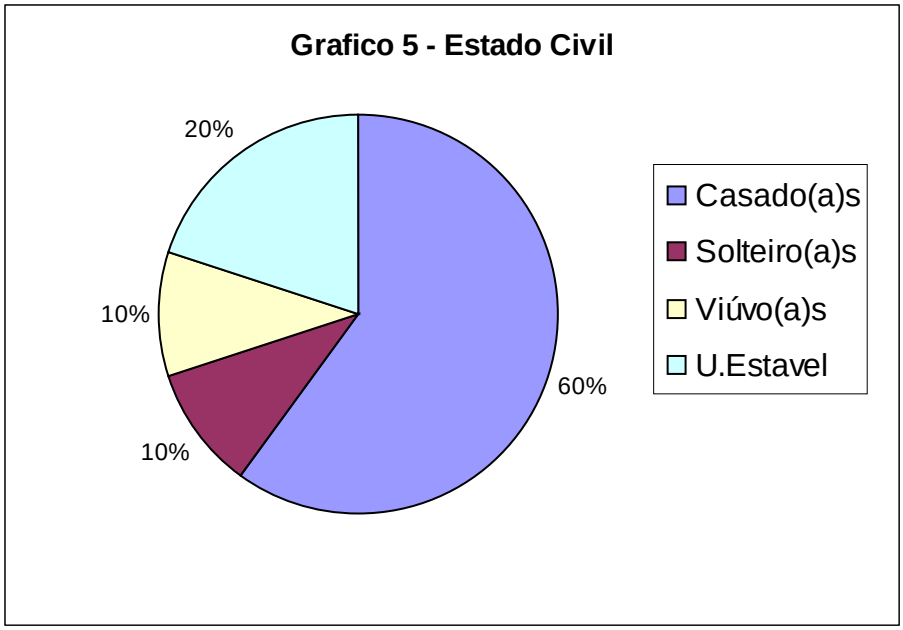
Outro fator interessante foi perceber a migração de (90%) dos entrevistados para a cidade de São Paulo, o grande centro urbano localizado na região sudeste quando adultos.

Ao observarmos apenas o estado (UF) de nascimento do aluno no gráfico, poderíamos entender, por exemplo, que a senhora Ester haveria nascido na cidade de São Paulo, capital do estado com mesmo nome (o que não ocorreu).

O Sr. Messias também vai com a família trabalhar no interior do Paraná ainda bem pequeno, só retornando já na idade adulta.

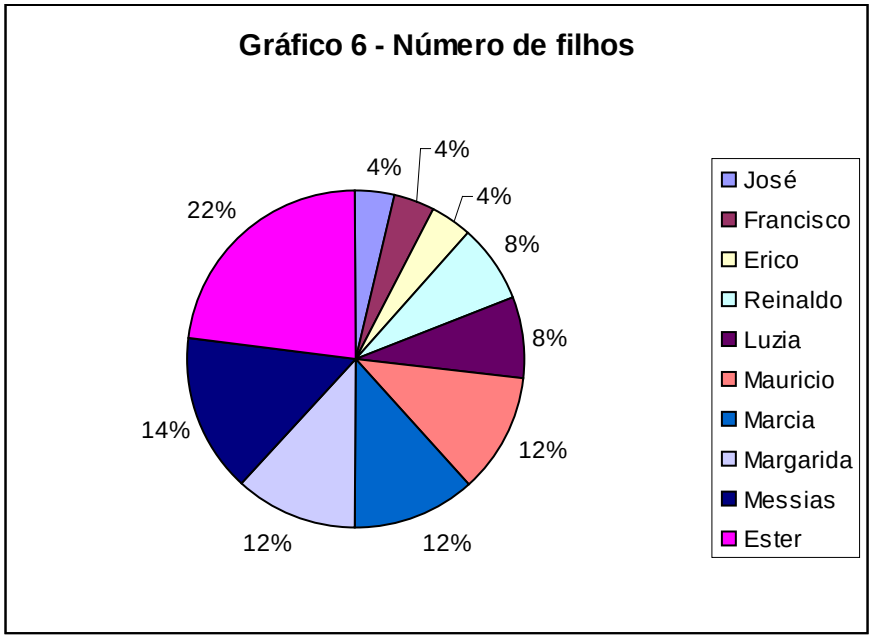


Novamente constatamos, segundo dados do documento Síntese dos Indicadores Sociais 2008, que a grande maioria das pessoas com pouca ou nenhuma escolaridade no Brasil procede da zona rural. No caso deste estudo, trata-se de 90% dos entrevistados. Cabe destacar ainda que de acordo com a autobiografia dos alunos apenas 10% teria nascido e crescido na cidade de São Paulo.



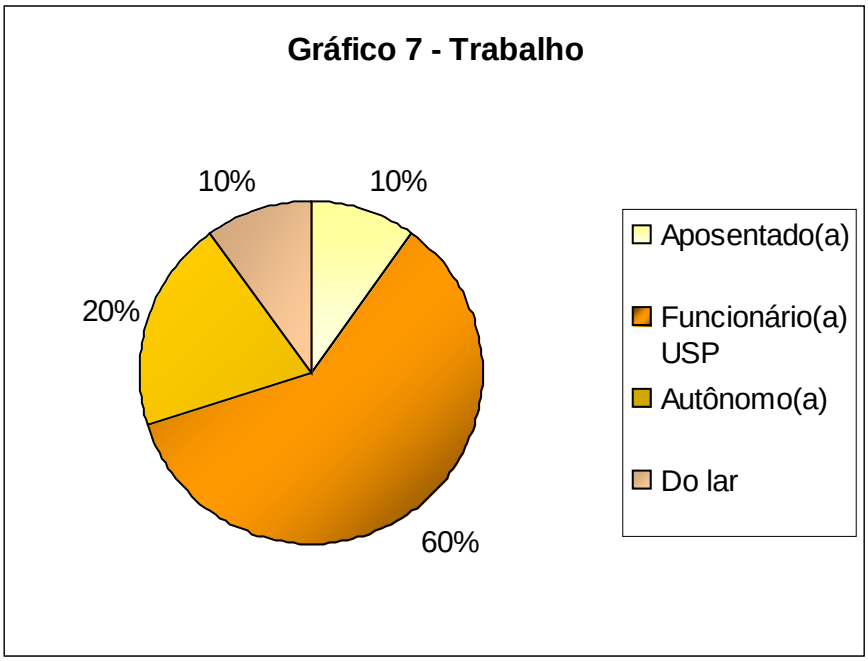
Procurando retratar com fidelidade o estado civil dos sujeitos, conversamos com eles a respeito dessa condição, pois alguns se declaram solteiros mesmo possuindo união estável. O equívoco causado sem nenhuma intenção de mascarar sua condição; ao contrário, fazem-no por tentar mostrar-se de forma autêntica. Dizendo de outro modo, declaram-se solteiros por não possuírem documento legal que caracterize sua união. No entanto, ao explicarmos que a lei reconhece e legitima a união estável tal qual o casamento, identificaram-se sob esta categoria, mesmo atribuindo outras nomenclaturas a ela.

Ainda ressaltamos que o único solteiro apresentado no grupo é uma pessoa que nunca se casou legalmente e que no momento não possui união estável e mesmo já tendo vivido sob esta condição durante anos, ainda assim não poderia ser incluído na categoria de separação e divórcio reconhecida pela lei. Portanto, 80% dos sujeitos são casados ou vivem sob a condição de união estável, havendo apenas um solteiro e um viúvo.



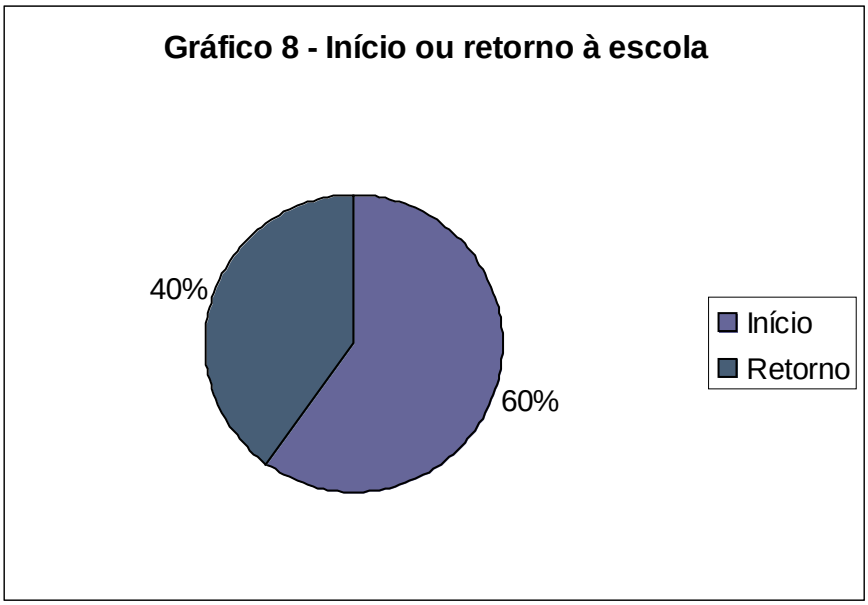
Os dados revelaram que todos os sujeitos da pesquisa possuem filhos. A quantidade varia entre 1 e 6 filhos, sendo que a maior parte das famílias possui entre 1 e 3 filhos.

I.5.1.2. Caracterização profissional dos sujeitos da pesquisa

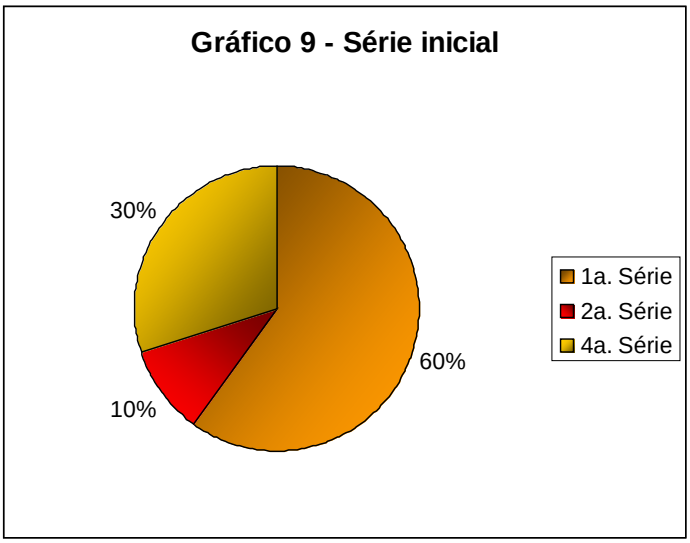


Verificando a situação atual dos sujeitos da pesquisa em relação ao trabalho quando eram aluno do Ensino Fundamental – Clico I, ainda não havia nenhum na situação - aposentado

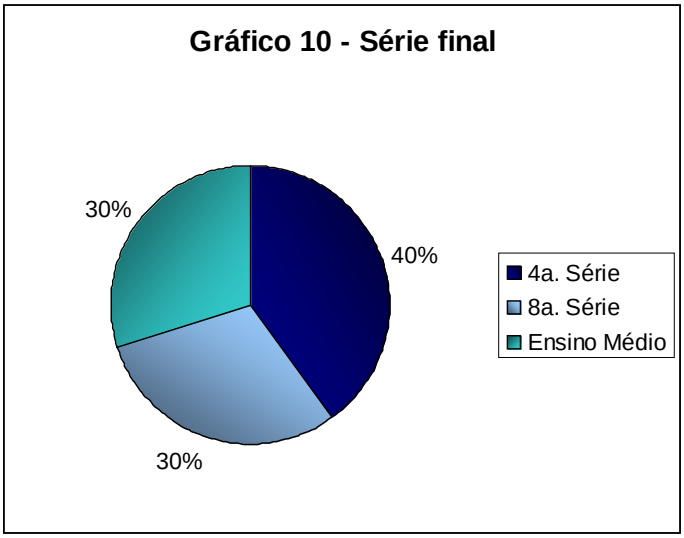
I.5.1.3. Caracterização escolar dos sujeitos da pesquisa



60% dos alunos nunca haviam freqüentado a escola regularmente até ingressar no curso Ensino Fundamental – Ciclo I – Nível de alfabetização.



No que tange às séries iniciais[8], verificamos que apenas 30% dos alunos puderam estudar até a 4ª série do Ensino Fundamental composta de 8 anos, quando crianças. A maioria deles relatam que, se tiveram passagem pela escola, esta era esporádica e que não chegaram a completar um ano de estudo sequer.



Verificamos a modificação da condição apresentada inicialmente: nenhum aluno apresentou escolaridade inferior à 4 ª série; 30% concluiu o Ensino Fundamental de 8 anos e os outros 30% concluiu o Ensino Médio.

I.6. Das entrevistas

As entrevistas foram adotadas como parte dos procedimentos operacionais para a realização da pesquisa. Escolhemos esta modalidade por consideramos a mais compatível com nossa abordagem. Previamente, elaboramos um roteiro para estas (ANEXO). No entanto, procuramos seguir as sugestões de Bordieu (1997).

Em sua obra **A miséria do Mundo**, Pierre Bourdieu apresenta um sugestivo subtítulo: *Compreender*, de maneira que adotamos sua definição como conceito para nosso

[8] Cabe destacar que os dois cursos referidos na pesquisa toma como referencia o Ensino Fundamental regular de 8 anos, conforme situação histórica da época. Para atender às necessidades dos alunos, o NEA funcionava com carga horária diária de 2 horas-relógio, de segunda-feira a quinta-feira, assim, não atenderia às exigência legais no período de dois anos previstos para Suplência I (1ª s 4ª série) e de mais dois anos para Suplência II (5ª a 8ª série), de maneira que o Ciclo I foi estendido para dois anos e meio, comportando 5 períodos de 6 meses. Estes eram denominados “Termos”; tendo o mesmo ocorrido com o Ciclo II, que passou, então, a ter a mesma configuração sendo que o ensino fundamental completo teria 10 semestres (Termos) no total.

trabalho. Assim, quando falamos em compreensão, nós o fazemos segundo a concepção de Bourdieu (1997).

Segundo Bourdieu (1997) “Ainda que a relação da pesquisa se distinga da maioria das trocas da existência comum, já que tem por fim o mero conhecimento, ela continua, apesar de tudo, uma *relação social*”(p.694). Em nota sobre este mesmo trecho, ele esclarece que tanto os pesquisadores dos métodos ditos quantitativos, quanto os dos métodos ditos qualitativos tendem a ignorar o fato que possuem em comum, ou seja, que se apóiam nas interações sociais que ocorrem sob a pressão dessas estruturas.

Dessa forma, a relação social pode exercer variados efeitos, e estes, por sua vez, podem afetar os resultados obtidos. Evidentemente, o autor exclui a intenção de qualquer forma de violência simbólica da interrogação científica; porém, segundo ele, “não se pode confiar somente na boa vontade” (Bourdieu, 1997, p.694): é preciso ser capaz de reconhecer e dominar as distorções. Para o autor, é preciso esforço para fazer uso reflexivo dos conhecimentos adquiridos de forma a controlar os efeitos da pesquisa; mesmo antes do início da interrogação, deve-se desenvolver o que ele chama de “olho” sociológico.

Nesse sentido, deveríamos tentar saber o que fazemos ao iniciar uma entrevista, porque isso significaria conhecer previamente os efeitos que podem ser produzidos por essa forma de *intrusão.* Esta se dá pela forma de apresentação da pesquisa e pelos estímulos dados ou recusados. Para o autor:

> é efetivamente sob a condição de medir a amplitude e a natureza da distância entre a finalidade da pesquisa tal como é percebida e interpretada pelo pesquisado, e a finalidade que o pesquisador tem em mente, que este pode tentar reduzir as distorções que dela resultam, ou pelo menos, de compreender o que pode ser dito e o que não pode, as censuras que o impedem de dizer certas coisas e as incitações que encorajam a acentuar outras (BOURDIEU,1997, p.695).

Como pesquisadores, temos de ter claras as propriedades como inerentes à pesquisa para nos esforçarmos em reduzir ao máximo a violência simbólica que se pode exercer através dela, procurando instaurar uma escuta ativa — o que não é fácil de colocar em prática, pois ela associa a disponibilidade total em relação à pessoa entrevistada, a submissão, bem como a singularidade de sua história pessoal, para que o entrevistado possa adotar sua linguagem e expor seus pontos de vistas, seus sentimentos e seus pensamentos.

Para Bourdieu (1997), é preciso que a linguagem utilizada, verbal e não-verbal, seja adotada no sentido de fazer do entrevistado o sujeito, aquele que se apropria de suas respostas para que as estas possam ser assim consideradas.

Outro fator importante para Bourdieu (1997) é o fato de permitir aos pesquisadores a liberdade de escolherem os pesquisados conhecidos ou apresentados por pessoas conhecidas, pois a proximidade social e a familiaridade poderiam assegurar condições principais de uma comunicação não violenta. Esse foi o caso da nossa pesquisa.

> Para que seja possível uma relação de pesquisa o mais próxima possível do limite do ideal, muitas condições deveriam ser preenchidas: não é suficiente agir como o faz espontaneamente todo "bom" pesquisador [...] Deve-se agir também, em certos casos, sobre a própria estrutura da relação [...], portanto na própria *escolha* das pessoas interrogadas e dos interrogadores (BOURDIEU, 1997, p.696).

Segundo ele, quando não há familiaridade entre os dois sujeitos da pesquisa, há maiores chances de se construir uma troca, mais próxima possível da existência cotidiana.

No entanto, isso se dá sem fingir que não há distância social. Na realidade, deve-se fazer com que o pesquisado se sinta legitimado a ser o que ele é. Bourdieu (1997) ressalta a necessidade de ter a capacidade de se *colocar em seu lugar em pensamento*, o que não significa projetar a si mesmo no outro, mas compreender genericamente o que ele é.

> [...] fundada no domínio (teórico ou prático) das condições sociais das quais ele é produto: domínio das condições de existência e dos mecanismos sociais cujos efeitos são exercidos sobre o conjunto de categoria da qual eles fazem parte [...] e domínio dos condicionamentos inseparavelmente psíquicos e sociais associados à sua posição e à sua trajetória particular no espaço social. (BOURDIEU, 1997, p.700)

O teórico ainda explica esta *compreensão*: não se trata de um estado de alma benevolente, mas de uma forma de conduzir a entrevista de modo inteligível, tranqüilizador e atraente, pois tal situação de pesquisa deve fazer sentido para o pesquisado, bem como deve estar direcionada à problemática proposta. Para ele, as boas pesquisas são aquelas que resultam de uma longa série de trocas e não têm nada em comum com encontros pontuais, arbitrários e ocasionais de pesquisas realizadas às pressas. Além disso, ele explica que, mesmo mobilizando nossos recursos da vigilância profissional e da simpatia pessoal,

> [...] temos dificuldades para afastar essa indiferença da atenção favorecida pela ilusão do já visto e do já ouvido, para entrar na singularidade da história de uma vida e tentar *compreender* ao mesmo tempo na sua unicidade e generalidade, os dramas de uma existência. A semi-compreensão imediata do olhar distraído e banalizante desencoraja o esforço que deve ser realizado para superar os lugares-comuns no quais cada um de nós vive e diz de suas pequenas misérias como sendo seus grandes males (BOURDIEU. 1997, p.701).

Bourdieu (1997) alega que é importante que o pesquisador tenha conhecimento a respeito deste saber, pois isso lhe trará confiança para entrar no jogo, para excluir as perguntas forçadas, para improvisar perguntas pertinentes, para gerar uma fórmula intuitiva, embora própria ao pesquisado, para fazê-lo revelar-se mais completamente. Assim, a atenção para com o outro, dada de uma forma aberta que se oferece por si mesma, seria a verdadeira *compreensão.*

Há, ainda, de se ter espaço para tipos de vida e de experiência não previstas em questionário, e há também de haver preparo do interrogador para lidar com estas questões sem espanto, censura ou preconceitos pequeno-burgueses, que postulam sobre a composição adequada de família, opções escolares e profissionais, dentre outras.

Nesta obra, o autor destaca vários episódios de violência simbólica nos quais ocorrem ironia, zombaria, ridicularização, humilhação, desprezo, constrangimento e suspeita; conduzidos por disposições de classes dos entrevistadores que consideravam todos os entrevistados como donos dos seus destinos e, portanto, responsáveis por sua própria miséria, demonstrando, dessa forma, total alienação à condição maior da sociedade. Tais ocorrências com esses tipos de violência já foram bastante comuns na educação de jovens e adultos — por exemplo, como a de considerar os educandos culpados de sua própria condição de “analfabetismo” em vez de vítimas de um sistema sócio-econômico que separa a sociedade em classes.

Bourdieu (1997) reitera que somente percebendo a entrevista inserida num contexto social poderemos tentar evitar ao máximo toda e qualquer forma de violência, pois só assim, livre dos constrangimentos, é que se pode tornar uma situação de comunicação excepcional, na qual o pesquisado se sinta autorizado a exprimir mal-estares, faltas ou necessidades, fazendo aparecer um discurso extraordinário que já estava lá, à espreita das condições ideais para se manifestarem. Como no modelo do trabalho “socrático” que

pretende ajudar a explicitar, visa a propor sem impor, a formular sugestões destinadas a oferecer prolongamentos diversos e abertos à palavra do pesquisado e à procura de sua expressão. O pesquisador constata que certos pesquisados, sobretudo os mais carentes, parecem aproveitar essa situação como uma ocasião para testemunhar, se fazerem ouvir, se explicarem, ou seja, construir seus próprios pontos de vista sobre si mesmos e sobre o mundo. Assim, longe de serem meros instrumentos nas mãos dos pesquisadores, estes se tornam sujeitos da pesquisa, pois dela se apropriam e todo seu depoimento deixa de ser o lugar de constrangimento e passa a ser a *felicidade de expressão.*

A entrevista, então, torna-se auto-análise *provocada e acompanhada*, pois a pessoa interrogada a respeito de si mesma aproveita a situação para realizar um trabalho de explicitação, gratificante e doloroso ao mesmo tempo, de maneira que ela se expresse de forma intensa sobre experiências e reflexões que estavam reprimidas até então.

Desse modo, Bourdieu (1997) nos avisa que contra a ilusão que procura a neutralidade na anulação do entrevistado, só podemos admitir o que é construído por uma construção realista, baseada no conhecimento prévio das realidades. Só podemos *compreender* verdadeiramente tudo que é dito numa conversa aparentemente banal, “se soubermos ler, em suas palavras, a estrutura das relações objetivas, presentes e passadas, entre sua trajetória e a estrutura dos estabelecimentos [...] que elas freqüentam e, por isso, toda a estrutura e a história do sistema [...] que nelas se exprime”. (Bourdieu,1997, p. 705). A análise da conversação exige, pois, que se analise a estrutura do espaço social.

Somente quando a pesquisa se apóia num conhecimento prévio das realidades é que se pode fazer surgir as realidades que ela deseja registrar. Nesse sentido, a naturalidade seria uma ilusão que proíbe todo envolvimento pessoal, algo contrário ao que buscamos como regra para a condução das entrevistas, que devem ter participação e interlocução do entrevistado.

Bourdieu (1997) verifica, por meio dos “desvios de opinião” o quanto é fácil impor uma problemática:

> Os fundamentos reais do descontentamento e da insatisfação que assim se exprimem, sob formas desviadas, só podem chegar à consciência, quer dizer, ao discurso explicito, ao preço de um trabalho que vise revelar as coisas enterradas nas pessoas que as vivem e que ao mesmo tempo não as conheciam e, num outro sentido, conhecem-nas melhor do que ninguém (BOURDIEU, 1997, p. 708).

O pesquisador pode ajudar neste trabalho como um parteiro,

> Mas o desejo de descobrir a verdade, que é o pé constitutivo da intenção científica, fica totalmente desprovido de eficácia prática se ele não é atualizado sob a forma de uma 'profissão'[...]: essa profissão é uma verdadeira 'disposição a perseguir a verdade' (Bourdieu, 1997, p.708).

Procuramos, assim, estudar para nos tornarmos mais aptos a entrevistar; adotamos o sentido de compreensão explicitado através das relfexões de Bourdieu (1997) e tentamos o tempo todo fazer de nossos entrevistados os sujeitos de nossa entrevista.

I.7. Das transcrições

No momento das transcrições do material, continuamos a observar as indicações de Boudieu (1997). Ele nos adverte sobre os riscos da escrita e alerta-nos para o fato de que devemos tomar cuidado com a simples pontuação da fala do entrevistado, que pode mudar todo o sentido de uma frase, posto que a transcrição já é uma forma de tradução ou até uma interpretação da fala de outrem. Segundo ele, o autor da transcrição produz um processo de discurso verbal ligado a um conjunto de obrigações difíceis, como a de manter fidelidade a tudo o que é manifestado durante a entrevista. Assim, apenas os recursos da pontuação parecem muito pobres, pois muita coisa se perde na passagem do oral para o escrito, como a voz, a pronúncia, a entonação, o ritmo, os gestos, a postura corporal etc. Como descrever um duplo sentido ou uma ironia, por exemplo? As regras da legibilidade nos proíbem a publicação de uma transcrição fonética acompanhada de notas.

> Assim, transcrever é necessariamente escrever, no sentido de reescrever: como a passagem do escrito para o oral que o teatro faz, a passagem do oral ao escrito impõe, com a mudança de base, infidelidades que são sem dúvida a condição de uma verdadeira fidelidade (BOURDIEU, 1997, p.710).

Todavia, é possível "aliviar o texto de desdobramentos parasitas, de certas frases confusas, de redundâncias verbais ou tiques de linguagem (os "bom" e os "né") que mesmo sem, dão seu colorido particular ao discurso oral[...]" (Bourdieu, 1997, p.710).

Porém, não é aceitável substituir uma palavra por outra ou manipular a ordem das perguntas, pois, para o autor, as entrevistas transcritas estão à altura de exercer um efeito de *revelação*. “Capazes de tocar e de comover, de falar à sensibilidade, sem sacrificar ao gosto do sensacional, podem levar junto as conversões do pensamento e do olhar, que são freqüentemente a condição prévia da compreensão” (BOURDIEU, 1997, p.711).

Desta forma, há o compromisso político que o pesquisador tem com a publicação ao tornar público aquilo a que normalmente não se tem acesso; partindo do princípio de que toda leitura está orientada por esquemas interpretativos, leitores desavisados poderiam julgar e condenar; para evitar isso, justifica-se a escolha dos preâmbulos dos títulos e subtítulos.

Não podemos ignorar o fato de que, segundo o autor, o ponto de vista é um ponto de vista sobre outro ponto de vista. Para entender o pesquisado, devemos nos colocar em perspectiva, no pensamento, no lugar do outro, de modo a assumir seu ponto de vista para compreender o que, em seu lugar, o entrevistado pensaria. Portanto, consideramos de suma importância todas as considerações feitas pelo autor para prosseguirmos com este trabalho de forma profissional, ou seja, preparada e consciente dos resultados que vão gerar.

MINHA HISTÓRIA

JOÃO DO VALE

Seu moço, quer saber, eu vou cantar num baião
Minha história pra o senhor, seu moço, preste atenção

Eu vendia pirulito, arroz doce, mungunzá
Enquanto eu ia vender doce, meus colegas iam estuda
A minha mãe, tão pobrezinha, não podia me educa
A minha mãe, tão pobrezinha, não podia me educar

E quando era de noitinha, a meninada ia brinca
Vige, como eu tinha inveja, de ver o Zezinho conta:
O professor raiou comigo, porque eu não quis estuda
O professor raiou comigo, porque eu não quis estuda

Hoje todo são “doutô”, eu continuo um João ninguém
Mas quem nasce pra pataca, nunca pode ser vintém
Ver meus amigos “doutô”, basta pra me sentir bem
Ver meus amigos “doutô”, basta pra me sentir bem

Mas todos eles quando ouvem, um baiãozinho que eu fiz
Ficam tudo satisfeito, batem palmas e pedem bis
E diz: - João foi meu colega, como eu me sinto feliz
E diz: - João foi meu colega, como eu me sinto feliz

Mas o negócio não é bem eu, é Mané, Pedro e Romão,
Que também foi meus colegas e continuam no sertão
Não puderam estudar, e nem sabem fazer baião

CAPÍTULO II - UM BREVE E CRÍTICO HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO DE PESSOAS JOVENS E ADULTAS NO BRASIL

Neste capítulo procuramos mostrar como a educação de pessoas jovens e adultas vem se inscrevendo em nossa história. Procuramos apresentar um panorama geral, mas não pudemos fazê-lo em silêncio. Por isso, reservamos este espaço para um breve histórico que seja também crítico e mostre nosso ponto de vista acerca deste tema, deixando para outros capítulos uma discussão mais profunda dos tópicos relacionados ao tema.

Para tanto fomos beneficiados com as contribuições dos cursos *Política Educacional, Planejamento e Educação Básica no Brasil*, oferecido pela Profa. Dra. Lisete Regina Gomes Arelaro; *Educação e Sociedade no Brasil Contemporâneo*, ministrado pelo Prof. Dr. Celso de Rui Beisiegel; e *Educação de Jovens e Adultos: pensamento, políticas e práticas*, sob a regência Profa. Dra. Maria Clara Di Pierro — a quem também recorremos para nos inspirar na divisão histórica em três momentos.

Com base nesse percurso, colocamos novamente "o problema dos valores é considerado como uma questão das mais complexas da filosofia atual", pois ele compreende que:

> a educação visa o homem; na verdade que sentido terá a educação se ela não tiver voltada para a promoção do homem? Uma visão histórica da educação mostra como esta esteve sempre preocupada em formar determinado tipo de homem. Os tipos variam de acordo com as diferentes exigências das diferentes épocas. Mas a preocupação com o homem, esta é uma constante (SAVIANI, 1977, p.39).

Acrescentamos que a inclusão de um capítulo destinado ao histórico da educação no Brasil vem acompanhado de seu teor crítico, para ressaltarmos, segundo Bruno (1991), que:

> compreender a organização e o exercício do poder político nas sociedades contemporâneas, nos obriga a ir muito além da reconstrução da história empreendida pelos grupos e classes vitoriosos, que o fizeram sempre consoante seus interesses de momento. O problema hoje, não me parece estar só no fato, bastante conhecido, de a história ser a história dos vencedores. [...] O que me parece mais grave, é o fato de a história recente ser apresentada como resultante de um processo social sem sujeitos que se opõe, anulando-se desta forma a existência não só de conflitos e lutas, mas até mesmo, do derrotado. É como se os processos sócias ocorressem como certos fenômenos da natureza que se desenvolvem (até onde sabemos) independentemente da ação humana e frente aos quais, só os mais aptos sobrevivem e encontram seu lugar (BRUNO, 1991).

Como se houvesse o poder de uma “mão invisível”, que tudo rege e organiza — outra teoria que entendemos como sendo da ordem dos mitos, com o intuito de mascarar toda a complexidade da realidade.

Propomos este capítulo para primeiramente localizarmos fatos importantes e, na seqüência, subsidiarmos a discussão da educação de pessoas jovens e adultas em nosso país, pois de acordo com Pinto (2000) “[...] se partirmos do pressuposto de que se sabemos onde estamos e o que temos, é mais fácil saber para onde vamos e com que meio, otimizando os recursos e maximizando os resultados” (p. 253).

II.1. O 1º momento

A 1ª República ou República Velha foi o momento no qual não havia políticas educacionais dedicadas a esta questão.

Em 9 de Janeiro de 1881, o Imperador sancionava a mais importante legislação eleitoral do Brasil por meio da Lei nº 3.029, regulamentada pelo Decreto nº 8.213, de 13 de agosto de 1881. Esta lei ficou conhecida como lei Saraiva e Dispunha o que segue:

> TITULO I - Dos eleitores, e da revisão do alistamento eleitoral
> SECÇÃO 1ª - Das Inclusões e Alterações no Alistamento:
>
> Art. 23. Nenhum cidadão será incluído no alistamento dos eleitores sem o ter requerido por escrito de próprio punho e com assinatura sua, provando o seu direito com os documentos declarados neste Regulamento.[9]

Na seqüência cronológica, foi necessário recorrermos às idéias de Miguel Couto[10] para compreendermos melhor a história da Educação de Pessoas Jovens e adultas no Brasil e como esta se articula com a proposta deste trabalho, acerca das finalidades da educação.

---

[9] http://www.tse.gov.br/internet/index.html

[10] Miguel Couto (1865-1934) foi catedrático da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, presidente da Academia Nacional de Medicina entre 1913 e 1934, e deputado constituinte pelo Distrito Federal em 1934. Sua atuação não se limitou à Medicina, figurando dentre as suas preocupações, além da higiene, a educação do povo. A sua atuação na Constituinte de 1934 foi fundamental para a aprovação do projeto que destinava 10% das rendas federais para a instrução pública.

Para tal compreensão, utilizamos os estudos de Rocha[11] (1995), que nos revela, por meio de Couto, os ideais de progresso e desenvolvimentismo do Brasil e o papel que a educação desempenhava neste projeto.

As idéias, disseminadas por Couto, conformavam um discurso médico bastante preconceituoso que justificaria o poder dos cultos[12] sobre os incultos. Trata-se de um conjunto de idéias das quais discordamos, mas que se tornaram fundamentais para o entendimento da proposta deste trabalho.

Naquele período, começava a se configurar um projeto de modernidade para tirar o Brasil do seu estado de atraso econômico no que dizia respeito ao desenvolvimento capitalista mundial. No interior desse projeto, o povo era pensado a partir da sua negação e era alvo dos discursos e das ações das classes consideradas cultas. Esse discurso sobre o progresso e o desenvolvimento do Brasil voltava-se para a instituição da sociedade do trabalho, que então necessitaria da formação de um trabalhador que se adequasse às exigências da tão sonhada modernidade capitalista. Em outras palavras, trata-se da confirmação de Kurz (1998), sobre uma educação diferenciada para as elites e outra para a classe trabalhadora, confirmando também um sistema de desigualdade social.

De acordo com Rocha (1995), para o discurso médico dos doutores que arquitetavam este projeto, o analfabetismo era preocupante, pois as massas incultas e ignorantes constituíam um sério empecilho para a reforma social e para o ingresso do país na tal modernidade. Esse empreendimento da instituição da sociedade do trabalho associava a pobreza e a indolência a uma moralidade incompleta dos pobres, que tendia naturalmente para a ociosidade; vista como coisa horrível para aqueles que eram considerados menos humanos, “não tinham necessidade de sobremesa, nem de folgas aos domingos” (Candido, 2004, p. 173). Perguntamos: será que as elites consideravam desnecessários para si também? Será que somente eles teriam direito ao o lazer, a cultura e ao ócio sem serem considerados indolentes e preguiçosos?

Considerada tendência natural dos pobres, indolência e a ociosidade são associadas ao vício e ao crime. No entanto, Fétizon (2002) alega para os outros os mesmos direitos que

---

[11] Heloisa Helena Pimenta Rocha é mestre pela Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, para qual apresentou o trabalho sob o título “Imagens do analfabetismo: a educação na perspectiva do olhar médico no Brasil dos anos 20”, em 1995.

[12] Esclarecemos que não concebemos o ser humano sem cultura. O termo “cultura” é aqui apresentado segundo a apropriação de Miguel Couto, que se refere à cultura letrada ou instrução.

considera para si e esclarece esta equivocada concepção, pois agrupa na mesma categoria ócio e lazer, além de explicar que há uma confusão entre lazer e preguiça: “é preciso saber que ócio não é preguiça. É a preguiça — e não o lazer, penso eu que se distingue radicalmente do ócio” (FÉTIZON, 2002, p. 215).

> [...] é necessário criar um modelo de sociedade que não seja baseado no trabalho, mas no tempo livre. Devemos fazer hoje pelo tempo livre aquilo que Taylor e Ford fizeram no início do século pelo tempo de trabalho, ou seja, um novo projeto global para o trabalho, a educação e a vida (FÉTIZON, 2002, p. 214-215).

O ócio associado à preguiça é apresentado como elemento degradante — idéia, aliás, bem-vinda à instituição da sociedade do trabalho e às classes mais abastadas. Para estes, a educação do povo passa a ser vista como problema nacional, na medida em que é entendida como meio para a regeneração desses homens, ou seja, conforma outros para o trabalho necessário que não se dispõe fazer eles mesmos, mas do qual esperam lucros.

Rocha (1995) nos explica que, para Couto, o homem era tido como primeiro patrimônio (propriedade, coisa) de uma nação. Logo, sua saúde era entendida como a sua capacidade de trabalhar, e sua cultura era considera enquanto capacidade para trabalhar *bem*. Portanto, o primeiro cuidado dos governos deveria ser com a saúde e a força deste homem, e o papel da educação seria conformá-lo para tal desempenho, preparando-o para a vida da sua pátria. Parece evidente como essas pessoas eram vistas como quase coisas. Eram ou ainda são?

Para Miguel Couto, a sociedade é concebida como um organismo e os problemas sociais são doenças, como tumores malignos que ameaçam contaminar este “organismo social”. Nessa lógica orgânica, o povo sem instrução (“inculto”) passa a ser visto como o grande inimigo da saúde e do progresso do país. Daí para entender que a ignorância era tida como uma chaga que ameaçava arruinar a saúde do “corpo social”, e que representava o maior fator do atraso e da inferioridade de qualquer nação, era somente uma questão de ponto de vista muito fácil de ser formado.

Uma vez identificada como uma doença, a ignorância passa a ser tema predileto de Miguel Couto, nas sessões da Academia Nacional de Medicina. Observamos que essas

pessoas sem escolaridade eram desconsideradas em sua totalidade como pessoas sem nenhum saber, evidenciando o preconceito a que eram submetidas. Para Paulo Freire,

> Na visão "bancária" da educação, o "saber" é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber. Doação que se funda numa das manifestações instrumentais da ideologia da opressão – a absolutização da ignorância, que constitui o que chamamos de alienação da ignorância, segundo a qual esta se encontra sempre no outro (FREIRE, 1987, p. 58).

Como se não bastasse a identificação do analfabetismo com uma doença qualquer, para Couto era preciso associá-lo a uma doença grave, tal como o câncer. Comparável ao câncer e à sua ação destruidora, o analfabetismo teria influências sobre os doentes — no caso, os analfabetos —, atrofiando-lhes o cérebro, expondo-os a inúmeras doenças que, por conseqüência afetariam o "organismo social". Utilizando a linguagem médica, Couto constrói sua comparação ao dizer que o analfabetismo é como uma metástase, ou seja, como um tumor que se dissemina a partir de um foco principal e assim contamina o restante do organismo. Vemos aqui outra manifestação preconceituosa que não compreende a forma de pensar de uma pessoa que não passou pela escola e que, portanto, não aprendeu a lógica formal antropocêntrica.

Por hora, basta dizer que Miguel Couto e a classe médica legitimaram-se como orientadores desse projeto e como conselheiros do Estado. Assim, por meio da educação sanitária e de suas capacidades "científicas", eles seriam os condutores dessa escola modeladora e obteriam êxito.

Médicos, como o próprio Miguel Couto, consideravam-se os mais habilitados para orientar os governos na empreitada de regeneração do homem pobre, o que constituía a formação do trabalhador disciplinado e moralizado. Esse modelo de sociedade baseava-se na afirmação da supremacia dos cultos e na inferioridade dos incultos, cabendo aos intelectuais o papel de conduzir os destinos da nação e de organizar a sociedade. Sendo assim, esses médicos, higienistas e sanitaristas apresentam-se como os salvadores da pátria, aqueles que dotados de um saber pretensamente científico poderiam responder às necessidades de crescimento econômico do país e de formação de trabalhadores saudáveis, dóceis, submissos e produtivos.

Apresenta-se, dessa maneira, um projeto pedagógico encabeçado pelo saber médico contra a degenerescência do “organismo social”, buscando gerir a vida dos homens, sobretudo dos pobres, tendo em vista aumentar a sua utilidade econômica, ou seja, a produtividade do seu trabalho, e diminuir sua capacidade de revolta por meio do adestramento dos corpos e dos espíritos. Em tal empreendimento, a educação não era vista como formadora do humano. Na verdade, era considerada uma estratégia disciplinar de adestramento dos corpos e dos espíritos, cujo objetivo era conformar o novo tipo de homem trabalhador de acordo com os interesses do Estado, que assim obteria um Brasil formado por corpos saudáveis, robustos, produtivos e, ao mesmo tempo, dóceis. Esse era o papel da educação. Para isso, o processo de condução do destino da nação deveria ser deixado a cargo da engenhosidade e do estudo dos homens superiores: os cultos.

A partir dessa idéia do progresso ligado à civilização, a educação seria a forma mais adequada de moldar a alma coletiva, transmitindo valores necessários à implantação da modernidade capitalista. Segundo Rocha (1995), caberia à educação conquistar corações e mentes para esse ideal. Como o próprio Candido (2004) foi capaz de reconhecer, a educação também pode ser usada para conformar uma relação de desigualdade social. A educação, então, é vista como meio de viabilizar tal empreendimento, domesticando os corpos e as mentes, servindo para edificar o projeto da sociedade do trabalho, ocupando papel central neste projeto de invenção de um Brasil moderno e civilizado de acordo com a visão higienista e progressista que procura se inserir na ordem capitalista.

Embora nosso trabalho trate mais especificamente da educação de pessoas jovens e adultas, vimos essa concepção de educação orientar a educação de um modo geral. De acordo com Rocha (1995), nesse empreendimento de modernização, a educação possuía um importante caráter moralizador, pois devia formar o caráter desde a infância, ensinando a criança o amor ao trabalho, o respeito à hierarquia, noções de bem, de mal, de civilização e de barbárie — que, no presente trabalho, serão discutidos mais à frente.

Cabe ressaltar como esse projeto de educação centrado em torno dos eixos da higiene como valor moral deixava bem explícito seus valores e objetivos ao redor do tipo de pessoa e de sociedade que se considera desejável. Encontramos nessa sociedade uma imensa desigualdade, vista como natural que tenta legitimar sua divisão. Segundo Di Perro (2007) “o censo de 1890 mostrava que mais de 80% da população brasileira era analfabeta” (p. 39). As

escolas e o direito à educação eram bastante exclusivos. Segundo o documento *Educação de Jovens e Adultos: proposta curricular para o 1º segmento do ensino fundamental* (1997) a partir da década de 1930 a Educação no Brasil começa a consolidar um sistema público de educação elementar.

> Neste período, a sociedade brasileira passava por grandes transformações, associadas ao processo de industrialização e concentração populacional em centros urbanos. A oferta de ensino básico gratuito estendia-se consideravelmente, acolhendo setores sociais cada vez mais diversos (DI PIERRO, 1997, p. 19).

Aqui, verificamos que dentro desta ordem das coisas a expansão do ensino começa a se estender por conta do processo de industrialização.

Em 1932, o *Manifesto dos Pioneiros* inscreve a educação de pessoas jovens e adultas na história da educação brasileira. Isso ocorre quando o documento reconhece que a educação é um direito de todo indivíduo; no entanto, embora o reconhecimento seja um passo importante, ele é incapaz de trazer garantias — o que segundo Candido (2004) demonstra uma hipocrisia generalizada. O Documento citado apresenta no subtítulo *Valores mutáveis e valores permanentes,* e o item *a) A educação, uma função essencialmente pública* nos diz "Mas, do direito de cada indivíduo à sua educação integral, decorre logicamente para o Estado". Ainda no mesmo subtítulo *Valores mutáveis e valores permanentes*, o item — *b) A questão da escola única* — traz textualmente:

> Assentado o princípio do direito biológico de cada indivíduo à sua educação integral, cabe evidentemente ao Estado a organização dos meios de o tornar efetivo, por um plano geral de educação, de estrutura orgânica, que torne escola acessível, em todos os seus graus, aos cidadãos a quem a estrutura social do país mantém em condições de inferioridade econômica para obter o máximo de desenvolvimento de acordo com as suas aptidões vitais. Chega-se, por esta forma, ao princípio da escola para todos. [...] mas está no dever indeclinável de não admitir, dentro do sistema escolar do Estado, quaisquer classes ou escolas, a que só tenha acesso uma minoria, por um privilégio exclusivamente econômico .

Permanecendo nesse subtítulo, o item — c) *A laicidade, gratuidade, obrigatoriedade e coeducação* — acrescenta:

> A laicidade, que coloca o ambiente escolar acima de crenças e disputas religiosas [...] A gratuidade extensiva a todas as instituições oficiais de educação é um princípio igualitário que torna a educação, em qualquer de seus graus, acessível não a uma minoria, por um privilégio econômico, mas a todos os cidadãos que tenham vontade e estejam em condições de recebê-la. Aliás, o Estado não pode tornar o ensino obrigatório, sem torná-lo gratuito. A obrigatoriedade que, por falta de escolas, ainda não passou do papel, nem em relação ao ensino primário [...] .
> .

Segundo Pinto (2000), sempre há e sempre houve disposição da população para se engajar nos programas de alfabetização. O problema real nunca pareceu ser da ordem da vontade.

Conforme Arelaro, depois de 250 anos da educação subjugada a uma mesma ordem religiosa, não poderíamos desconsiderar o princípio da laicidade ao propormos uma educação para liberdade. Também não poderíamos desconsiderar o princípio da gratuidade, entendido como forma de tornar a educação acessível a todos de maneira igualitária. Porém, como o próprio texto expõe, a obrigatoriedade só poderia acontecer quando houvesse escola para todos.

Após o exame do documento *Manifesto dos Pioneiros*, consideramos os avanços apontados e não despercebemos que ele próprio admite que a estrutura social do país mantém uns em condições de inferioridade econômica, permitindo assim a existência da desigualdade inerente a esta estrutura, assunto a que dedicaremos maior atenção em outro capítulo.

Em continuidade com os avanços, pelo menos no plano teórico a Constituição de 1934 estabelecia o dever do estado na provisão do ensino primário extensivo também a jovens e adultos.

Assim, com a o fim da ditadura de Vargas, em novembro de 1945, o país viveu um momento de efervescência política, inspirado na crença da redemocratização, mas para votar o eleitor precisava saber pelo menos assinar o nome, de acordo com o que estava previsto num estatuto que novamente traz uma visão negativa e preconceituosa do analfabeto como sendo pessoa incapaz e sem opinião.

> Tudo isso contribuiu para que a educação dos adultos ganhasse destaque dentro da preocupação geral com a educação elementar comum. Era urgente a necessidade de aumentar as bases eleitorais para a sustentação do governo central, integrar as massas populacionais de imigração e também incrementar a produção (Educação de Jovens e Adultos: Proposta curricular para o 1º segmento do ensino fundamental, 1997, p. 19-20)

Este mesmo ano marcou o fim da Segunda Guerra Mundial. A ONU (Organização das Nações Unidas) incentivava a integração dos povos visando à paz e à democracia. A UNESCO incentivava campanhas de massa de alfabetização, pois acreditava que dessa forma impediria a manipulação nazista.

Nesta história também estão marcados os momentos que para efetivar tais direitos reconhecidos institui-se seu financiamento. O Decreto-lei de 14 de novembro de 1942 institui o Fundo Nacional de Ensino Primário, que em 30 de agosto de 1945, por meio do Decreto 19.513, regulamenta que 25% de cada auxílio federal concedido aos estados devem ser aplicados na educação primária de adolescentes e adultos. Trata-se de um fator considerável, pois inseridos nessa ordem econômica os direitos carecem de iniciativas que disponham de definições de financiamento. Nesse caso, a iniciativa induz as unidades federativas a arcarem com funcionamento das classes de educação de adultos com recursos próprios, ou seja, não destina dinheiro para tal fim.

II.2. O 2º momento

Num segundo momento histórico, passaram a existir, no Brasil, políticas para a EJA. No entanto, essas políticas não eram acompanhadas de um pensamento pedagógico próprio para a área. Em 1947, foi criado o Serviço de Educação de Adultos (SEA), sob responsabilidade do professor Lourenço Filho de modo que a educação de jovens e adultos ganhou uma campanha nacional de massa chamada “Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos (CEAA - Governo Eurico Gaspar Dutra)”, que previa a alfabetização em três meses. O curso primário regular de quatro anos, atualmente chamado de ciclo I do Ensino Fundamental, poderia ser concluído em dois períodos de sete meses. Depois de completada essa etapa, a seguinte seria chamada de “ação em profundidade”, que se voltava para a capacitação profissional e o desenvolvimento comunitário.

> [...] a campanha conseguiu resultados significativos articulando e ampliando os serviços já existentes e estendendo-os as diversas regiões do país. Num curto período de tempo, foram criadas várias escolas supletivas, mobilizando esforços das diversas esferas administrativas, de profissionais e de voluntários. O clima de entusiasmo começou a diminuir na década de 50; iniciativas voltadas à ação comunitária em zonas rurais não tiveram o mesmo sucesso e a campanha se extinguiu antes do final da década. [...] (Educação de Jovens e Adultos: Proposta curricular para o 1º segmento do ensino fundamental, 1997, p. 20)

Em 1952, na gestão democrática de Getulio Vargas, acontecia a Campanha Nacional de Educação Rural (CNER).

Em 1956, Juscelino Kubitschek de Oliveira assumiu a presidência da República e apresentou ao povo brasileiro o seu Plano de Metas, cujo lema era desenvolver cinqüenta anos do país em apenas cinco de governo. O plano consistia no desenvolvimento industrial e econômico do Brasil, e assim seria preciso investir em infra-estrutura (rodovias, hidrelétricas, aeroportos) e indústria. Tal desafio abriu a economia para o capital internacional, optando pela indústria automobilística e atraindo investimento de grandes empresas. Além disso, tal opção trazia consigo a necessidade de um novo homem trabalhador, que necessitaria de uma nova educação. Novamente, vimos a educação tratada como meio de produção, atrelada ao processo de desenvolvimento capitalista do país, de onde novamente se ressalta a idéia de uma educação voltada para formação de mão-de-obra. Retomamos, então, o *Manifesto dos Pioneiros*, que pretende estender a educação a todos a fim de que não seja considerada privilégio de ordem econômica, e que até mesmo vislumbra uma educação mais plena. Na ordem prática, entretanto, vimos outro encaminhamento e nos perguntamos se a elite também teria esta mesma formação.

A educação volta-se para o ensino industrial, que abre brechas para lidar com outras áreas da educação, provocando, por exemplo, o deslocamento do centro do currículo de áreas como história e geografia para áreas como português e matemática. Como também vimos, trata-se de um quadro que atualmente testemunhamos, no que diz respeito ao constante embate para manter ou trazer de volta disciplinas como Filosofia, Sociologia, Psicologia quando estas são excluídas no currículo escolar. Não é à toa, então, que essa determinação nos revele um enfoque mais pragmático.

II.3. O 3º momento

Em 1958, sob o governo de Juscelino Kubitschek, iniciava-se a Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo (CNEA). Nesse mesmo período, por conta de problemas administrativos, financeiros e também por causa da orientação pedagógica, essa campanha sofreu muitas críticas, pois a aprendizagem era considerada superficial e imprópria à população adulta além de ser inadequada para as diferentes realidades das regiões do país.

De acordo com o que mostra o documento *Educação de Jovens e Adultos: Proposta curricular para o 1º segmento do ensino fundamental* (1997), "Todas essas críticas convergiram para uma nova visão sobre o problema do analfabetismo e para a consolidação de um novo paradigma pedagógico para a educação de adultos, cuja referência principal foi o educador pernambucano Paulo Freire" (p.22).

Para tentar encontrar soluções mais apropriadas para o problema do analfabetismo adulto, foi convocado o II Congresso da Educação de Adultos, realizado no Rio de Janeiro em 1958. O evento teve como objetivo reunir os profissionais de educação para fazer uma revisão das iniciativas realizadas nesse sentido até então.

Podemos considerar que o terceiro período da história da educação de jovens e adultos começava ali, ou um pouco antes, com estudos que geraram os Seminários Regionais e culminaram no Congresso, no qual foram apresentadas as teses resultantes dos grupos de estudo. Dentre essas teses, encontrava-se o trabalho de um grupo de educadores nordestinos do qual Paulo Freire fazia parte. Trata-se de um trabalho que chamou atenção de todos, pois trazia uma proposta inovadora, que invertia a lógica de toda e qualquer proposta pensada até aquele momento. Sua proposta era voltada para os adultos como pessoas que acumularam saberes durante a vida, que possuíam cultura e que tinham grande potencial para aprender, sendo este o seu grande mérito: despertar para um pensamento próprio da educação de jovens e adultos.

Até então, de acordo com o que estudamos, todas as campanhas realizadas tinham caráter integrador do país e mantinham uma perspectiva desenvolvimentista ligada à modernização. Havia políticas para EJA, mas não um pensamento pedagógico específico para este segmento da educação. O documento *Educação de Jovens e Adultos: Proposta curricular para o 1º segmento do ensino fundamental* (1997) nos mostra que "o analfabetismo era concebido como causa e não efeito da situação econômica, social e cultural do país. Essa concepção legitimava a visão do adulto analfabeto como incapaz e

marginal, identificado psicológica e socialmente com a criança" (p. 20). Essa era, porém, uma visão ainda muito enraizada nas idéias preconceituosas de Miguel Couto.

Alguns relatos de uma professora, num trabalho chamado *Fundamentos e metodologia do ensino supletivo*, descritos no documento citado acima, revelam esta concepção negativa da condição do adulto sem domínio da leitura e da escrita:

> [...] inadequadamente preparado para as atividades convenientes à vida adulta, [...] ele tem que ser posto à margem como elemento sem significação nos empreendimentos comuns. Adulto-criança, como as crianças ele tem que viver num mundo de egocentrismo que não lhe permite ocupar os planos em que as decisões comuns têm que ser tomadas (Educação de Jovens e Adultos: Proposta curricular para o 1º segmento do ensino fundamental, 1997, p. 21).

Assim, as idéias de Paulo Freire introduziram um novo entendimento acerca da problemática educacional e social do analfabetismo, que passava então a ser considerado resultado da situação de pobreza gerada pela desigualdade social do país, e não o contrário — como, aliás, vimos anteriormente.

Nesse sentido, a criação de um campo teórico-pedagógico para a discussão do analfabetismo e da educação de adultos no Brasil, a partir da proposta de Paulo Freire, passou a inspirar os principais programas de alfabetização e educação popular que aconteceram no país no início dos anos 1960 e, como uma das boas conseqüências desta nova visão, em 1961 foi criado o Movimento de Educação de Base (MEB), programa nacional de alfabetização, ligado à CNBB-Conferência Nacional dos Bispos do Brasil e CPCs-Centros de Cultura Popular, organizados pela UNE-União Nacional dos Estudantes, que utilizavam o então chamado "método" Paulo Freire.

> Estes diversos grupos de educadores foram se articulando e passaram a pressionar o governo federal para que os apoiasse e estabelecesse uma coordenação nacional das iniciativas. Em janeiro de 1964, foi aprovado o Plano Nacional de Alfabetização, que previa a disseminação por todo Brasil de programas de alfabetização orientados pela proposta de Paulo Freire (Educação de Jovens e Adultos: Proposta curricular para o 1º segmento do ensino fundamental, 1997, p. 22 - 23)

Os programas de alfabetização e educação popular que se haviam multiplicado entre 1961 e 1964 e a preparação do Plano foram interrompidos pelo golpe militar de 1964, que considerava os programas embasados na teoria de Freire como subversivos, e por isso foram duramente reprimidos, a ponto de Paulo Freire ser exilado. Até 1967, somente

programas assistencialistas e conservadores foram permitidos. Aquele foi o ano em que o governo assumiu essa atividade por meio do Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral), que também era estruturado em espírito de campanha. Seus professores eram voluntários e a verba era advinda da loteria esportiva e de 1% do Imposto de Renda. O objetivo do movimento era erradicar o analfabetismo a baixos custos.

Em 1969, o Mobral, lançava uma campanha massiva de alfabetização, que tentava imitar as campanhas do início da década, porém esvaziando seu teor crítico e problematizador.

> Propunha-se a alfabetizar a partir de palavras-chave, retiradas "da vida simples do povo", mas as mensagens a elas associadas apelavam sempre ao esforço individual dos adultos analfabetos para sua integração nos benefícios de uma sociedade moderna, pintada de cor-de-rosa (Educação de Jovens e Adultos: Proposta curricular para o 1º segmento do ensino fundamental, 1997, p. 26).

Na década de 1970, o Mobral estendeu-se por todo o país. Sua iniciativa considerada mais importante foi o Programa de Educação Integrada (PEI), que propunha uma condensação do antigo curso primário — equivalente hoje às quatro séries iniciais do nosso Ensino Fundamental. Esse programa possibilitava a continuidade dos estudos para os recém-alfabetizados, bem como para os que dominavam precariamente a leitura e a escrita.

Em 11 de agosto de 1971, a lei 5692 de Reforma do Ensino de 1º e 2º graus destinaria o Capítulo IV - Do Ensino Supletivo:

> Art. 24. O ensino supletivo terá por finalidade:
> a) suprir a escolarização regular para os adolescentes e adultos que não a tenham seguido ou concluído na idade própria;
> Art. 25. O ensino supletivo abrangerá, conforme as necessidades a atender, desde a iniciação no ensino de ler, escrever e contar e a formação profissional definida em lei específica até o estudo intensivo de disciplinas do ensino regular e a atualização de conhecimentos.

Assim, como o próprio nome diz, o curso supletivo possuía uma visão compensatória, como forma de repor a escolaridade que não pôde ser feita em idade própria. Atualmente entendendo a educação como ação permanente, não consideramos que haja uma idade própria para aprender, visto que aprendemos durante toda a vida, segundo o conceito de "*lifelong learning*".

No final dos anos 1970, Centros de Ensino Supletivo tiveram início. Naquela mesma época, acontecia o Projeto Minerva, cujas atividades de educação de adultos se davam através do rádio, dentre outros como os tele-cursos.

O Mobral resistiu até 1985, quando foi extinto. Em seu lugar, surgiu a Fundação Educar, que não tinha um programa para jovens e adultos, e apoiava financeira e tecnicamente as iniciativas governamentais e de entidades civis. A Fundação Educar foi bastante similar ao Mobral, mas cometeu equívocos sem precedentes, tais como a destinação de parte da verba da EJA para Educação Infantil enquanto ação preventiva do analfabetismo.

Em 1988, a mais nova Constituição da República consagrava como direito público subjetivo dos jovens adultos ao ensino fundamental gratuito e punha fim ao veto do voto do analfabeto, rompendo com os preconceitos da incapacidade da pessoa sem domínio da leitura e da escrita.

Quase uma década depois, no final de 1996, a LDB-9394 reafirmaria direitos instituídos pela Constituição, e a EJA passaria a ser modalidade da Educação Básica. Assim, de acordo com a Constituição, em seu artigo 208, o dever do estado com a educação será efetivado mediante a garantia de

> I - ensino fundamental, obrigatório e gratuito; (assegurando, inclusive sua oferta gratuita para todos os que a ele não tiveram acesso na idade própria, segundo redação da Emenda Constitucional 14 de 1996).
> IV – oferta de ensino noturno regular, adequado às condições dos educandos.

Porém, na contramão da própria Constituição, Fernando Henrique Cardoso, então presidente da República vetou a verba do FUNDEF - Fundo de Desenvolvimento do Ensino Fundamental e Valorização do Magistério para EJA. Tal decisão é por nós entendida como uma terrível contradição, quando as metas do PNE (Plano Nacional de Educação) propunha acabar com o analfabetismo em 10 anos — meta que se tornaria inviável sem financiamento fazendo com que o plano caia em descrédito.

As políticas para EJA no governo Lula, que iniciou seu primeiro mandato em 2003, mudam pelo menos no discurso, pois são pronunciadas como prioridade, e têm financiamento previsto pelo FUNDEB.

II.4. As políticas públicas para Educação de Jovens e Adultos no Brasil

Considerando a educação sob o regime do Estado, vimos a defesa da regulamentação jurídica de direitos, inscritos como leis, na tentativa de garantir sua efetivação. Tais leis deveriam apontar responsabilidades e responsáveis no que se insere a discussão sobre a questão do financiamento.

Recorremos, novamente, ao estudo feito pela professora Maria Clara Di Pierro — As políticas públicas de educação de Jovens e adultos no Brasil no período de 1985/ 1999. Ela se baseia em dados do Instituto Pesquisas Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que traz informações oficiais sobre o analfabetismo desde o final do século XIX (o índice é apurado com base na auto-avaliação da população recenseada sobre a sua capacidade de ler e escrever) e nos relata que, de acordo com suas pesquisas, o Brasil — país com aproximadamente 180 milhões de habitantes — conta com pelo menos 40% da população com 15 anos ou mais em situação de pouco domínio da leitura e da escrita na língua materna, devido (entre outros fatores) à imensa diferença sócio-econômica.

Conforme tabela abaixo, segundo Ferraro (2003), podemos observar que as taxas de analfabetismo decrescem, embora ainda sejam muitíssimo altas.

Tabela 4: Analfabetismo entre pessoas com 15 anos ou mais segundo os censos demográficos – Brasil (1920-2000)

Ano	Número de analfabetos (em milhões)	% sobre o total da população
1920	11,4	64,9
1940	13,2	55,9
1960	15,9	39,6
1980	18,7	25,5
2000	16,2	13,6

Fonte: Ferraro, 2003

Na década de 1990, seguindo orientações da UNESCO, o IBGE começou a divulgar também os índices de analfabetismo funcional, tomando como base para a pesquisa o

número de séries escolares concluídas pelos indivíduos. Para tanto, caracterizou como analfabeto funcional as pessoas com menos de 4 anos de escolaridade, conforme podemos verificar na tabela a seguir.

Tabela 5: Analfabetismo funcional (menos de 4 anos de estudos) entre pessoas com 15 anos ou mais – Brasil (1992-2000)

Ano	Número de analfabetos funcionais (em milhões)	% sobre o total de população
1992	35,5	36,9
1997	34,5	32,0
1999	33,2	29,4
2000	33,0	27,3

Fonte: IBGE – Instituto de Geografia e Estatística - www.ibge.gov.br

Diante destes dados alarmantes, é imprescindível discutirmos o financiamento desta educação, pois sem dinheiro sabemos que a proposta mais interessante não se concretiza. Assim, precisaremos discutir as seguintes questões : de quem são as responsabilidades legais? Como estas se concretizam ? Quais efeitos repercutem na EJA? Desse modo, obrigatoriamente, trataremos de questões como fundos, centralização e descentalização das iniciativas de EJA.

Segundo Maria Clara de Di Pierro (2000), com a ampliação da oferta surge a discussão de outros fundos que não só os constitucionais. Devido às restrições dos gastos públicos decorrentes do ajuste fiscal, os recursos direcionados à educação foram prioritariamente destinados ao ensino fundamental de crianças e adolescentes entre 7 e 14 anos. Parece-nos que aquela velha idéia de Darcy Ribeiro de deixar os analfabetos morrerem não está tão caduca assim.

Segundo este pensamento, esta seria uma forma de extinção do analfabetismo, caso considerassem que não houvesse “reposição de estoque” (termo da professora Maria Clara) — o que confirmamos por meio dos dados relatados no documento Síntese de indicadores Sociais – 2008.

De acordo com Di Pierro (2000), “A educação de jovens e adultos viveu à míngua, por força do veto presidencial à lei que regulamentou o FUNDEF”, pois o veto impedia a contagem das matrículas em EJA para efeito dos cálculos do Fundo. Para a autora o FUNDEF é:

> [...] um mecanismo engenhoso pelo qual a maior parte dos recursos públicos vinculados à educação são reunidos em cada unidade federada em um fundo contábil e redistribuído entre as instâncias e municipal proporcionalmente ás matrículas registradas no ensino fundamental nas respectivas redes de ensino. O governo federal deveria cumprir a função supletiva e redistributiva complementando os Fundos daqueles Estados cuja arrecadação não assegurar o valor mínimo por aluno ao ano [...](DI PIERRO, 1997).

Segundo informe estatístico da Educação Básica de 1998 do MEC/INEP/SEEC, as matrículas que estavam em progressivo crescimento desacelerou acentuadamente na segunda metade dos anos 1990, mantendo-se estagnadas principalmente no ensino fundamental de EJA. Parte dos gestores de políticas educacionais atribui esse comportamento à atuação do FUNDEF.

Conforme apontado por Di Pierro (2000), não dispomos de dados recentes sobre o gasto dos estados e municípios sobre EJA. Os mais recentes são dispostos pelo IPEA, relativos a 1994, 1995 e 1996, e demonstram que

> A educação de jovens e adultos foi a modalidade em que o gasto educacional foi o mais modesto e nos três casos foram os estados que responderam pela maior parte das despesas realizadas.
> No caso do ensino supletivo fundamental e médio, o gasto consolidado das três esferas do governo representou, respectivamente em 1994, 1995 e 1996, 0,31%. 0,33% e 0,51% do gasto total com educação e cultura, o menor percentual atribuído a todos os níveis e modalidades de ensino (DI PIERRO, 1997).

Ao fornecer dinheiro às prefeituras, FUNDEF promoveu um grande incentivo para a municipalização do ensino. Segundo Mello (1987), “O Estado no Brasil, sobretudo na educação teve, e ainda tem a tendência de centralizar no âmbito da União o ensino de elite, e de omitir, ou descentralizar sem recursos proporcionais, o serviço de atender a educação da maioria, o ensino básico, hoje de 1º grau”.

Já se passaram mais de vinte anos e a autora continua tendo razão no que diz respeito a um tipo de descentralização autoritária, imposta pelo centro e seus interesses. De acordo com Mello (1987), desde a

chegada da família real portuguesa ao Brasil, “as primeiras letras, a educação fundamental para a maioria analfabeta, pouca ou nenhuma atenção receberam da corte. Ficou à mercê da filantropia e dos interesses catequéticos das ordens religiosas” .Até hoje, este panorama não parece ter mudado muito, e continua na mão de ONGs, de trabalhos voluntários, e de iniciativas que tentam suprir a falta daquilo que, a priori, está previsto na lei máxima do país.

O projeto de implantação da modernização voltada para o mercado externo a partir de 1964 atribuía ao Estado o papel de criar a infra-estrutura necessária à instalação do capital. Neste período, a educação recebia atenção especial pelo regime que tentava atender às demandas sociais em função de interesses próprios que buscavam a legitimação política. Assim, o modelo previa a expansão da oferta pública do ensino fundamental e, ao mesmo tempo, sua descentralização via municipalização. Nesse momento, previa-se que o município assumisse o principal encargo da educação, ou seja, a escolaridade obrigatória — que, segundo Guiomar Namo de Mello, “é a tarefa educacional mais gigantesca e onerosa da nação. Colocá-la sob a responsabilidade do ‘primo pobre’ da Federação era o mesmo que continuar tratando com descaso ou demagogia a educação popular” (MELLO, 1987).

No sistema federativo, existe a possibilidade de colaboração das esferas, prevista na Constituição como responsabilidade conjunta. O que acontece de fato, porém, é que segundo o IDH - Índice de Desenvolvimento Humano, os municípios mais pobres são responsáveis pelo ensino fundamental, mostrando que, na prática, esta responsabilidade é exclusivamente dos municípios.

A retirada do financiamento gera deteriorização dos serviços públicos e desprestígio. Conseqüentemente, a sociedade passa a admitir a compra no mercado de serviços públicos que são direitos como a saúde e educação básica. Mello (1987) ressalta que

> municipalizar o ensino no contexto político em que surgiu a 5692/71, iria de mãos dadas com a sua privatização” e prossegue dizendo que “não é difícil concluir que a municipalização ocorreu sobretudo nas regiões mais pobres, onde a população e o magistério têm menos poder de pressão: alguns Estados do Nordeste, sobretudo nas escolas rurais (MELLO, 1987).

Este era o quadro em 1987. Ainda hoje prevalece a regra observada por Mello (1987): “os municípios, sobretudo em Estados mais ricos, têm concentrado seus esforços no atendimento infantil — creches e pré-escolas”. Basta tomarmos como exemplo a cidade de São Paulo.

Mello (1987) ainda toca num ponto fundamental em políticas públicas ao considerar que os educadores, bem como os demais envolvidos com a educação pública, esperam um Plano Nacional de Educação que tenha a participação das administrações municipais, estaduais e dos demais setores interessados,

> [...] plano este no qual deveria ser democraticamente acertado o papel e a responsabilidade do ensino de 1º, e 2º e 3º graus, suplência e alfabetização de adultos, de acordo com as características de cada Estado, e com critérios para divisão do bolo tributário de acordo com os encargos de cada esfera governamental (MELLO, 1987).

Voltamos, pois, a enfatizar que em políticas públicas, no geral, não acontecem milagres: é preciso ter tudo muito bem definido legalmente. Quem financia? Quanto financia? Que segmento da educação? Quem coopera com quem e como isto se dará? Precisamos, segundo Mello (1987), de um "planejamento integrado que garanta uma trajetória sem acidentes da creche à escola de 1º grau. E, sempre é bom repetir, exige que o Governo Estadual dê apoio financeiro aos municípios mais pobres" (1987), pois só assim poderemos esperar que a educação, enquanto direito subjetivo, seja de fato garantida a todos gratuitamente e com qualidade. Porém, tendo em vista que ocorre disputa pelo dinheiro do financiamento da educação, torna-se necessário que as obrigações constitucionais de responsabilidade sejam levadas a sério.

Guiomar Namo de Mello chega a mencionar a autonomia dos municípios como insuficiente para arcar com a responsabilidade do ensino fundamental. Para ela, é óbvio que nenhuma esfera tem autonomia quando resta a ela um fardo maior do que pode carregar, ou seja, quando adquire obrigações que não tem recursos para efetivá-las. Isso acaba por demonstrar desarticulação das esferas do governo que concorrem entre si, quando, em tese teriam o dever de efetivar a cooperação mútua, de forma a garantir os direitos fundamentais dos cidadãos.

A descentralização, como tem se dado, concentra no poder excesso de burocracia que representa entraves ao funcionamento de uma proposta que tenha diretrizes traçadas num plano estadual, que estabeleça políticas regionais integradas com os municípios, buscando otimizar os recursos.

Todavia, o que autora parece defender é que, delimitadas as questões de financiamento, o que realmente importa é a capacidade que a escola tem de abrir espaços efetivos à informação e à participação de uma sociedade capaz de demandar, pressionar, reivindicar, cobrar e fiscalizar em prol de uma educação pública, gratuita e de qualidade para todos.

Assim, verificamos ao longo da história da educação de jovens e adultos no Brasil, que tal iniciativa foi quase sempre deixada em segundo plano nas mãos de outras iniciativas, tais como campanhas e, mais recentemente, sob a responsabilidade de ONGs, igrejas, e outras entidades não-governamentais. Embora alguns avanços tenham sido conquistados a partir da legislação que a reconhece, estes não podem se tornar palpáveis caso não sejam acompanhados por legislação que a garanta não apenas como direito, mas *de fato*.

Esta é defesa de muitos autores, o reconhecimento legal, embora muitos deles sejam capazes de reconhecer que como a própria professora Maria Clara Di Pierro (2007, p.14) que o reconhecimento do direito à educação no sistema jurídico internacional e de cada país é condição necessária mais insuficiente para sua garantia.

Assim, acrescentamos a este breve histórico sobre a educação de pessoas jovens e adultas no Brasil, novas colaborações trazidas por Di Pierro, por meio da publicação: Trajetória recente da educação de pessoas jovens e adultas na América Latina e Caribe[13], no qual o Brasil se insere.

Segundo o estudo certos processos sócio-demográficos, econômicos, políticos e educativos marcaram o continente desde meados do século XX. Dentre eles cabe destacar a

---

[13] Este texto reúne notas para uma análise regional da situação da educação de pessoas jovens e adultas (EPJA) na América Latina, elaboradas a partir de resultados de uma pesquisa colaborativa inédita, desenvolvida em 20 países do continente entre 2006 e 2007 por iniciativa conjunta do *Centro de Cooperación Regional para la Educación de Adultos en América Latina y Caribe* (CREFAL) e do *Consejo de Educación de Adultos de América Latina y Carib*e (CEAAL). A investigação teve por objetivo recuperar a trajetória recente e traçar uma cartografia da EPJA na região, analisando as políticas e os programas de governo e da sociedade civil neste início de terceiro milênio.Este texto recolhe informações e deve gratidão e créditos a toda equipe de pesquisadores que dela participou, sendo composta por: Blas Regnault (Venezuela), Frantz Grandoit (Haiti), Germán Moncada (Honduras), Gloria Hernández (México), Jaime Canfux (Cuba), Javier Corvalan (Chile), Jorge Jairo Posadas (Colômbia), José Rivero Herrera (Peru), Laura Ines Zayas Rossi (Paraguai), Lidia Mercedes Rodríguez (Argentina), Luz Aleyda Terán (Panamá), Myrna Rivas (Porto Rico), Nelsy Julieta Lizaraso (Equador), Noel Aguirre (Bolívia); Odili Robles (Nicarágua), Patricia Badilla (Costa Rica), Pilar Ubilla (Uruguai), Sergio Haddad (Brasil), Silvia Lorena (El Salvador) e especialmente sua coordenação. A autora assume, porém, total responsabilidade pela abordagem escolhida, informações selecionadas e opiniões expressas.

redução da mortalidade concomitante com elevadas taxas de natalidade, intensificando o ritmo de crescimento populacional, resultando na preponderância dos grupos de idade mais jovens no conjunto da população. Porém, já no final do apresenta redução dos índices de natalidade, o que pode ser explicado pela mudança nos papéis das mulheres na sociedade e na família. Juntamente a estes acontecimentos a expectativa de vida da população também aumentou mostrando predomínio de adultos na população da maioria dos países da pesquisa. Portanto o novo perfil etário, a redefinição da posição social das mulheres, repercutiu sobre a configuração das famílias, do mercado de trabalho e da demanda por serviços sociais como a saúde, educação e previdência social.

Os sistemas educacionais da região responderam as mudanças sócio-demográficas com considerável expansão da educação elementar pública e gratuita, que podemos verificar hoje, sobretudo no meio urbano uma tendência à universalização do acesso à escola elementar na infância e adolescência., o que reduziu a disparidade de gênero, que discriminava as mulheres no acesso à educação.

A expansão dos sistemas públicos de educação, neste contexto de profundas desigualdades econômicas, deu-se sob restrição do investimento público, reproduziu modelos pedagógicos seletivos, repercutiu negativamente sobre a aprendizagem e os resultados escolares, fazendo com que grande parte da juventude empobrecida destes países apresentasse trajetórias de fracasso escolar, ao mesmo tempo colocou em desvantagem a educação de adultos e idosos.

> Na transição do milênio, o contexto regional adquiriu características que colocam novas necessidades de aprendizagem e modificam as configurações da EPJA, dentre os quais se destacam: o fraco desempenho da economia regional em razão da inserção subordinada dos países do continente à economia e à cultura globalizadas; o estabelecimento de patamares mais elevados de desemprego, subemprego, trabalho informal e/ou precário, que debilita as organizações sindicais e corrobora a persistência das desigualdades socioeconômicas e níveis extremos de pobreza; o incremento das correntes migratórias intra e internacionais em busca de melhores oportunidades de trabalho, ao lado dos deslocamentos populacionais produzidos pelos conflitos armados; a generalização de processos de democratização com baixo impacto distributivo e sem mudanças substantivas na cultura política; o reconhecimento público da diversidade de gênero, geração, étnico-cultural e lingüística das sociedades, impulsionado pelos respectivos

> movimentos identitários em sua denúncia das estruturas governamentais e instituições sociais predominantemente masculinas, européias e monolíngües; a deterioração do meio ambiente, frente à qual se amplia a consciência e intensifica a resistência dos movimentos socioambientais; a emergência de novos atores e expressões da conflitividade social de que são notórios os levantes indígenas equatoriano, boliviano e mexicano; os sem terra brasileiros; os piqueteiros argentinos; os estudantes secundaristas chilenos, dentre outros movimentos político-culturais da juventude do continente. (Di Pierro, 2008, p.371).

De acordo com Di Pierro (2008), tanto a educação popular quanto a educação de jovens e adultos caminharam para um espaço de disputa entre projetos educativos bastante distintos de um lado, as concepções, discursos, políticas e práticas que, a partir da teoria do capital humano projetam na educação benefícios econômicos para os indivíduos e sociedades, priorizando a qualificação da mão de obra para o desenvolvimento capitalista globalizado, e de outro, aquelas que, privilegiam os valores da justiça e igualdade, sem eliminar as competências e credenciais requeridas pelo mercado de trabalho, possibilitando uma formação técnica que proteja da pobreza intensa e também humana e política para lutar por transformações que assegurem vida digna em ambientes sustentáveis e convivência democrática com respeito à diversidade e aos direitos humanos. Porém as políticas de EPJA na América Latina e Caribe:

> [...] se inscrevem no marco comum das demais políticas sociais desenvolvidas pelos governos da região em contexto de ajuste macroeconômico e reforma do papel do Estado sob orientação neoliberal, subordinando-se às diretrizes de restrição do gasto público, descentralização, focalização e privatização.
>
> Nessa conjuntura, as reformas educativas por meio das quais os países da região procuraram afrontar, a partir de meados dos anos 90, os novos desafios da economia e cultura globalizados, priorizaram atenção e recursos na escolarização elementar de crianças e adolescentes, o que colocou a EPJA em uma posição marginal no discurso pedagógico e na agenda das políticas públicas, ocasionando perdas de hierarquia e especificidade. Essa opção foi influenciada pelo assessoramento de organismos internacionais de cooperação liderados pelo Banco Mundial (que concedeu empréstimos para numerosos programas de melhoria da educação básica), cujas análises econômicas de custo-benefício estabeleceram uma disjuntiva entre a escolarização das crianças e dos adultos. [...] (Di Pierro, 2008, p.379)

A autora continua mostrando que apenas o reconhecimento jurídico é insuficiente para sua garantia, pois embora o compromisso tenha sido assumido no ano 2000 no Marco de Ação Regional da iniciativa de Educação Para Todos, que menciona

explicitamente: “Os países se comprometem a incorporar a educação de jovens e adultos aos sistemas educacionais e dar a ela a prioridade nas reformas educacionais que se realizam, como parte da responsabilidade central dos governos na educação fundamental de sua população”. (Di Pierro, p.379)

Como já mencionado anteriormente, na maior parte dos casos as estruturas governamentais que coordenam as políticas para EPJA são, precárias, de pouca influência política, sujeitas a descontinuidades político-administrativa; portanto incapazes de produzir esforços simultâneos dos diferentes órgãos envolvidos.

Assim, Di Pierro (2008, p.382) mostra que:

> [...] os novos modelos de gestão governamental que emergiram da reforma do Estado na América Latina repercutiram nas políticas de EPJA em duas direções articuladas entre si: a descentralização da provisão dos serviços educacionais em direção aos governos provinciais e locais, e o estabelecimento de parcerias entre órgãos governamentais e organizações da sociedade civil para a prestação dos serviços educativos. Há certo consenso de que a principal motivação para a descentralização dos serviços de EPJA foi a transferência de responsabilidades financeiras aos governos provinciais e locais, e que representou antes um repasse de encargos que uma efetiva descentralização de mandatos de gestão, já que na maior parte dos países as normas, os referenciais curriculares e o desenho dos principais programas continuaram centralizados.

Segundo Di Pierro, o modo de regulação estatal, difundido em toda a América Latina, Caribe e inclusive no Brasil foi o modelo de financiamento público e contratação de serviços de alfabetização, qualificação profissional e educação de adultos realizados por associações civis, instituições filantrópicas, organizações não governamentais e afins, que como pudemos perceber ao longo deste breve histórico apresentou-se ineficaz em promover educação de qualidade para todos. De maneira que para a autora esse fator faz surgir mais recentemente processos de revisão crítica das orientações neoliberais até então predominantes.

A NOVIDADE

GILBERTO GIL

A novidade veio dar à praia
Na qualidade rara de sereia
Metade, o busto de uma deusa maia
Metade, um grande rabo de baleia

A novidade era o máximo
Do paradoxo estendido na areia
Alguns a desejar seus beijos de deusa
Outros a desejar seu rabo pra ceia

Ó, mundo tão desigual
Tudo é tão desigual
Ó, de um lado este carnaval
Do outro a fome total

E a novidade que seria um sonho
O milagre risonho da sereia
Virava um pesadelo tão medonho
Ali naquela praia, ali na areia

A novidade era a guerra
Entre o feliz poeta e o esfomeado
Estraçalhando uma sereia bonita
Despedaçando o sonho pra cada lado

Ó, mundo tão desigual
Tudo é tão desigual
Ó, de um lado este carnaval
Do outro a fome total

CAPÍTULO III - REVISÃO DOS ESTUDOS ANTERIORES

Tomando como eixo a proposta anunciada no título do presente estudo — a educação como prática da liberdade numa sociedade capitalista —, desejamos trazer ao leitor essa questão problematizada pela educação de pessoas jovens e adultas.

Nesse sentido, entendemos que primeiramente precisávamos definir o que entendemos por "educação". Isso implicou na pesquisa, seleção e leitura de uma fortuna crítica de autores que nos ajudariam a encontrar a nossa própria concepção do termo e, então, tomamos como referência as obras de Bruno (1991), Candido (2004), Costa (2004), Di Pierro, Fétizon (2002), Freire (1992) e Kehl (2004), Saviani (1977), e Soares(1990)[14].

Na própria definição dos autores sobre os seres humanos e seus direitos, uma vida digna e uma sociedade mais justa encontramos o nossa definição de educação e de liberdade, outro tema essencial em nosso trabalho. "Educar para quê?" era uma pergunta que rondava nossa mente de forma constante. Essa pergunta nos remeteu à discussão da finalidade da educação, isto é, de seus valores e objetivos, que por sua vez nos levou a pensar que esta discussão não poderia se dar solta no vento das várias idéias e conceitos adquiridos ao longo de nossas várias experiências. Antes, ela precisaria ser calçada em nosso tempo e espaço, situada em nossa sociedade capitalista. Isso posto, estabelecemos sua problematização a partir da experiência de estudantes jovens e adultos trabalhadores.

Desse modo, tratamos também de revisar na literatura a questão da Educação de Pessoas Jovens e Adultas e sua relação com o trabalho[15]. A investigação teórica da questão da Educação de Pessoas Jovens e Adultas localizou sua preocupação no primeiro ciclo do Ensino Fundamental, ou seja, nas turmas de alfabetização. A partir de mais este recorte, definimos, dentre os autores selecionados, as leituras relevantes para o nosso trabalho, para o que passamos a apresentar, a partir deste momento, uma revisão dos tópicos mais relevantes, mediados por nossas observações advindas da leitura do material aqui apresentado e que, certamente, serão o nosso alicerce para a análise do material coletado, quando for a ocasião para tal.

---

[14] Dispomos os autores em ordem alfabética para evitar qualquer tipo de equívoco, posto que apresentaremos nossa posicionamento no corpo do trabalho.
[15] Vide Capítulo I.

III.1. O poder político: as idéias de Lúcia Emília Nuevo Barreto Bruno

Lúcia Bruno (1991) afirma que para compreender a organização e o exercício do poder em nossa sociedade atual é preciso ir muito além da reconstrução histórica, empreendida por grupos e classes vitoriosas. Mesmo a versão da história dos vencedores não lhe parece a pior versão, pois, onde se admitem vencedores, admitem-se derrotados e, desta forma, mesmo degradados, os perdedores teriam um lugar nesta história.

O mais grave, segundo Bruno (1991), é o fato de a história ser apresentada como resultante de um processo social sem sujeitos que se opõem, o que anula a existência de conflitos, de lutas e do próprio derrotado. De acordo com essa perspectiva, é como se os processos sociais ocorressem como certos fenômenos da natureza que se desenvolvem independentemente da ação humana, e segundo o qual só os mais aptos sobrevivem e encontram ali o seu lugar. Inserido em tal quadro, o sujeito da ação não é explicito, e isso é suficiente para estabelecer os vencedores sem admitir a existência dos derrotados. Assim sendo, a identificação entre um conjunto de forças cegas naturalizadas e os vencedores relega o outro pólo desta relação à invisibilidade. A partir da naturalização da realidade social, estes se apresentam como herdeiros incontestes dos *privilégios* de que desfrutam e não vêem a si mesmos como sujeitos da ação, pois isso implicaria responsabilidades políticas, e questionaria a crença de que são apenas os legítimos herdeiros da história.

A autora prossegue e explica que essa idéia destina-se a mostrar que na história não há lugar para os derrotados, os sem rosto, sem identidade; para a chamada massa. Segundo o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, 30 milhões de brasileiros mereciam ser ao menos objeto de políticas educacionais que tenham em vista dar-lhes a formação básica para poderem obter fontes alternativas de renda, mesmo sabendo que o trabalho informal para a classe trabalhadora *pauperizada* significa trabalho mal pago, sem previdência social, sem os *direitos* trabalhistas conquistado a duras penas.

Nesta perspectiva, os centros de poder, através de diversos mecanismos, esforçam-se para *moldar* a massa[16], retirando-lhes seu passado e deixando-as na precariedade da individualidade. Além disso, a autora nos alerta que atualmente o elemento básico da massa não é necessariamente o indivíduo: pode ser também o grupo.

Bruno, questiona como pudemos chegar a esta situação de extrema pulverização das práticas sociais e das individualidades, por ordem imposta de cima. "De onde vem este sentimento hoje tão presente nas consciências da impossibilidade de engendrarmos em nós mesmo o político?" Ela define "político" como a capacidade de tomarmos decisões, apoiados pelo sentimento de pertença a um grupo decorrente de um conjunto integrado de práticas compartilhadas. A destruição de laços sociais horizontais leva à obediência de um princípio organizador ditado por uma estrutura de poder encarnada em entidades miticamente apresentadas, tais como o Estado ou o mercado.

A racionalidade do Estado que Hegel enalteceu, enquanto figura do espírito que pensa a si mesmo na medida em que representa mais do que interesses em presença, é incompreensível diante da particularização dos interesses que esse Estado representa e faz valer. A racionalidade tornou-se irracionalidade por meio da violência, e essa situação sustenta a ilegitimidade do Estado, que continua sendo visto como inevitável — quando não é visto como solução.

Encontramos, no centro da política atual, a violência de uma injúria. Tal injúria penetrou a política, localizando sua trama mo momento em que se dá a grande inversão de sentido na ação política, passando de ação coletiva que visa ao bem comum para ação monopolizada por alguns que fazem valer seus interesses particulares. Dessa forma, a autora propõe uma reflexão sobre essa injúria penetrante, que encontra abrigo para sua dissimulação na imprecisão do conceito de democracia.

Tal reflexão levou a autora a estudar sociedades ditas primitivas e seus esforços para construir uma sociedade vivível. Essas sociedades atestam as inúmeras possibilidades abertas às sociedades humanas nas suas infindáveis tentativas do viver junto.

---

[16] O termo "massa", segundo, a autora expressa a fragilização das relações sociais horizontais, caracteriza o máximo do totalitarismo como forma de organização e exercício do poder sobre um coletivo unificado pelo terror, que é assim transformado em massa.

No entanto, Bruno (1991) restringe sua análise a certos aspectos da organização política dessas sociedades, e não na riqueza da sua totalidade, pois acredita que conhecer aquelas sociedades que mais se distanciam de nós nos ajuda a compreender a sociedade em que vivemos.

Para realizar esse trabalho, a autora buscou uma perspectiva teórica baseada na abordagem da realidade social e suas diferentes formas de organização, incluindo desde as sociedades consideradas mais primitivas até as mais contemporâneas. Eu seu subtítulo "O político como fundamento do social" Bruno (1991) procura retomar a relação entre natureza (realidade natural) e cultura (realidade social) devido à importância para sua discussão acerca do político.

A autora considera uma infelicidade teórica insistir na distinção entre realidade natural e realidade social, embora não se situe entre aqueles que acreditam que marcar diferenças implique necessariamente hierarquizá-los. Ela começa por referir as especificidades de cada realidade, estabelecendo suas diferenças para inserir o político como elemento que funda as sociedades humanas, distinguindo-as dos agrupamentos dos animais. A autora aponta estudos desenvolvidos no campo das ciências da natureza, que mostram que mesmo a realidade natural não é dada e imutável; antes, trata-se de um conjunto complexo de relações e interações permanentes entre seus elementos, diferenciando-se da realidade social por se relacionar de forma direta, sem meio externo algum que se lhes interponha.

> Ainda que, como Maturana, a evolução das espécies não se desenvolva a partir da adaptação pura e simples ao meio ambiente nem da competição entre as espécies, mas da criatividade dos organismos vivos e atuar interativamente na esfera da realidade natural, os elementos estão em contato imediato e é assim que vivem e se reproduzem, [...] (BRUNO, 2001)

Ao contrário: os seres humanos se relacionam entre si e com a natureza, mediados por meios que são externos — as instituições sociais, que são meios artificiais criados por eles próprios no processo de se relacionarem uns com os outros e que se mantêm externos a eles. A satisfação das necessidades humanas implica uma ação que imponha a presença do outro; dessa maneira é que, em meio a este processo de relações recíprocas, emerge a linguagem simbólica humana. "Assim os homens vivem num mundo artificial de

instituições e símbolos por eles criados no processo do entrar em relação uns com os outros” (BRUNO, 2001).

Marx rompe com a tradição filosófica de sua época concebendo a ação humana na sua institucionalidade, retirando dela o caráter individual, transformando a prática em práxis, ou seja, deixando de concebê-la como ação prática direta para ser pensada como prática que só pode se realizar mediante instituições. Somente entrando em relação os homens podem se afirmar como singularidades, e não apenas como elementos de uma espécie. Ao compartilhar aspectos práticos no interior das instituições sociais, diferentes indivíduos se reconhecem como membros de uma mesma coletividade, afirmando a possibilidade da comunicação, onde não apenas a língua é compartilhada, mas também *regras, valores, objetivos e expectativas*.

Nesse sentido, como o “eu” é definido pela relação de oposição com outro, na esfera das instituições acontece o mesmo processo; uma dada instituição só especifica relativamente as demais num processo permanente de negação e afirmação. Sendo assim, o fundamento das sociedades humanas não é apenas a existência da diferença, mas sua afirmação permanente, sendo esta sua condição de existência, porquanto a necessidade da troca decorra daí.

Para a autora, se distinguimos a realidade natural da realidade social por ser produtora de instituições e de símbolos, sua especificidade decorre da capacidade humana de criar a regra e de estabelecê-la como norma de conduta. Não há institucionalização de práticas sem o fundamento da regra. O processo de criação das instituições deve, então, ser entendido como o processo da realização das práticas fundado pela regra, que depende da linguagem simbólica, instituindo e separando a prática humana do instinto, situando-a como parte da cultura.

De acordo com Bruno (1991), Lévi-Strauss afirma o processo de institucionalização da ação humana pela regra ao retomar o tabu do incesto, pois a proibição do uso sexual da filha ou da irmã obriga a dar a filha ou a irmã em casamento o outro homem, ao mesmo tempo em que cria um direito e uma proibição sobre a filha deste mesmo homem. “A proibição equivale a uma obrigação; e a renúncia abre caminho a uma reivindicação” (*apud* BRUNO, 2001). Logo, todas as estipulações negativas da proibição têm uma contrapartida positiva, e essa fórmula leva ao argumento central de Lévi-Strauss — a proibição do

incesto, assim como a exogamia, é uma regra de reciprocidade. A partir disso, o ponto central do autor passa a ser a troca ou permuta. Ele apresenta a resolução do mistério que cerca a proibição do incesto como uma regra, como um fato da cultura que se impõe como natureza. Para a autora, importa "assinalar a regra como fundamento da constituição dos agrupamentos humanos e afirmá-la como o elemento que enlaça natureza e sociedade" (BRUNO, 1991). Assim, no plano coletivo, a proibição do incesto regulamenta a circulação de mulheres, substituindo a lei natural do acasalamento pela regra. Ou seja, por meio de uma criação humana que assegura a sociedade como pertencente à ordem da cultura, a sociedade se desenvolve na esfera das instituições, e não na esfera natural. Desse ponto, ela conclui que é impossível pensar a sociedade em estado natural, sem o fundamento da regra e distingue a regra em dois níveis: o da regra fundadora enquanto entrada para a cultura, e o da regra enquanto meio e conseqüência da vivência em conjunto. "Em qualquer destes níveis que a regra se institui o político, se afirma como fundamento do social; como condição de existência das sociedades humanas" (BRUNO, 1991).

Tema recorrente na Filosofia e na Sociologia, a contradição entre a necessidade do submeter-se à regra e o desejo de dela escapar, encontrada na base dos infindáveis conflitos entre indivíduo e sociedade, foi trazida por Clastres para o centro da Antropologia Política.

Bruno (1991), por meio de Clastres, apresenta o exemplo dos índios Guaiaqui. Esse exemplo nos mostra através da linguagem a compreensão de uma sociedade que sabe e aceita que "não se pode ganhar em todos os planos, que não se pode deixar de respeitar as regras do jogo social, e que o desejo de dele não participar, conduz a uma grande ilusão"(BRUNO, 1991, p.86). Porém, nas sociedades civilizadas, esse desejo de escapar do universo da regra comum não tem se satisfeito na esfera do sonho ou da arte, de modo que essas sociedades passam a buscar a realização dessa ilusão enquanto prática social — o que fazem através dos mitos.

Dessa forma, ao considerar o ser político como a substância do humano, a autora nos diz que não podemos falar do homem natural, pois o homem só existe enquanto ser político. Na perspectiva apresentada por ela, "o político regula a vida humana na sua totalidade. O político não é uma dimensão que vem acrescentar-se ao homem já vivendo em sociedade, o político é o fundamento da vida em comum". (BRUNO, 1991).

A vida em comum, a que chamamos de sociedade, não é a mera adição de práticas, instituições e organizações sociais em inter-relação — ao contrário, constitui-se numa totalidade complexa que se desenvolve a partir de pratica estruturantes, que se dão por meio de instituições. Assim, esta dimensão conflituosa do ser entre os desejos de onipotência e os limites que o viver uns com outros impõe representa a cisão sobre a qual se estrutura a subjetividade humana, que é um dos maiores desafios impostos ao viver em sociedade. Para Bruno (1991), talvez por isso Hobbes tenha formulado sua concepção de "guerra permanente".

Retomando a sociedade Guaiaqui, a autora nos relata que embora as trocas se dêem na forma dramática de uma competição, a permanência do contato social exige que não haja vencedor nem vencido e que os ganhos e as perdas se equilibrem constantemente para cada um. As vitórias estão reservadas, então, à esfera do sonho.

As práticas estruturantes estabelecem os limites e os contornos gerais a partir dos quais haverão de se desenvolver, se reconstruir ou desaparecer as demais práticas sociais. Estas se instituem e se desenvolvem em duas dimensões: a que afirma a capacidade humana de estabelecer suas normas, princípios e valores que organizam as relações sociais, produzindo as formas institucionais em que uma sociedade haverá se constituir e de se reproduzir, sem a outra dimensão, e aquela que afirma a capacidade humana de transformar elementos da natureza, em valores de uso garantindo a sobrevivência social. As duas não existem separadamente, pois uma sustenta a outra. Considerando que esta hipótese seja aceitável, precisamos pensar em sociedades regidas pelo princípio da igualdade na diferença. A sociedade capitalista organiza e pensa estas duas dimensões em sistemas distintos — o político e o econômico —, existindo em paralelo.

> As duas dimensões em que se constituem as praticas estruturantes; a econômica e a política são por ele regidas. De tal forma que as instituições que daí decorrem só podem reproduzi-lo e, se a diferença permanece como substrato do social, é na reciprocidade, isto é, na troca entre iguais, que elas são vividas. Nestas situações o político e o econômico são indistinguíveis, no sentido de não se realizarem em sistemas distintos e especializados, pois permeiam o conjunto das organizações e das praticas sociais (BRUNO, 1991).

No entanto, em sociedades onde as diferenças são vividas de acordo com o princípio da desigualdade, a organização das relações cuida de reproduzi-la, pois as diferenças se

afirmam em relações de oposição, institucionalizando relações ente dominadores e dominados; exploradores e explorados, constituindo os eixos organizadores da sociedade.

Para manter a coesão social tal sociedade, precisa manter um conjunto de organizações e mecanismos especializados que buscam manter a unidade, seja por meio da violência ou da coerção. Novamente, a autora retoma Hobbes para afirmar que autor demonstra lucidez ao afirmar a inelutabilidade do Estado — o deus mortal. Para Bruno (1991), Hobbes é ao autor que vai mais longe na análise do poder político em situações de desigualdade, apontando como engano o fato de considerar esta estrutura de poder inevitável em qualquer tipo de organização social.

> Outra famosa formulação de Marx destacada pela autora: é a pratica que determina as formas de pensar e não o inverso'. Ou seja, é porque o homem é um homem de ação e porque esta ação é sempre social que ele pensa e cria um conjunto de representações simbólicas que se constituem em sistemas que orientam a ação (BRUNO, 1991)

Bruno (1991) ainda ressalta que as praticas sociais que garantem a reprodução material da vida em sociedade são impensáveis fora da regra, ou seja, do político. Assim, não existe economia fora da regra, não é possível conceber uma economia apolítica, e o poder político só pode ser pensado como prática.

Assim, para evitar rodeios, a autora diz que para compreendermos as sociedades humanas não basta compreendermos que a dominação política e exploração econômica são, na prática, indissociáveis, não podem prosseguir e reproduzir-se separadamente, conformando estruturas sociais. O ato de exploração do trabalho alheio é um ato de dominação e, como tal, já é o exercício do poder sobre o outro.

Por conta do vasto material empírico sobre sociedades não cindidas encontrado na Etnologia, bem como as lutas registradas na história contra a realidade da cisão, na qual uma pequena parte da sociedade se destaca e se afirma como únicos sujeitos da política e da economia sobre o restante, Bruno (1991) pode afirmar que as possibilidades de se viver junto não se resumem a variantes de viver a diferença na desigualdade. Considerando essas duas possibilidades do "viver junto" — a igualdade na diferença; e a diferença como desigualdade — podemos, segundo a autora, abordar a relação entre a esfera social (das instituições) e a esfera da natureza: "penso que é na articulação de três esferas distintas

entre si — a esfera das instituições (da prática social), a esfera simbólica e a esfera da natureza — que a vida humana transcorre" (BRUNO, 1991).

A sociedade ocidental opõe contraditoriamente a esfera das instituições à esfera da natureza, sendo a primeira ao sujeito da ação e a segunda o objeto a qual esta ação transcorre. Desse modo, a prática social é sempre uma prática sobre e contra a natureza. A antropologia, porém, nos mostra que povos indígenas vivem essa relação com a natureza de outra forma, não chegando sequer a distinguir a ambas.

Bruno (1991) ainda cita Descola, segundo o qual "o referencial comum a todos os seres da natureza não é o homem enquanto espécie, mas a humanidade enquanto condição" (*apud* BRUNO, 1991), que é confirmado por Viveiros Castro, que desenvolve uma concepção que se fundamenta na crença de que o elemento comum a todos os seres vivos é a humanidade, e não a animalidade.

Ainda sobre a sociedade e o poder político, a autora considera que a regra funda a possibilidade das sociedades humanas, seu cumprimento garante a reprodução da vida coletiva, introduzindo-se aí um outro elemento: o poder.

> O poder é inseparável do político, ou o político contem o poder, na medida em que não basta a uma sociedade ser capaz de tomar decisões, suas normas e funcionamento, seus códigos sociais, seus sistemas de valores; é preciso fazer valer. Esta capacidade de auto-governo que implica a capacidade de instituir e fazer cumprir a regra, decorre não do desejo, mas da necessidade do viver junto. Este viver junto, embora silencioso geralmente não notado, só dele nos apercebemos quando se decompõem, ou quando está ameaçado, nos é imperativo e, como não há sociedade, ou antes, não existe agrupamento humano sem a regra, não existe sociedade sem poder político, pois se não se pode fazer cumprir a regra, a sociedade não se constitui (BRUNO, 1991).

Para a autora, não negociamos através de um contrato a nossa pertença ao poder político, pertencemos a ele de um modo diferente da escolha, na medida em que ele também nos pertence, enquanto membro de uma coletividade. O que se pode negociar são as formas de organização e as bases desse poder político que garante a vida em comum. Nesse sentido, o poder político é um atributo de qualquer sociedade humana, e não pode ser confundido com uma de suas formas de organização e exercício: O Estado. Muitas sociedades arcaicas ou tribais são desprovidas de Estado; porém, não o são da sua

capacidade de tomar decisões, de estabelecer normas e de fazê-las observadas, ou seja, de se auto-governar. Isso significa, então, que não podemos falar de sociedade sem poder político, pois isso a excluiria da esfera da cultura e, na esfera da natureza, estaria junto aos agrupamentos dos animais.

> O poder político sendo a garantia da ação comum, é a garantia do agir político. Usurpá-lo de cada um de nós é nos negar a condição humana, assim como a ele renunciar é uma forma de suicídio (BRUNO, 1991).

Neste ponto, a autora discorda de praticamente a generalidade dos estudiosos do político que identificam a necessidade da norma comum, assim como a capacidade de criá-la e fazê-la observada, tal como o Estado. Para Bruno (1991), a mesma operação que instaura a cultura instaura a política e com ela a capacidade de fazê-la observada.

> A política entendida como esfera eminentemente humana faz ser a sociedade muito mais que adição de seus indivíduos ou mesmo de suas instituições e a diferença entre adição que ela não é e o sistema que a define consiste nesta capacidade humana de criar as condições institucionais, de viver a diferença na troca; na troca de bens, de dons, de mensagens e de mulheres, a partir da qual nos ligamos uns aos outros (BRUNO, 1991).

O poder político exerce um duplo registro que pode ser benevolente ou severo. Nesse âmbito, as duas dimensões se impõem a qualquer agrupamento humano e a sua aceitação é o preço da renúncia a ser cria de lobos ou de ursos nas florestas “Na esfera do humano não existem paraísos, mas realidades sociais pautados pelos limites inscritos nas normas coletivas” (BRUNO, 1991).

A autora novamente recorre a Clastres quando associa o poder coercitivo à dimensão severa e o não-coercitivo à dimensão benevolente. Citando Clastres, ela afirma:

> O Poder como coerção (ou como relação de comando-obediência) não é o modelo do Poder verdadeiro, mas simplesmente um caso particular, uma realização concreta do Poder político em certas culturas, tal como a ocidental. Não existe, portanto nenhuma razão cientifica para privilegiar esta modalidade de poder a fim de fazer dela o ponto de referencia e o principio de explicação de outras modalidades diferentes (Clastres *apud* BRUNO, 1991).

Bruno (1991) nos informa que sua referência foi as sociedades tribais, que puderam preservar no seu ser indiviso até serem destruídas, de início, pelas monarquias absolutistas européias que expandiram suas práticas de dominação para os povos dos continentes até então desconhecidos e, em seguida, num processo que procede até nossos dias, por regimes que impunham com inigualável soberba o título de democracias.

A autora, considera o Poder político como atributo da sociedade.A etnologia tem nos fornecido material abundante acerca de sociedades que produziram arranjos políticos bem distintos daqueles que conhecemos nas sociedades ocidentais, bem como nos permitiu compreender as inúmeras possibilidades de organizá-lo, exercê-lo e sofrer seus efeitos. Como diz Balandier, “temos de considerar todos os mecanismos que contribuem para manter ou recriar a cooperação interna, tais como os rituais e cerimônias que garantem a reprodução da sociedade sem ser necessário o recurso à violência e à coerção” (*apud* BRUNO, 1991). Tal quadro caracteriza o fato de viver uma dinâmica que parece existir para neutralizar forças desagregadoras. A inexistência de cisões na esfera econômica e na esfera política não permitia a emergência de instituições por eles conhecidas de tal forma que tiveram de defini-las; Sociedade sem Estado, sem mercado, sem lei, sem igreja, sem escola.

Essas sociedades foram enganosamente definidas como sociedades sem história, precisando, assim, de uma nova ciência para estudá-las: a antropologia. Ao mesmo tempo, classificaram-nas como “sociedades selvagens”, querendo configurar uma ausência de instituições, uma situação de natureza. No entanto, a antropologia ultrapassou tais limites, conferindo-lhes o estatuto de povos de cultura, ainda que continuasse a considerá-las num estágio inferior aos das sociedades ditas civilizadas. Isso se deu devido à ausência de uma estrutura de poder especializado e de uma máquina de produção estruturada a partir de desigualdades profundas.

Quando nos voltamos para estas sociedades, o que nos interessa é a compreensão de como elas puderam existir sem um aparelho especializado de poder e sem o recurso permanente a violência e a coerção. Tais sociedades sem Estado foram chamadas de formas etnocêntricas, como sociedades acéfalas. Lévi-Strauss, surpreso e admirado, relata a resposta de um índio nambiquara, explicando que por mais impressionante que seja a fórmula ela é menos significativa que o nome que serve para designar o chefe em sua

língua, ou seja, aquela que une ou aquele que liga junto. Clastres analisa os traços da chefia indígena ao longo das duas Américas e destaca três atributos:

1 - Ser capaz de garantir a paz, atuando como moderador do grupo, mantendo a sua unidade;

2 - Ser generoso com seus bens;

3 - Ter o dom da palavra.

A autora considerou cada uma dessas três características.Como aquele que garante a paz a chefia indígena não recebe nenhum tipo de respaldo pelas múltiplas atividades que desempenha; ela não toma posse de uma posição de liderança. O chefe é um príncipe entre os homens. O seu prestígio pessoal e a confiança que inspira fundamentam o exercício da chefia; o consentimento da sociedade está na base e na origem desse poder legitimando. Como diz Clastres, “o Poder normal, civil, fundado no consenso [...] e não sob pressão é assim de natureza profundamente pacífica [...] mas que um juiz que sanciona, ele é um arbitro que busca conciliar” (*apud* BRUNO, 1991).

No que diz respeito à generosidade, destacamos o seguinte trecho do texto da autora: “avareza e poder não são compatíveis, para ser chefe é preciso ser generoso” (BRUNO, 1991). Os chefes dessas tribos vivem em estado de penúria, pois sendo uma de suas tarefas a de cuidar do excedente, vêem-se impedidos de acumular bens, evitando o surgimento de desigualdades no campo econômico e, assim, evitando também o risco da divisão dessa sociedade entre os que muito têm e os que nada possuem.

O chefe da tribo deve plantar caçar e colher seus próprios alimentos. Um líder da tribo Kapauko foi morto por não ser suficientemente generoso. Ao morrer, ouvia os gritos de “morte aos tiranos”, “você não deveria ser o único homem rico, deveríamos todos sê-los e você é igual a nós”. Percebemos que esse sistema de chefia cria fórmulas de limitar as próprias contradições internas que prova, estabelecendo limite ao desenvolvimento da chefia enquanto autoridade política.

Por último, a palavra do chefe é aquela que regula as disputas, a que faz a mediação de conflitos, a que busca a conciliação. É por excelência a palavra que une, é a palavra da sociedade, e não do seu próprio desejo. O legislador é o fundador da sociedade, a lei da qual o chefe é porta-voz. A substância de seu discurso possui sempre como referência a lei

ancestral que ninguém pode transgredir, pois é a essência da sociedade. Uma vez que a palavra do chefe é a palavra da sociedade, ela é também a palavra do poder — mas do poder como atributo *da sociedade* e nunca da chefia, posto que esta não possui palavra própria.

Por volta do ano 1560, Montaigne relatou um encontro com três índios brasileiros. Encantado, ele pergunta a um chefe tribal de onde provinha a sua ascendência. A resposta dada pelo chefe indígena afirmava que ele era o primeiro a seguir para a guerra, correndo o risco de ser o primeiro a morrer. Para ele nada caía do céu, ele não vivia à custa de sua situação, porque a glória é intransmissível e não funda nenhum privilégio.

Estes três traços da chefia mostram a face benevolente do poder. A chefia não se constitui como um centro de poder separado das demais instituições sociais. Nesse tipo de arranjo político, o poder político se organiza e se exerce a partir de diversas instituições, sem que nenhuma se centralize. Na dimensão benevolente do poder predominam as relações sociais horizontais. Aquelas sociedades ignoravam a lei separada da sociedade, na qual numa sociedade dividida impõe o poder de alguns sobre muitos. As leis que elas aprendem é a lei que diz a cada um: tu não és menos importante nem mais importante que ninguém [...] tu não terás o desejo do poder, nem desejarás ser submisso. A possibilidade da vertente benevolente do poder como elemento estruturante da vida social só está aberta para sociedades que puderem manter sob o seu controle o atributo exclusivo do poder político que lhe é inerente, afastando a possibilidade da divisão em dominados/explorados de um lado; dominadores/exploradores de outro, impedindo o surgimento do Estado, que é a mais pura expressão e garantia dessa divisão.

A autora nos pergunta: Qual o sujeito; qual o objeto?Em que medida a organização política das sociedades não cindidas e a sabedoria indígena nos ajudam a melhorar, a melhor pensar a sociedade em que vivemos, a compreender a dimensão da grande inversão de sentido na prática política? Elas nos fazem pensar sobre a ação coletiva, visando ao bem-estar comum, sobre a ação monopolizada por alguns, tendo em vista fazer valer seus interesses particulares. Elas nos ajudam a melhor pensar o mito do Estado.

Não só o estudo das sociedades apresentadas, mas sua existência faz explodir o mito do Estado, pois o recoloca em tempo histórico humano, não eterno, não sendo o Estado posto na origem do ser político, e sim o homem. Nesse sentido, o Estado pode aparecer

como resultado da cisão do corpo social, de um movimento que opõe no interior de uma relação contraditória dois conjuntos sociais que só existem nesta relação. A base histórica e sociológica para este encontra-se onde a sociedade não é mais sujeito da ação política e é substituída por aqueles que a monopolizam transformando o poder originário da sociedade em mero objeto. A privação enquanto processo é vivida por parte da sociedade como privação do seu ser político, que foi capturado e monopolizado pela outra parte nos dois registros das práticas estruturantes: o econômico e o político. Não por acidente histórico, todas as sociedades de exploração são sociedades de estado. Isso ocorre por duas razões:

> primeiro, porque é impossível garantir a exploração do trabalho alheio sem o recurso à violência e à coerção; segundo porque é impossível evitar que as relações de oposições na esfera econômica se transforme em relação de luta; em guerra de classes, na ausência de um Leviatã, que a todos aterrorizam, garantindo por aí, que as cisões se reproduzam como eixo social (BRUNO, 1991).

A autora considera o Estado num sentido bastante amplo, entendido como uma estrutura de poder constituída por todos os mecanismos e instituições que garantem, numa dada sociedade, a reprodução das desigualdades. Portanto, na sua afirmação de que não existe economia fora da política numa sociedade cindida, o processo de privação na política se reproduz como privação na esfera econômica:

> no contidiano do trabalho, a privação de que é vitima o trabalhador se expressa na privação do controle do seu próprio tempo de trabalho, das condições em que trabalham, do uso de sua capacidade de trabalho e, finalmente, do produto do seu trabalho (BRUNO, 1991).

Isso é o que Marx definiu como alienação em seus primeiros escritos passando a substituir pelo conceito de mais-valia na obra “O capital”. Fora dos locais de trabalho, a privação do político se realiza como privação do direito de tomar decisões, do direito de escolha; do agir político. Assim, a participação do cidadão não significa mais do que participar do processo de legitimação das decisões que foram tomadas em seu nome, dentro de um arranjo que o exclui.

Na sociedade de exploração, segundo Thiers “em troca da vida, tinham a vida perdida” (*apud* BRUNO, 1991). O poder político coletivo passa, então, a ser poder político monopolizado por alguns, e opera como violência e coerção de alguns sobre muitos. Aqui, a tortura — tão condenada nos rituais indígenas — não é um ritual de passagem: é praticada de forma intermitente. Nas palavras de Bruno (1991),

> penso que a tortura visa antes de tudo humilhar e a humilhação aceita não é senão a aceitação do poder usurpado, a aceitação das hierarquias; da voz de comando. Assim, a tortura enquanto humilhação opera como mecanismo de controle social, garantindo a aceitação da privação daí sua generalização, podendo ser observada nas políticas de recursos humanos das empresas, nas prisões, nas escolas, nas universidades, nos programas televisivos, na generalidade das organizações que tem a hierarquia como fundamento prático (BRUNO, 1991).

Esse momento característico das sociedades contemporâneas é, pois, apresentado como o momento máximo do desenvolvimento do totalitarismo, enquanto forma de organização e exercício do poder sobre um coletivo, que é transformado em massa social, ou seja, uma situação de extrema fragilização das relações sociais horizontais em qualquer esfera da realidade social, que simultaneamente fortalece as relações verticalizadas — que, por sua vez, “prendem” as individualidades num vértice onde o poder os unifica no terror, não necessariamente policial, mas no terror do desemprego, da humilhação, da fome, da doença, do desprezo e da exclusão.

Finalmente, Bruno (1991) conclui que se não perdermos o ser político que habita em nós, se formos capazes de reconhecê-lo até nas tribos mais pobres, ainda seremos capazes de lutar contra um poder que organiza nosso cotidiano como uma sucessão de privações, transformando-nos em meros elementos da massa. Se formos capazes de perceber tudo isso é porque nem tudo está perdido, pois, como os vários registros da história mostram, poderemos lutar contra essa violência que insiste em nos destruir como seres da cultura, dado que o poder político, enquanto potência, permanece em cada um de nós — a despeito da vigência do mais totalitário dos poderes usurpados.

III.2. O direito à literatura: as idéias de Antonio Candido

Ao lermos o material teórico de Candido, procuramos compreender o aspecto dos Direitos Humanos e da literatura, e por isso passamos a apresentar algumas de suas reflexões prévias sobre os próprios Direitos Humanos.

Segundo Candido (2004), chegamos ao máximo de racionalidade técnica e de domínio sobre a natureza, o que poderia ajudar a resolver grande parte dos problemas materiais do homem. No entanto, a irracionalidade do comportamento é também máxima. Candido (2004) mostra que basta olharmos para o Brasil e verificarmos que quanto mais cresce a riqueza, mais aumenta a péssima distribuição dos bens.

Na Grécia antiga, por exemplo, teria sido impossível pensar numa distribuição eqüitativa dos bens materiais, porque a técnica era limitada e ainda não permitia superar as formar brutais de exploração do homem, e tampouco criar abundância para todos. Em nosso tempo, porém, poderíamos pensar nisso, mas o que ocorre é que pensamos relativamente pouco num tema que *a priori* é essencial para uma digna condição humana.

Para o autor, essa insensibilidade nega uma das linhas mais promissoras da história do homem ocidental. Ele se refere às idéias amadurecidas no decorrer dos séculos XVIII e XIX, que geraram o liberalismo e encontraram no socialismo a sua manifestação mais coerente. Acreditava-se que removidos obstáculos tais como a ignorância e os sistemas despóticos de governo, as conquistas do progresso seriam canalizadas no rumo imaginado pelos utopistas, porque a instrução, o saber e a técnica levariam necessariamente à felicidade coletiva. No entanto, o autor admite que mesmo onde os obstáculos foram removidos a barbárie continuou.

Segundo Candido (2004), nossa época, embora seja ligada ao máximo de civilização conhecida pelo homem, é profundamente bárbara. Por isso, para ele o movimento pelos direitos humanos não se encontra mais através da busca do estado ideal, sonhado pelos utopistas racionais, mas na busca do máximo viável de igualdade e justiça. Afinal, os meios materiais necessários para nos aproximarmos desse estágio existem e, se existe a possibilidade, a luta ganha maior cabimento.

Candido (2004) afirma que a barbárie até vem crescendo, mas como não se vê mais o seu elogio: temos perspectivas animadoras, pois o mal é praticado, mas não proclamado como antes o era. Dito de outra forma, quer dizer que o mal não é encarado com tanta naturalidade.

A imagem da injustiça social passa a se constrangedora, e a insensibilidade em face da miséria deve ser pelo menos disfarçada, mesmo que hipocritamente, porque pode comprometer a imagem dos dirigentes. No entanto, para o autor, mesmo este incômodo egoísta mostra que pelo menos a média da opinião não é indiferente. "Todos são invariavelmente de *centro* e até de *centro-esquerda*, inclusive os francamente reacionários" (p.171).

De um ponto de vista otimista, a fome, a falta de moradia e a falta de emprego poderiam ser encaradas como manifestações infusas da consciência cada vez mais generalizada de que a desigualdade é insuportável e pode ser atenuada consideravelmente no estágio atual dos recursos técnicos e de organização em que nos encontramos. Para o autor, "talvez se possa falar de um progresso no sentimento do próximo, mesmo sem disposição correspondente de agir em consonância. E aí entra o problema dos que lutam para que isso aconteça, ou seja: o problema dos direitos humanos" (p.172).

Para o sociólogo e professor de literatura, o pressuposto dos direitos humanos é reconhecer que aquilo que consideramos indispensável para nós é também indispensável para o próximo. Para tanto, é necessário um esforço de educação e de auto-educação, pois a tendência é acharmos que nossos direitos são mais urgentes do que os direitos do próximo. Nesse sentido, as pessoas são freqüentemente vítimas de uma curiosa escuridão:

> elas afirmam que o próximo tem direito, sem dúvida, a certos bens fundamentais, como casa, comida, instrução, saúde, coisas que ninguém bem formado admite hoje em dia que sejam privilégio de minorias, como são no Brasil. Mas será que pensam que o seu semelhante pobre teria direito a ler Dostoievski ou ouvir os quartetos de Beethoven? (CANDIDO, 2004, p.172).

Apesar das boas intenções no reconhecimento do setor da subsistência, talvez, para muitos seja inimaginável pensar uma pessoa da classe social menos (ou nada) abastada lendo Dostoievski — segundo o autor, não por mal, mas somente porque quando arrolam os seus direitos não estendem estes ao seu semelhante, e assim o esforço de incluir o

semelhante no mesmo elenco de bens que reivindicamos acaba por falhar na base da reflexão dos direitos humanos.

Candido (2004) afirma precisar do auxílio de Lebret, que distingue entre “bens compressíveis” e “bens incompressíveis”, para discussão do problema dos direitos humanos, pois a maneira de conceber estes direitos depende daquilo que classificamos como bens incompressíveis, isto é, os que não podem ser negados a ninguém.

> Certos bens são obviamente incompressíveis, como o alimento, a casa, a roupa. Outros são compressíveis, como os cosméticos, os enfeites, as roupas supérfluas. [...] O fato é que cada época de cada cultura fixam os critérios de incompressibilidade, que estão ligados à divisão da sociedade em classes, pois inclusive a educação pode ser instrumento para convencer as pessoas de que o que é indispensável para uma camada social não é para outra (CANDIDO, 2004, p.173).

A classe média brasileira da época do autor alegava que os pobres não estavam acostumados a bens que só admitiam a si mesmos e dos quais não sentiriam falta. Por esse motivo Candido (2004) recorre à definição de Lebret:

> São bens incompressíveis não apenas os que asseguram a sobrevivência física em níveis decentes, mas os que garantem a integridade espiritual. São incompressíveis certamente a alimentação, a moradia, o vestuário, a instrução, a saúde, a liberdade individual, o amparo da justiça pública, a resistência a opressão etc.; e também o direito à crença, à opinião, ao lazer, e porque não, à arte e à literatura (CANDIDO, 2004, p.174).

Assim, para o autor, a consideração da arte e da literatura como bem incompressível pressupõe uma organização justa da sociedade.

Os seres humanos possuem necessidades profundas, que não podem deixar de ser satisfeitas sob pena de desorganização pessoal, ou pelo menos de frustração mutiladora. A questão básica para Candido (2004) é saber se a literatura é uma destas necessidades. Para isso, aborda a literatura da maneira mais ampla possível, considerando todas as criações de toque de lírica, de prosa ou de drama em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda e chiste até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações. Vista deste modo, a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação.

> Assim como todos sonham todas as noites, ninguém é capaz de passar vinte e quatro horas do dia sem alguns momentos de entrega ao universo fabulado. O sonho assegura durante o sono a presença indispensável deste universo, independentemente da nossa vontade. E durante a vigília a criação ficcional ou poética, que é mola da literatura em todos os seus níveis e modalidades, está presente em cada um de nós, analfabeto ou erudito, como anedota, causo, história em quadrinhos, noticiário policial, canção popular, moda de viola, samba carnavalesco. Ela se manifesta desde o devaneio amoroso ou econômico no ônibus até a atenção fixada na novela de televisão ou na leitura seguida de um romance (CANDIDO, 2004, p.174-175).

O autor argumenta que se ninguém pode passar 24 horas sem mergulhar no universo da ficção e da poesia, a literatura concebida no sentido amplo parece corresponder a uma necessidade universal, que precisa ser satisfeita e cuja satisfação constitui um direito. Portanto, a discussão dos direitos humanos nos leva à discussão dos direitos à literatura, também.

Candido (2004) usa um conceito de Otto Ranke sobre o mito, ao afirmar que podemos dizer que a literatura é o sonho acordado das civilizações. Uma vez sabido que não pode haver equilíbrio psíquico sem o sonho durante o sono, talvez não haja equilíbrio social sem a literatura. Entendida dessa maneira, a literatura é fator indispensável de humanização porque atua em grande parte no subconsciente e no inconsciente: “cada sociedade cria suas manifestações ficcionais, poéticas e dramáticas de acordo com os seus impulsos, as suas crenças, os seus sentimentos, as suas normas, afim de fortalecer em cada um a presença e a atuação deles” (CANDIDO, 2004).

Entendida como equipamento intelectual e afetivo a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação.

> Além de literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apóia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. Por isso é indispensável tanto a literatura sancionada quanto a literatura proscrita; aqui os poderes sugerem e a que nasce dos movimentos de negação do estado de coisas predominantes (CANDIDO, 2004, p. 175).

Para o estudioso, a literatura transcende as normas estabelecidas porque possui uma poderosa força indiscriminada de iniciação na vida, porque humaniza em sentido profundo, e porque faz viver. Analisando-a, ele distingue três faces:

1. ela é uma construção de objetos autônomos como estrutura e significado;

2. ela é uma foram de expressão, isto é, manifesta emoções e a visão de mundo dos indivíduos e do grupos; e

3. ela é uma forma de conhecimento, inclusive como incorporação difusa e inconsciente.

Podemos pensar que, em geral, a literatura atua sobre nós por meio do terceiro aspecto, transmitindo uma espécie de conhecimento que resulta em aprendizado, como se ela fosse um tipo de instrução. Mas, para Candido (2004), não é assim: o efeito das produções literárias é resultado da atuação simultânea dos três aspectos.

O primeiro aspecto trata da maneira pela qual a mensagem é construída, e talvez seja o menos pensado, pois toda obra literária é antes de tudo uma espécie de objeto construído; carrega um grande poder humanizador enquanto construção. Quer percebamos ou não, "o caráter de coisa organizada da obra literária torna-se um fator que nos deixa mais capazes de ordenar a nossa própria mente e sentimentos; e, em consqüência, mais capazes de organizar a visão que temos do mundo"(CANDIDO, 2004, p.177).

Segundo Candido (2004), a produção literária tira as palavras do nada e as dispõe como todo articulado, comunicando-se ao nosso espírito e o levando a se organizar — e, por conseqüência, a organizar o mundo. "Toda obra literária pressupõe esta superação do caos, determinada por um arranjo especial das palavras e fazendo uma proposta de sentido" (p.178).

O autor acredita que a incorporação da literatura enriquece a nossa percepção e a nossa visão do mundo, e por isso as produções literárias de todos os tipos e de todos os níveis satisfazem necessidades básicas do ser humano. Isso explica por que a literatura

> é uma necessidade universal imperiosa, e por que fruí-la é um direito das pessoas de qualquer sociedade, desde o índio que canta as suas proezas de caças ou evoca dançando a lua cheia, até o mais requintado erudito que procura captar com sabias redes os sentidos flutuantes de um poema hermético. Em todos esses casos ocorrem humanização e enriquecimento, da personalidade do grupo, por meio de conhecimento oriundo da expressão submetida a uma ordem redentora da confusão (CANDIDO, 2004, p. 179-180).

Candido (2004) passa a descrever que entende humanização como processo que confirma no homem traços que consideramos essenciais, tais como "o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das

emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor" (p.180).

E acrescenta que a literatura é capaz de desenvolver em nós esses traços essenciais de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade e o semelhante. Além disso, explica que há na literatura níveis de conhecimento planejados pelo autor de forma intencional. Traz como exemplo um poema de Castro Alves que atua pela eficiência formal e pela qualidade do sentimento, mas também pela natureza da sua posição política. Candido (2004) afirma que a literatura possibilita satisfazer a necessidade de conhecer os sentimentos e a sociedade, e isso ajudaria a nos posicionarmos.

Dessa forma, o teórico nos explica que existe um tipo de *literatura social*, produções nas quais o autor deseja expressamente assumir posição em face dos problemas, das injustiças sociais, as mesmas que alimentam o debate pelos direitos humanos. Para exemplificar, Candido (2004) apresenta o caso do romance humanitário e social do início do século XIX, que surgiu como resposta da literatura ao impacto da industrialização — que, como sabemos, promoveu a concentração urbana criando e intensificando novas e mais terríveis formas de miséria. Nas imensas concentrações urbanas, a miséria se tornou um espetáculo inevitável e todos tiveram de presenciar a terrível realidade das massas de camponeses destinados ao trabalho industrial, como exército faminto de reserva.

> [...] a miséria se instalou nos palcos da civilização e foi se tornando cada vez mais odiosa, à medida que se percebia que ela era o quinhão injustamente imposto aos verdadeiros produtores da riqueza, os operários, aos quais foi preciso um século de lutas para verem reconhecidos os direitos mais elementares. Não é preciso recapitular o que todos sabem, mas apenas lembrar que naquele tempo a condição de vida sofreu uma deterioração terrível, que alarmou as consciências mais sensíveis e os observadores lúcidos, gerando não apenas livros como o de Engels sobre a condição da classe trabalhadora na Inglaterra, mas uma série de romances que descrevem a nova situação do pobre (CANDIDO, 2004, p.182).

Dessa forma, a literatura apresenta papel importante ao figurar o pobre tratado com dignidade e não mais como delinqüente ou personagem cômico. Para o autor, o socialismo que se configurou naquele momento foi um movimento de influência romântica. Dentre outros escritores, cita a obra **Os Miseráveis**, de Victor Hugo, que traz com tema básico a

idéia de que a pobreza, a ignorância e a opressão geram o crime, ao qual o homem é condenado pelas condições sociais.

> [...] a preocupação que hoje chamamos direitos humanos pode dar a literatura uma força insuspeitada. E reciprocamente, que a literatura pode incutir em cada um de nós o sentimento de urgência de tais problemas. Por isso creio, que a entrada do pobre no temário do romance, no tempo do Romantismo, e o fato de ser tratado com dignidade, é um momento relevante no capitulo dos direitos humanos através da literatura (CANDIDO, 2004, p.184).

De acordo com o autor, a partir do período romântico a narrativa desenvolveu cada vez mais o lado social, como vimos. O Naturalismo, em seguida, viria a tomar como personagens centrais o operário, o camponês, o pequeno artesão, o desvalido, a prostituta, o discriminado em geral.

Vejamos um outro exemplo do poder da literatura na França. Émile Zola, inicialmente apolítico, interessado em analisar objetivamente os diferentes níveis da sociedade, "[...] conseguiu fazer uma verdadeira epopéia do povo oprimido e explorado, em vários livros da série dos Rougon-Macquart, retratando as condições da miséria, da promiscuidade, da espoliação econômica, o que fez dele um inspirador de atitudes e idéias políticas" (CANDIDO, 2004, p.184).

Todavia, "a força política latente em seus versos acabou por levá-lo à ação e a torná-lo um dos maiores militantes na história da inteligência empenhada" (CANDIDO, 2004, p.184). O sociólogo e professor Zola como exemplo de autor que identificado com a visão social de sua obra, acaba reunindo produção literária e militância.

Aclimatando a questão, Candido (2004) mostra que no Brasil, esse quadro de literatura e militância foi claro em alguns momentos do Naturalismo, mas ganhou força real, sobretudo no decênio de 1930, quando o homem do povo, com todos os seus problemas passou ao primeiro plano e os escritores deram grande intensidade ao tratamento literário do pobre (p.185). Assim, os romances de tonalidade social passaram de denúncia retórica ou de mera descrição a uma espécie de crítica corrosiva explícita (no caso de Jorge Amado) e implícita (em Graciliano Ramos),

> mas que em todos eles foi muito eficiente naquele período, contribuindo para incentivar os sentimentos radicais que se generalizaram no país. Foi uma verdadeira onda de desmascaramento social, que aparece não apenas nos que ainda lemos hoje, como os dois citados e mais José Lins do Rego, Rachel de Queiroz ou Érico Veríssimo, mas em outros menos lembrados [...] mas que ajudaram a formar o batalhão de escritores empenhados em expor e denunciar a miséria, a exploração econômica, a marginalização, o que os torna, como os outros figurantes de uma luta virtual pelos direitos humanos (CANDIDO, 2004, p.185).

Candido (2004) mostra a relação da literatura com os direitos humanos de duas formas: primeiramente, por corresponder a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, "porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e a visão de mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e portanto nos humaniza", e em segundo lugar, porque "a literatura pode ser um instrumento consciente de desmascaramento, pelo fato de focalizar as situações de restrição dos direitos, ou de enganação deles, como a miséria, a servidão, a mutilação espiritual." Das duas maneiras ela se relaciona com a luta pelos direitos humanos. Sendo assim um "bem humanizador".

Candido (2004) faz uma crítica à sociedade brasileira pela dureza de sua estratificação das possibilidades, que trata como bens compressíveis os bens materiais e os espirituais, que não o são.

> [...] um homem do povo está praticamente privado da possibilidade de conhecer e aproveitar a leitura de Machado de Assis ou Mario de Andrade. Para ele, ficam a literatura de massa, o folclore, a sabedoria espontânea, a canção popular, o provérbio. Estas modalidades são importantes e nobres, mas é grave considerá-las como suficientes para a grande maioria que, devido à pobreza e à ignorância, é impedida de chegar às obras eruditas (CANDIDO, 2004, p.186).

Em defesa da melhor distribuição da literatura e sua acessibilidade, o autor reconhece que quanto mais igualitária for a sociedade, maior deverá ser a difusão humanizadora das obras literárias, que por sua vez podem contribuir para o amadurecimento de cada um:

> Para que a literatura chamada erudita deixe de ser um privilégio de pequenos grupos, é preciso que a organização da sociedade seja feita de maneira a garantir uma distribuição eqüitativa dos bens. Em principio, só numa sociedade igualitária os produtos literários poderão circular sem barreiras, e nesse domínio a situação é particularmente dramática em países como o Brasil, onde a maioria da população é analfabeta, ou quase, e vive em condições que não permitem a margem de lazer indispensável à leitura (CANDIDO, 2004, p.186-187).

Candido (2004) afirma por meio do exemplo da administração de Mário de Andrade na chefia do Departamento de Cultura da Cidade de São Paulo, de 1935 a 1938, quando criou os parques infantis, a biblioteca ambulante, a discoteca pública, os concertos de ampla difusão, concebidos como atividades destinadas a todo o povo, não apenas a grupos restritos a cultura passou a ser disponibilizada de forma mais igualitária: "a partir de então a cultura musical média alcançou públicos maiores e subiu de nível" (p.187). Com esse exemplo, o autor torna evidente que "a experiência mostra que o principal obstáculo pode ser a falta de oportunidade, não a incapacidade" (p.188).

Candido (2004) ainda cita uma experiência publicada na revista *Europe* realizada por Jean Guéhenno, escritor francês:

> relatando uma sua experiência simples: ele deu para ler a gente modesta, de pouca instrução, romances populistas, empenhados na posição ideológica ao lado do trabalhador e do pobre[17]. Mas não houve o menor interesse da parte das pessoas a que se dirigiu. Então, deu-lhes livros de Balzac, Stendhal, Flaubert, que os fascinaram. Guéhenno queria mostrar com isto que a boa literatura tem alcance universal, e que ela seria acolhida devidamente pelo povo se chegasse até ele (CANDIDO, 2004, p. 189).

Com este exemplo, torna-se também evidente que a segregação cultural segundo as classes possui um efeito mutilador sobre a sociedade. Candido (2004) ainda comenta o êxito de um escritor português, Agostinho da Silva, que nos anos 1940 "promoveu cursos noturnos para operários, nos quais comentava textos de filósofos como Platão, que despertaram o maior interesse e foram devidamente assimilados" (p.189). Em seu texto, Candido (2004) oferece em profusão exemplos que mostram como grandes clássicos da literatura têm poder universal de interessar a todos, sendo capazes de ultrapassar barreiras da estratificação social, e que portanto devem ser levados ao maior número de pessoas.

Outra experiência narrada pelo professor Antonio Candido, que reforça o argumento acima foi a de Maria Victoria Benevides, que conta um caso exemplar também ocorrido na Itália, mais especificamente em Milão, quando:

> uma lei assegurou aos operários certo número de horas destinadas a aperfeiçoamento cultural em matérias escolhidas por eles próprios. A expectativa

[17] A parir do Congresso de Escritores de Karkov, generalizou-se a questão da necessidade de dar ao povo um tipo de literatura que o interessasse realmente, porque versava sobre seus problemas específicos de um ângulo progressista.

> era que aproveitariam a oportunidade para melhorar o seu nível profissional por meio de novos conhecimentos técnicos ligados à atividade de cada um. Mas, para surpresa geral, o que quiseram na grande maioria foi aprender bem a sua língua (muitos estavam ainda ligados aos dialetos regionais) e conhecer a literatura italiana. Em segundo lugar, queriam aprender violino (CANDIDO, 2004, p.189).

Talvez o exemplo da Itália possa ser questionado, pois os italianos são hoje alfabetizados e a Itália é um país saturado da melhor cultura. Mas, em outros países, mesmo os analfabetos podem participar bem da literatura erudita quando lhes é dada oportunidade.

Como experiência pessoal, o professor conta que leu a pedido a obra **Amor de perdição**, de Camilo Castelo Branco, para um casal de analfabetos, e percebeu como assimilavam bem, com o que ele denominou de "emoção inteligente". Candido (2004) afirma que

> **O Fausto**, o **Dom Quixote**, **Os Lusíadas**, Machado de Assis podem ser fruídos em todos níveis e seriam fatores inestimáveis de afinamento pessoal, se a nossa sociedade iníqua não segregasse as camadas, impedindo a difusão dos produtos culturais eruditos e confinando o povo a apenas uma parte da cultura, a chamada popular(CANDIDO, 2004, p. 190).

O autor considera preconceito pensar que as minorias que podem participar das formas requintadas de cultura são sempre capazes de apreciá-las, pois, de acordo com o contexto,

> Os exemplos que vimos há pouco sobre sofreguidão comovente com que os pobres e mesmo os analfabetos recebem os bens culturais mais altos mostram que o que há mesmo é espoliação, privação de bens espirituais que fazem falta e deveriam estar ao alcance como um direito (CANDIDO, 2004, p.190).

Candido (2004) conclui que a luta pelos direitos humanos abrange a luta por um estado de coisas em que todos possam ter acesso aos diferentes níveis da cultura. Assim, num resumo do que apresenta acerca do tema, "uma sociedade justa pressupõe o respeito dos direitos humanos, e a fruição da arte e da literatura e todas as modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável" (p.191).

III. 3. Homens invisíveis: relato de uma humilhação social. As idéias de Fernando Braga da Costa[18]

Para expor a discussão da temática da invisibilidade pública proposta por Costa (2004), Gonçalves Filho,usa como recurso o conto "O caso da vara", de Machado de Assis, que nos transporta para meados do século XIX na cidade patriarcal e escravocrata do Rio de Janeiro.

Damião, um jovem fugitivo que acaba de escapar de um seminário onde havia sido internado pelo pai severíssimo e truculento, procura um lugar para ir. Para casa não poderia, pois o pai o mandaria de volta. O padrinho era um moleirão. Atordoado, o rapaz vislumbra uma saída: vai pelejar e é acudido por uma senhora viúva, que vivia de ensinar jovens escravas a fazer rendas. Assim, arma um plano e desafia Sinhá Rita a ser atendida por seu padrinho. Enquanto troca anedotas e risos, Damião inadvertidamente faz rir umas das escravas que costurava ao lado. Sinhá Rita ameaça: "— Lucrécia, olha a vara!"

A pequena abaixa a cabeça, aparando o golpe. Por enquanto, era apenas uma advertência. Se à noitinha a tarefa não estivesse pronta, Lucrécia receberia o castigo de costume. Descreve o autor que "Damião olhou para moça; era uma negra, magricela, um frangalho de nada, com uma cicatriz na testa e uma queimadura na mão esquerda.[...] reparou que tossia. Teve pena dela e resolveu apadrinhá-la, se não acabasse a tarefa. Afinal ela rira por achar-lhe graça, assim a culpa era sua" (*apud* GONÇALVES FILHO, 2004, p. 11).

O que convém frisar é o fato de Damião ter visto Lucrécia. Aconteceu de temporariamente abandonar a visão costumeira. "Quem vê superiormente não é como qualquer um a ver naturalmente: o senhor esforça-se na compostura não relaxa. A dominação tem sua disciplina" (GONÇALVES FILHO, 2004, p.11).

O sujeito da visão senhorial não é um sujeito pessoal: trata-se de um sujeito social. A pequena escrava já sabe o que esperar de sua senhora, está na conta dos mecanismos sociais previsíveis.

---

[18] Prefácio escrito por José Moura Gonçalves Filho.

> Os escravos, como os seus senhores são tragados para a sena dos automatismos sociais.
> Humilhação é angustia que os escravos conhecem bem, fincada na base de sua submissão instintiva ou maquinal. Os escravos sofrem varias vezes o golpe físico dos maus tratos. Sofre continuamente o golpe moral de uma mensagem: 'Inferior! Tu não és um de nós, trabalha baixo e sem rir ou olha a vara!'" (GONÇALVES FILHO, 2004, p.13).

Assim, a análise do pesquisador começa a mostrar como o ambiente político da dominação age até nas horas de trégua, age por dentro. Para os humilhados, a humilhação é golpe ou é freqüentemente sentida como um golpe iminente, sempre à espreita, onde quer que estejam, com quem quer que estejam. O sentimento de uma ameaça torna-se compulsivo: torna-se pressentimento.

Nesse sentido, a humilhação crônica desmancha o sentimento de possuir direito, conforme escreveu Simone Weil depois de trabalhar como operária nas fresas da fábrica Renault. Corpo e alma ficam sempre prevenidos: "lá vem a vara!".

O conto retrata as coisas como se dão também historicamente. "Não é verdade que a iniciativa, por defender os apagados, sempre dependeu deles e de sua aparição, seu movimento para o cento da cena iluminada?" (GONÇALVES FILHO, 2004, p.14).

Segundo Gonçalves Filho, não é mais livre quem manda do que quem obedece: somos irmãos na mesma miséria, e uma saída pede que todos lamentem suas armaduras de classe e a tristeza de não vivermos numa comunidade de troca de conversa e de mútuo enriquecimento.

No final da noite, Damião mais do que nunca precisava de Sinhá Rita: estava nas mãos dela, ela era o seu livramento. Na hora de recolher os trabalhos Lucrécia pagaria, sendo castigada, e mesmo sob os gritos e apelos da escrava Damião não interferiu, para não desagradar Sinhá Rita, porquanto via-se também "escravo" das decisões da senhora.

Dizendo de outra forma, o conto proporciona uma desacostumada aproximação entre Damião e a escrava, pois ambos dependem de uma interseção em seu favor contra uma força despótica. Outro momento crucial do conto apresenta pelo menos por um instante a dúvida — caso Damião se recusasse a entregar a vara, ouvindo o apelo de Lucrécia, ficaria ali temporariamente suspensa uma ordem inteira de dominação. No entanto, o desfecho é chocante: "a ordem da vara foi mantida. Só conta o drama dos

senhores. Desapareceu o drama de Lucrécia: sumiu, devolvido a invisibilidade diante do sempre.”(GONÇALVES FILHO, 2004, p.17). Tal desfecho era de se esperar, pois:

> Num quadro de instituição e molas sociais assentados sobre as desigualdades políticas, que atitude senão conformista nos poderia caracterizar? Uma classe com sua segurança pública e psicológica baseada em prestígios senhoriais, gente que se habituou aos privilégios, gente na praxe da ação por interesse privado. Que visão pode em nós abrir-se, para que iniciativa estaríamos livres quando compomos números e força com patrões, patroas e patrõezinhos? (COSTA, 2004, p.18).

“O caso da vara” enfatiza o jogo de luzes e sombras que a obra **Homens invisíveis** traz.

> A distribuição das luzes e das sombras sobre objetos, ambientes e corpos, não é coisa que deveríamos tomar meramente como coisa física, o corriqueiro espetáculo de como o sol ou a lâmpada faz figurar certos lados, deixando outros sobre penumbras, arquitetando o que vai brilhar e o que ficará escuro. A iluminação é coisa também social. O que vemos e o que deixamos de ver o regime de nossa atenção, é decidido segundo o modo como fomos colocados em companhia dos outros, segundo o modo como também nos colocamos e como eventualmente nos recolocamos em companhia (COSTA, 2004, p. 18).

O autor ainda questiona: como nos colocamos e como nos recompomos em sociedade, de pé ou de joelhos, prostados ou revoltados, quietos e inquietos, se nossa atenção só vê o que é oficialmente para ser visto? Só vê e ouve o que está autorizado ou repara nas coisas e nos seres das margens e de meia luz?

Somos convidados a reparar que o conto não se chama o caso de Damião, nem o caso de Lucrécia — o que propõe repartição da luz. Segundo o autor, Machado de Assis não quis resolver pela ficção o que ainda não havia sido resolvido na realidade, mas será que podemos dizer que o conto é inofensivo? Que depois dele ainda somos exatamente os mesmos? O escritor intencionalmente não fez ver uma sociedade de luzes mal distribuídas? E, assim sendo, não contribuiu para exceder nosso medo de uma sociedade igualitária? Damião entrega a vara, e Costa (2004) propõe quebrá-la.

A investigação de Costa (2004) expõe a invisibilidade pública, a expressão que resume diversas manifestações de um sofrimento político: *a humilhação social*, um sofrimento longamente aturado e ruminado por gente das classes pobres.

> Um sofrimento que, no caso brasileiro e várias gerações atrás, começou por golpes de espoliação e servidão que caíram pesados sobre nativos e africanos, depois sobre imigrantes baixo assalariados: a violação da terra, a perda de bens, a

> ofensa contra crenças, ritos e festas, o trabalho forçado, a dominação dos engenhos, ou depois nas fazendas e nas fábricas (COSTA, 2004, p.22).

De acordo com que o autor explica, quando a violência material e simbólica não apagou a memória dos descendentes de índios, negros escravizados e dos descendentes dos imigrantes europeus e asiáticos proletariados, desabrigando o corpo e esvaziando a alma, ela marcou até mesmo o espírito mais resistente.

> A opressão no campo e na cidade refreou o gesto, alienou o trabalho, impediu ação e o governo, inibiu o riso e a voz, desmoralizou as religiões e as idéias dos oprimidos. Infestou sentimento, a imaginação e a lembrança dos pobres por mensagens senhoriais ou patronais, mensagens de comando e desprezo. São golpes ainda agora desferidos, sob novas formas e menos evidentes (COSTA, 2004, p.22).

Continuando sua argumentação, o autor pondera que, quem sabe, o sofrimento possa vir a polarizar reuniões e discussões instauradas por movimentos coletivos que se encorpam e assumem sentidos deliberadamente políticos. Assim, reunidos como cidadãos, juntos e muito conscientemente, os trabalhadores poderão denunciar e enfrentar a humilhação no trabalho e na cidade. “Virão juntos, interrogá-la, buscando interpretar as desigualdades e suas determinações: contarão histórias, buscando com êxitos e fracassos, narrar, traduzir e pensar, a dominação”(COSTA, 2004, p.23).

O autor nos explica que o livro nos apresentará casos para jamais esquecer, pois embora não se trate um grupo de trabalhadores que formam um grupo politicamente organizado, muito do que se não esquece talvez encontra-se justamente, neste momento, antes dessa possível formação.

Para o autor, numa comunidade política a exposição ao sofrimento de dominação parece reunir todos os expostos à desonra e ao desrespeito cultural — por exemplo, os índios expostos à espoliação agrária, os negros expostos ao racismo, os roceiros sem terra expostos a trabalhar para conseguirem comer, os cidadãos pobres expostos ao emprego proletário, ao desemprego e à indigência; os idosos expostos a ficarem para trás no trabalho acelerado; mulheres detidas por seus pais, irmãos e maridos, por seus professores e chefes, amantes fora da ordem erótica oficial; os loucos desmoralizados pelas ciências, e invalidados pelos manicômios, dentre muitos outros.

Assim, o fato político da dominação, que também é psicológico, é traumático e internalizado como “Uma força incoercível toma conta do espírito humilhado e carrega a pessoa inteira” (COSTA, 2004, p.25).

> O trabalho e a grande cidade organizados sobre divisão entre superiores e inferiores podem funcionar. Mas esse funcionamento traz desgosto e cair no desgosto disso não é coisa que se devia reduzir a um desgosto individual. O funcionamento da em ganhos econômicos de produtividade, fatos sempre abrangidos por quem deseja justificar a dominação (COSTA, 2004, p.26).

Para Gonçalves Filho, mesmo quando não são assombrados por renda nacional mal dividida, por recessão, desemprego e corrupção, a divisão burguesa do trabalho e da cidade traz a amargura dos trabalhadores e cidadãos. “[...] todavia, no trabalho, quem nunca foi atilado pelo sentimento de que poderíamos estar reunidos não para funcionar, mas para trabalhar juntos e conversar, para governar o trabalho sem que ninguém governasse ninguém?” (COSTA, 2004, p.26). É dessa forma, então, que mensagens de rebaixamento são lançadas por meio de imagens e palavras em cenas públicas, por intermédio da escola, do trabalho, da cidade, marcando a personalidade pela humilhação.

Pensando nessa divisão sempre presente, o autor enfatiza que

> Sofrimentos políticos não são enfrentados apenas psicologicamente, uma vez que são políticos. Mas não é bastante que sofrimentos políticos sejam politicamente enfrentados, uma vez que são sofrimentos. Digamos melhor: enfrenta-los politicamente, inclui também, enfrenta-los psicologicamente (COSTA, 2004, p. 27)
> .

Ele aponta como encaminhamento para a cura de tal humilhação social a participação no governo do trabalho e da cidade, bem como de um trabalho interior, que não se faz sozinho. Trata-se de pensar *sentindo* em companhia de alguém que aceite pensarmos juntos — o que Hannah Arendt descreveu como “ato de julgar”.

> O julgamento de uma experiência acontece no meio dos outros. Implica pensar pela própria cabeça e também conversar: o pensamento solitário tornando-se cada vez mais uma comunicação. Pensar pela própria cabeça é pensar nunca passivamente: inclinar-se para esta passividade é inclinar-se para o preconceito e adotar passivamente a opinião dos outros é trocar preconceitos por preconceito. A comunicação, outra coisa que não a troca de preconceito, é pensamento e conversa com pensamento dos outros: exige falar do meu lugar, mas também imaginando-me no lugar dos outros. Pensar sem sair do lugar o meu lugar ou lugar de classe é pensar por interesse e é julgar mal (*apud* COSTA, 2004, p. 27-28).

Quando as pessoas trocam pontos de vista a visão parece desembaciar, pois é preciso saber que a experiência de quem supomos, imaginando-nos no lugar alheio, não repete a experiência de quem está lá. “Cidadãos das classes pobres, felizmente, não esperam por ninguém para começar a digestão de humilhação: dedicam-se a isto de maneira que muitas vezes, faria gosto a um psicanalista” (COSTA, 2004, p.29). Quem se viu próximo de gente humilhada nunca terá impressões gerais: terá uma impressão concreta, a saber, a impressão do golpe já engolido.

Para o autor, rigorosamente, não existem os humilhados: existem experiências de humilhação, curtidas em carne e espírito.

> E se o ouvimos não em conversa rápida, se lhe passamos a palavra em situação que sua voz possa discorrer, possa dizer muitas coisas e não apenas o que presumimos ou suportamos ouvir, vem sempre uma lição, uma lição sobre a humilhação e a indicação de algum remédio (COSTA, 2004, p. 30).

Ele afirma que para atinarmos com a dor deles precisamos nos demorar entre eles, para não termos uma visão superficial e, conseqüentemente, distorcida.

> A violência dos oprimidos pode enganar: no mais das vezes é resposta desajeitada, mas inadiável, contra o que não pode agüentar mais em favor do irresistível anseio sempre frustrado. Contra-violência, isto sim é o nome destas ações loucas que parecem apenas violências. E que se comutam em revelação quando há conversa. Muita coisa que apontamos com violência dos pobres é na verdade o sinal de que são gente, e gente aviltada. Deviam ser ouvidos. São só temidos e incriminados (COSTA, 2004, p.32).

O problema costuma vir antes do seu reconhecimento mais consciente, como a dor política, que é comungada pelos dominados.

O autor passa a dizer que o fenômeno da dominação é dos mais difíceis de decifrar, e que a luta para cancelá-lo atravessa o ato de pensar o seu fundamento, não sendo nunca possível justificar o absurdo “direito” de violar direitos alheios. Afinal, não é apenas a liberdade, o direito de agir e falar, o que faz jus aos humanos? Ele questiona:

> Quem recebe o comando despótico e se põe a obedecer irrefletidamente, saberia dizer o que lhe põe tão automaticamente em subserviência? Quem comanda sobranceiramente os pobres, com brutalidade ou educadamente, saberia dizer o lhe põe tão naturalmente na licença disso? Onde começou todo esse desequilíbrio político, onde foi que começou a imaginaria superioridade destes senhores impunes e a imaginaria inferioridade destes servos compulsivos? Quando foi que tudo isto se tornou tão sólido? (COSTA, 2004, p.34).

O desejo de dominação não explica tudo, pois apesar de não contar com apoio social, ficaria sem fiadores e a ninguém fosse concedido, colocar-se-ia acima ou abaixo de alguém. Os estudos de Pierre Clastres trazem exemplos de sociedade indígenas fundadas sobre a igualdade política, onde o político é capaz de limitar efeitos do crescimento populacional ou disparidade de riquezas.

> O que precisamente decide que contingências demográficas ou econômicas formem-se como desigualdades entre pessoas é admissão prévia, já antes em curso, do mando de alguns sobre outros. Caso contrário, para população muito numerosa, fica decidido que seja organizada em populações menores, compatíveis com governo praticado por todos e cada um (*apud* COSTA, 2004, p.35).

Assim, em sociedades que afirmam a igualdade, todos são lembrados de que ninguém enriquece sozinho, e a riqueza excedente assume valor social, não se tornando ocasião especial para acumulação privada, e evitando o surgimento de senhores ricos e dispensados de trabalhar. Numa sociedade com tais bases, ninguém pode controlar ninguém e se livrar de colaborar, ficando os lucros sem valia, a não ser quando repartidos.

Gonçalves Filho afirma que uma solução para a sociedade burguesa, transformando-a numa sociedade igualitária, não se faz por espelhamento em civilizações tais como as apresentadas por Clastres. Porém, aliviam nossa imaginação estrangulada, pois a vida do outro, se não pode valer como modelo, traz idéias para vivermos nossas vidas diferentemente.

> Aqueles índios, melhor do que nós, parecem manter sensível um fato, uma tese prática que nos concerne a todos: a igualdade ou a dominação.[...] Somos, então, devolvidos ao desafio profundo: desejamos afirmar politicamente a igualdade ou seguir reafirmando a desigualdade? (COSTA, 2004, p. 36).

O autor enquadra a igualdade como categoria política, de maneira a explicar que isso não significa a supressão de diferenças; ao contrário igualdade significa a supressão da dominação. Inspirado na obra **A condição humana**, de Hannah Arendt, explica que o que conta é estarmos reunidos no igual direito de agir e falar, no direito de governar cidade e trabalho, onde ninguém está no direito de governar alguém.

> Os iguais são os diversos que se reúnem para participação, para trocar pontos de vista e iniciativas. Fora da igualdade, rosto e voz ficam sem onde espraiar-se. Igualdade é aparição de vários rostos e diversas vozes. Inversamente, gente singular só aparece onde, de igual para igual, cada um vê e é visto, fala e ouve. Igualdade e pluralidade exigem-se mutuamente (COSTA, 2004, p.38).

Ele esclarece que resume demais a autora ao declarar que “a área pública, onde circula o direito de falar e ser visto e os deveres de ouvir e ver, é região de aparição que devolve a pessoa mais inteira e nítida para sua própria casa, por isso recomenda a leitura da fonte, no entanto considera a idéia importante para o que pretende expor” (COSTA, 2004, p. 38).

> Pesam sobre as classes pobres, em nossa sociedade o trabalho simplificado e o trabalho simples. Admitimos uma organização do trabalho complexo que isolou, num extremo, o comando puro, noutro, a mais pura subordinação. Entre os extremos, combinações que não vencem a dissociação principal entre chefes e operários. Atividades complexas são fragmentadas em atividades demais elementares e desqualificadas, exigindo pouca ou nenhuma instrução técnica ou escolar. E quanto o trabalho simples (varrer, lavar, embalar lixo, fazer cama), aquelas tarefas indispensáveis mais necessariamente muito simples? Ao invés de as assumirmos todos, tornou-se habito nosso reservá-las também aos pobres (COSTA, 2004, p.38).

As relações com os depoentes foram analisadas a partir do pensamento de Hannah Arendt.

> Ação e palavra superam o âmbito da força, das interações mecânicas ou bem adaptadas que fundam cidadania, a reunião plural e igualitária: situação que põe o cidadão alem de sua casa e orienta para a cidade, para outros cidadãos, fazendo superar a idiotia, e concentração de interesses privados (COSTA, 2004, p. 40).

A utopia segundo Ricardo Rizzo se inicia como linguagem. “Agir é iniciar e, finalmente, é realizar, perfazer, acabar, constituir um poder. Uma ação começa com alguém mais só se completa com os outros” (*apud* COSTA, p.41). Sendo assim, ficar fora de agir e falar significa exclusão política. Todo cuidado é pouco quando dizemos “os excluídos” para nos referirmos aos dominados.

> Se é verdade que o servo não fala, não é verdade que fala o seu senhor: este também não fala, dá ordens em voz neutras ou estridentes. Se não agiu certo, não agiu também o seu senhor, mas forçou; no limite, empurrou: foi coerção, não foi ação (COSTA, 2004, p.41).

Para o autor, humilhação social ocorre quando alguém, um grupo ou uma classe inteira fica fora do círculo dos que se olham e conversam; no entanto, os senhores também compõem grupos ou classes em que não se encontram propriamente como cidadãos: são sócios ou comparsas, vivem uns temendo os outros, não são amigos.

> O rebaixamento político é fato sinistro, feito de pontos cegos. Ninguém chega entender perfeitamente, alguns fingem que o fato é razoável: quem precisa negar o mal, para ficar tranqüilo nos seus favores, não pode deixar de trabalhar mentalmente sem esmorecer. Precisa despistar, saltar a coisa ou continuamente repetir idéias que querem distorcer o mal em bem, quando seria mais simples ou saudável a decisão de não mais compactuar com a desigualdade (COSTA, 2004, p.42).

Ele ainda propõe a humilhação social vinculada ao pensamento de Marx:

> [...] vinculada à formação do trabalho assalariado, mas precisamente vinculada à forma baixa do trabalho assalariado, o trabalho alienado, desqualificado. O mundo que não hesita reduzir trabalhadores à condição de operário é já um mundo ancestralmente **habituado à desigualdade**; o senhor e o servo precedem o patrão e o operário. Houve re-figuração moderno industrial da servidão, muitas vezes logrando acobertá-la (COSTA, 2004, p. 42).

Para o autor, a desigualdade corresponde a um fato histórico-político mais velho do que o capitalismo, algo que é precedido:

> [...] por sociedades que admitiram soluções pela monarquia, pela oligarquia, pelo escravismo, pela servidão, o poder ficou confundido com a força de alguns, a força de comandar e de coagir, a força que se tornou força econômica e força armada. Na sociedade de trabalho assalariado, revigorou-se como força de contratar ou demitir. Pessoas que socialmente caminharam para o governo de outras pessoas no início encontraram segurança, renda e prestígio instituído: eis os superiores de sempre. Na sociedade capitalista, eis os patrões e os gerentes (COSTA, 2004, p.42)

Para determinar o uso que faz do conceito de humilhação social, o autor usa a obra de Simone Weil, que apresenta a humilhação como efeito de desenraizamento, ou seja, impedimento político da cultura de nascimento, da participação e das trocas culturais.

De acordo com Cláudio Lefort, humilhação designa o estado de quem perdeu a percepção social de si mesmo como um doador.

> Humilhado é quem tende a não ser percebido como possuidor de bens e capacidade a ofertar. [...] foi publicamente congelado na figura do carente, alguém de quem cabe nos ocuparmos do que estaria impedido ele próprio de ocupar-se de alguém. O carente é visado como quem em tudo depende de nós, nestas horas reiteradas em que alienamos nossa própria carência e ignoramos o que recebemos dele. O subalterno é detido na figura de quem depende de seu superior, que, por sua vez, fica entretido na ilusão de não depender de nada nem ninguém (COSTA, 2004, p.43).

O autor retorna às especificidades humanas para enfatizar que certas experiências só podem ser compreendidas por esta razão:

> Antropólogos, psicanalistas ou psicólogos sociais não cansam de frisar certas experiências para as quais nascemos mais ou menos preparados, mais que fora da companhia dos outros, fora sobretudo da comunidade com outros humanos, não germinam.[...] Brincar, rir.A precisar as aparências das coisas, zelar por certas coisas, não porque sejam necessárias ou úteis, mas porque são bonitas. Trabalhar não apenas como quem obtém alimentos ou utensílios, mas também como quem faz cultura. Agir e falar. A cidadania. A percepção singular, a percepção de pessoa, não a percepção de um tipo ou exemplar da espécie (COSTA, 2004, p.44).

Os humanos vivem de receber influências e de influenciar outros humanos. Esse poder permanece interrompido, diminuído ou desmanchado para alguém em situação social crônica de inferioridade. “Nas situações compulsórias de comando e subordinação, a influência de alguém, que só é suficientemente sentida por outro alguém, pode deixar de ser sentida”(COSTA, 2004, p.44-45).

A invisibilidade compõe não só os sofrimentos gerais de todos nós, mas sobretudo aqueles que estão no centro da alma operária. Portanto, não é apenas um mal de uma sociedade de massas: no núcleo de tudo há um conflito político, um conflito de classes. “A sociedade de massa não é, afinal, a filha exagerada da sociedade de patrões e operários? Não é a sociedade em que as condições e conflitos que se aprofundaram na fábrica burguesa, assumiram também a cidade toda?” (COSTA, 2004, p.45)

Para poder mostrar apreço por pesquisas como a de Costa (2004), o autor ainda elogia o espírito de juventude definido por Emmanuel Lévinas como sendo um seguir vulnerável aos outros e no gosto de conversar com eles, ou seja, um seguir vulnerável à passagem de gente que, na cidade, habituamo-nos a não mais sentir passar. Acresce que, de acordo com o que Mário de Andrade afirma, é com essa gente que se aprende a sentir, e não com a inteligência e a erudição livresca.

> As conversas [...] alteram os interlocutores e seu sentimento do mundo, alargam descobertas da cidade, podem inspirar afeição e até ações cívicas. Podem instaurar uma forma de amizade que Hannah Arendt asseverou como a mais importante das virtudes políticas, uma amizade que não depende de intimidade (COSTA, 2004, p.46).

Arendt consagra o entendimento político da verdade como resultado crescente e nunca determinado do dialogo entre os cidadãos. “Conduz, sem parar, a um ponto cada vez maior e complexo, porque, alcança, reúne e supera pontos de vista particulares” (*apud* COSTA, 2004, p.46).

Olhar a opressão perto dos oprimidos perto o bastante para estimar o que se vê do lugar deles, e a fim de ter a mais segura compreensão, sempre será algo que dependerá de ouvi-los. É como experimentar ser alguém que saiu do seu lugar e foi sentar-se num lugar estranho, ao lado de um nativo. É como sentar-se ao lado de outrem — o que traz conversa entre os cidadãos e o gosto pela opinião dos outros. “Nem sempre os nativos, para falar, precisam que nós sentemos ao lado deles: mas nós, para ouvi-los, precisamos sempre” (COSTA, 2004, p.47).

IV. Sombra e Luz – o tempo habitado: as idéias de Beatriz Fétizon

Iniciamos nossa discussão acerca do texto da professora Beatriz Fétizon, sobre a educação no limiar do século XXI, apresentado numa conferência na Universidade Federal de São Carlos.

Devido à abrangência do tema, a professora Beatriz se propõe a tratar as questões sob a forma de uma reflexão filosófica e se limita segundo ela mesma diz, a duas configurações previsíveis da primeira metade do século XXI, que estão diretamente ligadas aos rumos da educação:

> 1ª: provavelmente, inevitável substituição da mística do trabalho por algo mais compatível com a abrangência da condição de humanidade (ainda que esse algo seja, quase certamente, uma nova mística);
>
> 2ª: o desmesurado crescimento da velocidade de produção, de acumulação e de circulação de novos conhecimentos — com conseqüente crescimento desmesurado da velocidade de diversificação da produção tecnológica e de sua obsolescência. (FÉTIZON, 2002, p. 161).

A autora (2002) diz estar convencida de que o ocidente desenvolveu, por razões de sobrevivência social “[...] uma mística do trabalho enquanto valor essencial, vital e, até,

primeiro da construção da dignidade humana individual e da qualidade da organização social" (p. 162).

Nesse sentido, uma sociedade organizada em torno do trabalho economicamente produtivo, que encontra estas raízes profundamente abaladas, precisa entender: por que?

> De um lado, o aceleradíssimo desenvolvimento da ciência e de suas aplicações tecnológicas vem transformando rapidamente toda a organização da produção econômica; e, como conseqüência em todo o mundo civilizado, os postos de trabalho diminuem e os índices de desemprego aumentam. De outro lado, o generalizado aumento da expectativa de vida no mundo desenvolvido e em desenvolvimento [...] faz crescer *perigosamente*[19] os contingentes dos afastados da produção econômica (FÉTIZON, 2002, p. 162-163).

O ocidente, organizado em torno deste tipo de trabalho, assusta-se. Buscando no que se apegar, procura acreditar que se afunda por conta do peso dos inativos[20]. Desta forma, vemos também o tempo de trabalho aumentar e, conseqüentemente, as aposentadorias diminuírem. Diante disso, nós nos perguntamos: o aumento da expectativa de vida não foi uma conquista? Vamos encurtá-la novamente?O trabalho vale mais do que a vida?

Este é um pensamento assustador, porquanto não se desvela o mito, porém tal desvelamento é capaz de retirar o "chão" no qual se sustenta tal cultura, e sem sustentação a cultura tende a despencar. No entanto, não é a primeira vez na história que isto acontece. Já por duas vezes, pelo menos, a cultura ocidental se defrontou com problemas que abalaram suas bases e foi capaz de se recompor.

Ambas as crises se relacionam com nosso segundo assunto, a saber, a relação do ocidente com a ciência, e que a professora faz questão de descrever:

> A primeira vez [...] foi na passagem dos séculos V/ IV a.C., na Grécia antiga, quando os pré-socráticos tropeçaram com o infinitamente pequeno — uma assustadora grandeza capaz de diminuir infinitamente sem nunca se anular [...] o número, o átomo e o movimento [...] recompondo-se rapidamente, a cultura ocidental encontra forma de ignorar o problema e viver sem ele: enveredando por outros caminhos, volta-se para o Homem e faz dele o centro do universo e a medida das coisas (FÉTIZON, 2002, p. 164).

---

[19] A palavra encontra-se em itálico originalmente no texto para designar a visão mística do trabalho.

[20] Termo usado inapropriadamente, inclusive pela própria universidade de São Paulo para designar os aposentados, porém, para Fétizon (2002) o viver é agir, assim, "Inativo não é o ocioso — é o morto. Não agir é não viver" (p. 216).

Ela prossegue relatando o que foi caótico e determinou o fim da idade pré-socrática, mas que a cultura ocidental, porém, recuperou-se, ignorando o problema e voltando-se para Homem, fazendo dele o centro do universo e a medida das coisas.

A outra questão que quase arrasou o ocidente ocorreu no início da Idade Moderna quando a cultura ocidental então tropeçou com o infinitamente grande.

> O homem — centro do universo, rei da criação, medida das coisas — reduzido a menos que a uma poeira de nada na superfície de um planeta minúsculo arrastado por uma estrela caduca de cesta grandeza, perdendo-se no universo infinito (FÉTIZON, 2002, p. 164 -165)

Desta vez, o ocidente recupera-se por meio do poder ilimitado da razão, na capacidade de conhecer o mundo e de manipulá-lo.

Retomando nossa discussão acerca do mito do trabalho, a professora Fétizon (2002) diz não saber exatamente como ele foi constituído, porém considera que já nos basta saber como ele se comporta. “Comporta-se exatamente como nos comportamos diante dos mitos: irracionalmente. Mitificado e mistificado, o trabalho, erigido em valor supremo, ofusca os demais valores”(p. 165).

Assim, a sociedade ocidental organiza-se em torno da produção econômica e do trabalho economicamente produtivo. “O trabalho é o valor cívico, social e, até, moral por excelência. O trabalho dignifica o homem. Será? Dignifica mesmo? Então, por que abolimos a escravidão?” (FÉTIZON, 2002, p. 165).

Segundo a professora, a escola que endossa esse *slogan* sem maiores exames e faz dele seu lema educativo é campeã em contradições. Isso porque não há como compreender que a mesma escola, sobretudo as universidades, que lutaram em nome da dignidade humana para conquistar historicamente jornadas de 8 (oito) horas de trabalho, de descanso semanal remunerado e de férias também remuneradas, poderia se encarregar de educar para o trabalho.

Fétizon (2002) questiona: “se é o trabalho economicamente produtivo que dignifica o homem, pessoas que não trabalham não tem dignidade? São ônus social? São inativos? Esta afirmação não seria o mesmo que dizer que são mortos e seu enterro seria bem vindo?”

Pois “no sentido ético-antropológico (que, é, também, o pedagógico), viver é agir. E agir não é ser empurrado pelas circunstâncias. Agir é escolher, decidir. [...] Inativo é o que não age; e se viver é agir, inativo é o que não vive.” (p. 166)

A autora continua sua reflexão mais acirradamente, considerando essa uma questão da educação para o século XXI: a questão do *viver* [grifo nosso]. Seus questionamentos são fortes: onde está a explicação para tal consideração leviana que considera quem não trabalha como um peso morto? No mito e na mística do trabalho, é o que conclui.

Em nossa sociedade, como já mencionamos antes, “o trabalho dignifica o homem”. “Será?”, é a pergunta de Beatriz Fétizon. “Não será exatamente o contrário? O homem que dignifica o trabalho?” Estes são para a autora os termos adequados para a relação homem e trabalho. O homem é, então, aquele que dignifica o trabalho. Isso porque os animais também trabalham — um trabalho perfeito, porém repetitivo que não se renova, e que ao longo dos séculos é sempre o mesmo trabalho. Já o ser humano imprime a marca de sua mão. Qual é marca humana? Identificá-la poderia ajudar a entender que é o homem que dignifica o trabalho, e por conseqüência ajudaria a desmascarar “[...] o mito do trabalho que hoje nos organiza e nos ameaça; e teremos começado a encontrar as pistas para a reorganização sócio-cultural — inevitável — do século XXI” (FÉTIZON, 2002, p.167).

O que distingue o trabalho humano do trabalho animal? Para a autora, a diferença provável é que enquanto o trabalho animal é repetitivo; o trabalho humano tem a capacidade de violar padrões pré-estabelecidos.

Neste ponto, Beatriz faz uma provocação a todos nós educadores: atenção, escola! Entendemos por isto que esteja reafirmando que o padrão repetitivo pertence ao reino dos *animais,* não aos seres humanos, muito menos da escola. Por isso, não é possível falar em educação para os animais, porquanto “podemos dominá-los e amestrá-los, educá-los não, porque educação supõe transformação” (FÉTIZON, 2002, p. 168). Assim,

> [...] seres da natureza passam a existência se repetindo padrões da espécie. Por isso, como diz Ortega, [...] cada tigre continua sendo, sensivelmente, o primeiro tigre. O homem não. O homem nunca mais é o primeiro homem. Precisamente porque ele não esgota sua existência individual somente repetindo padrões da espécie — ele também os infringe, ele também os inova (FÉTIZON, 2002, p. 169).

Para a professora e pesquisadora, o que nos torna humanos é a capacidade, por menor que seja, de escapar ao que é estrito ao natural, de superá-lo, transcendê-lo ou violá-lo. Quando falamos de educação, tal capacidade é fundamental, pois "educa-se para a transformação, para a criação pessoal, a auto-criação. Aliás, para a natureza não seria preciso educar — bastaria *deixar como está para ver como fica*" (FÉTIZON, 2002, p. 170).

Nesse sentido, o homem só é educável porque é capaz de autotransformação e da autoconstrução, e só possui essa capacidade porque pode violar padrões dados, pode infringir ou superar os padrões oferecidos pela natureza da espécie. A autora ainda observa que não é preciso que o façamos para sermos humanos: é preciso que *possamos* fazê-lo.

O próprio trabalho humano tem esse caráter violador, exemplificado por Fétizon (2002) com uma passagem do filme "2001, Uma Odisséia no Espaço", dirigido por Stanley Kubrick. Na primeira parte do filme, aparece um gorila, chefe de um bando que toma posse de um osso — o fêmur de uma zebra — e começa a desferir golpes com este, transformando o osso em *instrumento*.

> Talvez possamos entender que, dada a primeira violação da ordem natural, a passagem estava feita: ingresso do macaco na humanidade. E, feita a passagem tudo mais é possível: o osso-tacape já incluía a potencialidade da nave espacial. Ou, em outras palavras: é maior a distância que vai da pata do animal ao tacape (o instrumento) do que a que medeia o tacape e a nave espacial (FÉTIZON, 2002, p. 171).

Segundo a autora, a criação do instrumento é uma subversão da ordem natural, e o instrumento é o prolongamento artificial da capacidade humana, é por isso é cultural ao mesmo tempo em que cria cultura.

Passemos, pois, à segunda das configurações selecionadas por Fétizon (2002), dentre as mais diretamente relacionadas com a educação, como mais prováveis para a primeira metade do século XXI: "o desmesurado crescimento do acúmulo e da circulação de novos conhecimentos com conseqüente crescimento desmesurado da velocidade da diversificação tecnológica e respectiva obsolescência" (p.172).

De acordo com a autora, esta segunda configuração já faz parte de nossa experiência desde o fim do século XX, pois se quisermos dominar o saber acumulado sobre algo, basta que nos especializemos cada vez mais em faixas mais estreitas do conhecimento, ou seja,

que nos esforcemos para saber muito sobre pouca coisa. Sob esta perspectiva, Beatriz aponta como questão crucial para a educação a seguinte escolha a ser feita: especialização ou diversificação?

> "[...] Deverá a escola formativa (ensino fundamental e médio) continuar a trabalhar com o ensino dos diversos ramos do conhecimento sistematizado, quando o volume de informações em cada campo, é absolutamente incompatível com sua cobertura minimamente representativa? Deverá (FÉTIZON, 2002, p. 172).

Porque, segundo ela, se supormos que a educação deva formar pessoas, seres humanos, os conteúdos como "[...] português, matemática, física ou história estão no currículo da escola formativa, não para que o aluno se torne profissional desses campos, mas simplesmente, para que se desempenhe como pessoa humana, como *gente* — para que exerça sua humanidade"(FÉTIZON, 2002, p.173).

Desta forma, Beatriz Fétizon (2002) admite que para a construção desta humanidade, "1º: [...] precisamos do conhecimento de diversos campos do saber para nos construímos humanos".

A professora cita um exemplo do professor Villalobos, comentando que deveríamos ficar seriamente preocupados com o desenvolvimento de alunos que com idade suficiente só fossem capazes de conceber uma Terra plana com um *em cima* e um *em baixo* absolutos, pois cobramos deles que assumam, como seres de nossa espécie, noções de nossa visão de mundo das mais complexas e abstratas, como da relatividade do alto e do baixo — contribuição da física que a humanidade levou milênios para construir —, e assim não podemos compreender a física da escola formativa como algo para se passar no vestibular.

Para completar essa idéia, a professora nos explica que se examinarmos os conteúdos ensinados em nossas escolas, podemos pensar que o objetivo da história é preparar o historiador, de maneira que cita de memória a pergunta e advertência de Whitehead — enquanto o professor não souber por quê seus alunos devem aprender determinado conteúdo, não tem o direito de ensiná-lo. Ela prossegue afirmando que poderia citar mais "centenas de exemplos de como e quanto nossa visão de mundo, de vida, de homem, de sociedade — e nossa própria vivência, portanto, no mundo e na sociedade — estão comprometidos com a construção cientifica" (FÉTIZON, 2002, p.174).

Beatriz Fétizon (2002) reflete: “pensando, ainda um pouco, na forma como a explicação científica opera com o real ou com ele se relaciona — e que incorporamos em nosso próprio existir no mundo[...]” (p. 175), perceberemos sua importância na medida em que percebermos que operamos por categorias advindas da representação científica do mundo e que modelam nosso pensar e agir cotidianos.

Escolhemos um exemplo dentre os muitos citados pela professora para ilustrar como incorporamos a explicação científica em nosso dia-a-dia: durante anos, talvez por milênios, o homem pôde observar corpos que caíam sem formular nenhuma explicação para o fato. “Sem a invenção, a observação científica seria mera constatação – que não leva a parte alguma. Quando a constatação incorpora a pergunta pelo que *não* é (isto é invenção), ela começa a ser observação (e científica)” (FÉTIZON, 2002, p.175).

A ciência integra e modela a cultura ocidental, que concebe a circunstância na qual existimos. “E por aí afora, vamos agindo e pensando em termos de validades, correspondências, comodidades, simplificações, abstrações — esquemas e categorias em que ordenamos as coisas e os fatos — e assim existimos no mundo com ele interagindo [...]” (FÉTIZON,2002, p.176).

É justamente porque a cultura não se constitui somente de ciência, mas, também, de valores e crenças, dentre outras coisas, que não percebemos o valor “[...] dessa mesma ciência que molda tão fundamentalmente nossa visão de mundo, no ato cotidiano e existencial de viver, peça de menor valor”(FÉTIZON, 2002, p.176).

Como vimos anteriormente, de acordo com Fétizon (2002), a cultura ocidental só faria opção pela ciência a partir do século IV a.C., no embate entre o individualismo sofista e o humanismo socrático, pois a ciência é impossível sem a visão humanista de mundo. De lá para cá, este passou a ser um dos mais importantes componentes da cultura ocidental, ou seja, da nossa visão de mundo.

Desta maneira, entendemos como a ciência se relaciona com a cultura, mas ainda nos questionamos: o que ambas tem a ver com a escola e a educação? Isso é o que nos instiga a pensar a professora Beatriz Fétizon (2002). Entendemos a cultura como um

> [...] conjunto de idéias, de saberes, de valores, próprios de cada tempo — é o conjunto de idéias e modos de ser, de pensar e de sentir a partir dos quais um tempo *vive*.[...] Ora, o próprio da ciência é não estar nunca constituída — e esta é a sua grandeza [...] O próprio da cultura, é, ao contrário da ciência, estar, a cada momento totalmente constituída. É dela que nos vem os subsídios para as contínuas escolhas da ação (FÉTIZON, 2002, p.178).

Sendo assim, a grande diferença entre ciência e cultura é que o regime da cultura é vital (viver não é escolher? Decidir? Optar?) Por outro lado, o regime da ciência não parece ser vital — tanto que vivemos sem ela durante muito tempo. Caso fosse condição de existência de humanidade, a ciência e a cultura teriam obrigatoriamente nascido juntas. O que queremos dizer é que existe humanidade sem ciência, mas não é possível existir humanidade sem cultura. Esta afirmação nos parece bem concreta quando pensamos em alguns de nossos povos indígenas, que ainda hoje encontram em suas culturas outras explicações para a vida, e que não são científicas.

O homem ocidental partilha dos dois mundos, o da natureza e o da cultura, que é seu tempo histórico. “É por isso que as gerações sociológicas se sucedem, mas não se repetem” (FÉTIZON, 2002, p.177) como ocorre com os animais.

> Cada homem começa a ser a partir de uma certa altura de passado acumulado, que ele incorpora existencialmente como seu, ao qual acrescenta o próprio passado individual e grupal e o passado de sua geração — formando um novo degrau a partir do qual a nova geração começará a *existir* (FÉTIZON, 2002, p.177).

Novamente, Fétizon (2002) chama atenção da escola para *slogans* como “educar para o presente” ou “chega de passado”. Ora, se roubarmos do homem o passado de sua geração e de sua cultura, roubaremos dele sua condição de humanidade.

Retornamos, então, à questão de como a educação se relaciona com a cultura e ciência.

> [...] se de um lado educação é vida e *para* á vida, e se viver é agir, e se agir é escolher, decidir, então a educação é o exercício *da* e a *preparação para a escolha*, a decisão, a opção – o que requer a cultura (regime interno vital). Eis ai. E se, por outro lado, a posse da humanidade só se opera no universo da cultura (ou da história), a atividade educativa (formal ou informal) é o preciosissímo instrumento que o grupo humano (*e só ele* — até onde se saiba...) possui para promover a autoconstrução da humanidade de seus membros e da individualidade de seus homens (FÉTIZON, 2002, p.178).

Depois de considerarmos a primeira questão apontada por Fétizon (2002) acerca da importância dos conhecimentos para constituição da humanidade no homem, passamos para "2º: que, então, a humanidade não é simplesmente dada, não é gratuita, isto é, que a circunstancia de haver nascido como membro da espécie humana não garante a ninguém a posse e o exercício da humanidade".

A educação é necessária porque o equipamento biopsicológico do indivíduo não é suficiente para a construção de sua humanidade. Basta nos lembrarmos do caso das crianças ditas selvagens, que embora tivessem o equipamento genético-biopsicológico perfeito, extraviadas do grupo humano não puderam humanizar-se sozinhas, assim como sucedeu também a Kaspar Hausen. Já Helen Keller, criança cega, surda e muda, "ou seja, com seu equipamento pessoal seriamente prejudicado — amparada pela *ação-educativa* de Ann Sullivan (a quem Helen, até o fim da vida, chamaria *professora*), tornou-se uma das figuras mais importantes de seu tempo" (FÉTIZON, 2002, p.180).

Confirmamos, assim, de acordo com Fétizon (2002), que não basta o equipamento individual para assunção da humanidade; para assumirmos tal condição é preciso as duas dimensões: a individual e a cultural. "O homem se constrói na cultura. O recurso do grupo humano para a promoção da construção de seus membros é a educação (pela cultura)" (FÉTIZON, 2002, p.180). Segundo a autora, cultura e vida não se separam; a educação se faz *na* e *pela* cultura, e a educação formal se faz *com* a cultura [grifos nossos]. Assim, a professora, de acordo com Whitehead, nos aponta a vida como a única matéria da educação e, portanto, o currículo da escola deveria ser constituído dessa matéria que é a vida. Ou, de acordo com "Gusdorf, os conteúdos escolares mesmo os mais importantes não são essenciais, são pretextos da ação educativa. Aquilo de que se fala é o pretexto da educação — o que está em causa é a autoconstrução do aluno (por isso o professor é, sempre, sobretudo, um mestre de humanidade)" (FÉTIZON, 2002, p.180).

Vale ressaltar que consideramos a ciência parte importante da cultura — o que não significa que estejamos afirmando que todos os conteúdos das ciências devem ser ensinados na escola formativa. O que queremos enfatizar é que o mais importante é que a cultura se aproprie do modo mental das ciências, não de suas técnicas.

> [...] Nossas escolas parecem fazer exatamente o contrário: abandonam o modo mental e trabalham as técnicas intracientíficas [...] Assim procedendo, a escola nem educa para posse da ciência, nem educa para posse da cultura (ou da vida). Ser culto não é possuir um monte de conhecimentos fragmentados (se é que isso seria, ainda, conhecimento) sobre uma infinidade de coisas. Ser culto é possuir a idéia de mundo, de homem, de sociedade, de vida que defini seu tempo. No Ocidente, a ciência, a filosofia, a história, a arte e a religião são igualmente responsáveis por essas idéias (FÉTIZON, 2002, p.180-181).

Para Fétizon (2002), a escola formativa tem de formar o aluno nas idéias gerais e no método científico, ou seja, no método mental de cada ciência e não nas suas técnicas, que não são capazes de dar conta do sentido e da totalidade da compreensão do mundo.

A autora conclui, então, que é preciso educar os educadores e repensar as licenciaturas, porque numa escola formativa o professor é o educador por excelência, aquele que ajudará seu aluno a se cumprir como ser de violação, de criação. Pensar a formação dos professores é importante, pois eles também estudaram "numa escola média fragmentadora de conhecimentos, alienada da cultura e divorciada da vida" (FÉTIZON, 2002, p. 181). Como sabemos por pesquisas nesta área, a tendência entre os professores é repetir os modelos que tiveram. Os professores em sua formação são preparados para fazer ciência e não para ensinar a pensar no modo mental da ciência, e, muito menos, para educar com a ciência. "E são três coisas distintas: fazer ciência, ensinar ciência, e ensinar ciência como veículo de educação (de construção de humanidade)" (FÉTIZON, 2002, p. 182). Temos a organização produtiva da sociedade nas mãos da administração do trabalho, mantemos a organização cultural nas mãos da administração da educação formal, e assim "[...] chegamos ao século XX esfacelados, fragmentados em nossos recursos pessoais e existenciais e amputados em nossa humanidade"(FÉTIZON, 2002, p.182).

Assim, que todas as questões que examinamos esbarram na questão fundamental de que a humanidade não é gratuita: é, antes, autoconstruída por cada um e pelo meio social. Para a autora, para que o ocidente enfrente a crise resultante do mito do trabalho, é preciso reinventar mais do que o modelo social: precisamos reinventar a própria idéia de homem como sendo o doador de sentido às coisas, e não o contrário.

Para encerrar sua reflexão, Beatriz Fétizon (2002) nos declara que não percebe a si mesma, ao mundo e à sua espécie como um mero produto do meio, efeito de

condicionamentos e resultado de uma cadeia de causalidades recorrentes e intercorrentes, pois acaso se percebesse assim, a educação seria impossível. Em suas palavras,

> [...] pessoalmente, *tenho* que assumir a violação — que é o princípio radical (no sentido de raiz) da liberdade (enquanto possibilidade de superar o mero dado). Tenho que assumi-lo como *postulado da razão prática* (como a razão teórica, a razão pratica não dispensa postulados) — como postulado, como *pressuposto de vida*.[...] Por que para mim seria muito difícil, se não impossível viver a partir do pressuposto de que não há escolhas a fazer, de que a opção é uma ilusão (ou a decisão uma fraude) — porque tudo está irremediavelmente dado (FÉTIZON, 2002, p. 183).

Depois sob o tema: O trabalho e o ócio Fétizon vai considerar o consenso, entre a maioria dos autores que se ocupam dos problemas sociais, políticos e econômicos correntes, afirmar que o mundo civilizado está atravessando um momento de passagem, ou, como diria Alvin Tofler, uma nova "onda" — a passagem da era industrial para a era da informação (era pós-industrial).

Assim, o que Fétizon (2002) chama de "reconstrução do *modelo* social" é chamado por diversos pensadores de reconstrução de uma *ordem* social [os grifos são nossos]. Tal momento de passagem nos confronta com a dura alternativa entre o caos e a reinvenção, o que não significa uma confluência de perspectivas. Fukuyama, por exemplo, afirma que "a sociedade constituída em torno da informação tende a produzir, em maior quantidade, as coisas que mais valorizamos na moderna democracia: liberdade e igualdade" (p. 213). No entanto, Fétizon (2002) afirma não estar convencida: "não vi que decorresse dessa *passagem* nem liberdade, nem igualdade"(p. 213).

Fétizon entende o termo "liberdade" como a capacidade de autodeterminação que resulta na autoconstrução, erradicando a possibilidade ou capacidade de violação do dado e por igualdade, o direito de todos à diferença. Por isso, não concorda com Fukuyama. Para ela, "a era da informação só nos terá aberto a perspectiva de liberdade e de igualdade se seu horizonte se abrir para conquista do ócio" (p. 213).

A pesquisadora se propõe a tratar o ócio em oposição ao trabalho economicamente produtivo e afirma que muitos teóricos têm se ocupado desta oposição. Exemplo disso, o sociólogo italiano Domenico De Masi, em sua conferência "O Amanhecer do Terceiro

Milênio – Perspectivas para Trabalho e O Tempo Livre", proferida em outubro de 1998, no 5º Congresso Mundial de Lazer,

> aponta três fatores responsáveis, nos últimos séculos, por grandes transformações no mundo: o desenvolvimento tecnológico, a organização científica do trabalho (da qual decorrem a reorganização da escola e da sociedade como um todo) e a globalização (FÉTIZON, 2002, p. 214).

Tal como De Mais, Fétizon (2002) enxerga as conseqüências de tais transformações na vida da sociedade e sente-se respaldada por ele em sua crença na reinvenção da ordem social. Segundo a autora, "não há saída – é preciso reinventar o modelo social (como alternativa para o caos)" (p. 215). No entanto, para ela não basta somente isso: esta "a reinvenção do modelo social deve estar fundada na reapropriação da idéia de homem" (p. 215) e, novamente, De Masi traz o conforto de suas reflexões, citadas por ela mesma:

> o problema é que ninguém nunca nos preparou para o tempo livre. E como todos fomos preparados para o trabalho, tanto na família como na escola, muitos sabem trabalhar mas não sabem administrar o tempo livre [...]. Naturalmente, o ócio é uma arte (pouquíssimos são os que sabem ficar sem fazer nada) (FÉTIZON, 2002, p. 215)

Ao discorrer acerca do ócio e sua relevância e oposição ao trabalho, a autora continua a tratar das idéias de De Masi:

> Todos nós temos dois tipos de necessidades: as quantitativas referentes ao poder, ao dinheiro, ao consumo e ao acúmulo de bens *que nunca são satisfeitas* e as qualitativas, aquelas que segundo Agnes Heller, são radicais, pois "*tem haver com as raízes do ser humano*" (necessidade de introspecção, de amizade, de amor, de brincadeira, de convivência). "*É indispensável educação mental para satisfazê-las.* [...] *é necessário redistribuir o trabalho*", a riqueza, o poder e, sobretudo "*o saber, pois o tempo livre é feito de saber*" (FÉTIZON, 2002, p. 216).

Nas palavras da pesquisadora: "o símbolo da sociedade industrial foi a linha de montagem [...]. Acredito que o símbolo pós-industrial tem nascido no Brasil e seja ... a rede" (p. 216).

A autora passa a definir o que entende por ócio. "Ócio não significa *não fazer nada* — no sentido de estar inativo. Inativo não é o ocioso — é o morto. Não agir é não viver [...]. Estar ocioso é afirma-se desobrigado do agir compulsório, heterônomo" (p. 216).

Assim, agir é diferente de funcionar, pois a ação não é o funcionamento biofisiológico. É por isso que o ócio é humano: ele é violador. E, então, por ser violador, é humano enquanto humano, é criador.

> Se no desfrute do ócio meditamos ou nos divertimos ou se fazemos ambas as coisas porque o deleite de nosso meditar nos divirta, pouco importa. O importante é rompermos com o imposto, violarmos a imposição, a norma, o dado. Humano porque violador; e criador porque humano. Exercemos, pois, a humanidade, no ócio — e na humanidade conferirmos dignidade ao trabalho, subproduto do ócio e a ele subordinado (FÉTIZON, 2002, p. 217).

III.5. Pedagogia do Oprimido: as idéias de Paulo Freire

Paulo Freire foi um pensador comprometido com a vida; pensou sobre a existência. Sua pedagogia buscava a práxis como "prática da liberdade", pois a prática docente podia e ainda pode ser um método de opressão, assim como é opressora a dinâmica estrutural da sociedade que conduz "a dominação de consciências". Porém, a libertação nunca se dá de um salvador para um salvado: a relação é dialética, é libertadora de ambos, tanto do oprimido quanto do opressor.

Educador de vocação humanista, Freire acreditava que o sentido de aprender a ler e escrever era o de poder escrever a própria vida como biografia, para isto servia a alfabetização, para o sujeito escrever sua vida, "como autor e como testemunha de sua história, isto é, biografar-se, existenciar-se, historicizar-se"(FREIRE, 1992, p.10). Por isso, a pedagogia freireana tem como idéia central a amplitude da educação como prática da liberdade, pois em regime de dominação a prática produz uma "pedagogia do oprimido", como Freire (1992) mesmo cunha.

Para o educador, o processo em que o homem constitui e conquista sua própria forma, que difere do crescimento espontâneo dos vegetais, é um processo histórico no qual a pedagogia faz-se antropologia. Para ele, um pouco de afastamento da realidade concreta em que se vive é necessário ao homem, pois isso lhe permite pensar com mais profundidade a sua condição, o seu estar no mundo, e assim o ser humano constitui-se paulatinamente, conquistando sua forma própria e se projetando numa contínua recriação de um mundo

repleto de obstáculos, que provocam um esforço de superação “libertadora da consciência humana”.

> Essa capacidade de lidar com representações que substituem o próprio real é que possibilita ao homem libertar-se do espaço e do tempo presentes, fazer relações mentais na ausência das próprias coisas, imaginar, fazer planos e ter intenções [...] as representações mentais da realidade exterior são, na verdade, os principais mediadores a serem considerados na relação do homem com o mundo [...] Enquanto mediadores entre o indivíduo e o mundo real, esses sistemas de representação da realidade consistem numa espécie de “filtro” através do qual o homem será capaz de ver o mundo e operar sobre ele (OLIVEIRA, 1993, p.35-36).

O movimento interno de seu método reproduzia o processo histórico no qual o homem se reconhece. Por meio da conscientização, esse processo poderia levar não apenas ao conhecimento, mas à opção, à decisão e ao compromisso.

Para o autor, alfabetizar significa conscientizar. As palavras do universo vocabular dos alfabetizandos são re-significadas pela crítica e a ele retornam em ação transformadora. Para descobri-las, faziam uma pesquisa prévia (estudo do meio) para investigar o universo das palavras faladas. No meio cultural dos alfabetizandos, as palavras eram selecionadas e dentre elas eram extraídos os vocábulos de maior riqueza quanto às possibilidades fonéticas e de maior carga semântica, o que permitia um rápido domínio da palavra escrita, porquanto propiciavam o contato e a maior propriedade de quem a pronunciasse. Assim, os alfabetizandos não pronunciavam palavras vazias, destituídas de sentido, mas ricas em seu mundo, plenas de significado e, por conseqüência, de maior possibilidade de uso.

As palavras eram consideradas “geradoras” porque, através da combinação de seus elementos básicos, geravam a formação de outras. Freire propunha situações codificadas plasticamente através da imagem, dos símbolos, tais como quadros, *slides* etc., e, deste modo, as representações das experiências vividas pelos alfabetizandos passavam para o mundo dos objetos, de forma que estes conseguissem certo distanciamento de sua experiência para “ad-mirar” e, neste instante, começar a decodificar.

A codificação e a decodificação permitem ao alfabetizando integrar a significação das palavras geradoras no seu contexto existencial num processo de ensino-aprendizagem significativo. A decodificação é uma análise e uma conseqüente reconstituição da situação

vivida, que dá abertura para a ultrapassagem dessa situação. Através da reflexão, a crítica aparece como “animadora” de novos projetos existenciais.

Para o autor, são os apelos que a consciência faz a ir além dos limites que já se acomodaram, num movimento de ânimo e superação, que aponta sempre uma alternativa. “Ao objetivar seu mundo, o alfabetizando nele reencontra-se com os outros e nos outros” (FREIRE, 1992, p.11) e podem, então, ver o mundo que os absorve.

Paulo Freire propõe que a vida seja revivida em profundidade crítica. Em suas palavras,

> Todos juntos, em círculo, e em colaboração, reelaboram o mundo e, ao reconstruí-lo, apercebem-se de que embora construído também eles, esse mundo não é verdadeiramente para eles. Humanizado por eles, esse mundo não os humaniza. As mãos que o fazem, não são as que o dominam. Destinado a liberá-los como sujeitos, escraviza-os como objetos (FREIRE, 1992, p.17).

Retomando a consciência que os constitui enquanto sujeitos, tidos como objetos no mundo da consciência dominadora, não percebiam sua presença no mundo. Uma vez restituída a consciência, abre-se a mente do homem para a prática da liberdade.

A língua é a cultura da qual o homem é sujeito (credor da linguagem); ele “é desafiado a desvendar seu processo a partir da construção de suas palavras que é também a construção de seu mundo” (FREIRE, 1992). Para ele, o homem transforma-se de biológico em sócio-histórico, num processo que a cultura é parte essencial da constituição humana. Porém o alfabetizando não se deixará aprisionar pelos mecanismos de composição vocabular, através da decodificação crítica obtém consciência das palavras.

A busca de novas palavras não será feita com o objetivo de colecioná-las na memória, mas, antes, para dizer e escrever seu mundo, o seu pensamento. Pensar o mundo é atribuir-lhe juízo de valor, ou seja, julgá-lo. Assim, quando começa a escrever livremente, o alfabetizando não copia palavras, mas expressa juízos. Educar é, então, impregnar de sentido cada ato cotidiano.

A proposta de Paulo Freire (1992), tal como já exprimimos, não é ensinar a repetir palavras e não se restringe à capacidade de pensá-las abstratamente. Ela coloca o alfabetizando em condições de re-existência crítica das palavras de seu mundo, pois

somente sendo capaz de dizer sua palavra é que o homem assume a essência da sua condição humana.

Para o educador, a consciência de si mesmo no homem cresce paralela à consciência do mundo; uma está comprometida com a outra para tornar este mundo mais humano. Porém, a consciência que temos do mundo depende da interação com os demais: se vivermos isolados teremos uma visão muito particular de mundo, e não é isso que Freire considera como mundo.

A interação pressupõe o diálogo, pois o isolamento é, segundo o autor, a negação do homem, é o "fechamento da consciência, uma vez que consciência é abertura" (FREIRE, 1992) necessária para reencontrarmos o sentido histórico de nos reencontrarmos como sujeitos.

Se para Freire (1992) a consciência só surge do mundo vivido, o círculo de cultura *re*vive a vida em profundidade crítica. Assim, não faz sentido, repetir discursos, viver no senso comum e ser submisso a um destino imposto que não podem superar com a decisão de um projeto.

A história e a cultura recomeçam com a humanização do homem: a partir de sua expressão, da capacidade de dizer o seu mundo, a palavra escrita é uma forma de se dizer, de se "existenciar". Acerca da relação entre o aprendizado das palavras, da cultura e da consciência, o autor de **Pedagogia do Oprimido** afirma: "Alfabetização não é um jogo de palavras, é a consciência reflexiva da cultura, a reconstrução crítica do mundo comum, a bravura de dizer a sua palavra" (FREIRE, 1992, p.14) e a sua palavra equivale a assumir conscientemente a função de sujeito de sua história.

Freire (1992) não é ingênuo a ponto de supor que só a educação decidirá os rumos da história — ainda mais em nosso tempo, em que a educação tem sido vista como mercadoria e apropriada para a formação de mão-de-obra. Na verdade, ele afirma que a educação verdadeira será capaz de conscientizar as contradições do mundo. "As contradições conscientizadas não lhe dão mais descansos, tornam insuportável a acomodação"(p. 15).

Para Paulo Freire cabe ao povo dizer a palavra de comando no processo histórico-cultural, e só então viveríamos numa sociedade democrática. Desse modo, se a direção de

tal processo é política, conscientizar significa também politizar. A esse respeito, ele tece suas reflexões:

> Em regime de dominação de consciências, em que os que mais trabalham menos podem dizer a sua palavra e em multidões imensas nem sequer tem condições para trabalhar, os dominadores mantêm o monopólio da palavra, com que **mistificam,** massificam e dominam. Nessa situação, os dominados, para dizerem sua palavra, têm que lutar para tomá-la. Aprender a tomá-la dos que a detêm e a recusam aos demais é um difícil mais imprescindível aprendizado — é a pedagogia do oprimido (FREIRE, 1992, p. 21).

Segundo a concepção bancária da educação as relações educador-educando na escola apresentam caráter de relações fundamentalmente *narradoras*, dissertadoras: "Narração ou dissertação que implica num [*sic*] sujeito — o narrador — e em objetos pacientes, ouvintes — os educandos" (FREIRE, 1992, p.65).

A inquietação desta educação está em falar da realidade como algo parado, estático, compartimentado ou alheio à experiência existencial dos educandos. Nesta educação, o educador é agente, o sujeito, "cuja tarefa indeclinável é encher os educandos dos conteúdos de sua narração. Conteúdos que são retalhos da realidade, desconectados da totalidade em que se engendram e em cuja visão ganhariam significação" (p. 65). Por isso, a sonoridade das palavras é uma das características desta educação bancária, e não sua força transformadora. A narração conduz os educandos à memorização mecânica do conteúdo narrado; a narração os transforma em "vasilhas", em recipientes a serem preenchidos. Sob esta forma de educação, o educador é o depositante e os educandos os depositários da informação.

Esta é a educação à qual Paulo Freire denomina "bancária", porque se trata do ato de depositar conteúdos, como se armazena uma quantia de dinheiro num banco. Aqui, o educador não se comunica (não há diálogo), faz comunicados que os educandos memorizam e repetem docilmente. Este é o lugar onde a ação dos educandos é receber os depósitos e arquivá-los, tornando-se colecionadores ou fichadores dos conteúdos que arquivam; não existe nenhuma interação ou participação do educando, que é concebido como *tabula rasa*, vazia, que não porta conhecimentos prévios na qual o educador, que se supõe portador do saber, vai inscrever, depositar ou transferir seus conhecimentos, como se o educando não fizesse parte do processo de aprendizagem, como se tudo fosse externo e

ele fosse apenas o receptor daquilo que lhe transmitem. Freire (1992) se opõe a isto e acredita que “só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros” (p.67).

Na visão “bancária” da educação, o saber é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber. É uma “doação” que funciona como instrumento da ideologia da opressão, na qual uns detêm o saber e outros não sabem. Nesse modelo, somente se reconhecem como saberes aqueles considerados como saberes escolares.

A concepção bancária reflete a sociedade opressora que cultiva o silêncio, e é o contrário do que Freire propõe, dado que para ele o educando, enquanto sujeito, deve dizer a sua própria palavra. Quanto mais educandos se tornarem aptos em arquivar os depósitos feitos em suas mentes, mais eles parecerão brilhantes e aplicados. Parecia ser esse o ideal da escola que vigorou durante muito tempo (e infelizmente ainda vigora). A dificuldade está em que quanto mais os educandos forem submetidos a este ideal, mais se afastarão do desenvolvimento de uma consciência crítica — o que certamente resultaria na sua inserção no mundo enquanto sujeito, ou seja, fazedor da história.

A educação bancária anula ou pelo menos diminui o poder criador do educando, e estimula sua ingenuidade diante da situação. Os promotores dessa educação preservam a situação por serem beneficiados e usufruírem o posto de “bondosos”. Na verdade, o que pretendem os opressores “é transformar a mentalidade dos oprimidos e não a situação que os oprime” (FREIRE, 1992). Esta é uma concepção que, implicando uma prática, somente pode interessar aos opressores que quanto mais adequados encontrarem os homens ao mundo, mais paz terão.

Todavia, Paulo Freire (1992) não exclui os oprimidos da estrutura social. Ele afirma que jamais estiveram fora dela e que sempre os concebeu como parte de tal estrutura. A solução proposta por ele é a não-incorporação da estrutura que os oprime e os transforma em seres para o outro, mas a transformação desta estrutura para que possam fazer-se seres para si. O educador humanista identifica sua existência com a dos educandos, orientando-se numa educação para o pensar autêntico que significará humanização para ambos.

A concepção bancária tende a tratar o homem e o mundo como coisas separadas, onde “homens [são] como espectadores e não recriadores do mundo” (FREIRE, 1992,

p.81). Assim, a educação reflete a estrutura do poder e nega o diálogo. De forma mais imagética e ácida, o educador continua: “A concepção do saber da concepção “bancária” é, no fundo, o que Sartre (*El hombre y las cosas*) chamaria de concepção ‘digestiva’ ou ‘alimentícia’ do saber. Este é como se fosse o ‘alimento’ que o educador vai introduzindo, nos educandos, numa espécie de tratamento de engorda...” (FREIRE, 1992, p.72, nota de rodapé).

Deriva desse ponto de vista a idéia de que a concepção bancária tenha como objetivo “dificultar, em tudo, o pensar autêntico”. Nas aulas verbalistas, nos métodos de avaliação dos conhecimentos, no controle das leituras, na distância entre o educador e os educandos, na indicação bibliográfica, em tudo há sempre conotação ‘digestiva’ e a proibição do pensar verdadeiro” (FREIRE, 1992, p.73). O pensar verdadeiro não se dá numa redoma de vidro, isolada, mas pela comunicação em torno de uma realidade. Aqui, percebemos de forma bastante clara a influência do pensamento de Marx, pois para ele tanto como para Paulo Freire, os conceitos são inseparáveis da práxis, e não existem conceitos se estes estiverem desligados dos processos sociais que os criam.

Os verdadeiros humanistas não podem, na busca da libertação, servir-se da concepção bancária:

> O que nos parece indiscutível é que os educadores comprometidos com a libertação não compreendem os homens como seres vazios, a quem o mundo vai encher de conteúdos, os homens para estes são seres com consciência intencionada, por isto sua proposta é a de problematização dos homens em suas relações com o mundo (FREIRE, 1992, p.79).

Por esse motivo, a máxima freireana é “ninguém educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 1992, p.79). Para o autor, não há conhecimento na concepção bancária, pois os educandos não são convidados a conhecer e sim a memorizar, e o objeto que deveria provocar conhecimento é posse do educador, que não é mediatizador da reflexão crítica entre ambos.

Porém, o educador problematizador, o professor é um pesquisador que está em constante formação, a educação problematizadora proposta por ele tem caráter altamente reflexivo. Os educandos não são meros recipientes e sim investigadores críticos em diálogo com o educador, que compartilha desta condição. Mundo e consciência são reciprocamente

construídos: “A consciência e o mundo, diz Sartre, se dão ao mesmo tempo: exterior por essência à consciência, o mundo é, por essência, relativo a ela” (FREIRE, 1992, p.81).

Na concepção bancária, o educador vai “enchendo” os educandos do falso conhecimento, que são conteúdos impostos. No entanto, na prática problematizadora, os educandos vão paulatinamente desenvolvendo seu poder de captação e de compreensão do mundo, através de sua relação com ele, e não mais como uma realidade estática, mas como uma realidade em transformação, em processo. Assim, eles pensam a si próprios e ao mundo simultaneamente, sem separar este pensar da ação.

Enquanto a concepção bancária dá ênfase à permanência, a concepção problematizadora de Freire (1992) reforça a mudança. Dessa maneira, a educação se *re*faz constantemente na práxis.

A prática bancária, que implica o imobilismo, se faz reacionária, enquanto a concepção problematizadora não aceita um “presente bem comportado” com um futuro predeterminado. Insere-se no presente dinâmico, sendo assim revolucionária e, justamente por isso, seja também esperançosa, porque denuncia uma realidade desumana e ao mesmo tempo anuncia uma realidade em que os homens possam “ser mais”. “Anunciar” e “denunciar” são termos que não figuram como meros conceitos, mas como compromissos históricos.

Somente a partir da percepção em que se encontram é que os educandos podem mover-se no mundo. Esse movimento indica a esperança, pois se a situação parecesse algo terrível, fatal e intransponível, não haveria ação transformadora. Por isso, a educação problematizadora sempre aponta uma situação-limite, desafiadora e que pode ser superada. O fatalismo cede lugar, então, ao ímpeto de transformação e de busca de que os homens se sentem sujeitos. Além disso, a busca do “ser mais” não pode realizar-se no isolamento, no individualismo, mas em comunhão, em solidariedade.

Paulo Freire (1992) expõe, em sua obra, a educação bancária, e se posiciona criticamente em relação a ela, apontando para uma educação problematizadora e significativa na qual o educando também é sujeito.

Portanto para Freire, a dialogicidade – essência da educação como prática da liberdade.O diálogo para Paulo Freire não é uma relação que se dá unicamente entre duas

pessoas — o “eu” e o outro —, mas entre os homens. Nesse sentido, uma exigência existencial é o encontro em que o refletir e o agir se solidarizam, pois a palavra que não condiz com a prática torna-se blá-blá-blá. Logo, o diálogo não pode reduzir-se a um ato de depositar idéias de um sujeito no outro, e muito menos pode ser apenas a troca de idéias a serem consumidas entre seus participantes. “Existir humanamente é pronunciar o mundo” (FREIRE, 1992, p.92) e pronunciar o mundo não deveria ser privilégio de alguns. O diálogo também não pode existir num educador que se considera detentor do saber porque ao pensar assim aliena a ignorância que possui percebendo-a sempre no outro e nunca em si. “Como posso dialogar se me fecho a contribuição dos outros, que jamais reconheço, e até me sinto ofendido por ela ? [...] a auto-suficiência é incompatível com o diálogo.” (FREIRE, 1992, p.95).

A sala de aula, assim como qualquer outro lugar do mundo, deve ser um lugar no qual não existem ignorantes absolutos nem sábios absolutos: deve haver homens e mulheres que busquem saber mais em comunhão. “O conteúdo da educação não é uma doação ou imposição — um conjunto de informes a ser depositado nos educandos — mas a devolução organizada, sistematizada e acrescentada ao povo, daqueles elementos que este lhe entregou de forma inestruturada” (FREIRE, 1992, p.98).

O autor cita planos políticos ou docentes que falharam porque seus realizadores partiram de uma visão pessoal da realidade, ou seja, não se preocuparam com aqueles a quem se destinava seu programa. Os que atuam sobre os homens, de forma a doutriná-los e adaptá-los cada vez mais a realidade que deve permanecer intocada, são os dominadores — em suma, o oposto do que um educador deve ser.

Um trabalho libertador propõe os *slogans* dos opressores como problema, proporcionando assim a sua expulsão de dentro dos oprimidos. O papel do educador seria dialogar sobre a visão de mundo deles e a nossa visão de mundo, e não impor uma determinada visão. Deve propor ao povo, através de certas contradições básicas, sua situação existencial, concreta, presente, como um problema que, por sua vez, o desafie e assim lhe exija resposta não só no nível intelectual, mas no nível da ação.

Além disso, os conteúdos não devem ser eleitos exclusivamente *pelos* professores, mas *com* o povo. O momento dessa busca é que inaugura o diálogo; é o momento em que se realiza a investigação do universo temático ou conjunto de temas geradores ou, ainda, a

temática significativa. “O que se pretende investigar não são os homens, mas o seu pensamento — linguagem referida à realidade, os níveis de percepção desta realidade, sua visão de mundo, em que se encontram seus temas geradores” (FREIRE, 1992, p.103).

Para o pensamento de Freire (1992), é importante lembrar que os homens são os únicos capazes de ter a si mesmos como objetos de sua consciência.

> A experiência humana no mundo muda de qualidade com relação à vida animal no suporte. O suporte é o espaço, restrito ou alongado, a que o animal se prende “afetivamente” tanto quanto para resistir; é o espaço necessário a seu crescimento e que delimita seu domínio. É o espaço em que, treinado, adestrado, “aprende” a sobreviver, a caçar, a atacar, a defender-se num tempo de dependência dos adultos imensamente menor do que é necessário ao ser humano para as mesmas coisas. [...] Faltam ao movimento dos outros animais no suporte a linguagem conceitual, a inteligibilidade do próprio suporte, de que resultaria inevitavelmente a comunicabilidade do inteligido, o espanto diante da vida mesma, do que há nela de mistério. No suporte, os comportamentos dos indivíduos têm sua explicação muito mais na espécie a que pertencem os indivíduos do que neles mesmos. Falta-lhes liberdade de opção. Por isso, não se fala em ética entre elefantes (FREIRE, 1992).

O professor nos explica que para o animal, “carecendo da consciência de si, seu viver é uma determinação, que não é para os seres humanos.

> O próprio do ser humano é estar em consciência de si e do mundo em relação de enfrentamento com sua realidade, sendo os animais seres para si não podem tomar uma postura decisória diante do mundo. Sendo o animal um ser para si lhe falta o poder de exercer ‘atos-limites’ que implicam numa [*sic*] postura decisória do qual se separa (FREIRE, 1992, p. 107).

Dessa forma, os seres humanos são agentes transformadores da realidade objetiva, criam a história e se fazem seres histórico-sociais, uns a favor da manutenção da estrutura, outros da mudança, e as situações que se apresentam como determinantes históricas, esmagadoras (às quais não se tem outra alternativa senão adaptar-se) são percebidas como situações-limites que, por sua vez, pedem transcendência.

O esforço do educador é sempre “propor aos indivíduos dimensões significativas de sua realidade, cuja análise crítica lhes possibilite reconhecer a interação de suas partes” (FREIRE, 1992). A análise crítica sempre possibilita uma nova postura. É dessa forma que o tema gerador começa a inserir os homens numa forma crítica de pensar o mundo.

> O tema gerador não se encontra nos homens isolados da realidade, tampouco na realidade separada dos homens. Só pode ser compreendido nas relações homens-mundo. Investigar o tema gerador é investigar, repitamos, o pensar dos homens referido à realidade, é investigar seu atuar sobre a realidade, que é sua práxis (FREIRE, 1992, p.115).

Pesquisar o universo temático não é elaborar roteiros de pesquisa a partir de pontos pré-estabelecidos pelos investigadores. Desta feita, os professores que se proponham a investigar não podem julgar a si mesmos como os sujeitos exclusivos da investigação.

Para Freire (1992), a revolução autêntica pretende transformar a realidade desumana dos homens e mulheres:

> Não há história sem homens, como não há uma história para homens, mas uma história de homens que, feita por eles, também os faz, como disse Marx. E é precisamente, quando — às grandes maiorias — se proíbe o direito de participarem como sujeitos da história, que elas se encontram dominadas e alienadas (FREIRE, 1992, p.127).

Segundo o autor, o desejo de conquista acompanha a ação antidialógica, que é contrária a libertação, pois o diálogo permite a ação libertadora. Por essa razão, os opressores se esforçam para mitificar o mundo.

> Daí que os opressores desenvolvam uma serie de recursos através dos quais propõe à "ad-miração" das massas conquistadas e oprimidas um falso mundo. Um mundo de engodos que, alienando-as mais ainda, as mantenha passivas em face dele. Daí que, na ação da conquista, não seja possível apresentar o mundo como problema, mas, pelo contrario, como algo dado, como algo estático, a que os homens se devem ajustar (FREIRE, 1992, p.136).

Para chegar às massas é preciso conquistá-las, porque a conquista garante a alienação que se faz pelos mitos indispensáveis à manutenção do *status quo.*

> O mito, por exemplo de que a ordem opressora é uma ordem de liberdade. De que todos são livres para trabalhar onde queiram. Se não lhes agrada o patrão, podem então deixá-lo e procurar outro emprego. O mito de que esta 'ordem' respeita os direitos da pessoa humana e que, portanto, é digna de todo apreço. O mito de que todos, bastando não ser preguiçosos, podem chegar a ser empresários — mais ainda, o mito de que o homem que vende pelas ruas gritando: 'doce de banana e goiaba' é um empresário tal qual o dono de uma grande fábrica. O mito do direito de todos à educação, quando o numero de brasileiros que chegam às escolas primárias[21] e o dos que conseguem nelas permanecer é chocantemente irrisório. O mito da igualdade de classe, quando o 'sabe com quem esta falando?' é ainda

[21] Cabe lembrar que o livro foi escrito na década de 1960; no entanto, também cabe ressaltar que, como a própria pesquisa mostrou, atualmente embora o número de escolas tenha aumentado neste nível de ensino, grande parte dos estudantes sai dela sem saber ler e escrever minimamente.

> uma pergunta dos nossos dias. O mito do heroísmo das classes opressoras, como mantenedoras da ordem que encarna a 'civilização ocidental e cristã', que elas defendem da 'barbárie materialista'. O mito de sua caridade, de sua generosidade, quando o que fazem é assistencialismo [...] O mito de que as elites dominadoras, 'no reconhecimento de seus deveres são promotoras do povo, devendo este, um gesto de gratidão, aceitar a sua palavra e conformar-se com ela. O mito da propriedade privada, como fundamento para o desenvolvimento da pessoa humana, desde, porém, que pessoas humanas sejam apenas os opressores. O mito da preguiça e desonestidade dos oprimidos. O mito da inferioridade 'ontológica' destes e da superioridade daqueles (FREIRE, 1992, p.137).

Segundo o autor, a introjeção desses mitos é básica para a conquista e manutenção da opressão. Nesse contexto, o trabalho não-livre não é realizador da pessoa humana, pois este tipo de trabalho que não lhe pertence é um estar em dependência total, em insegurança, em ameaça permanente o que o torna um meio de reificação. Assim, "toda união dos oprimidos entre si, que já sendo ação, aponta outras ações, implica, cedo ou tarde, que percebendo eles o seu estado de despersonalização, descubram que, divididos, serão sempre presas fáceis do dirigismo e da dominação"(FREIRE, 1992, p.143)

É desse modo, então, que Freire (1992) reforça sua crença na unificação e na organização como capazes de transformar a debilidade em força transformadora possível de recriar o mundo e torná-lo mais humano. Para ele, a divisão mantém o poder que, por sua vez, depende da manipulação, pois "quanto mais imaturas, politicamente, estejam elas (rurais ou urbanas), tanto mais facilmente se deixam manipular pelas elites dominadoras" (p.144).

Freire (1992) conclui que a manipulação é constituída de toda sorte de mitos a que se referiu, além do mito segundo o qual a burguesia faz de si mesma para as massas, colocando como possibilidade de essas ascenderem a ela desde que aceitem sua palavra. A esta negra perspectiva, ele aponta a solução:

> O antídoto a esta manipulação está na organização criticamente consciente, cujo ponto de partida, por isso mesmo, não está em depositar nelas o conteúdo revolucionário, mas na problematização de sua posição no processo. Na problematização da realidade nacional e da própria manipulação. (FREIRE, 1992, p.146).

III.5. Civilização partida: as idéias de Maria Rita Kehl

Em 1969, quando ninguém podia imaginar que o Vietnã venceria a guerra contra os Estados Unidos, a escritora Susan Sontag visitou Hanói e registrou sua visita numa espécie de diário de viagem. Com bastante sensibilidade, a escritora registrou o impacto que o encontro com aquela sociedade lhe causou, ela previu que os vietcongues ganhariam a guerra, apesar da inferioridade militar e tecnológica.

Para Sontag, a vantagem era puramente psicológica: residia na convicção inabalável nos ideais revolucionários pelos quais lutariam até o fim, enquanto a convicção dos soldados norte-americanos era frouxa em sua causa. A autora comenta que ela faz parte de uma sociedade que duvida de si mesma e que este sentimento propicia a tudo que é novo e diferente a falta de convicções seguras sobre o bem e o mal, o belo e o feio, o certo e o errado.

Octavio Paz também se referiu aos Estados Unidos do final da década de 1980 como uma sociedade imperialista em crise com seus valores e seu poder. Os dois autores fazem referência aos Estados Unidos em situações diferentes entre si e também muito diferentes da sociedade que conhecemos hoje. Porém, para Sontag, duvidar de si mesma constitui-se numa das principais características das civilizações modernas. O próprio termo "civilização" surge com o advento da modernidade para designar as sociedades européias em relação aos povos do chamado "Novo Mundo". Não definimos o termo civilizado como oposição ao bárbaro: o termo simplesmente foi criado para marcar uma diferença em relação a elas. Assim, o cilivizado constrói sua identidade em oposição ao Outro — o oriental, o indígena, o bárbaro —, e podemos dizer que ele nasce marcado pela diferença, e, por isso mesmo, dividido.

Este período a que chamamos "modernidade" se originou por volta do século XVI e ainda não se esgotou. Ele produziu duas atitudes predominantes diante deste Outro:

> Uma delas é intolerância, fundamentada pelas correntes de pensamento que tentam produzir convicções e certezas baseadas num significante absoluto, capaz de ocupar o lugar deixado por Deus. Este significante inquestionável pode ser a razão, a ciência ou — atualmente — o mercado (KEHL *in* NOVAES, 2004, p.102)

O sujeito do conhecimento que surge deste modo de pensar está precariamente centrado na razão e na soberania do “eu”.A segunda atitude seria oposta à primeira, a da curiosidade, da hospitalidade e a da tolerância com o diferente:

> Tolerar o estranho não significa apenas permitir que ele exista em algum lugar, longe de nós. Não significa apenas permitir que ele ocupe a periferia de um mundo no qual nós, modernos e civilizados, supomos ocupar o centro.Abrigar e tolerar o entranho é permitir que ele nos desestabilize permanentemente, deslocando nossas certezas, borrando as fronteiras de nossa suposta identidade, oferecendo traços identificatórios que frustram o outro projeto moderno, de unicidade e individualidade. Tolerar o estranho é tolerar também a incerteza que ele traz (KEHL *in* NOVAES, 2004, p.102).

O sujeito moderno tem como característica a falta de rígidos limites identitários; a “morte de Deus” anunciada por Nietzsche destruiu as possibilidades de as pessoas se filiarem a uma idéia unívoca da verdade e assim definir o ser o e destino por meio dela.

A autora usa a imagem descrita numa poesia de Ungaretti para representar a relação entre o nosso “eu” e o inconsciente:

> *Com minha fome de lobo*
>
> *amaino*
>
> *meu corpo de ovelhinha.*
>
> *Sou como*
>
> *o mísero barco*
>
> *e como oceano libidinoso.* (KEHL *in* NOVAES, 2004, p.103)

Um barquinho minúsculo num oceano tem poucas chances de conduzir seu destino diante das forças poderosas deste; no entanto, ele terá mais chances se puder aproveitar os ventos e as correntes marítimas, “ou seja: o *eu* que tenta controlar o rumo de nossas vidas é muito menor do que o ‘oceano libidinoso” (Kehl *in* NOVAES, 2004) que o ultrapassa. Seu sucesso depende da possibilidade de fazer uma certa aliança com o inconsciente para não ser engolido por ele.

O oceano é o inconsciente, e nele há tsunamis e maremotos. Tentamos controlar apenas uma pequena parte, mas para controlarmos precisamos conhecê-lo. Segundo a psicanálise, não podemos conhecer a nós mesmos sozinhos.

Para Maria Rita Kehl (*in* NOVAES, 2004), o século XX foi o século da psicanálise, em que as forças e as representações inconscientes deixaram o silêncio e a obscuridade a que foram relegadas no início da era da modernidade, marcada pela racionalidade, para adquirir valor de discurso significativo.

A autora prossegue explicando que não pretende neste momento desenvolver reflexões acerca da questão se o inconsciente teria sido ou não um estatuto específico da modernidade, ou se só os modernos são sujeitos do inconsciente. No entanto, é possível supor que a modernidade, ao proporcionar o advento de um sujeito centrado na razão *individual*, um sujeito soberano em relação a suas certezas e representações, não mais tutelado por Deus e suas instituições terrenas, estabelece uma configuração subjetiva em relação ao *eu* identificado com a razão, a consciência e o inconsciente. O interesse da autora, bem como o de muitos historiadores e filósofos, é entender como deste sujeito solar, racional e auto-centrado, constituído pela modernidade, surge o sujeito da poesia — aquele que percebe seu eu como um barquinho entregue às correntes e às tempestades do oceano libidinoso que ele não controla.

A autora pensa enquanto correspondente o tema "civilização e barbárie", a relação do "eu" moderno com o inconsciente, e em sua analogia compara a abertura das civilizações modernas para o estrangeiro com a abertura do sujeito para existência de seu inconsciente.

Kehl (*in* NOVAES, 2004) tampouco pretende discutir os termos "civilização" e "barbárie", e por isso os toma no sentido mais próximo do senso comum. A historiadora desenvolve, antes, a relação entre civilização e barbárie tendo a modernidade como foco que contém estes dois elementos, tomando como pano de fundo o sujeito moderno.

Nesse âmbito, ela pondera que embora o termo "civilização" tenha se caracterizado para diferenciar as sociedades ocidentais modernas das outras, seria muita pretensão identificar a modernidade, o ocidente moderno, com a civilização, pois a modernidade contém tanto civilização como a barbárie. Ela contém sistemas de pensamento da certeza absoluta que produz fanatismo e intolerância, e não comporta a alteridade e os sistemas de pensamento que não buscam a totalização.

Assim, a modernidade possui os dois tipos de pensamento: o da dúvida e o da certeza. A primeira é identificada como civilizada, aberta para o diferente, criativa e pouco autoritária, e a segunda é a corrente moderna que busca grandes totalizações políticas e científicas, a abolição da diversidade, a imposição de um pensamento único e conseqüente, a intolerância ao outro diferente. Para a autora, as certezas absolutas justificam a intolerância, a violência em relação ao diferente, citando como exemplo o nazismo, experiência-limite do enlouquecimento da racionalidade moderna.

No início da Modernidade, podemos pensar o florescimento das artes e da ciência na Renascença como característico de um período 'civilizado'; na mesma época, consideramos 'bárbaras' as práticas primitivas dos tribunais católicos da Inquisição, ou a destruição das culturas indígenas da América pelos colonizadores.

> A ciência moderna, por exemplo, é civilizada quando libera o homem de preconceitos obscurantistas, e fornece parâmetros para nos libertar do julgo da natureza. Mas sua face bárbara se revela quando produz armas de destruição em massa e se afirma como potencia sobre-humana, acima da lei, servindo aos interesses do capital sem reconhecer nenhum limite ético (KEHL *in* NOVAES, 2004, p. 105).

Para a pesquisadora, quanto mais o sujeito se pretende solar e soberano, mais ele rejeita as evidências do inconsciente, pretendendo ignorá-las, e quanto mais pretende ignorar o inconsciente, mais é assaltado e dominado pela obscuridade dele.

A Renascença é considera a incubadora da modernidade porque foi o período em que o Outro se apresentou de diversas formas. O europeu, que se imaginava no centro do mundo, pôde constatar a existência de civilizações nas Américas, na África e no Oriente. A Reforma da Igreja questionou o monopólio da verdade por parte do clero. A invenção da imprensa tornou possível a livre circulação da palavra escrita, possibilitando por sua vez leituras silenciosas, que contribuiu para reforçar o individualismo e democratizar as possibilidades de reflexão solitária diante de uma variedade de textos.

Em decorrência da Revolução de Copérnico, o homem transformou-se em objeto do pensamento filosófico; deslocado de seu lugar como centro do sistema solar, foi forçado a se distanciar de sua existência para observá-la e se indagar sobre quem ele é. Colocava-se

então idéia de homem universal do humanismo renascentista, ou seja, a idéia de que a nossa humanidade é condição compartilhada por todos os seres humanos data deste período.

A Reforma da igreja desempenhou um papel fundamental na formação do sujeito moderno, pois “a palavra das autoridades da Igreja, que foi critério de verdade durante quinze séculos, foi recusada por um cristão”. “São só opiniões”, disse Lutero, que afirmava que não devíamos confiar cegamente nelas. Desta maneira, ele propôs o individualismo cristão que fez brotar o individualismo contemporâneo.

Lutero iniciou uma crise com suas propostas e que hoje determinam nossa subjetividade: “se somos individuais, e é nossa consciência que deve decidir o bom e o verdadeiro, nosso desamparo intelectual fica evidente; nada nos fornece uma garantia final quanto a verdade e aos caminhos da salvação. Estamos no mundo sem uma bula confiável para dirigir nosso destinos” (Kehl *in* NOVAES, 2004, p. 107).

Lutero não colocou em dúvida a existência de Deus, nem a verdade dos textos sagrados, mas questionou o lugar da igreja católica enquanto detentora da verdade. Estabelecendo uma crise sobre os critérios da fé, o que equivalia a uma crise intelectual existencial para os cristãos.

Diferentemente de Santo Agostinho, Lutero propunha que a questão não era apenas escolher entre os caminhos do bem e do pecado contidos nas Escrituras: era preciso tentar discernir, individualmente, o sentido dos trechos obscuros dos textos para poder diferenciar o bem do mal. Inaugurava-se o desamparo intelectual do sujeito moderno e a crise da verdade que permanece até nossos dias.

Lutero foi um racionalista, mas não um cético. Ele apostou na busca da verdade por meio da razão. “Seu pensamento inaugurou um novo tipo de sofrimento para o homem ocidental, responsabilizado por alcançar, sozinho e pela limpidez de sua mente, a verdade e o caminho da salvação” (Kehl *in* NOVAES, 2004, p.108). Podemos afirmar que Lutero abriu a caixa de Pandora e que muitos outros depois dele tentaram fechá-la ou, pelo menos, evitar que percebessem que esta havia sido aberta.

Dessa forma, o ceticismo promoveu uma abertura para a melhor corrente da modernidade, ou seja, a da dúvida, da incerteza e da tolerância. Assim, para a autora, o ceticismo é moderno e civilizador. Ela explica que,

> Diante da crise da verdade, alguns céticos propunham ao método de levar a dúvida até o limite em busca de uma certeza confiável. Apostavam na capacidade da mente de alcançar a verdade pelo método desde que se partisse de uma base indubitável. Tratava-se de uma grande responsabilidade para o sujeito moderno, e apontava para um projeto de sujeito capaz de chegar à verdade pela razão — projeto que a psicanálise virá a abalar, três séculos depois (KEHL *in* NOVAES, 2004, 109).

Ainda no período de passagem da vida em comunidade para vida em sociedade — ou, conforme os termos de Nobert Elias, do homem coletivo ao homem individual—, a fé racional do ser humano da Renascença ainda não era estritamente individual, e apostava na verdade coletiva estabelecida pelo senso comum.

Todavia, um tipo de verdade compartilhada era cada vez mais difícil numa cultura que se tornava individualista ao mesmo tempo em que também começava a ser atravessada pela diferença, trazida pelo outro, pela diversidade de línguas, pela notícia dos povos das Américas, pela troca de mercadorias que movimentava a vida nas cidades européias e fragmentava os saberes. Isso tudo fragmentava as opiniões e os saberes. Assim, a verdade enquanto ilusão compartilhada que sustenta o laço social e os sujeitos já não bastava para livrar os sujeitos da solidão da responsabilidade individual. "Quando a sociedade se torna mais múltipla e complexa, as ilusões compartilhadas se multiplicam e a questão da escolha individual se torna mais dramática" (Kehl *in* NOVAES, 2004, p.110).

> Segundo a autora, o que ameaça a estabilidade do conhecimento é a diversidade. Do encontro dos europeus com os povos das Américas surgiram duas correntes, uma civilizada e uma bárbara. A primeira via estes povos como seres humanos e, conseqüentemente, filhos de Deus, e questionava se havia apenas um único modo de vida bom e verdadeiro; a outra, motivada pelo papel do dogmatismo e por interesses mercantis, argumentava que aqueles seres estranhos não possuíam alma como os cristãos.

A corrente civilizada acolhe a incerteza e a dúvida. Ela produz dois tipos de sujeito do conhecimento, exemplificados por dois filósofos que inauguram a modernidade. Michel de Montaigne afirma que "cada homem leva em si a forma inteira da condição humana". Montaigne considerava-se "um homem comum, que não teria nenhuma grande revelação divina e nenhum grande feito militar para contar — não sendo sábio, santo ou rei" (Kehl *in*

NOVAES, 2004). Ele escreveu uma obra muito intrigante para sua época, pois o objeto de investigação de sua obra não era a busca do Bom, do Belo e do Verdadeiro. Em seus **Ensaios**, dedicou-se a descrever e a investigar o seu próprio "eu".

Embora fosse católico, Montaigne era aberto para o outro e tinha uma atitude cética que lhe conferia uma liberdade moral sem limites, pois diante das questões duvidosas optava por colocar os dogmas e as certezas em dúvida.

Ao tomar conhecimento dos povos indígenas no Brasil que tinham tradições muito diferentes das dos europeus, observou que a diversidade humana talvez tenha algo a nos ensinar, dado que aqueles povos viviam em admirável simplicidade, sem fé, sem lei e sem rei. Viviam muito bem e nada lhes autorizava a dizer que não fossem humanos como eles.

Como o grande objeto da escrita de Montaigne foi seu próprio "eu", ele pôde ser considerado como o pensador que "consagrou o indivíduo moderno". Os **Ensaios** não eram um deleite narcisista, mas um projeto epistemológico que buscava a verdade entendida como algo não fixa. funcionava como crítica aos filósofos racionalistas. A pergunta era: como podem conhecer a verdade se não conhecem nem mesmo a si próprios? Seu "eu" era atravessado pelas oscilações do mundo, pelas influências das leituras, pelas conversas com outros; a experiência de si era meio de acesso a alguma verdade não universal e que tampouco era um centro isolado de pensamento.

Para Montaigne, escrever era um meio de entender a verdade. Quando perdeu seu grande amigo interlocutor, Étienene de La Boétie, começou a escrever em busca de outros amigos leitores que pudessem continuar o diálogo interrompido acerca da busca da verdade. Ele buscava a verdade nas conversas francas entre iguais, e não na submissão à palavra dos grandes sábios ou das autoridades da Igreja.

Seu interesse pela experiência de si não pode ser confundido com o que hoje chamamos de individualismo, pois para o autor "nossa humanidade só se afirma como condição compartilhada*: ser um homem é ter muita coisa em comum com todos os outros homens*" (*apud* Kehl *in* NOVAES, 2004).

Seu método baseado no diálogo livre e aberto não estabelece dogmas, presumi que não existe a verdade de um homem só. "A palavra pertence metade àquele que fala, e metade àquele que escuta" (*apud* Kehl *in* NOVAES, 2004).

Montaigne trouxe o melhor da herança aristotélica para seu pensamento. Acreditou no diálogo como método de construção da verdade. Foi precursor do indivíduo solar ao mesmo tempo em que percebia a impossibilidade da solaridade, pois para ele o sujeito só se sustenta e se completa no diálogo com o outro.

Seu pensamento anuncia três formas de crise intelectual que abalariam o século seguinte:

- a crise teológica
- a crise humanística (ao admitir a diversidade das culturas sem estabelecer entre elas uma hierarquia de valor, instilando o relativismo cultural e moral, que ao mesmo tempo abalou e enriqueceu o humanismo da Renascença); e
- a crise do conhecimento científico (como "eu" posso conhecer o verdadeiro ser das coisas? As coisas não possuem uma essência fixa e nós estamos sujeitos a nos iludir; nossos desejos nos enganam e nossos sentidos são imperfeitos, o que nos impede de confiar numa ciência humana).

Montaigne mantinha essa atitude inclusive em relação a seu "eu", que também lhe escapava. Em seus questionamentos, dizia que hoje "sou" um, amanhã "sou" outro, por não poder evitar ser modificado pelas mais diversas influências. Além disso, dizia que com a diversidade de informações não podia esperar que seu "eu" fosse estável.

Seu pensamento, segundo Richard Popkins, foi uma "incubadora do pensamento moderno" (*apud* Kehl *in* NOVAES, 2004), devido à sua atitude de abertura diante da dúvida.

Se existisse em Montaigne uma ética para a modernidade ela seria a afirmação da dúvida; porém, não como dúvida cínica, mas como ponto de partida para investigação de si mesmo e de diálogo com o outro e com a ética da alteridade, que defende a abertura para o "eu" que se completa com o outro, a mesma ética diante do desconhecido, mesmo ao preço da perda das mais confortáveis convicções.

Montaigne não produziu doutrina; conseqüentemente, não produziu poder. Descartes, fortemente influenciado por ele, concluiu que "todos aqueles que têm sentimentos totalmente contrários aos nossos nem por isso são bárbaros sem selvagens, mas muitos se utilizam, tanto ou mais do que nós da razão" (*apud* Kehl *in* NOVAES, 2004, p.116). Ele percebeu, com base em Montaigne, a dificuldade de encontrar um ponto de

vista seguro e, assim, inaugurou a restauração de uma certeza adequada à visão cristã do mundo, que estava então abalada. Por essa razão, a autora considera Montaigne mais moderno do que Descartes, pois a argumentação deste depende necessariamente de Deus. O método cartesiano construiu um critério de certeza e livrou o homem da dúvida cética, mas deixou o sujeito moderno ainda mais desamparado.

> O método cartesiano de construção de um critério de certezas salvou o século seguinte da dúvida cética, mas deixou o sujeito moderno ainda mais desamparado. A modalidade moderna do desamparo consiste nisso: o homem está condenado a decidir sozinho a respeito da verdade. Desamparo, vontade de amparo e desejo de servidão advêm do medo que sentimos em relação a nossa liberdade, inaugurada por Lutero, e a nossa liberdade individual afirmada por Descartes (KEHL *in* NOVAES, 2004, p.120).

Se, por um lado, as dúvidas e incertezas fundam nossa liberdade e com ela nosso desamparo, se temos que escolher a partir da razão, se saímos da tutela das igrejas e das autoridades filosóficas, por outro lado a procura de amparo pode surgir sob formas de adesão a grandes sistemas totalitários de pensamento e de poder à maneira da *servidão voluntária.*

Kehl (*in* NOVAES, 2004) dá um salto para o século XXI para mostrar como o desenvolvimento do "eu" da modernidade, inaugurado por Descartes, conduziu ao advento do sujeito neurótico da psicanálise. O neurótico é o sujeito que sofre de uma culpa permanente, uma culpa por crime ou pecado que desconhece. Enquanto o sujeito da modernidade deveria afastar de sua mente todos os pensamentos contraditórios, todos os impulsos perturbadores que poderiam turvar a hegemonia da razão que se pretende capaz de decidir com clareza e nitidez sobre a verdade, o oposto é o que na realidade ocorre: o inconsciente adquire poder sobre seus atos e suas representações. Enquanto o sujeito pleno busca ser capaz de representar a si mesmo e ao real que ele alcança com o poder da razão, esse sujeito é golpeado a partir daquilo que nele mesmo escapa ao controle racional.

Freud mostrou que o centro do "eu" não está na razão, mas no inconsciente. Ele dissociou o "eu" da razão, de forma que nossas certezas sobre a verdade do mundo são alteradas, em primeiro lugar, pelo princípio do prazer e, em seguida, pelo recalque. "O neurótico é um sujeito que fecha o acesso as suas próprias percepções, tentando excluir de seu campo de receptividade as informações contraditórias e as perturbações do mundo"

(*apud* Kehl *in* NOVAES, 2004, p.121). Dessa forma, para satisfazer impulsos recalcados, vale-se de sintomas e fantasias, perdendo então o controle de seu desejo inconsciente.

O lugar da verdade não é o lugar do pensamento, do puramente racional. A psicanálise é um forte pensamento da modernidade sempre mal recebido porque veio dar a notícia do fracasso das pretensões do sujeito cartesiano.

> A abertura para o outro que habita em nós é uma condição para tolerância, pois uma das bases da intolerância é o mecanismo defensivo de projetar sobre o outro — meu semelhante na diferença — tudo aquilo que eu rejeito em mim mesmo. Se não quero admitir o "mal" e a contradição em mim mesmo, vou projetá-lo no outro, e eliminar no outro aquilo de que não quero saber, em mim (KEHL *in* NOVAES, 2004, p.122).

Uma vez revelada a fratura do sujeito solar, a evidência do sujeito do inconsciente e todas as tentativas de negá-lo tornam-se tentativas brutais. Maria Rita Kehl (*in* NOVAES, 2004) nos instiga a pensar junto com ela:

> O maniqueísmo que se agrava nos dias atuais, e que pode se polarizar em uma falsa divisão inconciliável — Leste/Oeste, ou islamismo/cristianismo etc. — me faz pensar se a sociedade que ainda diferem do Ocidente moderno dito "civilizado", que não se incluem nos moldes da cultura globalizada, não estão sendo transformadas no "eixo do mal" porque são justamente as culturas que podem colocar em xeque o nosso paradigma capitalismo e anunciar a sobrevivência das formações comunitárias pré-modernas das quais nos apartamos — e cuja memória recalcamos — em função dos imperativos da acumulação do capital (KEHL *in* NOVAES, 2004, p.122).

Desse modo, Kehl (*in* NOVAES, 2004) propõe que pensemos os conflitos entre o Ocidente e o Islã não como conflitos entre bárbaros e civilizados, mas como conflitos entre as modalidades de barbárie produzidas por ambos os sistemas, em que cada um tenta eliminar no outro os elementos que podem perturbar suas certezas de estar do lado do Bem e da Verdade, únicos e inquestionáveis.

> Se a melhor tradição que a modernidade produziu foi a tradição da dúvida e da incerteza, que nos permitiu conviver com a diferença e extrair disso um potencial criativo; se é isso que estou chamando de civilização, então a restauração das convicções absolutas que podem ajudar os Estados Unidos a vencer uma guerra seria sinal de uma nova barbárie.

> Ao tentar convencer o resto do mundo da necessidade de bombardear o Iraque, ao tentar identificar o ditador Saddan Hussein como o "mal absoluto" e justificar uma intervenção bélica em nome do "bem" o presidente norte americano George W. Bush vem misturando argumento político com apelos religiosos em seus discursos (KEHL *in* NOVAES, 2004, p. 122-123).

A pesquisadora conclui suas reflexões afirmando que a melhor tradição da modernidade não é a que mobiliza nas populações sua determinação guerreira, mas aquela que aposta no diálogo nas negociações, na tolerância mútua como recurso para tornar as guerras desnecessárias.

III.6. Estudos complementares

Além dos autores fundamentais apresentados anteriormente, também analisamos outras obras com a temática "Educação de Jovens e Adultos", dentre outras que foram pertinentes ao nosso trabalho.

II.6.1. A educação de jovens e adultos trabalhadores

O trabalho de Dias (1998) analisa a interferência do papel de aluno na construção da identidade de trabalhador, a partir do estudo de um grupo de operários que ingressaram no ensino supletivo oferecido pela empresa do pólo Petroquímico de Camaçari.

Nesse trabalho, a autora discutiu as possíveis interferências do papel do aluno na construção da identidade do trabalhador, investigando se há modificações na percepção que eles têm de si próprias e a forma como avaliam a imagem que os outros fazem de si.

Dias (1998) conclui que a inserção na vida escolar interferiu na rotina do trabalhador e na vida familiar, pois modificou a imagem e conceito que o aluno possuía de si próprio, contribuindo assim para a aquisição de novos conhecimentos.

Apesar do título de sua dissertação — **Educação popular em questão** — Lima (1997) analisa o "Projeto Círculos da Cultura" com a educação de jovens e adultos desenvolvido no âmbito municipal na cidade de Icapuí, no litoral leste do Estado do Ceará.

tal projeto contou com a parceria e assessoria da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará.

O conceito de educação popular é tratado pelo autor como o tipo de educação que se aproxima dos interesses históricos da classe trabalhadora, sendo este tema o eixo central de seu trabalho. Ao analisar esse projeto, Lima (1997) conclui que a proposta político-pedagógica pretendeu pautar-se na conscientização política de seus educandos, tendo como referencial teórico o educador Paulo Freire. Ele enfatiza que esse projeto contribuiu para a educação no município, embora não houvesse êxito completo devido aos elevados índices de evasão escolar.

A autora Maria Margarida Machado (1997) analisa o Projeto AJA (Alfabetização de Jovens e adultos) implementado pela Secretaria Municipal de Goiânia no período de 1993 e 1996. Ela aponta que esse projeto teve como objetivo a incorporação dos princípios da educação popular no âmbito do ensino municipal.

Em seu trabalho, a pesquisadora analisa todos os documentos oficiais e históricos do Projeto AJA, realizando comparações entre esse projeto e outros desenvolvidos no âmbito nacional em realização a educação de jovens e adultos. O projeto destaca-se por sua proposta de continuidade dos estudos para os alunos jovens e adultos no ensino público e não apenas para o período da alfabetização.

II.6.2. A alfabetização de jovens e adultos na educação escolar

Fernandes (1997) analisa a alfabetização de jovens e adultos a partir do referencial teórico das representações sociais e da técnica de análise de conteúdo. Com o objetivo de identificar as representações sociais de alfabetizandos e alfabetizadores de adultos acerca da alfabetização, conclui que os sujeitos da pesquisa possuíam uma representação social positiva sobre o processo de alfabetização e sobre a escola. Para eles, o processo de alfabetização é visto como um meio para a ascensão social e profissional — o que reafirma o preconceito em relação à condição de analfabeto.

O trabalho de Ozelame (1998) tem como foco o estudo das idéias que perpassam a proposta curricular no dia-a-dia de sala de aula de um curso de alfabetização de jovens e adultos.

O autor constatou, por meio de entrevistas semi-estruturadas, realizadas com alunos e professores, que os conteúdos tratados em sala de aula eram selecionados coletivamente e abordavam aspectos da vida social e do contexto do trabalho dos alunos, assim como seus interesses e necessidades. Além disso, percebeu que os alfabetizadores tinham como premissa uma educação democrática e libertadora.

Desse estudo, Ozelame (1998) concluiu que alguns aspectos, tais como o trabalho com temas geradores, o trabalho em grupo, o planejamento coletivo dos conteúdos, a co-responsabilidade entre professores e alunos no fazer pedagógico e a consideração das necessidades pessoais e profissionais dos alunos podem contribuir para uma alfabetização de jovens e adultos com sucesso.

Palmeiras (1998) investiga o Programa Educação de Adultos, desenvolvido pela Universidade Metodista de Piracicaba, implementado no mesmo município no período de 1983 a 1995. Para tanto, apresenta o processo político-pedagógico e os procedimentos metodológicos desenvolvidos no programa baseados na formação cidadã, refletidos nas posturas dos alfabetizadores e na seleção de conteúdos para o processo de alfabetização.

Nas conclusões, Palmeiras (1998) demonstra que o programa atingiu o objetivo, pois não se deteve ao ensino do código escrito e procurou contemplar a leitura do mundo defendida por Paulo Freire, construindo assim a consciência necessária para a formação do cidadão.

A pesquisa de Ribeiro (1998) apresenta uma etapa qualitativa e outra quantitativa a respeito dos níveis de habilidades de leitura e usos da leitura e da escrita em diversos contextos no município de São Paulo.

Na primeira etapa, foi aplicado um teste de leitura e um questionário de dados pessoais a uma amostra da população de 15 a 54 anos de idade. Na segunda etapa, a pesquisa qualitativa realizou-se por meio de entrevistas em profundidade com uma sub-amostra, a qual foram propostas tarefas simuladas de leitura e escrita.

Os referenciais teóricos de Ribeiro (1998) são baseados em autores que discutem as questões psicossociais do alfabetismo do ponto de vista histórico, antropológico e psicológico.

Nas considerações finais, Ribeiro (1998) aponta a correlação entre os jovens que lêem e escrevem com mais freqüência com a participação em atividades culturais e programas de educação não-formal e verifica, também, a incidência das condições de alfabetismo em domínios atitudinais relacionados à expressão da subjetividade, à busca de informação, ao planejamento e à aprendizagem.

III.6.3. Estudos das memórias e história de vida na educação de jovens e adultos

A pesquisadora Pepato (1997) utiliza um levantamento biográfico dos ex-alunos entrevistados, cujos relatos foram obtidos através de depoimentos sobre a experiência de fracasso escolar que vivenciaram nas séries iniciais do ensino fundamental.

Diante da política da economia brasileira, reorganização empresarial e formação profissional, a autora analisou, enquanto alfabetizadora, os interesses das empresas na educação do trabalhador no Projeto de Alfabetização dos Operários da Construção Civil, mantido entre o sindicato e o SESI.

Nas conclusões, ela aponta que há uma identidade grupal entre as pessoas que passaram por experiências de fracasso escolar, devido ao despreparo da instituição escolar para receber alunos que foram marginalizados pelas desigualdades sociais, culturais e econômicas do país. Ela acredita que muitas vezes a cultura escolar acaba rotulando alunos que, em outros contextos, teriam êxito, devido à sua criatividade e às suas habilidades.

Rabelo (1997) reforça o efeito valioso que o Projeto de Alfabetização dos Operários da Construção Civil – SESI/SINDUSCON proporcionou no resgate da auto-estima dos alunos trabalhadores, apesar de verificar nos estudos bibliográficos que esse efeito serviu para as empresas melhorarem a produtividade e obterem maiores ganhos a menores custos.

A autora verificou que a adesão dos empresários da área da construção civil ao projeto não era tão elevada quanto se imaginava, apesar de o documento elaborado pelo

SESI do Ceará apresentar ganhos tanto para o trabalhador quanto para os empresários. Esse baixo índice de adesão se explica principalmente pelas exigências de mão-de-obra sem muitas qualificações e, conseqüentemente, com pouca escolaridade. Na construção civil, acredita-se que a qualificação ocorra no dia-a-dia no contato com o trabalho e com os outros trabalhadores.

A falta de adesão ocorre também porque os recursos são reservados para as propostas de prevenção de acidentes de trabalho tão fiscalizada pelos governos, não interessando a destinação de recursos para a qualificação profissional.

A adesão inicial ao Projeto de Alfabetização era de seis empresas, tendo sido encerrado com apenas duas empresas. Acreditavam precisar investir no capital humano por causa do desenvolvimento, do crescimento das inovações e da modernização no segmento das edificações das regiões sul e sudeste do país.

As empresas que aderiram tinham como expectativa manter um trabalhador contente e grato ao investimento que a empresa fazia nele e, sendo assim, a adesão ao projeto funcionou apenas como uma estratégia tanto de marketing — posto que teriam uma divulgação na mídia — como de encobrimento das precárias condições de trabalho, enfraquecendo assim a atuação dos sindicatos.

Os representantes das empresas defendiam a continuidade do projeto nos canteiros de obra, por conta da proposta capitalista; os educadores tentavam resistir a essa concepção, mantendo uma concepção de educação com bases na pedagogia libertadora de Paulo Freire e nos estudos de Emília Ferreiro.

As atuações dos professores baseavam-se na “elevação dos níveis de consciência”, que tinham como foco a “[...] possibilidade do despertar dos trabalhadores para uma realidade até então desconhecida [...]” (RABELO, 1997, p. 162). Desse modo, o projeto seria visto não mais como uma “caridade” dos patrões e sim como uma conquista da categoria.

Os alunos trabalhadores apresentaram expectativa de elevação dos conhecimentos referentes ao campo da leitura e escrita, de maneira a conseguir melhorar as formas de comunicação nos diversos segmentos sociais. Eles não demonstravam perspectiva de conscientização política, apesar de concordarem com a baixa atuação dos sindicatos.

Rabelo (1997) finaliza seu trabalho reforçando a questão da continuidade do Projeto de Alfabetização pelas empresas como um meio para conscientização do trabalhador enquanto seu papel social, e que esses possam ter autonomia diante dessa formação escolar, bem como participar de suas concepções educacionais.

O autor Alvarez (2006) cita o trabalho de Haddad (2000) para exemplificar a importante relação entre escola e trabalho na visão do aluno jovem e adulto. Estes vêem a escola como uma forma de ascensão social e econômica no campo de trabalho.

Outro aspecto também abordado e discutido pelo autor se refere ao ensino regular *versus* o ensino supletivo noturno, também sob a ótica desse trabalhador adulto, justificando que o próprio campo de trabalho desvaloriza esse tipo de ensino "reduzido".

Alvarez (2006) aborda um aspecto polêmico em seu trabalho ao citar a eficácia de programas de políticas públicas para educação de jovens e adultos, e faz uso do trabalho de Heckman (2000) como contraposição à sua pesquisa, uma vez que esse autor estrangeiro mostra o pouco sucesso dessas políticas:

> "[...] evidências da psicologia e de estudos econômicos, argumenta que pessoas que fracassaram nos períodos iniciais de sua educação provavelmente fracassarão no futuro e que, portanto, as políticas públicas deveriam ter seu foco a educação inicial e pré-escolar [...]" (Heckman *apud* ALVAREZ, 2006, p. 41).

Heckman (*apud* ALVAREZ, 2006) continua a discutir a questão. Para isso, baseia-se em estudos da neurociência para explicar a relação entre redução de habilidades cognitivas com o avanço da idade, além de limitações na realização de operações mentais devido ao pouco acesso à educação enquanto criança. Esse raciocínio é realizado para que ele justifique as dificuldades em relação à educação básica para jovens e adultos.

No entanto, Alvarez (2006) mostra que as dificuldades encontradas nos programas de EJA no Brasil se têm dado, principalmente, pela decorrente descontinuidade das políticas para esse nível de educação, fato que torna incoerente a comparação de contextos tão distintos.

Ao retomar o título da dissertação de mestrado que trata da relação entre remuneração e opção de estudos, o pesquisador apresenta dados para justificar a importância da alfabetização na renda do trabalhador. Ele enfatiza que o retorno aos

estudos tem grande valia no rendimento desse adulto no campo de atuação e aponta que existe um reflexo do nível de alfabetização nos ganhos no mercado de trabalho.

Nas conclusões do trabalho, Alvarez (2006) apresenta quatro questões interessantes a respeito da relação entre educação básica de jovens e adultos e o mundo do trabalho. A primeira é que os rendimentos recebidos são inferiores para quem freqüenta cursos de alfabetização ou ensino fundamental em relação às pessoas que possuem a mesma escolaridade. A segunda questão retoma a teoria do capital humano para reafirmar que "[...] aqueles que concluem determinado nível educacional recebem rendimento maiores do que aqueles trabalhadores com níveis educacionais inferiores." (ALVAREZ, 2006, p. 95). O terceiro aspecto é o fato de a alfabetização ser vista com grande importância, uma vez que não haja ganho significativo em relação aos alunos que concluíram o primeiro segmento do ensino fundamental. Para concluir, a quarta questão aponta que não há grande diferença nos rendimentos entre o ensino regular ou supletivo.

A pesquisa de Santos (1998) analisa um curso supletivo de 1º grau por meio do projeto "Supletivo de Fábrica", que ocorria em duas fábricas de setores diferentes, e que tinha como professores estudantes da universidade responsável por coordenar o curso. Os professores do supletivo estudavam licenciaturas e realizavam seus estágios na atuação dentro das fábricas.

Santos (1998) selecionou um grupo de alunos com os quais realizou um estudo etnográfico, acompanhando esses alunos tanto em seu local de trabalho como no seu ambiente familiar, além de realizar uma análise comparativa dos dois ambientes escolares das fábricas.

O grupo de alunos selecionados evidenciou as novas relações pessoais estabelecidas, tanto com os colegas de trabalho como com os familiares — principalmente ao valorizar e participar mais efetivamente dos estudos dos filhos. Já nas relações de gênero, as posturas e os conceitos não mudaram, pois continuavam não incentivando os estudos das esposas. Isso ocorria porque a fábrica continuava a ser um ambiente masculino e, portanto, machista na visão dos operários, mesmo contando com a atuação de operárias na empresa, que participavam do projeto.

Na visão das fábricas dos setores plástico e metalúrgico, o conhecimento escolar poderia contribuir na formação de competências exigidas pelos programas de qualidade total ISO 9002. Para o aluno-operário, seria a oportunidade oferecida para permanecer no mercado formal de trabalho.

Nas considerações, finais a autora mostra que a escolarização ocorrida dentro das fábricas acaba indo além dos objetivos das empresas que implementaram o projeto. Isso porque, mesmo sob o olhar das chefias, debaixo de "vigilância" constante dos supervisores sobre os alunos-operários, para garantir qualificação da mão-de-obra, a sala de aula acabava funcionando como um espaço autônomo dentro da própria empresa, tendo momentos de confraternização, descontração e socialização entre os operários, posto que a fábrica de plásticos era um local com regras rígidas e punições, ao contrário da metalúrgica.

Assim, Santos (1998) apresenta as diferenças acerca das relações pessoais e de poder existentes entre as duas empresas e de como as duas consideram o curso supletivo de formas diferentes. Dizendo de outro modo, para a metalúrgica o curso apenas foi mais um curso de atualização que dava continuidade aos prêmios e incentivos, mas para a empresa de plásticos, que não possuía tipo algum de programa de formação e atualização, o supletivo teve a função de "salvar" os funcionários que estavam inadequados ao quadro.

Ao perceber que seus alunos-operários tornavam-se mais participativos e críticos nas questões relacionadas ao dia-a-dia da empresa, a empresa de plásticos tomou a atitude extrema de romper com o convênio do Supletivo com a universidade e o substituiu pelo projeto de Telecurso 2000. Alguns alunos que concluíram o curso oferecido pela empresa ingressaram no curso supletivo de 2º grau em escolas privadas e outros ingressaram no ensino regular noturno. Os que ingressaram nesse último tipo de curso tiveram muitas dificuldades tanto no acompanhamento dos conteúdos quanto no relacionando com os outros alunos e professores.

A autora afirma a importância e a urgência de se aprofundar a discussão de outras questões, tais como a formação de professores, o currículo para a educação de jovens e adultos, além das relações existentes no âmbito das empresas.

Disparada

Geraldo Vandré (fragmentos)

Prepare o seu coração
Prás coisas
Que eu vou contar
Eu venho lá do sertão
E posso não lhe agradar...

Aprendi a dizer não
Ver a morte sem chorar
E a morte, o destino, tudo
Estava fora do lugar
Eu vivo prá consertar...

Na boiada já fui boi
Mas um dia me montei
Não por um motivo meu
Ou de quem comigo houvesse
Que qualquer querer tivesse
Porém por necessidade
Do dono de uma boiada
Cujo vaqueiro morreu...

Boiadeiro muito tempo
Laço firme e braço forte
Muito gado, muita gente
Pela vida segurei
Seguia como num sonho
E boiadeiro era um rei...

Mas o mundo foi rodando
Nas patas do meu cavalo
E nos sonhos
Que fui sonhando
As visões se clareando
As visões se clareando
Até que um dia acordei...

Então não pude seguir
Valente em lugar tenente
E dono de gado e gente
Porque gado a gente marca
Tange, ferra, engorda e mata
Mas com gente é diferente...

Se você não concordar
Não posso me desculpar
Não canto prá enganar
Vou pegar minha viola
Vou deixar você de lado
Vou cantar noutro lugar

[...]

CAPITULO IV - A RELAÇÃO ENTRE OS PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E OS RELATOS DOS SUJEITOS DA PESQUISA

Trataremos neste capítulo de explicitar segundo os próprios sujeitos da pesquisa suas idéias sobre o significado da escola, suas motivações ao ingressarem ou retornarem a ela, sobretudo tentaremos expor a função da escola, seus valores e objetivos na sociedade na qual vivemos.

A análise das entrevistas foi feita individualmente, visto termos trabalhado com relatos autobiográficos. Destacamos em cada sujeito uma das categorias eleitas para a análise, aquela que ele mais evidenciou.Quando a mesma foi recorrente evitamos repeti-la a cada sujeito, assim quando isso aconteceu nos limitamos apenas a destacar o fato de já termos esclarecido anteriormente.

Procuramos o tempo todo estabelecer relações entre os relatos dos sujeitos e os pressupostos teóricos apresentados nesta pesquisa. Afinal "Quem, melhor que os oprimidos[22], se encontrará preparado para entender o significado terrível de uma sociedade opressora? Quem sentirá, melhor que eles, os efeitos da opressão? Quem, mais que eles, para ir compreendendo a necessidade da libertação?" (Freire. 1987, p.31)

Primeira Entrevistada: Senhora Luzia

A senhora Luzia começou estudar com 56 anos de idade e inicia seu relato nos falando o motivo de não ter estudado quando criança.

Luzia:

> Porque o meu pai falava assim que menina muié não podia ir pra escola, uai! Que ignorância, né? Menina muié, nossa...tinha é que cuidar de casa...
> Porque pra ir pra escola assim, porque o caminho ta livre pra todo mundo e então andava, andava muito longe e eu sei que não era ruindade dele eu sei que era ignorância da parte dele eu não condeno ele por causa disso. E era muito longe, né? Jany? As professora era muito longe, então andava muito.

Segundo Di Pierro (2008, p.369) por conta da expansão da educação elementar pública gratuita, ou seja, da universalização do acesso "houve uma redução da disparidade de gênero que discriminava as mulheres no acesso à educação."Como este é um fenômeno relativamente novo,

[22] Esclarecemos que o termo usado é próprio do autor.

na infância de dona Luzia, ainda prevalecia a discriminação, que ouvimos relatada nesta pesquisa por mais de uma vez.

Ainda existiam outras condições que vimos se repetir vez após vez, como a falta de escolas e a lonjura do caminho."Aí depois eu falei, ó meus fio já cresceram não tenho fio pequeno prá fica em casa, né? Ai... prá fica em casa fazendo o quê? Embora era muita cansera também, né ? Jany?"

Sua tamanha força de vontade, interesse, esforço e dedicação confirmam o que Pinto(2000) escreveu sobre nunca faltar interesse em aprender por parte destas pessoas.

Luzia:

> De qualquer forma, uma coisa é certa: sempre há e sempre houve disposição da população para se engajar nos programas de alfabetização; o que faltou muitas vezes foram programas de qualidade, claramente delineados para seus diferentes perfis, e com o nível de profissionalização que se espera de qualquer atividade. (Pinto, 2000. p.523)

Portanto, confirmamos que o analfabetismo, é um produto de uma sociedade desigual, que não dá oportunidades a todos, nem ao menos garante direitos básicos como educação. Pois sempre houve interesse dessa população em estudar. Embora o autor reconheça isso ele ainda fala em Programas de alfabetização, ou seja continua admitindo esse segmento da educação fora da sua institucionalidade relegada a Programas.

Senhora Luzia é um exemplo do quanto é difícil conciliar escola e trabalho, sobretudo na vida adulta.

Luzia:

> Trabalhar o dia inteiro pra depois ir pra escola e aqui é corrido né?Trabalha o dia todinho prá depois ir pra escola chegava na escola cansada tinha vez cochilava.Alem do cansaço também demonstra conhecimento de causa ao afirmar que: quando cresce aí procê aprende lê aí é meio difícil, né? Jany? Daí cê já tá preocupado com a casa, com serviço, com os fio... É, tudo, muita coisa!

Não estamos afirmando que tenha uma idade própria, com isto reiterando que a vida adulta seja imprópria, queremos mostrar como a desigualdade em nossa sociedade produz

condições extremas de sobrevivência, vejamos a que altura da vida a senhora Luzia foi capaz de ir a escola e mostrar sua resistência a estas condições.

Luzia continua explicando como era difícil conciliar o estudo a vida dura, pois embora os gráficos do perfil mostrem o trabalho formal ela ainda fazia outros trabalhos informais para poder sobreviver. Confirmando o que Trenkle (1998) já dizia:"A lógica objectiva da valorização do capital não depende de as pessoas se matarem a trabalhar e gastarem a sua energia vital; apenas importa quanto 'valor' econômico é produzido com isso".

Luzia:

> Quanto risco eu corri! Jany, minha fia! Porque eu trabalhava em dois serviço. Eu trabalhava aqui, quando eu saia de lá da escola eu limpava um escritório aqui na, história. Eu não sei se aquela moça que mexe com um projeto desse povo dos Estados Unidos.
>
> Esse turno tava tudo iscuro. Aí depois pegava limpava, porque, se fosse pra eu vir de manhã eu tinha que sair muito mais cedo de casa. Tinha veiz que não dava tempo de eu sair de lá, aí no outro dia tinha que levantá cedinho, muito cedo pa levantá... pá limpá aqui que eu entrava aqui sete hora, então seis hora eu já tinha que ta dentro aqui dentro da USP limpando a sala da moça.
>
> Era uma hora que tirava. O escritório era pequeno, era uma hora. Aí no sábado eu vinha fazê a faxina geral, no escritório dela. Aí ela me pagava, naquela época ela me pagava acho que era 150 pau, mas pra mim era muito dinheiro, fia! Pra interar o meu.

A aluna, discorre sobre as dificuldades de um analfabeto para explicar o seu sofrimento diante de um mundo letrado, o que explica também, segundo ela seu interesse em aprender a ler, escrever e fazer contas.

Luzia:

> Foi muito importante ir para escola porque eu não sei se você lembra que eu falava assim o ônibus ta vindo aí eu começo... a... a lê da primeira letra quando eu vou, quando o ônibus passa eu não tenho lido nem a metade do ônibus, né? E pra você ficá no ponto esperando o ônibus sem conhece qual é o ônibus que vai só perguntando pro povo é difícil também.Mas é assim, aí vinha assim quando eu começava a lê, quando eu tava na em trêis letra o ônibus já passava aí eu não sabia qual era o ônibus que eu ia pegar. E agora não.
> [...]
> Ah... é... ajudou um bucado de coisa, porque num sabia fazê conta. Aí não sabia, como é que dividia o dinheiro, aí... não sabia lê, não sabia vê holerite, só perguntava pros outro. Assim você vendo suas coisa você começa a vê e você vai... miora um pouco, né?

O que podemos confirmar com a pesquisa de Di Pierro:

> Os sucessivos constrangimentos e experiências de discriminação levam à corrosão da auto-estima dos indivíduos, que acabam assumindo a identidade deteriorada e assimilando ao próprio discurso as metáforas depreciativas formuladas pelas elites letradas e difundidas pelos meios de comunicação social [...]dentre as quais a mais

> decorrente é aquela que identifica o analfabetismo à "escuridão" da "cegueira", o analfabeto ao "cego"[...] (Di Pierro, 2007.p.24)

A senhora Luzia mostra com sua fala como incorporou esta identidade negativa: "A situação, porque você não sabe lê é cego, não sabe nada, nada, cego de tudo, viu?! Agora você sabe como é cansado, foi cansado, né fia?! Pra mim meroio foi muito, né?" Vê a si mesma como pessoa tomada de cegueira, o que demonstra a incorporação do preconceito.Embora demonstre bastante lucidez sobre a iniquidade do sistema econômico e político, conforme verificamos em seus relatos: "Patrão... essa semana eu vi o rapaz é, é... falando com a funcionária, parecia que estava falando com um cachorro. Ela faz aquela vendinha lá. O dono da loja enche o bolso de dinheiro, e no final do mês ela recebe aquele salário dela da miséria.

Quando se aposenta, Luzia desiste de frequentar a escola que funcionava no seu trabalho, pois teria que sair de casa, pegar ônibus, transito, (no seu caso não pagaria a passagem, o que também poderia ser um impedimento).

Luzia:

> [...]desisti porque já tava cansada memo, viu?! Daí eu falei "Bom, o que eu já sei agora pra mim já dá, que eu não vô, daqui pra frente eu não vô mais tanto futuro". Aí me aposentei. Aí foi quando chegou a época da aposentadoria, me aposentei. Tem seis ano. Isso eu lembro, porque é do tempo da aposentadoria, daí eu falei: - Bom, agora eu me aposentei eu vou é descansar porque se eu tô em casa pa í todo dia pra lá e prá cá, vou me cansa mais...

Depois de uma vida toda de trabalho ela espera poder descansar de tanta labuta, no entanto precisa continuar trabalhando: "Mas é tudo canseira que vai acumulando Jany. E não parei ainda não, viu fia?! E compro meus folhado, vendo aqui, e... não vou fica parada não, porque, fia, não queira se aposentá não com salário pequeno, viu?! Se aposentá com o salário pequeno é difícil". O salário da aposentadoria é insuficiente para:

Luzia:

> Paga condomínio, paga casa, tem a compra do mêis, remédio que cê gasta mais de 250 pau 200, é 300 pau de remédio pro mês. Porque o remédio barato tem no posto, remédio caro num tem no posto não, fia! No posto tu arruma só o comprimido da pressão. Dependendo do que você toma, porque o resto você num acha não, eles fala: "Ah! Tem lá no..." ta dando remédio, ta dando remédio, cê vai se encher de anador, pra quê? Aí o dinheiro vai, né? É não dá pra viver. Tem que fazê alguma coisa pra comprementa o salário.

Assim de acordo com Fétizon (2002) o aposentado é tido como inativo e inativo é o morto, aquele que não age, portanto considera imprópria esta colocação, no entanto na sociedade do trabalho economicamente produtivo as pessoas perdem o valor enquanto pessoas, passam a valer enquanto força de trabalho, e mesmo neste caso já são consideradas "maciçamente supérfluas".Assim quando param de trabalhar tornam-se, segundo a autora um tipo de peso morto. Vejamos a caso de Luzia que doente, com idade avançada continua trabalhando.

Luzia:

> Assim mesmo com essa perninha arrastando eu saio, eu venho pra aqui, as moças compra lá em cima, compra aqui. Quando é no dia 30 dia 5 eu venho, aí... dentro aqui da biblioteca também pras moça, a diretora falou pra mim: "A senhora só não pode vender nas sala, vá na copa!". Eu falei: "Deus lhe abençoe!". Eu falei pra ela: "Dona Fulana, eu sou aposentada, viu?!". Ela falou: "Eu também sou. Eu sei qual é o dinheiro da aposentadoria". Eu falei: "Pois é! Então a senhora deixa eu fazer um biquinho aqui com essas meninas porque elas precisam de andar bonita". E ela deixou eu vendê aqui na copa com as menina.Porque se você fica velho, hoje eu, o meu dinheiro não dá!"

A senhora Luzia continua sua narrativa nos contado que precisa continuar a trabalhar doente depois da aposentadoria, sem assistência, já que depois de aposentada não pode mais usar o Hospital Universitário, outro desdobramento do trabalho contratado que toma conta do sistema, tentando se livrar cada vez mais de obrigações conquistadas historicamente como direito a assistência médica, por exemplo. O descaso com que é tratada é assombroso por si e porque sabemos que representa o descaso de toda uma classe de trabalhadores. Lembrando de kurz (1998) no contexto do capitalismo os chamados investimentos públicos como saúde, educação, como domínios não lucrativos se arruínam.

Luzia:

> Jany, eu tenho uma consulta tá com trêis, ó eu marquei foi treis meis para eu ir no posto, treis meis a consulta pra passar no ortopedista. Não sei que acontece que não tem ortopedista nos posto. Aí é, vim pra USP, da USP mandaram voltar pro Boa Vista e do Boa Vista eles me mandaram aqui pro Itaim. Naquele posto do Itaim. Treis meis pra esperar, porque essa perna dói diz o médico, que eu paguei uma consulta particular que é o nervo ciático que está inflamado, mas ele não tirou chapa, não tirou radiografia, não tirou nada. Só passou a mão, disse que era nervo ciático, deu duas injeção, meioro. Duzentos e setenta pau, sem retorno, minha fia! Tô com a nota em casa,aí, depois pra marca essa consulta treis mêis, aí eu fui. Aí foi dois, treis meis pra marcá. Agora parece que é dia 16, ou dia 14, acho que é dia 14.... esse ortopedista de lá me deu é... pra eu faze deiz fisioterapia. Eu fui vê, sabe quanto era? Particular? Cento e oitenta pau. Dez fisioter*apia.*

Segundo entrevistado: Erico

Inicia seu relato contando que quando criança chegou a ir variavelmente a escola, não chegando se quer a completar a primeira série.

Erico:

> Foi pouco uns dois anos, assim no Ceará ainda, né? Aí também vim pra cá (São Paulo) também novo ai só trabalhei não estudei. quando eu me entendi por gente assim. Porque lá a gente demora pra se entender por gente hoje não mas antigamente se demorava, antigamente ate 10, 11 anos os moleques andava pelado.[...] estudo naquela época não era tudo mas, estudar aqui porque aqui as coisas são completamente diferente aqui você tem que saber ler você tem que sabe escrever,então se você não sabe então você não arruma emprego.Lá não na época você pegava o seu cavalo, você ia atrás de uma vaca, você tinha as suas coisas.então não precisava você saber ler e escrever.

Quando criança Érico, não estudou, pois em sua comunidade o estudo não era valorizado, como hoje."A história nos ajuda, assim, a mostrar que o letramento não é um bem universal, intrinsecamente positivo, na medida em que está sempre referido a contextos específicos, que atribuem a ele um maior ou menor valor". (Di Pierro, 2007. p.98)

Erico, vincula seu interesse inicial pela escola depois de adulto ao trabalho, mas é interessante, perceber que reconhece como necessidade de todos numa sociedade grafocêntrica. "ai me interessou, porque a gente...quem trabalha nesse ramo precisa e todo mundo precisa, da escola."

O entrevistado demonstra conhecer sua condição de explorado, pois quer melhorar as condições de seu trabalho, embora também transpareça uma certa ingenuidade ao atribuir a isso apenas seu empenho pessoal nos estudos: "É melhorar minhas condições no trabalho e eu sabê do estudo pra mim né?Pra mim melhorar o meu trabalho porque com o estudo melhora o seu trabalho, então minha motivação de eu ir foi essa."

No entanto ele não espera da escola apenas qualificação profissional ele quer: "sabê o estudo para mim", ou seja, entende a educação formal como forma de humanização, pelo menos numa sociedade letrada. Verificamos por meio de sua fala como a escolarização surtiu efeito na auto-estima do aluno: "porque eu já saí de lá já meio esperto achando que já tava sabendo alguma coisa, entendeu? Porque a gente teve um pouco tempo de escola lá, mas foi muito bom o tempo que eu passei lá, foi ótimo maravilhoso, bem aproveitoso mesmo".

Erico, confirma a afirmação de Trenkle (1998, p.9): “O capitalismo caracteriza-se pela permanente alteração das condições de produção e de trabalho e pela criação (cíclica) de um exercito industrial de reserva. A insegurança dos postos de trabalho e o desemprego são características estruturais deste sistema econômico”. Que acabam aterrorizando os trabalhadores. “Do ponto de vista dos trabalhadores da miséria, é a pura coação das suas condições de vida que os obriga a vender a sua força de trabalho nas condições mais cruéis e desumanas.(Trenkle, 1998, p.12)

Erico:

> 38 ou 37 essa faixa de ano que eu entrei lá no Senac, então um cara que não sabia nem assiná o nome né? Pra mim trabalhar era muito ruim, entendeu.
> Mas na realidade melhorou muito a minha vida sabe, as coisas que a gente tem na cabeça quem não sabe ler e escrever é muito ruim é muito ruim assim porque quando você começa a aprender a sua mente começa a melhorar. [...] Melhorar, melhor mesmo porque ai você fala: “não tenho mais medo de perder o meu serviço sou profissional vou arrumar outro eu sou profissional”entendeu, essas coisas abre a cabeça da gente.
>
> Você fica mais confiante no seu trabalho, você não fica assim, mendigando um trabalho assim, porque você fala: “não eu não posso fazer isso porque a firma não pode me mandar embora e que essa me mandar embora eu não vou arrumar outra” e você estudando realmente você tem uma grande chance na vida logicamente que é pra melhor.Não, realmente a escola muda a pessoa por inteiro né?[...] a escola é fundamental e melhorou a minha vida no geral,entendeu?

Verificamos em seu depoimento e em outros mais, uma importância enorme dada a forte comunicação oral.

Erico:

> [...] eu não conversava muito porque eu também não tinha aquela experiência de conversar muito com as pessoas mas, quando você tá dentro da escola realmente tem uma confiança maior de conversar com as pessoas de se expressar melhor com as pessoas então isso mudou também.
> Olha, eu não seria a mesma pessoa porque logicamente que eu não...eu mudei muito assim no sentido de me conversar com as pessoas de me relacionar com as pessoas, entendeu?

Para esclarecer melhor esta questão recorremos ao professor Marcos Bagno especialista em preconceito lingüístico.

> Parece haver cada vez mais, nos dias de hoje, uma forte tendência a lutar contra as mais variadas formas de preconceito, a mostrar que eles não tem nenhum fundamento racional, nenhuma justificativa, que são apenas o resultado da ignorância, da intolerância ou da manipulação ideológica.
> Infelizmente, porém, essa tendência não tem atingido um tipo de preconceito muito comum na sociedade brasileira: o preconceito lingüístico . (Bagno, 1999, p.13)

De acordo com Maria Clara Di Pierro:

> Na maior parte das vezes que conversamos com pessoas jovens adultas que não sabem ler ou escrever, o analfabetismo não é percebido como expressão de processos de exclusão social ou como violação de direitos coletivos, e sim como uma experiência individual de desvio ou fracasso, que provoca repetidas situações de discriminação e humilhação, vividas com grande sofrimento e, por vezes, acompanhadas por sentimentos de culpa e vergonha. (Di Pierro, 2007, p. 15)

Conforme depoimento do próprio aluno.

Erico:

> Olha, pra mim na realidade Jany, foi difícil porque quando eu fui lá pra me inscrever lá no Senac pra mim dá o meu nome pra mim começa turma de alfabetização foi muito difícil porque eu passei lá de frente duas vezes, e não tive coragem de entrar eu via aquelas meninas bonitas lá na frente que atendia né? Eu falei: - Vendo um cabeção desses com 36 anos que não sabe nem assina o nome.É difícil pra você entrar.

A seguir Erico reitera a fala da senhora Luzia, explicando as dificuldades de um adulto trabalhador aprender a ler e a escrever:

> Porque a gente com idade mais avançada já é mais duro pra aprender, uma que a pessoa trabalha, trabalha a noite como tinha a gente que trabalhava a noite. Muita gente chegava lá dormindo porque trabalhava a noite saia do serviço 6 horas, e ia pra escola ai se torna o dobro de problema que a pessoa vai carregando ali pra poder atingir os objetivos que é ler e escrever.

É verdade que segundo Saviani(1977), valorizar é não ser indiferente, pois os humilhados sociais conhecem bem essa angustia como Costa(2004) nos mostrou, assim Erico nos fala: “Tinha um professor que não tava nem aí, se a gente vinha ou se ninguém viesse, lá o professor não tava nem ai, e a gente já ta cansado, já tá esgotado e o cara nem olha a minha lição[...] então eu não vou ficar nessa escola”. Esperam que a escola não reproduza a indiferença que sofrem em outros espaços, apresentando a invisibilidade como um motivo para evasão.

Novamente verificamos como a estrutura social dominante penetra profundamente no psiquismo dos indivíduos impregnados pelo capitalismo, na afirmação abaixo, Erico afirma sinceramente sua crença de que há empregos decentes para todos, desde que cada um faça sua parte, ou seja a responsabilidade passa a ser do indivíduo e não mais da forma como a sociedade esta organizada.

Erico:

> [...] porque você vê que todo jovem hoje que realmente quer estudar tem uma profissão e tá aí na linha de trabalho. Sempre sendo encaminhado pra uma boa firma. Pra ter uma chance na vida, pra ser encaminhado.

> [...] Eu já trabalhava e a gente que não tem estudo não tem chance [...] dentro de uma empresa.Nunca passa de peão sempre vai ser peão.

Trenkle (1998, p. 24) ainda nos propõe uma reflexão a respeito da afirmação de Erico em seu texto: O Terrorismo do trabalho:

> Com a ficção oficial de que quem quiser pode 'trabalhar' (nem que seja só por uma palmadinha nas costas) é conseguida a legitimação moral para a definição 'de paratismo social', à qual, em nome da 'nobreza do trabalho' devem ser dadas as colorações mais sórdidas para que se possa ser oferecida, como 'objecto de ódio', ao pânico crescente a que está submetida a população trabalhadora.

Terceiro entrevistado: Reinaldo

O senhor Reinado começa sua narrativa concordando com os entrevistados anteriores ao afirmar o motivo que o faz entrar na escola: "A precisão a necessidade primeiramente porque a necessidade a precisão, e era umas coisas que eles pediam tava pedindo eu sentia mesmo que eu precisava mesmo estudar eu achava que eu precisava mesmo." Segundo Magda Becker Soares (1990, p.2):

> Na verdade (o que se pode afirmar, aliás, sobre qualquer outra tecnologia), a leitura e a escrita estão enraizadas em uma ideologia da qual não podem ser isoladas: o valor e a importância da língua escrita não são inerentes a ela, mas dependem da função e dos usos que lhe são atribuídos no contexto social.

Em plena concordância com Di Pierro, que ainda nesta análise afirmou que o letramento está sempre referido a contextos específicos, que lhe atribuem um maior ou menor valor.

Reinaldo:

> Olha, porque eu achava que a gente precisava estudar porque eu via o nome e não sabia o que estava escrito, via por ver, via por ver só o nome que você conhecia mas não sabia o que estava escrito então é uma pessoa que não enxerga via e não sabia que via aí eu achava que aquilo ali era um ponto que precisava de estudar.

Mais uma vez percebemos a visão depreciativa sobre si mesmo, como no caso de Erico e senhora Luiza.No entanto o senhor Reinaldo admite que depois de ter estudado: "Isso da auto-estima foi uma das coisas que me evoluiu muito, eu senti uma felicidade que tava escondida de mim".

Não vê a escola como forma de ascensão social, mas reconhece mudança no seu íntimo, diz já não ser o mesmo apesar de ocupar a mesma posição social de antes.

Reinaldo:

> Eu continuo fazendo a mesma coisa. Continuo fazendo o mesmo sirviço, recebendo ordem das mesmas pessoas que eu recebia, os mesmos filhos a mesma mulher, os mesmos colegas. Agora no lado do conhecimento a gente muda sim a gente começa a ver outro lado das coisas.

Reiteradamente percebemos como os "indivíduos impregnados do capitalismo" vão incorporando a estrutura social dominante aceitando-a cada vez mais como natural, mostrando de certo modo até gratidão por ainda terem um emprego, mesmo quando são capazes de reconhecer como o senhor Reinaldo que para o sistema econômico não possui valor algum enquanto pessoa, e o valor de seu trabalho diminui a cada dia, já que vê a todos como coisas substituíveis,"maciçamente supérfluos".

> Minha casa é uma casa que tem conforto pra minha família, tenho o meu emprego, principalmente meu emprego, tenho tudo então eu to feliz. Agora eu to feliz mas ainda não tá do jeito que eu quero.
>
> (...) minha família precisa de mim, como a minha família precisa do meu emprego,eu preciso do meu emprego agora o meu emprego não precisa da minha família,

Quarto entrevistado: José

José, é dono de um pequeno comércio em seu bairro, possui carro e dirige anos sem habilitação, vai a escola pelos motivos apresentados pelos colegas, ou seja, necessidade advinda de situar-se num espaço urbano letrado.

José:

> É a dificuldade pra tudo, você não consegue nada, não consegue, sei lá...você quer ver uma placa...como é que você vai dirigir um carro?Você sai por aí você tem que ver, conhecer com dificuldade, precisa conhecer alguma coisa, então isso que me levou...a falar: "meu Deus, eu tô precisando tirar uma carta não tenho condição, preciso..." No bar mesmo como é que eu ia pôr o nome da pessoa no papel? Eu tinha que fazer uns iniciais lá por na minha cabeça que aquela letra começava o nome da pessoa, muitas vezes eu até trocava, entendeu? Aquilo ali eu tinha que guardar na cabeça, aquele ali é fulano de tal, mas muitas vezes eu tomava o prejuízo porque no final eu não sabia defini quem era quem.

José também vai se referir ao sentimento de vergonha, tanto que escondia das pessoas do seu bairro que não possuía domínio da leitura e a escrita. José refere-se a: "Uma marca, era terrível, e outra coisa você tem vergonha das pessoas, porque uma pessoa que

sabe e sabe muito talvez teja muitas pessoas aqui não sabem que eu não sei lê e escrevê que eu sou analfabeto". Segundo Di Pierro (2007, p. 20)

> No contexto urbano letrado, as habilidades básicas de leitura, escrita e cálculo passam a ser requeridas com maior freqüência para a resolução de questões financeiras e burocráticas, para a obtenção de emprego e desempenho profissional, para a orientação e deslocamento no espaço. Sem domínio destas habilidades os analfabetos não se ressentem somente das limitações objetivas com que se defrontam, mas se sentem especialmente constrangidos com os rótulos pejorativos e a desqualificação simbólica que a sociedade lhe impõe.

Para os amigos do time de futebol, José sempre inventava uma desculpa: "mas você não marcou o telefone de fulano? Cara não sei onde eu pus. Eu sabia onde eu tinha posto mas qual deles era de quem, era terrível, então o que acontece, ajudá, ajuda demais".

Di Pierro (2007, p. 21) apresenta uma explicação:"Os constrangimentos e a vergonha fazem com que pessoas com pouca familiaridade com as letras ocultem a condição de analfabetos e recorram a estratégias de dissimulação" .

Confirmando outra análise da autora o entrevistado nos diz: "Sair de lá, lendo e escrevendo pra mim chegar não, chegar a saber alguma praca, alguma coisa, saber ler e escrever esse era o meu pensamento, não era sê um doutor não, era saí uma pessoa que a sociedade aceita a gente melhor. Poxa! Mas eu não tava conseguindo porque...

> A escolarização é também uma das estratégias utilizadas pelos jovens analfabetos para enfrentar a exclusão, pois na escola podem aprender não só a dominar a leitura, a escrita, o registro convencional do calculo matemático, mas também reorientar sua subjetividade e conduta para fazer frente aos padrões culturais dominantes. (Di Pierro, 2007, p. 26,27)

José, assim como Erico, passa a relatar uma outra experiência escolar que tiveram juntos, aos sair do curso ao qual esta pesquisa refere-se e desta maneira expõe mais uma questão importante sobre este segmento da educação. Ele relata o sentimento de incapacidade diante da situação e por esta razão encontrava-se desmotivado.

José: (continuação da fala anterior)

> Meu Deus! Olha é tanto que rapidinho lá meu caderno encheu todinho porque era coisa demais era muita matéria,era muitas coisas né, copia,copiava tinha vezes que passava, pulava palavras com aquela ansiedade de por aquilo no caderno pra acompanhar as pessoas que estavam do meu lado, eu falava: - Puxa eu tô passando vergonha nessa sala tinha pessoas que abandonou primeiro do que eu, tinha pessoas que veio também lá da UNISA que ela não segurou elas saíram, elas

> falaram: “to saindo fora” eu falei: “eu vou segurar mais um pouco se eu vê que tem condição mas cada dia tava...Caí fora não tem como.

Vejamos a publicação da professora Maria Clara Di Pierro: Trajetória recente da educação de pessoas jovens e adultas na América Latina e Caribe[23] que nos ajuda a compreender melhor esta questão.

> Passada dez anos da realização da V CONFINTEA, os dados colhidos no estudo regional demonstram reduzida evolução em relação à situação diagnosticada na década anterior. Considerada a tendência dominante das políticas e práticas recentes desenvolvidas pelas instâncias governamentais, a EPJA continua a ser regida pelo paradigma compensatório, centrando-se em programas escolarizados de alfabetização e recuperação do atraso escolar, desenvolvidos em instalações físicas precárias, com recursos humanos improvisados e financiamento escasso, que alcançam baixa cobertura frente à extensa demanda potencial e apresentam elevados índices de evasão e repetência. (Di Pierro, 2008, p.380)

Alvani, em seu trabalho sobre a formação de professores de jovens e adultos nos alerta:

> Advogamos a idéia de que há uma especificidade na formação de professores alfabetizadores de jovens e adultos que reside no conhecimento que se deve ter sobre as características da demanda de alunos de EJA. Essa demanda da população na escola, tanto quanto a de crianças e jovens requer procedimentos metodológicos adequados às suas necessidades. Desconsiderar tais necessidades pode desqualificar o trabalho pedagógico que se pretende desenvolver. (Alvani, 2005, p.98)

Embora este não seja o tema específico de nossa pesquisa, não pudemos desconsiderar sua relevância em nossa análise, pois este tema apareceu nas narrativas dos alunos e nos mostrou como pode colaborar para a evasão destes.

José:

> [...] as professoras, não, era várias professoras aqui, professora daquilo, daquilo, daquilo...elas entravam e nem sabia que eu tava sentado ali, se sabia alguma coisa ou não.
> [...] meu, eu não vou aqui, eu não tô compreendendo nada, não tô conseguindo...eu tentava fazer tinha vezes que eles fazia aquilo e apagava a lousa, porque já tinha...muitas vezes eu até falava até que já tinha feito aquilo, mas porque eu falei: poxa to chamando a atenção da sala inteira pra mim e eu já conversei com eles que eu não tenho condição.

Mais uma vez percebemos a angústia da humilhação social, de não ser visto, de não ser percebido, de estar num ambiente sentindo-se como um incomodo para os outros. Ir para escola e conciliar o trabalho, o cansaço já não é fácil, fazer isso com esforço para

[23] Verificar nota 5 – página 76 deste trabalho.

experimentar ali, novamente a angustia que pretende desmanchar é desmotivante. Segundo Gonçalves Fillho, no prefácio da Obra - Homens Invisíveis: relatos de uma humilhação social, vem nos chamar atenção para o fato de que:

> [...] A distribuição da luz e das sombras sobre objetos, ambientes e corpos, não é coisa que deveríamos tomar meramente como coisa física, o corriqueiro espetáculo de como o sol ou a lâmpada faz figurar certos lados, deixando outros sob penumbra, arquitetando o que vai brilhar e o que ficará escuro. A iluminação é coisa também social. O que vemos e o que deixamos de vê, o regime de nossa atenção, é decidido segundo o modo como fomos colocados em companhia dos outros, segundo o modo como também nos colocamos e como eventualmente nos recolocamos em companhia.
>
> Variando o modo caímos na cidade e voltamos a cair como nos pomos e como nos recompomos em sociedade, de pé ou de joelhos, prostrados ou revoltados, quietos e inquietos, nossa atenção só vem ver o que é para ser oficialmente visto, vem só ver e ouvir o que está autorizado ou vem reparar nas coisas e nos seres das margens de meia luz. (Costa, 2004, p.18)

Será que nos acostumamos tanto a desigualdade na sociedade capitalista, a forma de pensamento que ela tenta nos impor, que passamos a aceitar a invisibilidade do outro como coisa natural? Percebemos uma refinada percepção de José, também apontada por seu companheiro Erico anteriormente quanto a não aceitação desta condição.

José:

> Vocês se preocupavam com a gente de repente a gente saiu e foi pra outra escola e o pessoal já não tinha o mesmo pensamento fazia aquela função tudo, então foi nessa que muitos desistiram, muitos não conseguiram seguir eu fui um que eu fui até quando eu pude, depois eu falei: - Meu Deus, eu não tô praticando nada, tô indo por ir o Erico também apanhou muito por aí. [...] Então é aquele negocio a pessoa ficava se batendo lá.

A sensibilidade de José chega a perceber que a educação não é uma “função”, algo automático que se dá sem sujeitos, como na concepção bancária criticada por Paulo Freire, que vê os alunos como potes vazios, nos quais o professor detentor de conhecimento faria seus depósitos, como um doador.

Ainda no documento: Trajetória recente da educação de pessoas jovens e adultas na América Latina e Caribe, debaixo do sub-tema: O nó crítico da formação de educadores, Di Pierro escreve:

> O estudo regional desvela que uma das grandes debilidades da EPJA na América Latina e no Caribe é a escassez de sistemas de formação inicial e de aperfeiçoamento de educadores.
>
> A subordinação de boa parte das práticas de EPJA – em especial a alfabetização - ao princípio da solidariedade social faz com que o papel de educador de adultos seja desempenhado por uma diversidade de perfis que inclui desde profissionais

> titulados a agentes comunitários e facilitadores voluntários com distintos níveis de escolaridade, que em sua maioria não possuem formação especializada. (2008, p. 387)

A maior parte dos informes nacionais declara que, simplesmente, não há processos sistemáticos de formação desses educadores. Nas redes públicas de ensino, são os mesmos docentes que trabalham com crianças, adolescentes, jovens e adultos, muitas vezes reproduzindo metodologias, currículos e materiais de ensino inadequados (p.387)

Quinto entrevistado: Maurício

Maurício o único aluno que nasce e cresce na cidade de São Paulo, inicia seu relato falando que havia freqüentado escola, no entanto, ao começar a trabalhar deixa de estudar reiterando a dificuldade de conciliar trabalho e estudo. Notamos aqui dois motivos para o abandono da escola, a necessidade de compor a renda familiar e as sucessivas repetências. Maurício deixa a escola com 14anos e nesta idade havia completado apenas a 4ª série do Ensino Fundamental de 8 anos, próprio da época. Vejamos a conversa.

Entrevistadora: Você entrou pequeno na escola?

Maurício: Entrei com sete anos. Naquela época entrava com sete anos.

Entrevistadora: É sim, agora entra com 6. O que aconteceu?

Maurício: Comecei a trabalhar ai depois falei: - Vou parar de estudar e continuar a trabalhar.

Entrevistadora: Então você entrou com 7 anos, aí 7, 8, 9, 10.Com 11 anos você já estava trabalhando?

Maurício: Não, ai repeti uns anos praticamente eu comecei a trabalhar com uns 14 anos.

Entrevistadora: Daí você parou definitivamente de estudar?

Maurício: Parei definitivamente.

Maurício só ira retornar a escola na idade adulta. Sua motivação: “Foi para recuperar o tempo perdido e por necessidade também de melhor as condições de salário.[...] Minha motivação era essa melhorar as condições financeiras. [...]e no meio foi que eu não tinha esse negócio de referência aí.”

Maurício:

> Aí no meio disso você vai estudando, estudando e eu não podia participar porque não tinha o grau de estudo que eles tão exigindo, que a reitoria estava exigindo ai tudo bem esperei terminei até o 4° ano, é 4° ano.[...]De novo aí depois eu fui fazer o colégio aí pensei assim:quando eu conseguir pegar o cargo aí você apresenta aqui no D.P para a reitoria ver, mas não ganhei nada, bem dizer minha cultura, conhecimento mas a questão financeira de me ajudar assim não tive nada.

Sexto entrevistado: Francisco

Francisco é um dos alunos que já possuía a 4ª série ao retomar os estudos e embora seja natural de uma pequena cidade do Ceará, só conseguiu o mérito por ter vindo morar em São Paulo com a família quando pequeno. Portanto seu caso não nega as pesquisas, ao contrário as reafirmam. Afinal o que trouxera sua família do Nordeste para São Paulo? De acordo com Di Perro em documento que retrata a educação de pessoas jovens e adultas na América Latina e no Caribe (2008, p. 373), as condições de pobreza[24] persistentes, as desigualdades socioeconômicas, causam correntes migratórias tanto intra como internacionais em busca de melhores oportunidades de trabalho, assim encontramos no subtítulo - Os sujeitos de EPJA a definição:

> A categoria que melhor define os sujeitos da EPJA, entretanto, é a da exclusão, porque abarca o conjunto de processos socioeconômicos e culturais que permitem explicar a distribuição desigual do analfabetismo e do atraso escolar nas sociedades, incluindo as variáveis de gênero, geração, língua e etnia, considerando ainda a distribuição sócio-espacial da pobreza nas regiões geográficas, zonas rurais e urbanas e no interior das cidades.

Informações confirmadas no Brasil, em nossa análise do documento: Síntese dos Indicadores Sociais – 2008 e no depoimento do próprio sujeito da pesquisa.

Francisco:

> Eu já tinha, já tinha porque foi o seguinte: a 4° série eu já tinha aos 10 anos de idade, mas aí meus pais me tiraram do colégio ele levou a gente para o Ceará eu passei mais ou menos dos 11 anos aos 14, 15 de idade ao final dos 15 anos de idade eu sai de casa aí eu fui morar sozinho eu fui trabalhar num parque fui para Recife aos 18 anos de idade eu retornei para São Paulo aí eu retomei os estudos por duas vezes eu retomei os estudos antes de entrar aqui na USP uma vez apenas eu retomei aí fui para

[24] Comissão Econômica para América Latina e Caribe, mesmo com pequenos avanços na diminuição da pobreza e do desemprego e melhoria na distribuindo da renda no início do milênio, em 2005 a região tinha 290 milhões de pessoas (55,3% do total) em condição de pobreza ou indigência, sendo a Bolívia, o Equador, o Haiti, Honduras, Nicarágua e Paraguai os países em que o fenômeno é mais agudo. Nota retirada do documento: Trajetória recente da educação de pessoas jovens e adultas na América Latina e Caribe. Di Pierrô, 2008.

> uma igreja que tinha lá em Carapicuíba um curso de educação de adultos também a noite, aí eu estudei lá 4° e 5° série aí foi a época que eu prestei concurso aqui.

Reparem que ao regressar ao Ceará, Francisco para de estudar.

Francisco:

> Nos morávamos aqui em São Paulo, eu tinha vindo com 2anos para São Paulo aí dos 10 para os 11 meus pais resolveram ir para o Ceará, sabe coisa de gente tosca mesmo: Vamo para o Ceará de novo. Aí tiraram eu de dentro da escola, chegando lá meu pai sempre muito rústico: - Que estuda que nada, vamos trabalhar.Toma uma enxada, pra cada um de nós, era nossa caneta.

Para Francisco o trabalho dele e de seus irmãos não era fundamental para sua família, a questão era o que seu pai, o chefe considerava importante e para este, naquele contexto rural, o estudo não lhe parecia ter significado.Frâncico mesmo diz: “Não era tão necessário assim, meu pai achava que isso era bobagem, dava pra estudar”.

Francisco também é mais um a compartilhar do sentimento de vergonha de sua condição de pessoa com pouco domínio da leitura e da escrita, conforme vimos presente em todos os sujeitos da pesquisa.

Francisco:

> No início eu tinha vergonha quando ingressei nos estudo aqui eu tinha vergonha.[...] Porque eu entrava na sala e todo mundo sabia mais do que eu, eu olhava para todo mundo assim e a impressão que eu tinha era que todo mundo olhava pra mim como se fosse um coitado.

Podemos perceber como o sentimento de humilhação social estava impregnado nele, que se auto-depreciava assumindo preconceitos que era atribuído a si e a outros na mesma condição.

Francisco:

> Eu não sabia me relacionar com as pessoas eu procurava aqueles ambientes daquelas pessoas mais rústicas mais grosseiras como eu porque eu tinha vergonha de outro ambiente, eu suava, eu chegava a transpirar de nervoso de entrar nos outros ambientes. Opa! Médico veterinário, professores, gente vou lá não. Tá assim de gente lá, é tudo doutor. Vou não, eu tenho vergonha. Isso é horrível.

Aqui também repete-se o preconceito lingüístico e para Bagno (1999, p.16) tratar da língua é tratar de um tema político, posto que é tratar de seres humanos:

> Ora a verdade é que no Brasil, embora a língua falada pela grande maioria da população seja o português, esse português apresenta um alto grau de diversidade e de variabilidade, não só por causa da grande extensão territorial do país –que gera as diferenças regionais, bastante conhecidas e também vítimas, algumas delas, de muito preconceitos -, mas principalmente, por causa da trágica

> injustiça social que faz do Brasil o segundo país com a pior distribuição de renda em todo mundo [...].
>
> Como a educação ainda é privilégio de muito pouca gente em nosso país, uma quantidade gigantesca de brasileiros permanece à margem do domínio de uma normal culta. Assim, da mesma forma como existem milhões de brasileiros sem terra, sem escola, sem teto, sem trabalho, sem saúde, também existem milhões de brasileiros sem língua. Afinal, se formos acreditar no mito da língua única, existem milhões de pessoas neste país que não tem acesso a língua, que é a norma literária, culta, empregada pelos escritores e jornalistas, pelas instituições oficiais, pelos órgãos do poder – são os *sem –língua*. É claro que eles também falam português, uma variedade de português não padrão, com sua gramática particular, que no entanto não é reconhecida como válida, que é desprestigiada, ridicularizada, alvo de chacota e de escárnio por parte dos falantes do português–padrão – por isso podemos chamá-los de sem língua.

Bem que gostaríamos de considerar o texto desatualizado devido o passar do tempo, no entanto o que vemos é que ele continua atual, milhões de pessoas jovens e adultas estão fora da escola ou nunca estiveram nela, pior muitos que hoje a freqüentam saem de lá sem saber minimamente ler e escrever e estes tantos continuam sendo vítimas de muitos preconceitos como este.

Francisco diz que: “por mais que eu não almejasse um emprego melhor uma condição de vida melhor eu estudaria da mesma forma eu tenho uma sede uma fome de conhecimento meio fora do comum entendeu, eu to sempre lendo, sempre estudando observando, perguntando eu observo muito e eu pego as coisas muito fácil”

Entrevistadora: E você acha que essa vontade sua de conhecer vem da onde? Porque você gosta tanto de conhecer?

Francisco: “Vem de uma classe social muito descriminada eu sou cearense eu venho da terra seca, a minha família inteira é semi-analfabeta quem tem mais estudo tem até a 4° série.”

O aluno nos mostra como as pessoas nordestinas, sem instrução escolar, pobres são estigmatizadas e como sofre por isso, então tenta usar a escolaridade como meio de não mais pertencer a esta categoria e conseguir reconhecimento social, pois diz que mesmo que não conseguisse um emprego melhor como foi o seu caso, ele estudaria.

A vergonha que tinha antes - perdeu.

Francisco:

> Eu não tenho mais nada disso eu sou uma pessoa completamente aberta, sei conversar sei entrar em qualquer ambiente converso com qualquer pessoa inclusive tem pessoas que dizem: -Você tem um diálogo muito bom cara, você se expressa muito bem, isso é muito bom que nível você tem? Eu falo: - Meu, tenho o nível médio, cara. “Tem muitas pessoas que tem nível superior por aí que não tem o

> diálogo que você tem, que não se expressa tão bem quanto você". Isso é muito bom.

Como no caso de José e outros alunos, novamente percebemos como pessoas jovens e adultas sentem na pele o preconceito por não terem freqüentado a escola e por isso vem na escolarização um forma de inclusão e fuga da estigmatização. A humilhação social é tão forte que Francisco chega a ler dicionário, anotar palavras difíceis.

Francisco:

> Houve um tempo em que eu tava lendo até dicionário, houve um tempo em que eu peguei um caderno e comecei a anotar umas palavras menos rotineiras e ia procurar no dicionário para que eu pudesse falar e saber o que eu tava falando para eu vez por outra soltar uma palavra bonita e saber o que eu tava dizendo isso foi me ajudando, foi fazendo com que eu quebrasse esse tabu esse gelo e fosse ingressando aos poucos e me infundindo nesse outro ambiente senão eu não ia conseguir.

O aluno tem um sonho, quer ser médico, embora este sonho pareça estar ligado a sua necessidade de pertencimento e aceitação social, inclusive demonstra senso crítico em sua análise social:

> Eu sempre quis muito desde os 6 anos de idade eu tenho um sonho, um objetivo de vida o meu grande sonho sempre foi me tornar médico, porém a minha condição sócio-econômica não me permite isso e não vai permitir assim entendeu, aí eu adotei uma nova filosofia de vida eu pensei o seguinte: Eu vou fazer um curso de auxiliar de enfermagem vou terminar o Ensino Fundamental o Ensino Médio fazer um curso de auxiliar de enfermagem, vou fazer um técnico vou fazer enfermagem nível superior aí sim eu vou tocar a minha vida pretendo fazer medicina um dia nem que seja por hobby nem que como ser assim eu me aposentei não preciso mais trabalhar agora eu vou fazer medicina.

Mesmo percebendo que as condições sócio econômicas não lhe permite ser médico, por outro lado, Francisco parece não conseguir escapar da impregnação do pensamento capitalista .

Francisco:

> O meu objetivo é esse eu acho assim o mundo é grande e esta cheio de oportunidades basta que todo cidadão tem que procurar, estar preparado e apto à concorrer sempre com uma vaga melhor seja ele de emprego ou de condição social com outro cidadão,vai ter sempre gente melhor ou igual à você tem que estar preparado porque oportunidades surgem aos montes você só tem que procurar estar preparado quando surgir oportunidade para que você possa concorrer com alguém disputá-la com alguém aí a gente vai se preparando com muita calma vai se preparando [...]

O entrevistado declarou que acredita que: “Cada um é aquilo que quer ser na vida.” Quando incentivado apensar sobre os fatores sócio econômicos, o desemprego, Francisco nos revela que parece aceitar a desigualdade inculcada em sua mente como decorrência do próprio individuo: “Ah, porém sei lá...pra estudar eu não preciso estar oficialmente empregado, há milhões de desempregados porém que trabalham na informalidade.”

Francisco parece admitir conforme discurso do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, relatado por Bruno(1991) que 30 milhões de brasileiros não merecem ser ao menos objeto de políticas educacionais. Basta o ensino fundamental para garantir fontes alternativas de renda. Será que o aluno pensa que, trabalho informal para a classe trabalhadora pauperizada significa, trabalho mal pago, sem previdência social, sem os direitos trabalhistas conquistado a duras penas. Será que percebe o que Maria Clara Di Pierro (2008) diz sobre a inserção subordinada dos países do continente latino americano à economia e à cultura globalizadas; gerar o estabelecimento de patamares mais elevados de desemprego, subemprego, trabalho informal e/ou precário, que debilita as organizações sindicais e corrobora a persistência das desigualdades socioeconômicas e níveis extremos de pobreza?

Ainda cabe dizer que Francisco nos revela um sentimento, que contrário do que superficialmente pode parecer como defensor dessa ordem desigual é sinal da impregnação capitalista que domina consciências e se impõe sob a forma violenta da coação.

Francisco:

> [...] nossa me deu muita autonomia, vê só hoje eu posso chegar e falar assim: gente eu sei que é difícil o mercado ta difícil porém, se eu sair daqui hoje amanhã eu vou tentar a minha vida e vou trabalhar, de fome não vou morrer, eu tenho conhecimento que me capacita a encarar o mercado de trabalho diferente de algum tempo atrás e tocar a minha vida pra frente.

Ao falar da condição de uma pessoa que não estudou Francisco reafirma a dominação que lhe toma conta.

Francisco:

> Acho que é uma pessoa muito cômoda, porque é muito fácil hoje, muito simples,existem inúmeros cursos de educação para adultos para 3° idade que seja, todo mundo pode estudar ,educação é algo muito acessível hoje, embora que os governantes aqui no Brasil, queiram as pessoas com o mínimo de educação possível para que não saibamos escolhe-los porém, depende de mim, você já imaginou o cara chegar pra mim e falar: - Olha, você tem estudo, tem vaga na escola até a 8° série, até o 3° ano que seja mais aí o resto cabe à você.Gente!Existem por ai cursos acessíveis, muitos cursos acessíveis que você paga muito pouco ou não paga nada, direitos, o ser humano tem que saber lutar

> pelos seus direitos, tem faculdades por aí de graça, existe por aí uma porcentagem de bolsas que as universidades particulares que sejam tem que destina-las à população de baixa renda não é porque eu sou de baixa renda que eu não vou poder estudar, isso depende de mim acho que cada um tem que querer.

Francisco estudou em cursos gratuitos até concluir o ensino fundamental, depois ingressou num curso técnico, talvez se tivesse que pagar por essa formação elementar não tivesse tanto êxito. Ele mesmo admite procurar alguma forma de financiamento do curso superior via trabalho. Sobre o assunto, Di Pierro (2008, p.385) mostra:

> Devido à condição socioeconômica da maioria dos destinatários, a EPJA não configura um mercado atraente para o setor privado com fins lucrativos, cuja participação na matrícula é reduzida e bastante concentrada no ensino médio e técnico-profissional. O peso da provisão do serviço educativo recai, portanto, sobre o poder público e as instituições sem fins de lucro.

Sendo que nem chegamos a discutir a questão de muitos universitários que trabalham a semana inteira para sobreviver e no final de semana vão continuar fazendo outro tipo de trabalho para terem direito a freqüentar uma universidade sem ter que pagar a mensalidade. Na maioria das vezes, trata-se de uma universidade particular que recebe verba pública.

Sétima entrevistada: Márcia.

Márcia inicia sua narrativa falando da dificuldade comum em conciliar o trabalho com a escola: Era ruim numa parte porque eu fazia isso assim na correria, terminava, dava as 18:00 eu já pegava o caderninho e ia correndo”

Segundo a aluna, sua maior preocupação era com relação ao preconceito lingüístico, como vimos em vários outros casos.

Márcia:

> Mudou..aquilo que eu falei pra você o seu conhecimento passa a ser um pouco maior e você tem mais é...como que eu posso falar, um exemplo assim, você fala com as pessoas com mais clareza, mais segurança assim acho que bem por aí, exemplo eu gosto muito do meu irmão ele é professor, eu tinha dificuldade pra conversar, o meu linguajar era um o dele era outro, então hoje depois disso eu sinto assim que a gente conversava e entendia as línguas apesar do conhecimento dele ser bem maior mas aí eu já passei a encarar uma outra realidade mesmo aqui no trabalho pra eu ta resolvendo os meus problemas eu já comecei a encarar melhor, entendeu e na realidade eu só não fui mais pra frente por causa do trabalho porque eu enxergo assim uma dificuldade grande você ter que trabalhar a estudar ao

mesmo tempo, exemplo, se eu tivesse que voltar a fazer um curso superior eu teria que estar estudando de manhã e eu já não...saindo do horário que eu saio daqui pra eu ta entrando na escola oito horas pra mim já é muito cansativo mas eu gostaria sempre falei isso quando eu aposentar eu gostaria de fazer um curso não pra melhorar no trabalho mas sim no meu conhecimento porque a gente aprende, estudo é pra gente próprio então isso eu gostaria sempre tive vontade você fica mais desinibida pra conversar com as pessoas.

OS OMBROS SUPORTAM O MUNDO

Carlos Drummond de Andrade

Chega um tempo em que não se diz mais: meu Deus.
Tempo de absoluta depuração.
Tempo em que não se diz mais meu amor.
Porque o amor resultou inútil.
E os olhos não choram.
E as mãos tecem apenas o rude trabalho.
E o coração está seco.
Em vão mulheres batem à porta, não abrirás.
Ficaste sozinho, a luz apagou-se,
Mas na sombra teus olhos resplandecem enormes.
És todo certeza, já não sabes sofrer.
E nada esperas de teus amigos.

Pouco importa venha a velhice, que é a velhice?
Teus ombros suportam o mundo
E ele não pesa mais que a mão de uma criança.
As guerras, as fomes, as discussões dentro dos edifícios
Provam apenas que a vida prossegue
E nem todos se libertaram ainda.
Alguns, achando bárbaro o espetáculo
Preferiram (os delicados) morrer.
Chegou um tempo em que não adianta morrer.
Chegou um tempo em que a vida é uma ordem.
A vida apenas, *sem mistificação.*

CAPÍTULO V - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciamos este trabalho reconhecendo que qualquer projeto de educação, implícita ou explicitamente orienta-se, por concepções sobre o tipo de pessoa e de sociedade que se considera desejável, por julgamentos de valores e objetivos que lhes parecem valiosos. Neste ponto, sobre os objetivos e finalidades da educação parece haver total concordância entre os autores.

Para Candido (2004) a literatura é um direito humano por que :

> "é uma necessidade universal imperiosa, e por que fruí-la é um direito das pessoas de qualquer sociedade, desde o índio que canta as suas proezas de caças ou evoca dançando a lua cheia, até o mais requintado erudito que procura captar com sabias redes os sentidos flutuantes de um poema hermético. Em todos esses casos ocorre humanização e enriquecimento, da personalidade do grupo, por meio de conhecimento oriundo da expressão submetida a uma ordem redentora da confusão". (p. 179, 180)

Candido passa a descrever que entende humanização como processo que confirma no homem traços que consideramos essenciais tais como:"como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e do ser

Fétizon (2002) também vê este sentido na educação:

> Ora, se de um lado educação é vida e *para* á vida, e se viver é agir, e se agir é escolher, decidir, então a educação é o exercício *da* e a *preparação para a escolha*, a decisão, a opção – o que requer a cultura (regime interno vital). Eis ai. E se, por outro lado, a posse da humanidade só se opera no universo da cultura (ou da história), a atividade educativa (formal ou informal) é o preciosissímo instrumento que o grupo humano (*e só ele* – até onde se saiba...) possui para promover a autoconstrução da humanidade de seus membros e da individualidade de seus homens. (Fétizon, 2002, p.178)

Visão também compartilhada por Saviani(1977):

> Do ponto de vista da educação o que significa, então promover o homem? Significa tornar o homem cada vez mais capaz de conhecer os elementos de sua situação para intervir nela transformando-a num sentido de uma ampliação da liberdade, da comunicação e colaboração entre os homens. (p.41)

Precisamos então definir o que é o homem a fim de estabelecer um ponto de partida necessário a colocação do problema dos valores e objetivos na educação.

O homem como um corpo existe num dado meio que se define pelas coordenadas de espaço e tempo. Este meio condiciona-o e determina-o. Este caráter de dependência do

homem inicialmente em relação a natureza (entendem por natureza tudo aquilo que existe independente da ação do homem) dependência do espaço físico, do clima, vegetação, fauna, solo e subsolo. Não é o meio puramente natural que condiciona o homem. O meio cultural também se impõe.

Já ao nascer além de uma localização geográfica mais ou menos favorável, o homem se defronta com uma época com contorno de históricos precisos, marcadas pelo peso de uma tradição mais ou menos longa, uma língua já estruturada, costumes e crenças definidos, uma sociedade com instituições próprias, uma vida econômica peculiar e uma forma de governo ciosa de seus poderes. Esse é o quadro da existência humana.

Assim, o ser humano é um ser situado. Situação é o que o autor define como o termo que sintetiza tudo que foi dito antes. A vida humana só pode se sustentar e desenvolver a partir de um contexto determinado; é daí que o homem tira os meios de sobrevivência. Já que é levado a valorizar os elementos do meio ambiente: a água, a terra, a fauna, a flora etc. e as instituições, as ciências, as técnicas (no domínio da cultura). Antes mesmo de se dar conta o homem está exercendo atitude axiológica perante tudo que o cerca. Na verdade, valorizar é não ser indiferente. Os elementos por si só não valem nem deixam de valer, simplesmente são, ao se relacionar com o homem passam a ter significados portanto, passam a valer.

Isto nos permite entender o valor como uma relação de não indiferença entre o homem e os elementos com que se defrontam. A situação abre, pois, ao homem um campo imenso de valores: é o domínio do prático–utilitario. O homem tem necessidades que precisam ser satisfeitas e esse fato leva à valorização e aos valores. (p.40)

O fato do homem não ficar indiferente às coisas significa que ele não é um ser passivo. Ele reage perante as situações, intervem pessoalmente para aceitar, rejeitar ou transformar.

> O homem é então capaz de superar os condicionamentos da situação; ele não é totalmente determinado; é um ser autônomo, um ser livre. E a liberdade abre ao homem um novo campo amplo para a valorização e os valores. Sendo a liberdade pessoal e intransferível, impõe-se aqui o respeito a pessoa humana; como eu sou um sujeito capaz de tomar posições, de avaliar, fazer opções, e engajar-me por elas, assim também aquele que vive ao meu lado, perto ou longe é igualmente um sujeito e jamais um objeto. (p.40)

Portanto entendemos que o Professor Saviani assume com os demais que o ser humano é um ser político, opina, escolhe, transforma, sobretudo, decide. Mas não decide

sozinho, decide junto, já que a humanidade é uma condição compartilhada, decide apoiado por seu sentimento de pertencimento a um grupo.

Continuamos com a nossa localização do homem no espaço e no tempo que habitamos e assim ingressamos novamente no pensamento de Gentili (1995), a acumulação de capital sempre implicou uma tendência generalizada e crescente à mercantilização de todas as coisas, a expansão do universo mercantil traz impacto não somente para as coisas materiais, mas também para a materialidade da consciência, ou seja, na medida que os indivíduos interiorizam o valor mercantil e suas relações com o padrão dominante de interpretação dos mundos possíveis, passam a aceitar o próprio mercado como âmbito no qual devem desenvolver-se como pessoas humanas.

De maneira que de certa forma, a própria vida numa sociedade capitalista é capaz de configurar pensamentos e atitudes; capaz de configurar a forma de ver e estar no mundo, ou seja, configurar pessoas, seres humanos que aprendem os valores disseminados por tal experiência. Assim, pensarmos a educação atualmente não é tarefa fácil, segundo Debord (2007) "o projeto de Marx é o de uma história consciente", sermos capazes de nos descobrirmos, mesmo nesta sociedade capitalista, como sujeitos ou seja, como construtores da história não como seres apáticos a ela.

Um exemplo deste seqüestro das consciências encontra-se no texto de Gentili que mostra como até mesmo crianças introjetam o valor mercantil das coisas., esse valor parece invadir tudo completamente e tenta nos impor sua visão sob sua lógica, sua racionalidade e pior, impor que entendamos tudo isso como fatos [25]"naturais".

Ao percebermos o espanto de uma cubana ao visitar o Brasil e descobrir que aqui a maior parte dos bens não esta disponível para todos, nem mesmo para a maioria. Ela nos pergunta como convivemos passificamente sob estas condições? Como podemos aceitar tal fato sem nos revoltarmos? Nos fazendo pensar que para aquela mulher, nascida e criada num país ainda não dominado pelo capitalismo, tamanha desigualdade não lhe aprecia de forma alguma como algo natural.

Segundo Bruno(1991), faz-se necessário remontarmos a história para desmistificar esta naturalização, não a história predominante contada pelos vencedores, como sua propriedade, a história unilateral, sem sujeitos opositores, história feita exclusivamente

[25] A palavra foi mantida em destaque conforme texto original -O que é valor? A que se deve a crise?- Nobert Trenkle

pelos poderosos, que disseminam e inculcam nos outros tentando justificar seus lugares como herdeiros legítimos dos privilégios que desfrutam.

A própria mídia concentrada na mão dos poderosos tenta destituir o povo de seu passado, tirando-lhe a sua história, e com isso se não impossibilitar dificultar ao máximo que este mesmo povo se veja como político, ou seja, capaz de se enxergar como sujeitos pertencentes a um grupo com capacidade de integração, como sujeitos capazes de tomar decisões. Ao contrário estas pessoas que são a maioria da população, o povo, interiorizaram o princípio organizador vindo da estrutura de poder encarnada por entidades tidas como míticas como o Estado e o Mercado.

De acordo com este pensamento da autora, Debord (2007) continua: "o mito é a construção unitária do pensamento que garante toda a ordem cósmica em torno da ordem que essa sociedade já realizou de fato dentro de suas fronteiras". Esta definição pode nos ajudar a compreender a tentativa do Estado em afirmar-se como mito, pois este pensamento tornaria aceitável este Estado como inevitável o que por outro lado explicaria a estagnação diante dele.

A aceitação do pensamento mítico do Estado e do mercado nos coloca em posição passiva de aceitação de nossa condição de não-sujeitos. Essa condição parece nos fechar em nós mesmos, em nosso tempo e espaço e assim impedir nossa capacidade de exercitar a nossa capacidade de [26]"imaginação sociológica". Exercício que parece concordar com as idéias de Bruno que também parte do princípio não etnocêntrico, ou seja, da capacidade de olharmos para trás e vermos outras formas de organização social e política como alternativas. Sem a capacidade do exercício de imaginação sociológica, poderíamos tender a hierarquizar nosso olhar sob sociedades muito distintas da nossa.

Buscarmos compreender outras formar de organização social, pode nos libertar da prisão de nossas próprias mentes fechadas em si e do pensamento capitalista já de alguma maneira cristalizado em nós, perceber que existiram e existem ainda outras formas de viver e estar no mundo pode nos permitir pensar a nosso própria existência situada. Além do que o Estado não pode ser entendido como um mito, colocar-se no tempo como eterno, tem data de nascimento, esta situado no tempo histórico humano, de maneira que não podemos aceitá-lo como tal.

---

[26] Conceito utilizado segundo Anthony Giddens na obra: Sociologia uma breve porém crítica introdução

De forma muito semelhante, segundo Trenkle (1998), o trabalho em nossas sociedades ocidentais também é visto como “a coisa mais natural do mundo”. O trabalho significando para ele a forma social na qual as atividades são executadas. O autor define trabalho como a atividade que se enquadra no contexto social e abstrato da produção de mercadorias a troco de dinheiro. Neste tipo de atividade chamada de trabalho os seres humanos são obrigados “a vender sua energia vital para poderem sobreviver”.

Em total concordância com o autor Bruno (1991), nos diz que para compreender as sociedades humanas:

> Já seria suficiente se compreendêssemos que a dominação política e a exploração econômica são na prática, indissociáveis; podem até surgir separadamente no registro da cronologia, mas não podem prosseguir e reproduzir-se separadamente conformando estruturas sociais. Todos nos sabemos que ninguém trabalha mais do que o necessário para suprir as suas necessidades, se não for coagido a isto. Desta forma, o ato da exploração da capacidade de trabalho alheia é já um ato de dominação; e já o exercício do poder sobre o outro.

Assim, voltamos a discussão sobre a formação das consciências, a questão da história consciente e da conformação das estruturas sociais. Já vimos que o estado, o mercado e o trabalho definidos aqui como mitos, não podem ser entendidos como naturais. Para Trenkle, (1998) “ o caráter coercitivo do trabalho não é consciencializado pela maioria das pessoas isso só demonstra até que ponto ele está interiorizado”. Conforme demonstrado inicialmente nas idéias de Gentil, Trenkle vai ainda mais além quando afirma que “a estrutura social dominante penetra no psiquismo dos indivíduos. E é por isso que são indivíduos impregnados pelo capitalismo que constituem o maior obstáculo na crise da sociedade do trabalho à superação do sistema fetichista dominante.”

Segundo este autor o sistema coercitivo de produção de mercadorias e do trabalho abstrato já atingiu o estado e isto leva inevitavelmente à exclusão de cada vez mais pessoas do acesso aos meios de sobrevivência mais elementares. Ainda assim é impressionante como as pessoas continuam defendendo o trabalho, mesmo que este seja cada vez menos digno como temos visto, mesmo que venha diminuindo cada vez mais os direitos adquiridos depois dos longos séculos de luta da classe trabalhadora, parece que agora a luta não é mais por direitos trabalhistas, mas pelo trabalho, ou seja nestas condições luta-se por mais tempo de trabalho por menores que sejam os salários, tamanha a interiorização de jargões do tipo: “o trabalho dignifica o homem” ou ainda “ você ganha pouco, mas agradeça Deus por ter um”, mesmo quando cada vez menos pessoas tem trabalho as

pessoas não parecem se dar conta de que esta lógica “de cada um por si” vai acabar atingindo-a. O que nos parece mais incompreensível ainda é pagarmos a manutenção de um estado que arrecada cada vez mais e retribui cada vez menos, pagamos pela manutenção de um estado que juridicamente desmantela os direitos da classe trabalhadora, veja-se recentemente a repressão cada vez mais ferrenha aos movimentos grevistas tais como os acontecidos neste ano, dos lixeiros e dos metroviários.

De forma que para Lúcia Bruno(1991) de acordo com Trenkle:

> à infra-estrutura social geral no sentido mais amplo do termo: ou seja, o sistema de transportes, de comunicações, de educação, de segurança social e saúde, de Justiça e investigação cientifica, à Policia, às Forças Armadas, etc. Não é por acaso que todas essas funções são em grande partes assumidas diretamente pelo Estado ou financiada por ele, pois embora sejam indispensáveis para o contexto geral do Capitalismo, não podem ou só muito limitadamente pode ser organizadas de forma empresarialmente ‘rentáveis’, devido ao seu grau de generalidade e a sua insusceptibilidade de venda do mercado. (p.18)

De maneira que o Estado é apropriado pelo capitalismo que utiliza a infra-estrutura pública para se estabelecer. Pois esta longe de ser democrático. Outros autores mencionados como Candido e Di Pierro foram capazes de reconhecer que a existência de direitos não é capaz de torná-lo direitos de fato. Além também reconheceram a tremenda desigualdade social na qual vivemos.

Bruno não separa o político do econômico sendo assim o capitalismo anda junto do Estado.Criando condições para que esta ordem se estabeleça e explore cada vez mais pessoas.

No entanto como vimos em nossas entrevistas essas mesmas pessoas com o psiquismo conformado são capazes de defender o trabalho economicamente produtivo que as explora “ao invés destas condições cada vez mais alarmantes do trabalho alertar parece intensificar os valores capitalistas interiorizados que conformam esta estrutura social. Trenkle ainda diz: “Onde surgem protestos as pessoas não estão contra, mas a favor do trabalho”, segundo ele por causa desta necessidade profundamente enraizada nas massas. Se analisarmos esta situação talvez possamos pensar que devido a conformidade com este sistema a grande maioria das pessoas, a chamada classe trabalhadora não consiga pensar em outra possibilidade de existência que não seja em o trabalho tal qual o conhece, que a explora e por isto luta ainda por ele.

Assim, precisamos retomar outro ponto fundador desta discussão, ou seja, a definição do que entendemos por ser humano. Segundo Bruno (1991), "o político é a substância do humano, expressando a possibilidade inscrita em cada um de nós do viver em relação na diferença, (...) o homem só existe enquanto ser político. (...) O político é fundamento da vida em comum". E prossegue: "O político aqui entendido como a capacidade de tomarmos decisões, apoiados no sentimento de pertença a um grupo, a uma comunidade".

Para a autora "só entrando em relação podem os homens se afirmar como singularidades e não apenas como elementos de uma espécie. O [27]*eu* é necessariamente um *eu* relacional. E esta relação é contraditória, pois o *eu* só existe enquanto singularidade no interior de uma relação de oposição com o *outro,* ou seja, é nesta relação contraditória que o *eu* se afirma como sendo ele próprio e não o outro: sou A porque não sou B; sou B porque não sou A."

Com o intuito de colaborar com esta compreensão recorremos a Paulo Freire (1987):

> Ao não poder separar-se de sua atividade sobre a qual não pode exercer um ato reflexivo, o animal não consegue impregnar a transformação, que realiza no mundo, de uma significação que vá mais além de si mesmo. (...) o animal se constitui, fundamentalmente, como um ser "fechado em si". Ao não ter este ponto de decisão em si, ao não poder objetivar-se nem à sua atividade, ao carecer de finalidades que se proponha e que proponha, ao viver "imerso" no "mundo a que não consegue dar sentido, ao não ter um amanhã nem um hoje, por viver num presente esmagador, o animal é a-histórico. [28]**Sua existência é a-histórica se dá, não no mundo tomado em sentido rigoroso, pois que o mundo não se constitui em um "não-eu" para ele, que seja capaz de constituí-lo como eu.** (...) E, se não constrói, não pode transformar o seu contorno. Não pode, tampouco, saber-se destruído em vida, pois não consegue alongar seu suporte, onde ela se dá, em um mundo significativo e simbólico, o mundo da cultura e da historia. (...) Os homens pelo contrário, ao terem consciência de sua atividade e do mundo em que estão, ao atuarem em função de finalidades que propõem e se propõem, **ao terem o ponto de decisão de sua busca em si e em suas relações com o mundo, e com os outros**, ao impregnarem o mundo de sua presença criadora através da transformação que realizam nele, na medida em que dele podem separar-se e, separando-se, podem com ele ficar, os homens, ao contrário do animal, não somente vivem, mas existem, e sua existência é histórica". (Freire, p. 89).

Baseada nesta concepção humana como sendo essencialmente social a autora prossegue apresentando o pensamento importante de Marx, que rompe com a tradição

---

[27] Destaque mantido conforme no texto original.
[28] Destaques nossos.

filosófica da época, sua tese de que a ação humana é institucionalizada, retirando desta maneira qualquer caráter individual, sendo assim, a ação do [29]ser humano sobre o meio natural e social deixa de ser concebida como ação prática direta e passa a ser pensada como práxis, prática que só se realiza mediante instituições, ou seja mediante as relações sociais, nunca individualmente.

Bruno (1991), prossegue "E se a realidade social distingue-se da realidade natural por ser produtora de instituições e de símbolos, esta sua especificidade decorre da capacidade humana de criar a regra e estabelecê-la como norma de conduta. Não há institucionalização de práticas sem o fundamento da regra" no entanto de acordo com a autora , a regra só pode existir a partir da linguagem simbólica, outro aspecto que situa a ação humana no âmbito da cultura.

Paulo Freire(1987), contraria a autora por apresentar inclinação democrática no entanto, compartilha com Bruno que "A existência humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo. Existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo. O mundo pronunciado, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles novo pronunciar"

Esta idéia apresentada pelos dois autores acima nos é de fundamental importância para questionarmos outra vez a legitimidade de nossa organização política baseada no estado que também se diz democrático, e embora o termo signifique governo do povo, para o povo, retira deste seu poder político, pois sua base histórica-sociológica segundo Bruno é retirar da sociedade sua atuação como sujeito da ação política, substituindo por aqueles que a monopolizam, destacando-se dela e transformando-a em mero objeto de suas determinações.

Para Bruno (1991), "trata-se de um processo de privação, ou melhor, da privação como processo: privação vivida por uma parte da sociedade do seu ser político que foi capturado e monopolizado pelo outro, nos dois registros em que se dão as práticas estruturantes: o econômico e o político".

Freire (1987), defende o mesmo ponto de vista da autora ao considerar que:

---

[29] Por uma questão de opção a palavra homem foi substituída por ser humano.

> "por isto mesmo é que, qualquer que seja a situação em que alguns proíbam aos outros que sejam sujeitos de sua busca, se instaura como situação violenta. Não importam os meios usados para esta proibição. Fazê-los objetos é aliená-los de suas decisões, que são transferidas a outros. Este movimento de busca, porém, só se justifica na medida em que dirige ao *ser mais*, à humanização dos homens".

Neste ponto, procuramos inserir a discussão sobre a Educação de Jovens e Adultos no Brasil, com seus aproximadamente 180 milhões de habitantes, contamos com pelo menos 40% da população em situação de pouco domínio da leitura e da escrita na língua materna[30] devido às imensas diferenças sócio-econômicas de nosso país.As pesquisas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) tem auxiliado com estatísticas oficiais sobre o analfabetismo desde o final do século XIX, o índice é apurado com base na auto-avaliação da população recenseada sobre a sua capacidade de ler e escrever.

Se reconhecemos a relação entre palavra e poder podemos dizer segundo Magda Becker Soares (1990), que

> a posse e uso pleno da escrita por uma classe privilegiada, acaba funcionando como arma para o exercício de poder que legitima a dominação econômica, social, cultural, de discriminação e de exclusão, portanto não há possibilidade de participação econômica, política, social, cultural plena sem o domínio da escrita, pelo menos numa sociedade letrada.

Para autora o significado da alfabetização ultrapassa a mera aquisição de uma técnica - o saber ler e escrever; a alfabetização é entendida como um processo político, através do qual os grupos excluídos dos direitos sociais, civis e políticos por meio da alfabetização, ou seja, a aquisição da leitura e da escrita são indispensáveis na luta pela conquista destes direitos, pela participação no poder e pela transformação social, sendo assim, a alfabetização é compreendida como instrumento para conquista da cidadania, entendida como parte de sua humanização.

Reforçamos novamente que a participação cidadã, segundo Bruno, não é entendida aqui como privação, para qual "não é mais do que participar na legitimação da decisões que foram tomadas em seu nome, num arranjo político que o exclui".

Paulo Freire (1987), continua esta discussão sobre privação e direito ao afirmar que:

> "se dizer a palavra verdadeira, (...) que é práxis, é transformar o mundo, dizer a palavra não é privilégio de alguns homens, mas direito de todos os homens. Precisamente por isto, ninguém pode dizer a palavra verdadeira sozinho, ou

[30] Ver gráficos e anexo.

> dizê-la par aos outros, num ato de prescrição, com o qual rouba a palavra dos demais".

Pois para este autor a educação deve ser prática da liberdade e "Esta conquista não se pode comparar com o crescimento espontâneo dos vegetais: participa da ambigüidade da condição humana e dialetiza-se nas contradições da aventura histórica, projeta-se na contínua recriação de um mundo que, ao mesmo tempo, obstaculiza e provoca o esforço de superação libertadora da consciência humana".

Não é a toa que Paulo Freire assume sua inspiração marxista, pois fica evidente nesta passagem, que compartilha da idéia de Marx da "história consciente", ou seja, passarmos de meros espectadores da história, como seres alienados a ela para sujeitos desta.

De maneira que a educação para Freire (1987), "como prática da liberdade, ao contrário daquela que é pratica da dominação, implica a negação do homem abstrato, isolado, solto, desligado do mundo, assim como também a negação do mundo como uma realidade ausente dos homens".

Por isto mesmo, prossegue Freire:

> é que, qualquer que seja a situação em que alguns homens proíbam aos outros que sejam sujeitos de sua busca, se instaura como situação violenta. Não importa os meios usados para esta proibição. Fazê-los objetos é aliená-los de suas decisões que são transferidas a outro ou a outros. (FREIRE, p.74)

Paulo Freire (1987, p.41), reconhece que a prática desta educação libertadora implica em poder político e se os oprimidos não os tem, como então realizá-la sem uma revolução. (p.41).

> É que esta luta não se justifica apenas em que passem a ter liberdade para comer, mas liberdade para criar e construir, para admirar e aventurar-se. Tal liberdade requer que o individuo seja ativo e responsável, não um escravo, nem uma peça bem alimentada da máquina. (FREIRE, 15)

Acrescentaríamos o direito a literatura, ao lazer, etc. Porém para lutar por uma sociedade mais justa, os explorados, as pessoas tratadas como lixo que são chamadas de massas supérfluas, precisam ser sujeitos políticos e não apenas "coisas" usáveis.

O Professor Ernani Maria Fiori no Prefacio do livro: Pedagogia do Oprimido diz que para Freire o objetivo da educação ultrapassa sua funcionalidade pragmática:

> "Eis por que em uma cultura letrada, aprende a ler e a escrever, mas a intenção última com que o faz vai além da alfabetização. Atravessa e anima e toda a empresa educativa, que não é senão aprendizagem deste esforço de totalização - jamais acabada - através do qual o homem tenta abraçar-se inteiramente na plenitude de sua forma. É a própria dialética em que se existência o homem. Mas, para isto, para assumir responsavelmente sua missão de homem, há de aprender a dizer a sua palavra, pois, com ela, constitui a si mesmo e a comunhão humana em que se constitui; instaura o mundo em que se humaniza, humanizando-o." (FREIRE, P.13)

Portanto conforme discussão que fazemos aqui a luta por dignidade humana não faz sentido num sistema que sobrevive da exploração do outro, que dissemina a desigualdade e por isto que precisamos segundo Trenkle (1998), compreender que "não foram apenas os modos de existência material e social, mas também as mentalidades que mudaram de acordo com este modelo" pois só assim podermos nos comprometer como seres políticos que somos, seres capazes de decisões para lutar contra este poder.

No entanto com as mentalidades conformadas por este sistema não é fácil reagirmos, de acordo com Freire (1987):

> "Os oprimidos, contudo, acomodados e adaptados, imersos na própria engrenagem da estrutura dominadora, temem a liberdade, enquanto não se sentem capazes de correr o risco de assumi-la." (...) "Enquanto tocados pelo medo da liberdade, se negam a apelar a outros e escutar o apelo que se lhes faça ou que se tenham feito a si mesmos.(...) Sofrem uma dualidade que se instala na "interioridade" do seu ser. Descobrem que, não sendo livres, não chegam a ser autenticamente. Querem ser, mas temem ser."

Assim, se pensarmos nossa condição como humana, uma vida que nos priva de nossas próprias decisões, ou seja, de nossa capacidade política, que nos mantém encarcerados num viver que não se renova, que só se reproduz, tira de nós nossa própria humanidade, nos coisifica.

No entanto, para FREIRE (1987), a educação é tratada num sentido amplo.

> Na verdade, diferentemente dos outros animais, que são apenas inacabados, mas não são históricos, os homens se sabem inacabados. Têm a consciência de sua inconclusão. Aí se encontram as raízes da educação mesma, como manifestação exclusivamente humana. Isto é na inconclusão dos homens e na consciência que dela têm. Daí que seja a educação um que fazer permanente. Permanente, na razão da inconclusão dos homens e do devenir da realidade.

Não tratamos da educação compreendida restritamente como a educação proposta na instituição escola, pois se nos lembrarmos que a escola foi criada para formar a classe

trabalhadora e segundo Adan Smith, esta tinha que disciplinar para o trabalho, ou seja a educação tinha caráter de controle social por fazer parte da estrutura das instituições controladas pelo sistema econômico capitalista assim como o próprio estado que não desempenha nenhuma autonomia em relação a este sistema econômico, ao contrário encontra-se sob seu jugo.

Portanto, esta instituição chamada escola não consegue propor a educação que tratamos aqui, nem manifesta interesse nisto já que serve aos interesses do mercado. A educação que tratamos é proposta por Freire, Fetizon, Saviani, uma Educação visa a promoção do homem, como ser humano real, localizado numa realidade, na qual *"o domínio prático utilitário de dominação sobre as coisas nunca poderá ser exercido nas relações de pessoa para pessoa"*. Para o autor "(...) *na relação humana descobre-se que o prático utilitário não satisfaz: o homem é aquele animal para o qual o supérfluo é necessário"*. Ou seja, a dimensão humana é compreendida por diferentes aspectos, tais como o artístico, o afetivo, também o social e racional.

Uma educação que não trabalhe para a manipulação das consciências, para manutenção da ordem com está, que faz de seres humanas meros objetos descartáveis que tem cada vez menos direitos e menos tempo, ou como segundo Lúcia Bruno, na fórmula de Thiers, 'Em troca da vida, tinham a vida perdida'.

E reforçamos que:

> Em regime de dominação de consciências, em que os que mais trabalham menos podem dizer a sua palavra e em multidões imensas nem sequer tem condições para trabalhar, os dominadores mantêm o monopólio da palavra, com que mistificam, massificam e dominam. Nessa situação, os dominados, para dizerem sua palavra, têm que lutar para toma-la. Aprender a tomá-la dos que a detêm e a recusam aos demais é um difícil mais imprescindível aprendizado – é a pedagogia do oprimido" (p. 21)

Diante de todas estas considerações, podemos então concluir que tudo esta perdido e que nada há que possamos fazer diante da situação? Decididamente NÃO. Para Freire (1987, p.73), existe um "saber fundamental*: mudar é difícil mas é possíve*l" e deve ser a partir deste saber que devemos programar nossa ação política e pedagógica, pois:

> A educação problematizadora, que não é fixismo reacionário, é futuridade revolucionária.(...) Daí que corresponda à condição dos homens como seres históricos e à sua historicidade. Daí que se identifique com eles como seres mais além de si mesmos – como "projetos" - , como seres que caminham para frente, que o imobilismo ameaça de morte; para quem o olhar para trás não deve ser uma forma nostálgica de querer voltar, mas um modo de melhor conhecer o que esta sendo, para melhor construir o futuro.

Para os autores verificamos que a conquista garante a alienação que se faz pelos mitos, toda sorte de mito do Estado, do Mercado e incluímos aqui o mito da escola porque estes indispensáveis à manutenção do *status quo*, portanto precisamos superá-los sendo que para isso:

> (...) é necessário, inclusive que a situação em que estão não lhes pareça como algo fatal e intransponível, mas como uma situação desafiadora, que apenas os limita. Enquanto a prática "bancária", (...) enfatiza, direta ou indiretamente, a percepção fatalista que estejam tendo os homens de sua situação a prática problematizadora, ao contrário, propõe aos homens sua situação como problema. Propõe a eles sua situação como incidência de seu ato cognoscente, através do qual será possível a superação da percepção mágica ou ingênua que dela tenham. A percepção ingênua ou mágica da realidade da qual resultava a postura fatalista cede seu lugar a uma percepção que é capaz de perceber-se. E porque é capaz de perceber-se enquanto percebe a realidade que lhe parecia em si inexorável, é capaz de objetivá-la. (FREIRE, p. 74)

Concluímos de acordo com Bruno (1991) que:

> "se ainda assim não perdermos o ser político que habita em nós, se ainda somos capazes de reconhecê-lo nas tribos mais pauperizadas que teimam em preservar seu ser num mundo que lhes é hostil; se ainda somos capazes de lutar contra um poder que organiza o nosso cotidiano como uma sucessão de privações, tendo em vista nos transformar em meros elementos da massa, se ainda somos capazes de perceber tudo isto é porque nem tudo esta perdido".

REFERÊNCIAS

ADORNO, R. de C. F. **Análise de um projeto de construção da cidadania para adultos e jovens: os barracões culturais de Itapecerica da Serra**. São Paulo. s.n. 2001. 22p.

ALVANI, D. P. de A. **Educação escolar de jovens e adultos: Desafios da formação de professores e o ensino da leitura e da escrita.** (Dissertação de mestrado) – Faculdade de Educação – Universidade de São Paulo/USP. São Paulo, 2005.

ALVAREZ, T. L. **Trabalho e educação básica de jovens e adultos: uma avaliação de como os trabalhadores são remunerados de acordo com as diferentes opções de estudo.** (Dissertação de mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2006.

BAGNO, M. **Preconceito Lingüístico.** São Paulo: Edições Loyola, 1999.

BEISIEGEL, C. R. **Estado e Educação Popular**. São Paulo: Pioneira. 1974.

_____. **Cultura do povo e educação popular**. In: VALLE, E., QUEIROZ, J.(Org). São Paulo: Cortez & Moraes/EDUC, 1979, v.1, p. 40-56

_____. **Considerações a propósito de um projeto educacional**. Revista São Paulo em Perspectiva. São Paulo: SEADE. 1993.

_____. **Considerações sobre a política da União para a educação de jovens e adultos analfabetos**. Trabalho apresentado na XIX Reunião da ANPED. Caxambu, 1996.

BERNARDO, P. C. **Projeto de educação de trabalhadores:** a educação enquanto direito subjetivo de jovens e adultos em Belo Horizonte. (Dissertação de Mestrado) São Paulo, 2005.

BOURDIEU, P. Compreender. **A Miséria do mundo**. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

BRASIL.Lei no. 9394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Ofical da União**, Brasília, DF, 23 de dezembro de 1996. 5692/71

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA (1993). **Plano Decenal de Educação para Todos: 1993-2003**. Brasília, DF.

BREJON, M. (org.). **Estrutura e funcionamento do ensino de 1º e 2ºgraus.** São Paulo: Pioneira, 1979.

BUENO, B.O. **Memória e autobiografia: formação de mulheres e formação de professoras**. Revista Brasileira de Educação, São Paulo, n.2, p. 61-76, 1996.

BRUNO, L. **Processo de trabalho, lutas sociais e formas de poder**. (Tese de doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1991.

CANDIDO, A. **Vários escritos.** Rio de Janeiro: Ouro sobre azul/ São Paulo: Duas cidades, 2004.

CAMPOS, S. **O trabalho docente na educação de jovens e adultos trabalhadores: gestão Erundina/PauloFreire no município de São Paulo (1989/1992).** (Dissertação de Mestrado) - Faculdade de Educação, UNICAMP/SP, 1998.

COLASANTI, M. **Eu sei, mas não devia**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1996.

COSTA, F. B. **Homens invisíveis: relatos de uma humilhação social. –** São Paulo: Globo, 2004.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. 9º reimpressão. Rio de Janeiro: Contraponto, 2007.

DIAS, M. R. C. **Identidades cruzadas: ser aluno para continuar peão...** (Dissertação de mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1998.

DI PIERRO. M. C. **Educação de jovens e adultos na América Latina e Caribe: trajetória recente.** Cadernos de pesquisa.v..38 n. 134, p. 367-391. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 2008.

_____.As políticas públicas de educação básica de jovens e adultos no Brasil no período 1985/1999. (Tese de doutorado) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2000.

_____. Políticas municipais de educação básica de jovens e adultos no Brasil: um estudo de caso de Porto Alegre-RS. (Dissertação de Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1996.

DURAND, G. **A imaginação simbólica.** São Paulo: Cutrix / EDUSP, 1998.

Espaço Pedagógico - **Diálogos memoráveis**. Coleção Diálogos. Disponível em <http://www.pedagogico.com.br/edicoes/5/artigo2228-1.asp?o=r> Acesso em: 05 nov 2006.

FERNANDES, D. G. **Alfabetização de jovens e adultos**: **as representações sociais de alfabetizandos e alfabetizadores.** (Dissertação de mestrado) - Centro de Educação, Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 1997.

FÉTIZON, B. A. de M. **Sombra e Luz: o tempo habitado**. São Paulo: Zouk, 2002.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Pedagogia da Esperança**. 2º ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. **A importância do ato de ler**. 29ª ed. São Paulo: Cortez Editora, 1994.
_____. **Política e Educação: ensaios**. 2ª ed. São Paulo: Cortez Editora, 1995.

_____. **Educação como prática da liberdade**. 22ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

GALVÃO, M.O. e DI PIERRO, M.C. **Preconceito contra o analfabeto**. São Paulo: Cortez, 2007.

GENTILI, P. (org.) **Pedagogia da Exclusão: Crítica ao neoliberalismo em educação**. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

GOODE, W.T. e HATT, P.K **Métodos em Pesquisas Sociais.** São Paulo: Nacional, 1977.

GRANDE, M. A. **Educação escola: finalidades e objetivos**. São Paulo: Saraiva, 1979.

HADDAD, S. e DI PIERRO, M. **Diretrizes de Política Nacional em Educação de Jovens e Adultos: consolidação de documentos – 1985/1994.** São Paulo: CEDI/Ação Educativa, 1994.

HADDAD, S. (coord.). **Perfil do atendimento em alfabetização de jovens e adultos no Estado de São Paulo: relatório de pesquisa**. São Paulo: CEDI, 1993

_____. Ensino supletivo no Brasil: o estado da arte. Brasília: INEP/REDUC, 1987.

LIMA, R. N. N. **Educação popular em questão: reflexões a partir (e para além) de uma prática**. (Dissertação de mestrado) - Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 1997.

LOURENÇO FILHO, M. B. **Educação de base para adolescentes e adultos**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1949.

MACHADO, M. M. **Política educacional para jovens e adultos: a experiência do Projeto AJA (93/96) na Secretaria Municipal da Educação de Goiânia.** (Dissertação de mestrado) - Faculdade de Educação de Goiânia, Universidade Federal de Goiás. Goiânia , 1997.

MASCELLANI, M. N. **Uma pedagogia para o trabalhador: o ensino vocacional como base para uma proposta pedagógica de capacitação profissional de trabalhadores** desempregados. Programa Integrar CNM/CUT, 1999. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo.

MELLO, G. N. **A** descentralização que vem do centro: Educação Municipal. São Paulo, ano I, n.1, p. 46-59, jun. 1988.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. **Plano Decenal de Educação para Todos: 1993-2003**. Brasília, DF, 1993.

MORAES, C. e LOPES NETO, S. **Políticas públicas para a Educação de Jovens e Adultos.** A Educação de Jovens e Adultos e o mundo do trabalho. In: Fórum Estadual de Educação de Jovens e Adultos, FEUSP, 2000.

NOVAES, ADAUTO. **Civilização e Barbárie**.São Paulo:Companhia das Letras,2004.

OLIVEIRA, R. P. **O direito à educação na Constituição Federal de 1988**. (Tese de doutorado). - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 1995.

OZELAME, B. **Alfabetização de adultos: idéias centralizadoras e organizadoras.** (Dissertação de mestrado) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998.

PACHECO NETO, F. de C. **Mundo do trabalho e sala de aula:** suas relações na construção curricular. (Dissertação de Mestrado) - São Paulo, 2005.

PALMEIRAS, M. R. das. **Educação de adultos como possibilidade de formação cidadã.** (Dissertação de mestrado) - Universidade Metodista de Piracicaba. Piracicaba, 1998.

PEPATO, S. A. Á. de O. **Revisitando o fracasso escolar através das histórias de vida.** (Dissertação de mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 1997.

PICONEZ, S. B. **Educação Escolar de Adultos**: **possibilidades de re-construção de conhecimentos no desenvolvimento do trabalho pedagógico e suas implicações na formação de professores**. (Tese doutorado) - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.
_____. **Educação Escolar de Jovens e Adultos**. Campinas, SP: Papirus, 2002.

PINTO, J. M. de R. (et al.) Um olhar sobre os indicadores de analfabetismo no Brasil **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos.** Brasília, v. 81, n. 199, p. 511-524, dez., 2000.

RABELO, J. J. **Os empresários e a intervenção na educação: investigando interesses – o projeto de alfabetização dos operários da construção civil – SESI/SINDUSCON.** (Dissertação de mestrado) – Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 1997.

RAMOS, G. Vidas **Secas: 70 anos / Graciliano Ramos; fotografias Evandro Teixeira**. - Rio de Janeiro: Record, 2008.

RIBEIRO, V. M. M. **Alfabetismo e atitudes: pesquisa junto a jovens e adultos paulistanos**. (Tese de doutorado) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 1998.

ROCHA, H. H. P. **Imagens do analfabetismo: a educação na perspectiva do olhar médico no Brasil dos anos 20**. (Dissertação de mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995.

ROSA, C. M. **Novas competências para um outro século: um estudo crítico da conscientização na educação de adultos**. (Dissertação de mestrado). Faculdade de Educação, Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, 1997.

ROSA, J. G. **Primeiras Histórias**. 15. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

SANTOS, M. **Os deficientes cívicos: mundo do pragmatismo triunfante pode destruir o equilíbrio educacional entre a formação para uma vida plena e a formação para o trabalho**. São Paulo, 1998. Jornal Folha de São Paulo, publicado em 03 de janeiro de 1998.

SANTOS, Ê. J. S. dos. **Repensando o Ensino Regular Noturno como Escola Pública para Trabalhadores: o caminho de Angra dos Reis**. (Dissertação de mestrado) – Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2003.

SANTOS, L. P. dos. **O processo de produção de textos e a alfabetização de jovens e adultos na construção da escola pública popular.** (Dissertação de mestrado) - Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 1998.

SANTOS, S. V. dos. **Educação de 1º grau na fábrica: para além das competências e da qualidade total**. (Dissertação de mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1998.

SARAIVA, M. I. M. **Histórias de vida e outras histórias: narração e memórias na alfabetização de adultos**. (Dissertação de mestrado) - Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense. Niterói, 1998.

SAVIANI, D. **Valores e objetivos na educação**. Revista Didata PUC/ SP. São Paulo, nº 6, 1977.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico**. 21. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

SILVA, C. T. da. **Do universo da angústia ao drama agrolunar: um estudo de um curso de educação de jovens e adultos**. (Dissertação de Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2004.

SILVA, N. da. **Falar, ler e escrever: um estudo sobre a formação de adultos lusófonos em situação de pouca escolarização.** (Tese de doutorado) - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

SOARES, M. B. **Universidade, alfabetização e cidadania**. Belo Horizonte,Caminhos (1), pp. 37-41, jun. 1990.

SOUZA, A. C. de M. e. **Formação da literatura brasileira : momentos decisivos**. 6ª. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.

TEIXEIRA, A. **Educação é um direito**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1996.

TRENKLE, Norbert. **O terrorismo do trabalho**. 1998. Disponível em: <http://antivalor.atspace.com/Krisis/trenkle09.htm>. Acesso em: 29 mar. 2007.

ANEXOS

ANEXO A– MODELO – SÉRIE DO CONHECIMENTO

ANEXO B – POEMA

Eu sei, mas não devia...

Marina Colassanti

Eu sei que a gente se acostuma. Mas não devia. A gente se acostuma a morar em apartamentos de fundos e não ver outra vista que não as janelas ao redor. E porque não tem vista, logo se acostuma a não olhar para fora. E porque não olha para fora, logo se acostuma a não olhar para fora. E porque não abre as cortinas, logo se acostuma a acender mais cedo a luz. E à medida que se acostuma, esquece o ar, esquece a amplidão.

A gente se acostuma a acordar de manhã sobressaltado porque está na hora, a tomar o café correndo porque está atrasado, a ler o jornal no ônibus porque não pode perder tempo de viajem, a comer sanduíche porque não dá para almoçar, a sair do trabalho porque já é noite, a cochilar no ônibus porque está cansado, a deitar cedo e dormir pesado sem ter vivido o dia.

A gente se acostuma a abrir o jornal e ler sobre guerra. E aceita a guerra. E aceitando a guerra aceita os mortos, e que haja número para os mortos. E, aceitando os números, aceita e não acredita nas negociações de paz. Não aceitando as negociações de paz, aceita ler todos os dias da guerra, dos números e da longa duração.

A gente se acostuma a esperar o dia inteiro e ouvir no telefone: hoje não posso ir. A sorrir para as pessoas sem receber um sorriso de volta. A ser ignorado quando precisa tanto ser visto.

A gente se acostuma a pagar por tudo que se deseja e o que necessita. E a lutar para ganhar dinheiro com que pagar. E a ganhar menos do que precisa. E fazer fila para pagar. E a pagar mais do que as coisas valem. E a saber que cada vez pagará mais. E procurar mais trabalho, para ganhar mais dinheiro, para ter com que pagar nas filas em que se cobra.

A gente se acostuma a andar nas ruas e ver cartazes. A abrir as revistas e ler artigos. A ligar a televisão e assistir comercias. A ir ao cinema e engolir publicamente. A ser instigado, conduzido, desnorteado, lançado na infindável catarata dos produtos.

A gente se acostuma à poluição, às salas fechadas de ar condicionado e cheiro de cigarro, à luz artificial de ligeiro tremor, ao choque que os olhos levam à luz natural, às bactérias da água potável, à contaminação de água do mar, à morte lenta dos rios. Se acostuma a não ouvir passarinho, a não ouvir o galo de madrugada, a temer a hidrofobia dos cães, a não colher fruta no pé, a não ter sequer uma planta.

A gente se acostuma a coisas demais para não sofrer. Em doses pequenas, tentando não perceber, vai afastando uma dor aqui, um ressentimento acolá. Se o cinema está cheio, a gente senta na primeira fila, torce um pouco o pescoço. Se a praia está contaminada, a gente molha só os pés e suja o resto do corpo. Se o trabalho está duro, a gente se consola pensando no fim

de semana. Se no fim de semana não há muito o que fazer, a gente vai dormir cedo e ainda fica satisfeito porque tem o sono atrasado.

A gente se acostuma a não se ralar na aspereza, para preservar a pele. Se acostuma, para evitar feridas, sangramentos, para esquivar-se da faca e baioneta, para poupar o peito.

A gente se acostuma para poupar a vida, que aos poucos se gasta, e que gasta de tanto acostumar. Se perde em si mesma.

ANEXO C – CARTA DE AGRADECIMENTO

São Paulo, ___ de _____ de 2008

Prezado (a) _____,

Quero por meio desta simples carta agradecer sua colaboração nesta pesquisa e ressaltar que esta não seria possível sem sua disposição e boa vontade.

Não me esquecerei de convidá-lo para assistir a apresentação do trabalho que você ajudou a construir.

Muito obrigada!

Sinceramente

Professora: *Jany Dilourdes Nascimento.*

Obs. Folha especial(papel verget), envelope e em cada carta o nome inteiro do aluno (a) em destaque.

ANEXO D – CONVITE

Convite

Caro (a) _____ tenho a honra de convidá-lo(a) para a defesa da dissertação de mestrado:_____Titúlo_____no dia ___/___/___ às: __:__ na sala ____ na Faculdade de Educação da USP e mais uma vez agradecer sua colaboração.

Atenciosamente,

Jany Dilourdes Nascimento.

ANEXO E – PERFIL DOS SUJEITOS DAPESQUISA

Perfil dos Sujeitos da Pesquisa

Nome:_____

Data de nascimento: _____/_____/_____ sexo: _____

Estado civil:_____filhos:_____

Naturalidade:_____Estado:_____

Desde quando está em São Paulo:_____

Moradia ( ) Própria ( ) alugada ( ) outros

_____

Escolaridade dos filhos:_____

_____

Idade quando entrou no curso:_____ idade atual:_____

Escolaridade anterior:

Iniciante: ( ) sim ( ) não. Até que série freqüentou a escola:_____

Após avaliação foi matriculado no termo:_____

Percurso:_____

_____

_____

_____

_____

_____

_____

_____

Ano de conclusão:_____

Profissão:_____

_____

_____

Unidade em que trabalhava:_____Unidade em que trabalha:_____

Cargo ao entrar no curso:_____

Cargo ao terminar o curso:_____

Horário de trabalho ao entrar no curso:_____

Horário das aulas:_____

ANEXO F – INDTRUMENTO PARA ENTREVISTA

Roteiro para entrevista

1- percurso de vida,
2- relação que estabelecia com a escola antes do ingresso nesta,
3- relação que estabeleceu depois do ingresso nesta,
4- o que se aprende na escola,
5- porque se inscreveu num curso para jovens e adultos,
6- o que esperava da escola,
7- como foi a experiência de estar estudando,
8- estudou até que série,
9- relação que estabelece com a pessoa em situação de pouca ou nenhuma escolaridade,
10- relação que estabelece com pessoas escolarizadas,
11- houve ou há um projeto de vida,
12- diagnóstico de capacidades ligadas à cultura letrada,
13- dificuldades que sente por conta da falta do domínio da leitura e da escrita,
14- existência de sentimentos de pertencimento ou não pertencimento,
15- esta experiência causou algum efeito em sua vida (como era antes da escola e como é agora, o trabalho, a família, etc. Atribui mudanças ao fato de ter ido a escola)
16- 10 anos depois de ter entrado na escola, ao olhar para trás como avalia esta experiência,

17- depois de estar na escola a expectativa em relação esta mudou; (como era no início, no meio e no fim)
18- qual o estimulo do chefe para voltarem a estudar,
19- faz us do que aprendeu na escola no dia- a - dia,
20- situação de auto–estima,
21- relação que tem consigo mesmo ao repensar todos estes fatos,

ANEXO G - TRANCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

Entrevista: Dona Luzia

Parte - I

Dona Luzia a senhora estudou quando era criança?
Não.

Porque que a senhora não estudou?
Porque o meu pai falava assim que menina muié não podia ir pra escola, uai! (risos). Que ignorância, né? Ignorância, mas não era porque ele era ruim, era porque...ignorância.

Eu sei.
Interior.

Antigamente tinha muito isso...
Tinha!

Que menina... menina...
Tinha, não menina muié, nossa...tinha é que cuidar de casa...

De família, né?
É...

Não de ir para a escola...
É, não podia porque pra ir pra escola assim, ai é assim vá pra escola vai as menina, né? Minha fia? Porque o caminho ta livre pra todo mundo e então andava, andava muito longe e eu sei que não era ruindade dele eu que era ignorância da parte dele eu não condeno ele por causa disso. E era muito longe, né? Jany? As professora era muito longe, então andava muito.

Tinha medo do que?
Ás vezes tinha medo, de acontecer alguma coisa no caminho, de menino, não tem um menino que já tão ficando hominho pega as menina e querem bagunça com as menina, era só isso fia. Aí você fica... numa situação é quando cresce aí procê aprende lê aí é meio difícil, né? Jany? Daí cê já ta preocupado com a casa, com serviço, com os filho... É, tudo, muita coisa!

Então como foi Dona Luzia? Quando a senhora entrou aqui no programa do NEA da USP, a senhora já tinha ido pra escola antes?
Não.

Foi a primeira vez que a senhora foi?
Foi a primeira vez.

Ah, que legal! E a senhora lembra quando a entrou?
Óia, Jany, eu não lembro não, viu fia?! Não lembro.

Não, não faz mal.
Porque, porque lá no... eu não sei se eles marca no pograma quando a gente tava lá. A professora Estela ainda está lá ou não?

Ela, esta dando aula lá, mas o Programa não existe mais.
Ah, não tem mais, ai é... eu sei que quando a gente é... entrou lá... eles fizeram, não sei entrou fizeram um acordo com a FEA, sei lá, eu sei que... a moça daqui da FEA perguntou quem queria estuda, que era bom estudar, quem vinha, e eu falei vou ou não vou? Aí depois eu falei, ó meus fio já cresceram não tenho fio pequeno prá fica em casa, né? Ai... prá fica em casa fazendo o quê? Embora era muita cansera também, né ? Jany? Que cê... pega...

Trabalhar o dia inteiro depois ir para a escola não é fácil, né?
Trabalhar o dia inteiro pra depois ir pra escola e aqui é corrido né?Trabalha o dia todinho prá depois ir pra escola chegava na escola cansada tinha vez cochilava lá dava aquele...

Não é fácil, né?
Não é fácil, aí é... foi assim uma experiência boa, né? Se conhece... eu tenho um bocado de amigo ainda que eu conheço de lá da escola. Eu já voltei lá não sei quantas vezes, mais as vezes eu volto lá e não vejo ninguém conhecido.

É?
É, só encontro com os meus colega de escola aqui no banco.

Aas pessoas que estudavam lá, a maioria, não eram de lá, um da FEA, um é da biologia...
Da prefeitura.

Da prefeitura... todo mundo espalhado.
É. Eu vejo o seu Antônio a dona Mar... lembra da dona Marcia, uma morena?

A dona Marcia que trabalha lá no bandejão?

Não é outra... é, é a do bandejão?! Eu não sei a dona Marcia se era do bandejão. Do bandejão tinha uma morena, deixa, come é que o nome dela meu Deus?! Uma bem alta, morena.
Porque tinha a...
Tinha a Ra... não tinha a Raiz?

A Railda.
A Railda. Tinha a Railda. A Railda eu vejo ela no bandejão também.

Ãhã!
De vez em quando eu vejo. Ela do bandejão. Aí, o seu Antônio eu vejo ele de aqui dentro do õnibus. O seu Artur eu vi ele umas duas veiz, que eu fui lá vê ele.

Seu Artur trabalha lá, aí é fácil de achar, porque até as duas horas ele esta lá.
Ai seu Artur eu vejo ele. Aí tem... tem outra moça de Carapicuíba, um senhor, um bocado de gente que você, que eu vejo assim. Os coleguinha da escola! (risos) Os coleguinha da escola. Quando você, que você não tava mais dando aula quando a gente veio aqui na prefeitura, aí tiro umas foto, aí cê tava aí o não?!

Não.
Num tava, já era outra professora. Já era outra professora.

Então dona Luzia, que lembrança a senhora tem da escola?
Olha eu lembro de tudo, viu?!

A senhora acha que foi importante aprender a ler e escrever?
Lógico que foi. Muito importante porque é, eu não sei se você lembra que eu falava assim o ônibus ta vindo aí eu começo... a... a lê da primeira letra quando eu vou, quando o ônibus passa eu não tenho lido nem a metade do ônibus, né? E pra você ficá no ponto esperando o ônibus sem conhece qual é o ônibus que vai só perguntando pro povo é difícil também, né?Mas é assim, aí vinha assim quando eu começava a lê, quando eu tava na em trêis letra o ônibus já passava aí eu não sabia qual era o ônibus que eu ia pegar. E agora não, né? Agora eu já lê o nome do ônibus, agora, agora é difícil aquele que passa com aquela letra, aquele que tem aquela letra que passa assim rápido, né? Jany?

É, que fica mudando, né?
Não que fica mudando assim... Aquele lá, eu nem pego, minha filha!

Eu também acho horrível.
É aquilo é um horrível, porque fica assim ó...Quando vai falar o “Bom dia”, já passou do ponto, né?

É.
Aí depois é ônibus fulano de tal. Aquilo é uma coisa errada também.

Eu também não gosto não consigo ler o letreiro daqueles ônibus, ficam piscando.
É você não vê o que vai passar, aquilo lá é uma coisa errada que eles fizero. Uma coisa boa fizero agora nos ônibu foi é botar o número da frente, que eles bota no canto do ônibu é o númo é 720, 708, uma coisa assim. Aí no final eles bota uma letra, né? Então o Boa Vista eles bota é 780 (fala o número devagar), acho que é 780 e 4, uma coisa assim e aí bota o R, né? Então eu já sei, o Boa Vista é o é a... é o final da letra é o R. Aí eles bota lá no cantinho lá... em cima, aí você vê o número do ônibu, né?Daí o du

du Jardim do... Jardim de Abril, aí eles bota o núme já é diferente e bota um A, então vem dois ônibu pra Lapa, aí você vê. Se você tivé no começo, assim na metade do caminho ali na Raposo, aí você vê que um tem o A um tem o R, e... a... agora eles colocaram lá na frente e colocaram atrás na, na... no ônibu bem em cima do coiso do onibu...

Ah, eu vi! Eu vi.
Isso é novo, aquilo lá.
Isso é ótimo, né? Eu achei ótimo.
É! Uma boa idéia, é porque assim a moça, eu falei assim óia, eu tava no ponto do ônibu e falei pra moça assim: "Óia que legal que eles fizero agora. Esse rapaz que fez isso aí, ó tem é... é um cara que tem uma inteligência muito boa, porque se você tá no ponto do ônibu, daí sobe o ônibu pro final, e você tá do outro lado e o ônibu ta passando você tem idéia qual é o ônibu que passo, né? Você vai espera, fala vem logo, ele vem logo porque subiu, né? Daí você sabe qual é.

É, quando o ônibus passava a gente não sabia que ônibus era.
É a gente não sabia qual era o ônibus que tinha passado. E atrás você sabe.

É.

Dona Luzia, a senhora acha que estudar ajudou no quê?
Ah... é... ajudou um bucado de coisa, porque você é... num sabia fazê conta. Aí não sabia, é... como é que dividia o dinheiro, aí... não sabia lê, não sabia vê holerite, só perguntava pros outro. Assim você vendo suas coisa você começa a vê e você vai... miora um pouco, né? A situação, porque você não sabe lê é cego, não sabe nada, nada, cego de tudo, viu?! Agora você sabe como é cansado, foi cansado, né fia?! Pra mim meroio foi muito, né?

E a senhora estudou até que série, Dona Luzia?
Óia, eu estudei até a... a... eu estudei até a, eu desisti parece que duas veiz, que eu tava muito cansada, daí eu desistia. Depois eu voltei outra veiz, aí eu fiquei até a... a quinta série. Aí a moça queria que eu passasse pra sétima série. Aí quando passasse pa a sétima série, aí chegasse, aí já ia... já tava perto da oitava, mas eu não tinha pique pa... pa... pa... assim por a minha cansera, e a minha eu acho que era minha cansera também e a minha idade, eu não tinha pique pa, pa acompanha aqueles que já tavam na sétima série, aí eu falei, não eu não vou passá não. Não vou passá, vou ficá na quinta série, porque eu quero, eu quero, assim quando eu fô lê eu vou ficá num, num, vô passá pá sétima série aí se eu fô po outra escola, o povo fala assim é você estudo a sétima série, me dá um papel me dá uma coisa que tem na sétima série, eu não sei lê nada da sétima série, da sétima série, então eu vou fica até a quinta, que na quinta se eu repeti é mio a experiência que eu tenho. Aí eu fiquei. Aí depois eu desisti... aí depois quando é... aí começo aquela polêmica que tinha de pagá, não sei se você lembra de tinha que pagá, e esse povo aí não ia paga mais nada, e num queriam pagá, e tinham que pagá uma taxa lá, na coisa lá, e era grande. Eu sei que parece que... ainda pagaro umas duas vezes, os professores não, a diretoria pensa que é o aluno que é culpado. Não porque se eles fizeram um acordo com eles aí era um tipo de convênio pagaro... Primeiro eles quiriam dar o material, aí depois queriam ajudar com um dinheiro pra comprar lápis e não sei o quê aí depois começaro a desisti, e a gente não podia é... chegar... a gente não podia chegar lá na, na... na diretoria pa fala nada. Calado. Daí eu falava, ainda falei pra professora Estela: "Ó professora, num é os aluno que tem de vê isso aí. Os aluno estuda, mas o salário da gente não dá pa fazê isso aí, pa pagar a escola". Eu sei que eu ainda paguei uma sim, eles pagavam a metade, e eu pagava a outra, ou então também ainda pago. Paguei assim uns dois meses, depois falei não vou pagar mais não. Mas eu num, eu num desisti por causa disso não, desisti porque já tava cansada memo, viu?! Daí eu falei

“Bom, o que já... o que eu sei agora pra mim já dá, que eu não vô, daqui pra frente eu não vô mais tanto futuro”. Aí me aposentei. Aí foi quando chegou a época da aposentadoria, me aposentei. Tem seis ano. Isso eu lembro, porque é do tempo da aposentadoria, daí eu falei “Bom, agora eu me aposentei eu vou é descansar porque se eu to em casa pa í todo dia pra lá e prá cá, vou me cansa mais...”

É longe, né?
É! É longe, de noite, aí começo aquelas história daqueles tarado aqui dentro da USP também, né? Que foi feio. Nossa! Quanto risco eu corri! Jany, minha fia! Porque eu trabalhava em dois serviço. Eu trabalhava aqui, quando eu saia de lá da escola eu limpava um escritório aqui na, na historia. Eu não sei se aquela moça que mexe, a Ana, aquela moça que mexe com um projeto desse povo dos Estados Unidos.

Não conheço não.
Não conhece, né? Não tem um projeto que vem esses alunos de lá prá cá que aí é eles que faz o convênio aqui que cuida daquele povo, ela era aqui na historia. Agora ela ta na... é perto da Lapa. Deixa eu lembrá o nome do lugar... Nas Perdizes. Agora o escritório dela mudou prá lá. E eu quando eu saía da escola lá, aí eu vinha... óia, espia só o que era pra eu fazê. Eu pegava o circular, vinha, descia aqui na frente do banco e ia pra lá, era dez, dez e meia ainda tava aí, limpando o escritório pra ganhar um dinheiro a mais, porque o meu não dava. Aí limpava o escritório, deixava tudo pronto e aí ia embora, tinha vez que eu falava assim pro guarda é, chamava Xandi: “Xandi fica aqui do lado de fora na portaria que eu vô atravessá aqui é nesse expediário é tudo escuro.” Aí ele: “Tome cuidado, tome cuidado”. Quando eu subia lá em cima, porque já não tinha mais ninguém no prédio, daí eu falava pra ele “Xandi, preste atenção aí se não sobe alguém, senão sobe alguém é, porque eu to lá na sala”. Só que eu limpava a sala com a sala fechada, que eu tinha medo também. Esse turno tudo iscuro. Aí depois pegava limpava, porque, se fosse pra eu vir de manhã eu tinha que sair muito mais cedo de casa. Tinha veiz que não dava tempo de eu sair de lá, aí no outro dia tinha que levantá cedinho, muito cedo pa levantá... pá limpá aqui que eu entrava aqui sete hora, então seis hora eu já tinha que ta dentro aqui dentro da USP limpando a sala da moça.

Nossa!
Era uma hora que tirava. O escritório era pequeno, era uma hora. Aí no sábado eu vinha fazê a faxina geral, no escritório dela. Aí ela me pagava, naquela época ela me pagava acho que era 150 pau, mas pra mim era muito dinheiro, fia! Pra interar o meu.

Claro.
Que num dava, né? Porque eles fizero aqueles negócio do apartamento, e até hoje, graças a Deus, a gente tem o lugarzinho da gente pa ficá. Paga, né? Mas, ta pagando pa gente, né?

É.

Ta pagando pra gente. Mas é tudo canseira que vai acumulando Jany. E não parei ainda não, viu fia?! E compro meus folhado, vendo aqui, e... não vou fica parada não, porque, fia, não queira se aposentá não com salário pequeno, viu?! Se aposentá com o salário pequeno é difícil.

No Brasil tem muita coisa errada.
Tudo.

A pessoa que trabalhou a vida inteira, quando se aposenta não ganha nem pra viver.

Não, fia! Não ganha.

Enquanto outros tem muito dinheiro, ganham uma aposentadoria, milhonária para o resto da vida.
Menina! E fora, e fora os 5 dedos que eles passam ali nas coisa, o dinheiro da gente que leva.

E a gente nem vê no que esta sendo usado.
Que a gente nem sabe por onde saiu, não vê não. Quantos colega banco, branco tem aí Jany! Levando o dinheiro da gente e a saúde, minha fia, é um horror! Porque se precisar dos posto do INSS, Jany, eu tenho uma consulta ta com trêis, ó eu marquei foi treis meis para eu ir no posto, treis meis a consulta pra passar no ortopedista. Não sei que acontece que não tem ortopedista nos posto. Aí é, vim pra USP, da USP mandaram voltar pro Boa Vista e do Boa Vista eles me mandaram aqui pro Itaim. Naquele posto do Itaim. Treis meis pra esperar, porque essa perna dói diz o médico, que eu paguei uma consulta particular que é o nervo ciático que está inflamado, mas ele não tirou chapa, não tirou radiografia, não tirou nada. Só passou a mão, disse que era nervo ciático, deu duas injeção, meioro. Duzentos e setenta pau, sem retorno, minha fia! To com a nota em casa,aí, depois pra marca essa consulta treis mêis, aí eu fui. Aí foi dos treis meis pra marcá. Agora parece que é dia 16, ou dia 14, acho que é dia 14.

Dona Luzia, aqui o posto da USP não atenderam a senhora não? No posto aqui da USP?
No da USP?

É.
Não fia, tem de atender assim é... eu só posso ser atendida por aqui se a médica de lá, do Boa Vista me dê um...

Encaminhamento.
Um encaminhamento.

Pede pra ela, minha mãe, tem o mesmo problema que a senhora no nervo ciático. As vezes ela levanta, ela não consegue andar arrastando a perna de dor. E a minha mãe é muito mais nova que a senhora. Ela foi atendida lá no posto. Tem uma médica lá que faz fisioterapia. Minha mãe melhorou tanto!
Agora eu to mio. Fiquei um mês segurando nas paredes.

Sabe quem trabalha lá? O Messias. A senhora lembra do Messias?
Lembro.

Quem sabe ele possa te ajudar.
Lembro.

A senhora precisava de uma consulta.
Ó! Tem lá...

O nome da médica é doutora Raquel.
Ai ai. Deixa eu pedi um encaminhamento dela me mandar aqui pro posto.

Peça pra ela.

Agora eu não sei porque foi que ela me mando lá pro Itaim. Porque tem outra coisa também, viu Jany?! Esse é... a saúde ta ruim. E ta mesmo. Mas quando o médico vai com a tua cara ele trata de você bunitinho, viu?

É.
Ele trata...

Estão tratando minha mãe agora, mas também já fizeram palhaçada com ela até o dia que minha mãe foi falar com a diretora. Depois disso... tudo mudou.
Ó, cê ta vendo? Tem dia... ó eu fui marcar uma consulta pra mostrar a... o médico de cá me deu é... antibiótico pra eu toma sete dias. Se eu tomo antibiótico, cê acaba com seu estômago. Aí eu tomei. Daí ele mandou eu i tirar uma radiografia, uma chapa. Adivinha? Daqui na Lapa. Daí eu fui no ponto-socorro da Lapa, tirei, no mesmo dia eles tiraram lá na Lapa... Não! Eu fui lá tava quebrado o aparelho. Aí no outro dia, aí eu fui tava quebrado. Aí com uns quatro dia, aí eu fui... aí tava bom e eles tiraram. Aí fui lá levá a radiografia pro médico, chegou lá a moça falou assim: "Se tem que marcar um retorno, não pode entrega". "Cê não pode entregar pra ele", falei. "Mas minha fia ele mandou eu tira isso aqui ainda vai servir". "Não cê tem que marcar o retorno". Aí... e não... e pode, tem de vim cedinho, porque eu fui lá eram dez hora. "Cê tem de vim cedinho para marcar o retorno, tem que vim amanhã, as sete hora da manhã". Naquele frio. Aí, o meu fio foi lá e marcou pra mim, né?! Trêis mêis outra veiz, Jany. De trêis em trêis meis pra você passá no médico minha fia. Ia comprá o caixão já, né?

Que é isso!
É! Treis meis!

Você ta sentindo dor naquela hora, depois de três meses já... nem adianta mais!
Aí eu fiz... aí o... esse ortopedista de lá me deu é... pra eu faze deiz fisioterapia. Eu fui vê, sabe quanto era? Particular? Cento e oitenta pau. Dez fisioterapia. Aí tem...

Aqui minha mãe faz fisioterapia de graça dona Luzia!
Pois é, aí eu fui numa escola, na escola, na Uniban, na Vila Yara, daí fiz dez fisioterapia por 50 pau. Ma miora mesmo, viu?! Mas miora. Aí eu faço é, aquela acupuntura, aliás amanhã eu vô fazê, toda semana eu faço uma acupuntura. Acupuntura você passa as gúia, cê dá uma relaxada boa, num sará, viu fia?! Mas dá uma relaxada muito boa... acupuntura.

Então dona Luzia. Eu queria perguntar para a senhora o seguinte - vamos fazer de conta que a senhora não tivesse estudado, a senhora acha que a sua vida ia ser do mesmo jeito?
Não. Não porque eu não ia saber de nada. Era tapada de veiz, né? (risos)

O que a senhora acha então? A senhora acha que mudou alguma coisa na família, mudou a senhora?
Não assim é... é... você pega mais conhecimento das coisa, né? Jany? Você pega mais conhecimento das coisa. Alguém te conta uma história, tudo parece que você faz na vida. Arguém te conta uma história, o outro já conta outra e você já tem animação pa manda seus fio estudá porque o Antonio também num ta, ele, ele fez... ele tava na quinta série aí ele começou a trabalhar e não queria mais estuda, e eu ajeitei ele até é, é, ensino ele a estuda, ele foi estudo e se formou na, na oitava série, né?É aquele professor Nilson, acho que é Nilson, foi ele que deu o diploma deles aqui, foi aqui, foi uma festa bonita aqui nesse prédio aqui na FEA cinco. Então, e você já animou uma pessoa que ta novo, ué quando eu vo assim, eu vo compra esses folhado pra vende quando eu vejo lá na loja e o patrão em cima, porque

você sabe massacra os funcionários direto. Patrão... essa semana eu vi o rapaz é, é... falando com a funcionária, parecia que estava falando com um cachorro, né? Aí, aquilo lá o sangue me subiu. Falei assim pa ele: ”Você é o gerente dessa loja, você não podia chamar a atenção da sua funcionária na frente das pessoa, dos criente que tão comprando, porque ó o seu ponto pra mim já fico em zero! Pra mim cê já ficou em zero porque cê não pode tratar os seus funcionários assim. Quer dar uma bronca nos funcionário se ele fez alguma coisa de errado eu até concordo, mas cê chama ele lá dentro e dá uma bronca dele, não na frente dos outro”. Aí eu falo cada uma veiz que eu vou comprar as coisa, eu pego amizade com as menina, com a vendedora e eu falo pra ela: “Minha filha estude, pelo amor de Deus! Cê ta nova, estude!”. “Ah! Mas eu casei...” Falei: “Qualé o poblema de você ter casado? Tanta muié que caso e estuda! Tanta muié que caso!”. Eu tenho uma, uma menina que veio do inteiror que ela morou comigo, moro cinco ano comigo, ela veio do interior ela veio de Araraquara, assim uma moreninha... Você óia pra ela assim... Eita! Essa menina uma coitada. Ela se formo, Jana. Ela estudo, ela se formo. Ela fez a faculdade, ela fez administração. Hoje ela é chefa de uma empresa, ela trabalha em São Bernardo.

Tá vendo!
Essa semana passada ela ligou pra mim, né?Nóis compramo um terreno, nóis dua junto. E ela ficou cinco anos lá em casa, ela me dava assim um pouco de dinheiro pra ajuda a paga a água e a luz, né?Mas eu fiz uma casa a dela e ela estudava e ela chegava meia noite. E ela tem uma criança. Aí ela ficou grávida e arrumou um namorado e ficou grávida, aí ele não podia cuidar da criança também. Aí ela falava: “Ai dona Léu, o que que eu faço?”. Eu falei: “o que cê faz, a sua mãe fica no interior. Cê leva essa criança, não tem ninguém para cuidar mio dessa criança do que sua mãe”. A menina já tem 14, 15 ano. Tá uma mocinha tão bonitinha, tão bonitinha, e ela vai lá vê a fia, ajuda a mãe. Dinheiro que ela tinha que paga pra outra pessoa ela ajuda a mãe dela e ela ajuda a filhinha dela. Então, estudo, né? fia? Estudo, teve a oportunidade e teve coragem também, né? fia?

É.
Teve coragem, porque tem gente que, se não tiver coragem...

Não adianta!
É, num adianta! Mas eu falo, eu canso de fala. Eu por mim o Antonio tava estudando ainda porque ele ta novo. Arrumava uma escola, fazia um curso, ia estuda. O meu genro ele não pára, viu?! Agora ele tá fazendo outro curso, e ele briga aqui na USP direto porque ele não deixa ele faze curso. Ele trabalha demais. Ele briga direto, porque fala que só quem tem vez aqui é os grande, que só quem ganha bem é os grande, só quem tem veiz é os grande, que a diretora...

Não é! É que a USP agora esta fazendo isso mesmo. Quem é terceirizado não tem direto a nada! Esse mundo esta cada dia pior dona Luzia.
Cada um dia pior.

Você não viu, fechou a nossa escola.
Por causa de dinheiro, né? É um absurdo, né? ou num é?! Fala a verdade!E eles num querem ninguém que saiba lê. Assim que seja esperto. Eles querem uma pessoa burra. Que não sabe de nada. Um coitado, né?!

Fecharam o curso, já aprenderam a ler tá bom. Não precisa mais nada não.
Não precisa mais, né?!

A senhora vê que judiação.
E o pobrema, Jany, não é nada, é aqui dentro da USP, né minha fia?! Dentro da USP!

Dentro da USP!
Porque a USP tem muito dinheiro.

E é uma universidade.
E é uma universidade. É a mais famosa que existe! Que você vê também que acontece uns crime aqui dentro e eles encapa! Que é pra USP! É... se famosa, né?

Não podia, né? Em vez de fechar devia incentivar mais ainda todos os funcionários a estudar e poderia abrir o curso para quem não trabalhasse lá também.
Era... pros funcionário estuda! Todo mundo estuda! Mas eles querem assim, porque enquanto mais você não estuda, você ganha mais pouco, né?! E assim vai... E o dinheiro fica pra eles, né?! Pra eles gasta, com que eles querem. É uma vergonha, viu?! Eu acho uma vergonha essa USP! É revoltante, viu Jany?! É revoltante! É revoltante!

Fechou porque...
O meu genro, pelo o meu genro só falta se acaba pra estuda, e não consegue estuda. Agora ele ta fazendo um, um... foi fazer uma prova pra ir... sabe pra onde ele vai?
Uh!

Pro Mato Grosso pra vê se ele passa pra polícia militar, pra vê ele estuda, pra vê se ele passa numa prova da polícia militar. Ele vai pro Mato Grosso. Ele foi, fez a inscrição, agora eu não sei onde é que ele ta fazeno... que vai faze, que ele vai estuda. Não sei se ele vai estuda em casa, ou no computador, num sei comé que ele vai se... Sei que ele falou assim que ele ó... cê lê assim o raio o bene é tão velho já, mas num passa daquilo lá. E trabalha no sindicato também, né? Os dois! Num passa daquilo lá. Eles num manda eles fazerem um curso. O que é que tem, pra que não abre uma seção po povo pobre fazê curso? Num faiz, fia! Num faiz!

Não faz!
Não faiz nada!

Eu sei.
Ma eu falo, viu Jany, pra aquelas menina que, eu falo pra aquela... cada uma vez que eu vou é... é que eu vou fazer minha comprinha, eu falo pra aquelas mocinha lá. Fico com dó dela! Que elas ganha tão poço, que é tão humilhada...

É que a senhora sabe, Dona Luzia?!
É por que eu sei, eu falo assim: “Minha fia, estude! Pelo amor de Deus! Estudo! Faça um curso, faça alguma coisa da vida! Não fique saindo daqui indo pra casa esfregá as panela não, que você vai morre pedindo esmola”, porque óia uma pessoa na minha época já tá assim?! Que o salário num dá pra nada! E óia que não assim salário mínino que eu ganho, eu ganho é... eu ganho 950 pau. Mas num dá! Porque paga...

Paga casa...
Paga condomínio, paga casa, tem a compra do mêis, remédio que cê gasta mais de 250 pau 200, é 300 pau de remédio pro mês. Porque o remédio barato num tem no post... o remédio caro num tem no posto

não, fia! No posto tu arruma só o comprimido da pressão. Dependendo do que você toma, porque o resto você num acha não, eles fala: “Ah! Tem lá no...” ta dando remédio, ta dando remédio, cê vai se encher de anador, pra quê?

Sendo que não resolve, o problema.
Sendo que não resolve o problema. Você precisa de um antibiótico ou de um remédio mais caro. Não tem! Não tem! Não adianta que não tem! Daí você vai ter que comprar lá fora.

Aí custa caro.
Aí custa caro! Aí o dinheiro vai, né?

É! Aí não dá pra viver, né? Dona Luzia!
E não dá pra viver. Tem que fazê alguma coisa pra comprementa o salário.

É, a senhora está certa!
Assim mesmo com essa perninha arrastando eu saio, eu venho pra aqui, as moças compra lá em cima, compra aqui. Quando é no dia 30 dia 5 eu venho, aí... dentro aqui da biblioteca também pras moça, a diretora falou pra mim: “A senhora só não pode vender nas sala, vá na copa!”. Eu falei: “Deus lhe abençoe!”. Eu falei pra ela: “Dona Fulana, eu sou aposentada, viu?!”. Ela falou: “Eu também sou. Eu sei qual é o dinheiro da aposentadoria”. Eu falei: “Pois é! Então a senhora deixa eu fazer um biquinho aqui com essas meninas porque elas precisam de andar bonita”. E ela deixou eu vendê aqui na copa com as menina.

Que bom! Mas deixa eu perguntar umas coisas da escola. E... hoje em dia, que a senhora saiu da escola, quando é que a senhora usa a leitura, a escrita?
Assim é, é... escrevê, escrevê é... eu nem tenho nada pra escr... assim é pra escrever. E nem tenho tempo também, porque eu cuido da casa e das minhas...

Mas a senhora não anota as vendas das meninas?
Ah! Sim! Anota as venda das menina e... e outra coisa: chega as carta do banco, né?

Uhuh!
E chega as carta do banco, aí eu vejo o que é, chega o... o...

A senhora que...
O cartão!

A senhora que abre e que lê?
É. Chega o cartão também, aí eu tenho que vê quanto é, quanto foi, onde eu comprei, quantas prestações ainda tá fartando. Isso tudo é uma coisa que não precisa pedir pros outros, né? Jany?

Ah, que bom! Então, essas coisas a senhora resolve sozinha!
É! Eu resolvo tudo!

Ah, que bom dona Luzia!
Resolvo tudo!! E vou no banco e resolvo lá no banco. E já ta tudo certo. E eu não sabia fazer nada disso, né?

É, então a senhora usa essa leitura e escrita no dia-a-dia?
Ah sim!!É, é, é... serve pra mim, né?

A senhora vê as cartas do banco?
É!

A senhora resolve...
E aí a minha era quando ela sai é...

E as suas vendas.
É! Aí a minha neta quando ela sai, ela deixa, eu falo "quando cê sair deixa um bilhete na geladeira, mas deixa com uma letra...", porque essas letrinha pequena aqui, você sem óco fica difícil, né?

É, tem uma letra grande, né?
É! Eu falei "ó fia, faça uma letra anafabeta, aquelas bem grandona. Ah!! Me... va la.. é que eu assuletro e vô lendo o que você fez. Agora se você fazê a sua letra eu não vou entender, mas faça uma letra grande que eu sei pra onde você foi e onde você ta. Aí ela vai e deixa na geladeira, deixa em cima da geladeira, porque ela fica nas casa das amiga, aí quando eu chego aí eu fic... óia eu sei onde ela ta.

Para a senhora não se preocupar, né?
É, pra eu não fica preocupada! Que eu sou muito preocupada, viu Jany? Menina! Como se fosse uma doença!

Ah, mas a senhora é como se fosse a mãe dela, né?
É! E ainda é pior, sabe por quê? Porque é assim: quando o fio é teu, cê cuida assim é sem medo, e quando é dos outro. E se acontece alguma coisa, né? E fala "não era filho dela por isso que ela não cuido, né?

Isso é difícil.
É. Só isso.

E vó, e mesmo assim, né? Vó gosta do...
Ama!
Tem um amor!
Ama, fia!! Ama! É, sabe por quê? É, porque eu acho que é assim, Jany: porque você fica mais maduro, né? Eu acho que seja isso, cê fica mais madura e você começa... Eu sempre gostei de criança, sempre defendi criança. Ninguém deu um tapa numa criança na minha frente, porque eu fico louca! Quando eu vejo aquelas muié brigando com uma criança assim é, dentro do ônibu, na rua, aquilo lá me sobe o sangue, porque eu acho que a criança assim: você tem que ensina a criança de dentro de casa pra pode ela aprendê, pra quando chegá na rua não faze malcriação, né?! Porque se eles fazê aquela malcriação na rua, porque você já deu ousadia pra ele fazê em casa.

Uh!
Né?! Aí, mas assim: cê chega na rua e você que da educação pó seu fio porque você não deu em casa, aí ele, se ele é acostumado a fazer em casa, ele faz na rua aquilo lá. Então você tem que cuidar dele de pequenininho. De casa... aí ele aprende as coisa, mas não na rua você quere espanca a criança. Aí aquilo lá, me sobe não... não, não dá!

Eu também não gosto.
Eu não gosto! De jeito nenhum !! Mas eu saiu...

2ª parte: Entrevista Dona Luzia

...várias vezes a senhora incentiva as meninas...
Ah, sim!!

Todo mundo a estudar!
Sim! Eu incentivo! Eu falo.

Porque a senhora acha que a escola é importante, na vida da pessoa?
Demais! Uma pessoa... sabe ó: aquela moça que fica lá atrás do balcão ela sabe ler e escrever, ela vai lá, ela faz aquela vendinha lá. O dono da loja enche o bolso de dinheiro, e no final do mês ela recebe aquele salário dela da miséria. E tem que sobreviver com aquilo, né? Ele, quanto mais ele vende, mais ele ganha, mais ele que, né? E ainda tem gente porque aguenta... ainda tem gente que trata os empregado parecendo um burro de carroça! Como eu falei lá co o gerente daquela loja lá, que pra mim a nota dele era zero, porque ele tava xingando a moça lá na frente de todo mundo. Eu não concordava com aquilo lá. E se ela soubesse lê, Jany, ela tinha um emprego bom, e ela não iria passar por aquilo não, né?! Inda assim as menina nova, eu falo "minha fia...", quando eu pego intimidade com elas e já falo "minha fia, vá pra escola! Faça um curso! Faça um curso de quarqué coisa e estude, se você estudá sua situação miora! Você não vai ficá ganhando aqui... quanté que você, óia... quanté que cê ganha? 'Ai, eu ganho tanto...' Mas isso aí não dá, isso aí... todo trabaio é honesto! Todo trabaio é honesto, mas se você tem a portunidade de estuda..."

Tem um trabalho melhor, né?
Tem um trabalho melhor! E é assim você... e é assim também: se você se acomodar naquilo, Jany, naquilo você fica! Você não sobe! Você fica naquilo lá. Se cê se acomodo, você não fica aquilo lá. Agora, eu comecei, eu comecei muito, eu comecei muito atrasada pra estuda, também deixei isso pra lá porque, porque eu tinha quatro fio, eu tinha de cuidar de dois aqui, e manda dinheiro pa dois que tava lá co a minha sogra, né? Eu pagava aluguel, cuidava dos dois. Não tinha pensão, porque meu marido não era registrado. E eu não tinha pensão porque meu marido não era registrado, e eu tinha de...

Cuidar sozinha!
Cuidar sozinha! Portanto assim a minha fia mais véa, com doze ano, ela trabaiava e estudava. E o medo que eu tinha?! Dela vim, chega da escola porque ela trabaiava num salão de cabelelero com a, com a prima dela, e de noite ela, ela estudava de noite, aí chegava em casa onze hora, meia noite. Era perigoso! Naquele tempo o tarado pegava o povo e ficava por isso mesmo, né?
É.
E... e o medo que eu tinha, eu ia mais a minha prima atrás dela, era toda meia noite... era assim, ela chegava onze e vinte, onze e meia, dependendo tinha veiz que atrasava mais, a aula ia mais a frente, eu ia mais a minha prima, era as trêis fia dela e a minha. Nóis ia encontra com elas assim, subindo uma ladeira lá a rua de barro, né? Eu pegava uma faca bem grandona e ia lá um cacete, pa nóis i a tras delas porque tinha que...

Só mulher, né?

Só muié e cheio de marginal na rua. Tem aqueles marginalzinho que quando eles começa a fuma maconha, eles começa a cria asa e que passa por cima de todo mundo, né? Eles não se comportam. Eles querem sabe... um dia eu pego um moleque lá é... o que que ele fez? Ah! Ele deu... é... marginal mesmo! Ele deu um tapa na minha filha. Deu um tapa na cara dela que ela ficou com a cara inchada. Isso era meia noite. Meia noite não, onze hora da noite. Eles tavam usando droga lá e ela passo, não sei que é que ele falo que ela respondeu ele deu um tapa na cara dela. Aí é, depois disso... dipois disso aí, eu fui é... aí toda noite eu ia atrás dela. Ia encontra com ela. Toda noite eu ia. Ah, dipois o outro pego a minha sobrinha, puxo os cabelo, bateu nela, e tava com ela no chão assim arrastando ela por os cabelo, puxando. Marginalzinho, sabe? E, e as menina vinham da escola. Aí foro correno chamaro o pai dela que era... que era... era marido da minha prima, o véio foi lá catô ele por a goela lá e... enforco lá, eu sei que ele reluto de, do... do... do marido da minha prima. Ele não podia se defendê, ele reluto o dedo do... do... do marido da minha prima. Tudo marginalzinho quando começa a usa droga, né?Então... aí eu ficava com medo, é de acontece alguma coisa com a menina, e eu trabaiava o dia todo e de noite tinha de fica até onze e meia acordada pra i atrás da menina.

E depois tinha que acorda de madrugada.
É, acordava de madrugada, pra ir trabalha! E... mas não tinha assim a oportunidade também, porque a minha fia é, é uma pe... ela é muito inteligente! Ela é muito inteligente, mas só que ela não teve a oportunidade de estuda, viu? Ela não teve! Chega dói dentro do meu coração! Ela não teve a oportunidade de estuda porque ela começo a trabalhá cedo pra me ajuda a pagá aluguel, e pra... pra compra as coisinha dela, fia. Pra compra as coisinha dela. Hoje ela fala assim, hoje os fio dela estuda numa escola paga. É... ela fala assim “óia pergunta a minha mãe o dinheiro que eu ganhava o que é que eu fazia! Entregava tudo na mão dela pra ajuda dentro de casa”, porque o dela não dava e e o meu sozinho também não dava. Mas eu, eu falo pas... “estuda! Estuda!” Eu falo pos meu neto “estuda!” eu falo “estuda, pelo amor de Deus! Estuda!” eu falo pos meus neto “meu fio estude pra você arruma um emprego bom, porque se você fica velho, hoje eu, o meu dinheiro não dá! Que eu não preciso de tanta coisa, imagina vocês daqui pra frente, né?A gente não vai nem sabe comé que começa o... cumé que vai acaba daqui pra frente, porque você que tudo de bom pra sua família, né Jany?

É, a gente sempre quer!
É! Assim, só pra sua família não, assim pras pessoas.

É, pra todo mundo!
Pra todo mundo! Pra todo mundo!

Mas, mas pra família a gente sente a responsabilidade de...
É! É!

De trabalhar pra oferecer, né?
Pra oferecer alguma coisa de bom. Eu falo assim óia... quando eu acabo de cumê que eu peço pa Deus abençoas aquela comida que eu comi, eu falo “meu Deus me dê comida pra mim e pra quem não tem, não só pra mim. Eu quero que você dê comida pra quem não tem, porque tem tanta da criança que não sabe o que é um pedaço de pão parte da manhã”. Ta cheio, né Jany?

Tá.
Tá cheio de gente assim.

Na escola que eu trabalho as crianças almoçam nove e meia da manhã, porque o lanche é o almoço. arroz, feijão, carne... Dona Luzia tem criança com três pratos de uma vez.
É, é assim!

Morrendo de fome!
Morrendo de fome, porque ele fico tão desesperado que ele acha que só vai come naquele dia! Cê ta entendendo? E não mata a fome na cabeça de quem passa fome! Não mata a fome na cabeça de quem passa fome! Então, aí você fica assim oiando... é... Jany, tem é... uma coisa que não tem... Se fala assim: tudo bem o ladrão, num ta certo dele roba, ma o cara que ta desesperado, com fome... Não existe uma coisa pior do que fome! Com fome na rua, você sabe que você tomo café da manhã, que meio dia você vai almoça e que noite cê chega em casa você acha alguma coisa, acha qualquer coisa pra come, se tu tive chance se toma leite come um pão. E um, um ser humano que ta na rua, que não sabe o dia que vai come!? Que num sabe que fica catando comida do lixo desse nosso Brasil!? É compricado! Eu falo "meu Deus! Dê comida pra mim e pra quem não tem! Porque tem tanta da gente que não comeu hoje. Espie por ser humano!" Não é só pra mim que eu peço, eu peço pa Deus cuidá de todo mundo, não só de mim, porque Deus precisa de cuidar de todo mundo, porque se ele não botá a mão em cima da gente, né?! Tamo precisando de futuro, viu fia?!

É.
Só ele pra resorvê. E eu falo "estude, porque favor, vocês estude! Se vocês não estuda, aí vocês vão acaba o quê?! Porque, antigamente, é, você podia, eu falei óia... eu falo pros meu neto "óia, com a oitava série, lá...quando vocês ficarem grande, começa a trabalhar..."

Não serve pra nada!
"Não serve pra nada! Só vai saber porque você vai saber lê e escreve. Mas pra você arruma um emprego não vai servi nem pa lixeiro, filho! Não vai servi! Não vai servi mais pra lixeiro não! Nem pro lixeiro não vai servi mais, então vocês tem de estuda". Mas, também, é assim, né Jany? A oportunidade de estuda, as escola, né? As escola... farta as coisa... Eu fui, é... eu fui votá na... ali em Osasco...peraí... é Belmonto o nome da... peraí... Eu sei que é ali é... é... é no Jardim Boa Vista, co a divisa de Osasco eu fui votá , quando eu cheguei lá Jany, que eu vi a escola, minha fia! Eu fiquei uns trêis dias sem dormi. Procupada! Jany, a casa... cê sabe a, sabe essas telh, esses telite, é télite que chama aquelas teia lá aquelas que você vê do lado de fora? Não é... menina do Céu! Parece que elas são de plático aquelas teia lá!
Ó, você espia assim vê tudo do lado do lado de fora. Tudo claro. Aquele calor, Jany! Insuportável! Que eu não sei como é que aquelas criança não morre ali dentro. O calor in-su-por-tá-vel! Ali dentro, era...

A escola era de lata ou era de... de tijolo?
Não... Ela é de tijolo...

Mas o teto...
Acabada, veia, mas o teto é... é... é essas telha que você bota sem, que você vê do lado de fora é... é... tipo de prástico. Aquele prástico, eu não sei como é...

Que esquenta... eu sei qual é.
É que esquenta, pega fogo lá dentro da escola! Eu cheguei lá não fiquei nem meia hora lá dentro quase que eu me acabo, e aquelas criança que tem que ficar lá até o meio-dia?! As cadera, Jany... Só os pedacinho assim das cadera, porque eu acho que acaba, e eles num troca, né?! Aquilo lá eles acaba e eles

num troca, aquelas cadera lá. As mesinha assim pra você escrever, menina assim, uma farta metade, a outra não tem a metade, a cadera, a outras cadera só tem assim os ferro...

Uma judiação, né?!
Não, menina! Eu acho um absurdo!

A senhora estudou aqui na USP. Aqui na USP tudo limpinho, arrumadinho, né?
Arrumadinho, mas tem... sabe? Ai você fica assim oiando, meu Deus que mundo é esse?! Que uns com tanto e outros sem nada, porque essas coisa que eles pega daqui, é computador, e eles troca sempre é mesa assim, ó que coisa chique isso aqui, né Jany?
Isso daqui é uma facu... que tá tudo bem! Que ta tudo... Mas eu acho que essas coisa aqui eles pegava doava pras escola, pra essas escolas do estado, não é?! Do município. Não podia pegar isso aí e doar? Não sei o que eles faiz! Bom, isso aí eu nem sei o que eles faiz, mas que eu acho que eles podia... computado , como ia servi pra aquelas crianças, Jany!! Como ia servi um computador pra aquelas criança!

É, serve mesmo!
Serve...

Hoje, usar o computador equivale a saber ler, escrever e fazer conta,
É!Porque tudo precisa de um computador hoje**!**
É, hoje é...

Em todos os lugares, como nos bancos.
É! É evoluiu, né? Agora a coisa evoluiu. E, eu acho que esses computado, que eles tão trocando podia dar nessas escolas assim é... Vamos supor, coloca na escola ali do, de Osasco, que não ficasse pensando Osasco não é um município, que tivesse fiscal, né Jany?Pa vê as escola como era que funcionava, e é um absurdo aquilo lá! É, precisava de alguém pra grava. Olha, precisava de alguém com uma câmera pra grava que aquela escola lá! Eu fiquei horrorizada! Fiquei uns trêis dia com meu coração partido! Falei "meu Deus! Como é que uma criança...". Aí, é, a... o meu neto foi comigo, né? Que ele queria, é... ele naquela época ele queria que eu votasse ai... deixa eu lembra, porque é que ele queria. É... que ele queria que eu votasse pro Serra, que ele queria não sei o que, eu falei "óia, cê que que eu vote pro Serra, eu vou vota pro Maluf porque o Maluf não vai ganhá, não era porque eu não queria que o Maluf ganhasse, era porque se eu votasse pro Serra, aí o... votasse pro Maluf, o Maluf não iria ganhar. Aí então, aí eu falei assim pro Crodovil eu votava se ele fosse o governador, eu votava, eu vou votar nele porque ele é deputado... Não é que o Crodovil ganho?!
Aí eu falei assim pro meu neto: "cê ta vendo a sua escola como é que é? Cê estuda na escola particular... Dê valor, meu fio, a escola que você estuda! Dê valor a escola! Dê valor a sua mãe! Aproveita o máximo que você puder, porque você ta vendo a situação? Uma pessoa no sol quente pra estuda?" É mesmo que está no sol, Jany! É mesmo que está no sol. Os banheiro tudo quebrado! As torneira... é no banheiro não tem torneia, eu falei "é, as crianças vão no banheiro. Como é que lava a mão, hein?!".

Não tem jeito, né?!
Não tem lugar pra lavar a mão, Jany! Não tem! As torneira tudo quebrado. Não tem lugar pra lavar a mão! Horrorizada! E eu acho que devia ter fiscal pra vê isso no mundo.

Que situação...
É, situação é... dói! Doí lá dentro! Acho que devia ter um fiscal pra vê e que chegasse nessas faculdade que tivesse essa fartura, como tem aqui que eles pega, faz um monte de coisa lá do almoxarifado, tudo que, que não funciona e bota lá. Pega isso aí e dê, meu Deus do Céu, pra essas escola que ajuda as criança! Pega isso aí e Dê! Aí não como é... não! Eu .. nunca vi! Eu nunca vi uma escola daquela lá! E tem escola de lata. De lata eu nunca vi. Graças a Deus que eu nunca vi! E eu nem, nem tento ir lá porque eu fico arrasada com essas coisa. Aí, mas aquela escola lá, eu fiquei horrorizada. Foi pra votá lá, eu falei "ô meu Deus!". Eu votava na Vila Anastácio, eu não sei porque eu fui votá é... é...

Mudou.
Porque tava mais perto daqui, né? Porque eu to por aqui. A na, na Vila Anastácio, aí dentro da escola e você vê. As cadera é assim é... dá pra usá. É uma coisa assim que é velho mas limpo, né?! Mas aquela escola lá, minha fia, você fica horrorizada! Eu queria... Ah, mas quando, no tempo da eleição você vai votar no outro lugar. Queria que você tivesse um carro um dia, pra gente visita aquela escola, viu?!
É.

Pra você vê a situação. E inda tê uma filmadora pra gente filma, pa passa ó... bota... bota assim na televisão, po cê... po povo vê, como é que vive São Paulo sem um contá com otro sem nada.

É, porque tem gente que pensa que tristeza assim só tem lá no fim do mundo, no nordeste...
E a gente vai... não precisa ir tão longe, né? Dona Leozira?!
Lá do lado de casa, fia!

Aqui mesmo a gente...
Ta do lado de casa! Ta do lado de casa! Do lado de casa!
Não precisa ir tão longe.
A situação á do lado de casa.

Então, dona Luzia, eu queria agradecer a senhora pela entrevista.
Não, meu bem! É um prazer! Quando precisá...

E aproveitar para convidá-la para defesa. Ainda não tem data, mas quando tiver eu aviso.
Ta.

Se a senhora quiser ir, vai ser um prazer.
Ah! Eu quero!

Ta bom! Eu vou convidar a senhora.
Eu quero!

Entrevista: Messias

Então, Messias, qual é a data de nascimento?
14/01/1959.

Do um?
É do 59.

Eu sou do mesmo dia do 14 só que eu sou de Dezembro.
Estado civil?
Casado.

Quantos filhos?
Tenho 4 filhas.

4 filhas.Onde você nasceu, qual a cidade?
São Paulo.

São Paulo mesmo né, no Estado de São Paulo?
São Paulo.

Quando você foi estudar no NEIA era a 1° vez que você ia par escola?
Aqui em São Paulo, sim.

Por que você já tinha ido pra escola em algum outro lugar antes?
Eu já tinha ido mas não deu certo, né, eu trabalhava muito,era muito puxado,eu trabalhava 4:00 da manhã,eu saia às 4:00 horas da manhã.

Trabalhava de noite?
É de noite.

Entendi, mas quando você foi pra escola,você foi quando era criança?
Não,eu fui quando eu tava no Paraná, né, interior do Paraná, eu estudei até a 5° série.

Quando criança?
É criança até com 11 anos,depois não fui mais para a escola.

Depois você parou?
Depois eu parei.

Aí você só voltou quando você entrou no NEA?
É só depois quando vocês deram aquela oportunidade pra nós.

Aqui?!
É.

Você lembra que ano era?
99,por ai...

Vou colocar assim depois a gente vê. E que serie que você entrou, Messias?
Eu entrei...porque eu não tinha comprovante da 5° série do Paraná ainda entrei na 4° série.

Na 4° série,ai você entrou na 4° série porque também quando faz muito tempo é bom lembrar um pouco né?
A gente fez um teste pra ver se poderia entrar na 4° ou adiantar né, aí vocês acharam que na 4° tava bom.

A unidade que você trabalhava quando você entrou no curso era aqui já?
Era aqui mesmo, aqui no centro-escola que eu entrei.

E qual era o seu cargo?
Era vigia noturno naquela época.

E hoje o que você faz?
Não hoje ainda to como vigia noturno só que agora a gente faz serviço externo né, laboratório, essas coisas assim.

E o seu registro ainda é de vigia?
Não, ainda é de vigia**.**

Só que você faz serviço externo...
É externo, faço serviço de entrega de documento, trazer documentos entendeu...

Ta, serviço de entrega de documentos,né.

Eu fico no setor da pediatria é o setor que vocês pode me encontrar, eu fico aqui todo dia, né.

Setor da pediatria. Então Messias eu vou começar a fazer umas perguntas pra você.você sabe né, que essa pesquisa é meu trabalho de mestrado, né.
Ah, você comentou aquele dia.

Eu te expliquei aquele dia né, eu to fazendo um estudo sobre a importância da escola na vida das pessoas.
Pra mim foi muito importante, porque teve uma época que eu tava desligado da escola,aquela época lá vocês levantaram meu ânimo porque à partir daquilo lá que eu comecei a olhar diferente.

Então, quando você entrou no programa você tava retornando pra escola, retornando depois de muito tempo. Eu queria que você falasse pra mim, Messias, qual foi o motivo que fez você voltar pra escola?
Ah,o motivo maior foi o trabalho porque aqui eles tavam exigindo que a gente começasse a estudar, então daí a gente tinha procurado outras escolas e não achava dentro do horário do serviço e a única alternativa nossa foi naquela época lá.

Era o horário que tinha.
Era o horário que dava pra gente.

Mas fora isso, você tinha algum interesse ou era só porque o trabalho tava pedindo?
Não, eu tinha vontade, mas o tempo do serviço noturno não dava ai surgiu essa oportunidade daí foi onde que eu consegui interessar.

Então, Messias, como é que foi a experiência de estar estudando pra você?
Ah, pra mim foi uma surpresa foi tudo novo porque fazia quantos anos que eu não pegava no lápis,foi bom porque eu comecei a...a não saber foi como eu falei pra você eu não sabia o que era uma redação eu não sabia o que era pegar num livro pra estudar, lê jornal não lia, também agora não, agora quando bato o olho num livro que eu me interesso pode saber que eu vou pegar.

Você acha, Messias, que ter estudado causou algum efeito na sua vida?
Causou,causou porque vou falar uma coisa pra você eu só não to estudando hoje porque eu to atrás de procurar né, porque eu tenho que acabar o meu estudo, porque eu até já descobri onde tem pra mim, pode ser estudo à distância mas assim eu vou pegar as matérias né, porque eu estudava lá no Belém (Estação do Metrô) mesmo você pega por matéria se você ta boa você pode prestar a prova pra poder eliminar cada matéria até que o mês que vem eu vou atrás.

Entendi. Mas o que você acha que mudou na sua vida, você falou que mudou mas o que você acha que mudou ter estudado?
Ah,mudou pra melhor né, antes eu era uma pessoa atrasada mesmo.

Como assim?

Antes eu tinha 40, hoje faz as contas...hoje eu vou fazer 50 à quase 10 anos atrás, claro que mudou, mudou muito se você perguntasse uma...agora não, agora eu me interessei, né, eu procuro buscar, quando eu vejo umas histórias ai eu procuro buscar porque agora eu me interesso naquela época lá se você falasse pra mim eu dizia: “isso aí é besteira,pra que o estudo?”.

E o que você acha que mudou no seu trabalho?
Ah,mudou porque eu vou falar pra você além de eu conversar com você de ter o Ensino Fundamental eu estudei 2 anos do Ensino Médio só que eu não conclui o estudo né.

Você parou onde, você foi até aonde?
Estudei até o 1° ano,ali eu tava estudando os dois juntos.

Entendi, mas terminou a 8° série direitinho?
Não, o Fundamental eu terminei direitinho ta tudo em ordem graças à Deus, através de vocês né, senão...

(risos)E na família você acha que também mudou ter estudado?
Ah,mudou porque eles adoraram né, eles adoraram porque eu via as minhas filhas estudando minha esposa começou a estudar também depois que ela viu que eu também tava indo pra escola ela também interessou, aí ela estudou porque ela tinha só a 4° série também aí eu comecei a estudar aqui,passou 1 ano 2, ela começou a estudar também por ai você vê já mexeu também.

Já mexeu com a família né. E com as meninas?
Também, minhas filhas também adoravam e falavam: “pai você nessa idade estudando” porque é novidade né, principalmente pros filhos estudando a mesma matéria que eles tavam estudando quase.

(Risos)Que legal!
É porque eu cansei de ajudar eles a fazer trabalho de escola, então eu procurava estudar aqui,principalmente a Meg a mais velha.

Eu lembro que você falava pra mim, que você tava lendo um livro porque você queria ajudar as meninas.
Isso, também ajudava na Matemática também que não sabia aquelas contas de emprestado aquelas coisas lá eu não passava nem por perto, eu nem sonhava que eu ia fazer aquilo.

Agora se a gente parar pra pensar já fazem quase 10 anos de você ter entrado na escola, quando você olha pra trás como é que você avalia essa experiência de ter ido pra escola?
Ah, eu te falo pra você se eu pudesse eu tinha ido à mais tempo mais tempo porque eu perdi muita coisa.

Você acha que se você tivesse ido pra escola hoje, você era a mesma pessoa que você é?

Não, não era porque eu vou falar pra você, através daquilo lá teve umas épocas ai que eu tinha condições de estudar, não estudei então através dessa diferença que a gente teve lá eu tinha conseguido, tenho certeza que eu tava batalhando pra fazer faculdade.

Quando você entrou na escola o que você esperava dela?
Eu esperava que eu fosse fazer...era tão difícil pra gente explicar hoje porque naquela época eu não me interessava por nada eu fui lá porque o serviço forçou mesmo foi o que eu te falei mas queria te o diploma, mas depois que eu vi que não era nada daquilo.

Isso, então o senhor foi por causa disso, ai quando o senhor tava lá...
Você pode ver que eu não faltava que eu ia todas as aulas que tinha eu não faltava porque eu me interessei, interessei pelas matérias, pela...tudo conforme...principalmente quando eu fui aprendendo**.**

Então você foi porque você era obrigado depois que você já tava lá o que te fez ir todo dia sem faltar?
Ah, eu me interessei.

Por que você se interessou?
Interessei porque eu vi que o estudo me interessava muito na profissão, principalmente a gente que já tava lidando.

E você teve estimulo do chefe?
Tive,tive até hoje ele fala: "eu preciso pegar no seu pé pra você fazer o Ensino Médio", porque foi através dele que eu fiz senão...

Se não tivesse apoio fica mais difícil né, quando o chefe acha ruim né?
Eu digo por isso porque hoje eu to fazendo academia porque ele me deu uma dura também eu falava que não tinha tempo mas eu arrumei eu faço academia das 6:30 da manhã às 9:00 depois vou trabalhar, então através dele, outra vez ele falou pra mim: "você não faz porque você não quer" agora eu to fazendo, então eu achei tempo,achei eu falava que não ia fazer porque eu saio às 6:00 daqui como é que eu ia pra academia pra ir pra Guarulhos daí eu achei uma academia perto da estação do trem quando eu bati o olho eu falei: "´é aqui que eu vou fazer" to fazendo lá.

Ah é muito bom pra saúde né.
Isso aí é...por isso mesmo que eu to fazendo eu to chegando nos meus 50 anos que quero chegar bem tranqüilo.

É porque daí tem que cuidar da saúde né.
Eu não tenho problema de saúde, graças à Deus.

Então, por isso que tem que cuidar, pra não começar a ter mais tarde né.
Foi por isso que eu comecei a olhar mais na frente, mais na frente porque se você vê graças à Deus hoje mesmo eu fiz quase 3 horas de academia.

Nossa!(Risos). Então, Messias, fala pra mim por que quando você era criança você parou de estudar?
É porque no Paraná, onde que eu estudava lá a professora lecionava só até a 5° série., não tinha não passava da 5° série a gente tinha vontade de estudar.

Mas não tinha...
Não tinha lá era só ate a 5° série interior do Paraná não passava disso,todas as escolas lá era isso ai,porque a gente morava no interiorzão mesmo que não tinha recurso mesmo. E a gente andava quase 10 km pra estudar.

10 kilometros, nossa, meu Deus!
Eu na 5° série nos andando quase 10 kilometros,trabalhava, você vê eu com 11 anos tinha que ir pra 5° série entrava dentro do coisa,você vê lá a 5° série nossa era a 1° com toda essa dificuldade porque a gente trabalhava na roça você vê a gente com 7 anos a gente tava lá trabalhava na roça e depois ia estudar depois voltava pra casa e tinha que trabalhar de novo no mesmo dia e agora aqui em São Paulo tem tudo nas mãos, minhas filhas mesmo eu tenho que pegar no pé delas.

(risos)É né!
É.

O que você acha que a gente aprende na escola, Messias?
Ah aprende...aprende muita coisa viu,aprende respeito muitas vezes você acha que fala de qualquer jeito ta correto,isso aí eu aprendi muito quando eu falo que tenho que...eu ate penso direito no que eu falo porque através da escola que me ensinou porque eu falava como tanto fazia eu falava de qualquer e achava que tava certo,agora em hoje em dia não, hoje em dia a gente já pensa mais.

Que bom né!
É já pensa mais.

É você já me falou né, porque você se inscreveu no curso, o motivo era a cobrança do trabalho né?
É.

O que você acha Messias, de uma pessoa que tem pouca escolaridade que sabe lê quase nada e as vezes mal assina o nome, o que você acha?
Olha, aí acho que tem vários setor né, se ele não teve oportunidade né, ou ele não interessa,tem essa também ele pode ser bom no que faz no trabalho nas coisas mas na parte de estudo assim ele pode não achar...eu já vi muita gente falar que o estudo é só diploma mas hoje em dia não é assim não, hoje em dia se você não saber mexer no computador numa folha, eu falo pra você lá fora ta difícil.Então ele...pode ser falta de interesse mas no meu ponto de vista é isso aí.

E o que você acha das pessoas que são muito estudadas?
Olha,eu acho bonito,vou falar pra você eu se eu pudesse eu tava nesse patamar porque eu falo pra você, você saber fazer vários cursos, como eu que tenho um sobrinho que faz aqui

na USP mesmo ele presta serviço pra professor aqui da USP o Leandro ele tem bacharel ele tem duas faculdades ele tem tudo, tudo que você fala com ele...todo dia ele ta na biblioteca pesquisando mais ainda, ele presta serviço já faz uns 4 anos aí.

Ele não para né!
Não para ele ta se interessando cada vez mais né eu quase não...quando a gente começou a estudar, quando eu comecei a ler livro eu olhava né e falava assim,parece que ele era maior mais pagina ele tinha mais ficava melhor a história, então você vê eu acostumei a fazer isso, e eu vejo por ele, e ele interessa por assunto ele vai fundo.

Messias, qual o seu projeto de vida daqui pra frente?
Olha,meu novo projeto de vida,vou falar pra você, eu já tenho neta né, então o projeto é melhorar,porque agora se eu aposentar eu vou ter tempo pra mi...eu tenho um sonho ai que eu pensei isso ai que eu não abro mão....

Ah é e qual é o sonho?
É ser técnico de alguma coisa, formar...formação com computador esse sonho eu não abro mão, quando eu aposentar eu vou ter tempo daí eu vou estudar.

Ah, mas isso é ótimo, quer dizer agora so falta fazer o Ensino Médio ta perto do sonho né...fazer o técnico.
Não, é porque eu tenho que acabar agora né, então o Ensino Médio meu 1° objetivo é acabar ele...

Pra você fazer o técnico...
Assim que eu acabar o Ensino Médio eu vou fazer vê esse projeto lá né e isso aí já tem à vários anos.

E se você gosta dessas coisas de informática, de eletrônica já ta meio caminho andado.
Isso aí é o meu sonho do meu não abro mão não.
Mas aqui no seu trabalho tem alguma situação que você precisa ler,precisa escrever.
Não, no trabalho não, no trabalho é mais observação.

Ah,mas observação.
Observação e ler jornal não pode aqui na frente do publico, entendeu...

É por que daí você ta distraído...
Meu patrão deu ordens e não deixou.

Entendi.
Posso ler em qualquer outro setor.

Não porque tem gente que no próprio trabalho precisa escrever, por exemplo recebe varias coisas escritas depois tem que ler depois tem que devolver...
Não,isso aí é só quando o cara do almoxarifado não ta aí eu vou riscando o material que vem daí eu recebo a pessoa assina né e eu dou uma conferida pra ver né.

Mas então no seu trabalho você não usa, mas e em casa quando é que você lê e escreve?
Isso aí é todo dia, todo dia eu to fazendo conta, to...alguma coisa eu to fazendo quando eu to em casa que eu tenho tempo...

É? Mas você faz como exercício mesmo. Ou você faz quando você precisa, por exemplo: "ah vou no mercado..."
Não, não eu faço por que eu to em casa eu tenho tempo, hora lá eu to assistindo qualquer coisa eu to ali escrevendo essa parte aí eu não parei não.

Entendi. Quando Messias, quando você não tinha tanto domínio da leitura e da escrita antes de entrar na escola de novo, você sentia dificuldade por causa disso de não saber ler e escrever bem?
Você quer que eu fale a verdade eu sentia vergonha.

Sentia vergonha?! Por que?
Muitas vezes eu tava no restaurante eu via o pessoal conversando sobre a faculdade sobre as coisas e um corrigindo o outro lá, eu via e da outra vez eu sai ate de perto assim de vergonha , porque eu achava que eu tinha que estudar mas ao mesmo tempo não dava né,mas sentia vergonha eu tinha vontade...foi aquilo que eu falei pra você né depois que eu entrei o espelho abriu né.

E agora você se sente melhor?
Graças à Deus né, agora eu to bem**.**

Então, me fala mais de como é que você se sente da sua auto-estima?
Eu sinto uma...um dia desses eu passei lá perto da Santa Cecília, lá perto da Santa Casa lá daí o pessoal lá vinha de Campinas, vinha fazer um curso na coisa lá....dai eu entrei na Santa Casa o pessoal falou assim: "você que vai ser o professor nosso?" eu olhei assim e falei: "eu tenho cara de professor" e já varias vezes aconteceu isso eu falo porque principalmente aqui no serviço porque o pessoal gosta de conversar comigo porque se sente bem entendeu,do jeito que nos tamos conversando aqui, eu converso com todo mundo.

Que legal!
Eu não. deixo par você vê... as meninas aqui da 3° idade ao serviço aqui eu trato tudo igual.

Todo mundo igual.
Todo mundo igual, então por isso que o pessoal adora os usuários também, adora eu quando eu não venho aqui eles já perguntam: "ele já saiu daqui?".

Então eu queria que você me falasse um pouquinho sobre esses dois momentos,antes de você ter voltado pra escola

Mas fora isso, você tinha algum interesse ou era só porque o trabalho tava pedindo?
Não, eu tinha vontade, mas o tempo do serviço noturno não dava ai surgiu essa oportunidade daí foi onde que eu consegui interessar.

Parte II
Entendi. Mas o que você acha que mudou na sua vida, você falou que mudou mas o que você acha que mudou ter estudado?
Ah,mudou pra melhor né, antes eu era uma pessoa atrasada mesmo.

Como assim?
Antes eu tinha 40,hoje faz as contas...hoje eu vou fazer 50 à quase 10 anos atrás,claro que mudou, mudou muito se você perguntasse uma...agora não, agora eu me interessei, né, eu procuro buscar, quando eu vejo umas histórias ai eu procuro buscar porque agora eu me interesso naquela época lá se você falasse pra mim eu dizia: "isso aí é besteira,pra que o estudo?".

E o que você acha que mudou no seu trabalho?
Ah, mudou porque eu vou falar pra você além de eu conversar com você de ter o Ensino Fundamental eu estudei 2 anos do Ensino Médio só que eu não conclui o estudo né.

Você parou onde, você foi até aonde?
Estudei até o 1° ano, ali eu tava estudando os dois juntos.

Entendi, mas terminou a 8° série direitinho?
Não,o Fundamental eu terminei direitinho ta tudo em ordem graças à Deus, através de vocês né, senão...

(risos)E na família você acha que também mudou ter estudado?
Ah, mudou porque eles adoraram né, eles adoraram porque eu via as minhas filhas estudando minha esposa começou a estudar também depois que ela viu que eu também tava indo pra escola ela também interessou, aí ela estudou porque ela tinha só a 4° série também aí eu comecei a estudar aqui, passou 1 ano 2, ela começou a estudar também por ai você vê já mexeu também.

Já mexeu com a família né. E com as meninas?
Também, minhas filhas também adoravam e falavam: "pai você nessa idade estudando" porque é novidade né, principalmente pros filhos estudando a mesma matéria que eles tavam estudando quase.

(Risos)Que legal!
É porque eu cansei de ajudar eles a fazer trabalho de escola, então eu procurava estudar aqui,principalmente a Meg a mais velha.

Eu lembro que você estava lendo um livro porque você queria ajudar as meninas.
Isso, também ajudava na Matemática também que não sabia aquelas contas de emprestado aquelas coisas lá eu não passava nem por perto, eu nem sonhava que eu ia fazer aquilo.

Agora se a gente parar pra pensar já fazem quase 10 anos de você ter entrado na escola, quando você olha pra trás como é que você avalia essa experiência de ter ido pra escola?
Ah, eu te falo pra você se eu pudesse eu tinha ido à mais tempo mais tempo porque eu perdi muita coisa.

Você acha que se você tivesse ido pra escola hoje, você era a mesma pessoa que você é?
Não, não era porque eu vou falar pra você, através daquilo lá teve umas épocas ai que eu tinha condições de estudar, não estudei então através dessa diferença que a gente teve lá eu tinha conseguido, tenho certeza que eu tava batalhando pra fazer faculdade.

Então você foi porque você era obrigado depois que já estava lá o que te fez ir todo dia sem faltar?
Ah, eu me interessei.

Por que você se interessou?
Interessei porque eu vi que o estudo me interessava muito na profissão, principalmente a gente que já tava lidando.

E você teve estimulo do chefe?
Tive, tive até hoje ele fala: "eu preciso pegar no seu pé pra você fazer o Ensino Médio", porque foi através dele que eu fiz senão...

Se não tivesse apoio fica mais difícil?
Eu digo por isso porque hoje eu to fazendo academia porque ele me deu uma dura também eu falava que não tinha tempo mas eu arrumei eu faço academia das 6:30 da manhã às 9:00 depois vou trabalhar,então através dele,outra vez ele falou pra mim: "você não faz porque você não quer" agora eu to fazendo,então eu achei tempo,achei eu falava que não ia fazer porque eu saio às 6:00 daqui como é que eu ia pra academia pra ir pra Guarulhos daí eu achei uma academia perto da estação do trem quando eu bati o olho eu falei: "´é aqui que eu vou fazer" to fazendo lá.

Ah é muito bom pra saúde né.
Isso aí é...por isso mesmo que eu to fazendo eu to chegando nos meus 50 anos que quero chegar bem tranqüilo.

É porque daí tem que cuidar da saúde né.
Eu não tenho problema de saúde,graças à Deus.

Por isso que tem que cuidar, pra não começar a ter mais tarde né.
Foi por isso que eu comecei a olhar mais na frente, mais na frente porque se você vê graças à Deus hoje mesmo eu fiz quase 3 horas de academia.

Nossa!(Risos). Então,Messias,fala pra mim por que quando você era criança você parou de estudar?
É porque no Paraná,onde que eu estudava lá a professora lecionava só até a 5° série.,não tinha não passava da 5° série a gente tinha vontade de estudar.

Mas não tinha...
Não tinha lá era só ate a 5° série interior do Paraná não passava disso,todas as escolas lá era isso ai,porque a gente morava no interiorzão mesmo que não tinha recurso mesmo.E a gente andava quase 10 km pra estudar.

10 kilometros,nossa,meu Deus!
Eu na 5° série nos andando quase 10 kilometros,trabalhava, você vê eu com 11 anos tinha que ir pra 5° série entrava dentro do coisa,você vê lá a 5° série nossa era a 1° com toda essa dificuldade porque a gente trabalhava na roça você vê a gente com 7 anos a gente tava lá trabalhava na roça e depois ia estudar depois voltava pra casa e tinha que trabalhar de novo no mesmo dia e agora aqui em São Paulo tem tudo nas mãos,minhas filhas mesmo eu tenho que pegar no pé delas.

(risos)É né!
É.

O que você acha que a gente aprende na escola, Messias?
Ah aprende...aprende muita coisa viu, aprende respeito muitas vezes você acha que fala de qualquer jeito ta correto, isso aí eu aprendi muito quando eu falo que tenho que...eu ate penso direito no que eu falo porque através da escola que me ensinou porque eu falava como tanto fazia eu falava de qualquer e achava que tava certo, agora em hoje em dia não, hoje em dia a gente já pensa mais.

Que bom!
É já pensa mais.

É você já me falou né, porque você se inscreveu no curso,o motivo era a cobrança do trabalho?
É.

O que você acha Messias, de uma pessoa que tem pouca escolaridade que sabe lê quase nada e as vezes mal assina o nome, o que você acha?
Olha, aí acho que tem vários setor né, se ele não teve oportunidade né, ou ele não interessa,tem essa também ele pode ser bom no que faz no trabalho nas coisas mas na parte de estudo assim ele pode não achar...eu já vi muita gente falar que o estudo é só diploma mas hoje em dia não é assim não, hoje em dia se você não saber mexer no computador numa folha, eu falo pra você lá fora ta difícil.Então ele...pode ser falta de interesse mas no meu ponto de vista é isso aí.

E o que você acha das pessoas que são muito estudadas?
Olha,eu acho bonito, vou falar pra você eu se eu pudesse eu tava nesse patamar porque eu falo pra você, você saber fazer vários cursos,como eu que tenho um sobrinho que faz aqui

na USP mesmo ele presta serviço pra professor aqui da USP o Leandro ele tem bacharel ele tem duas faculdades ele tem tudo, tudo que você fala com ele...todo dia ele ta na biblioteca pesquisando mais ainda,ele presta serviço já faz uns 4 anos aí.

Ele não para né!
Não para ele ta se interessando cada vez mais né eu quase não...quando a gente começou a estudar,quando eu comecei a ler livro eu olhava né e falava assim,parece que ele era maior mais pagina ele tinha mais ficava melhor a história,então você vê eu acostumei a fazer isso, e eu vejo por ele, e ele interessa por assunto ele vai fundo.

Messias, qual o seu projeto de vida daqui pra frente?
Olha,meu novo projeto de vida,vou falar pra você, eu já tenho neta né, então o projeto é melhorar, porque agora se eu aposentar eu vou ter tempo pra mi...eu tenho um sonho ai que eu pensei isso ai que eu não abro mão....

Qual é o sonho?
É ser técnico de alguma coisa,formar...formação com computador esse sonho eu não abro mão, quando eu aposentar eu vou ter tempo daí eu vou estudar.

Ah, mas isso é ótimo, quer dizer agora so falta fazer o Ensino Médio ta perto do sonho.
Não, é porque eu tenho que acabar agora né, então o Ensino Médio meu 1° objetivo é acabar ele...

Pra você fazer o técnico...
Assim que eu acabar o Ensino Médio eu vou fazer vê esse projeto lá né e isso aí já tem à vários anos.

E se você gosta dessas coisas de informática, de eletrônica já ta meio caminho andado.
Isso aí é o meu sonho do meu não abro mão não.

E hoje Messias quando você precisa ler e escrever?
Eu leio porque eu tenho muito tempo,principalmente o jornal aqui da USP o jornal aqui da USP eu vou dentro do trem ou do metrô lendo quando eu chego lá é 5, 6 paginas que eu venho lendo então você vê com esse próprio jornal aqui,quando eu não tenho eu trago livro, quando eu to em casa eu leio muito também, principalmente a bíblia eu leio muito...

Mas aqui no seu trabalho tem alguma situação que você precisa ler, precisa escrever.
Não, no trabalho não, no trabalho é mais observação.

Ah, mas observação.
Observação e ler jornal não pode aqui na frente do publico,entendeu...

É por que daí você ta distraído...
Meu patrão deu ordens e não deixou.

Entendi.
Posso ler em qualquer outro setor.

Não porque tem gente que no próprio trabalho precisa escrever, por exemplo recebe varias coisas escritas depois tem que ler depois tem que devolver...
Não,isso aí é só quando o cara do almoxarifado não ta aí eu vou riscando o material que vem daí eu recebo a pessoa assina né e eu dou uma conferida pra ver né.

Mas então no seu trabalho você não usa, mas e em casa quando é que você lê e escreve?
Isso aí é todo dia,todo dia eu to fazendo conta, to...alguma coisa eu to fazendo quando eu to em casa que eu tenho tempo...

É?Mas você faz como exercício mesmo.Ou você faz quando você precisa, por exemplo: "ah vou no mercado..."
Não,não eu faço por que eu to em casa eu tenho tempo,hora lá eu to assistindo qualquer coisa eu to ali escrevendo essa parte aí eu não parei não.

Entendi. Quando Messias,quando você não tinha tanto domínio da leitura e da escrita antes de entrar na escola de novo,você sentia dificuldade por causa disso de não saber ler e escrever bem?
Você quer que eu fale a verdade eu sentia vergonha.

Sentia vergonha?! Por que?
Muitas vezes eu tava no restaurante eu via o pessoal conversando sobre a faculdade sobre as coisas e um corrigindo o outro lá, eu via e da outra vez eu sai ate de perto assim de vergonha, porque eu achava que eu tinha que estudar mas ao mesmo tempo não dava né, mas sentia vergonha eu tinha vontade...foi aquilo que eu falei pra você né depois que eu entrei o espelho abriu né.

E agora você se sente melhor?
Graças à Deus né, agora eu to bem**.**

Então, me fala mais de como é que você se sente da sua auto-estima?
Eu sinto uma...um dia desses eu passei lá perto da Santa Cecília,lá perto da Santa Casa lá daí o pessoal lá vinha de Campinas, vinha fazer um curso na coisa lá....dai eu entrei na Santa Casa o pessoal falou assim: "você que vai ser o professor nosso?" eu olhei assim e falei: "eu tenho cara de professor" e já varias vezes aconteceu isso eu falo porque principalmente aqui no serviço porque o pessoal gosta de conversar comigo porque se sente bem entendeu,do jeito que nos tamos conversando aqui,eu converso com todo mundo.

Que legal!
Eu não.deixo par você vê... as meninas aqui da 3° idade ao serviço aqui eu trato tudo igual.

Todo mundo igual.
Todo mundo igual, então por isso que o pessoal adora os usuários também, adora eu quando eu não venho aqui eles já perguntam: "ele já saiu daqui?".

Antes de você ter voltado pra escola, sentia vergonha como me contou agora, hoje você sente que faz parte do outro grupo das pessoas que lêem e que escrevem. Como

era quando você se sentia que você fazia parte daquele grupo que sabia ler e escrever pouco, como era esse sentimento?
Olha eu vou falar uma coisa pra você mas a gente não vê isso antes,você sabe que a gente não tem essa visão antes,hoje eu entro dentro trem dentro do metrô, o que mais tem é gente lendo livro,lendo coisa,e eu fico observando aquilo, isso também enquanto um não ta lendo jornal o outro ta lendo livro e tal e aqui também eu falo pra você quando eu não to lendo eu fico observando.

Você não sabia em que grupo você estava? Me fala como você descobriu?
Não mas eu sei através dessa temporada que eu passei na escola estudando,você vê que depois daquilo lá...antes eu não pegava um livro pra ler hoje em dia você vê a partir daquela experiência que eu tive na escola ai eu comecei a enxergar mai na frente.

Entendi. Você lembra de algum livro que você leu que você gostou muito?
Olha assim decor agora eu não...

Não precisa falar o nome assim...de alguma história...
Eu leio muito assim do tempo da seca do Nordeste tem um livro assim que me chamou muito atenção.

É eu acho que eu até sei qual é. Será que foi "Vidas secas"?
È isso mesmo.

Do Graciliano Ramos...
É isso mesmo...

Eu também adoro esse livro é muito lindo!
Eu li umas duas, três vezes,você vê eu li na escola e depois que eu sai dali eu já li umas duas ou três vezes de novo.

É porque é muito lindo.
Porque você lê e volta atrás, lendo pra entender direito, muitas coisas eu não entendia e voltava.

Porque a linguagem desse autor é difícil, do Graciliano.
É.

È verdade.
Então esse ai eu sei que eu não esqueço.

E Messias, me fala uma coisa você acha que tem mais autonomia hoje, depois que estudou mais?
Ainda não...

Não, mas em relação à antes,você acha que você tem mais autonomia na sua vida?
Com certeza.

Como assim?
Eu falo pra você acho que pra tudo né, pra minha casa,na rua onde que eu to melhoro bastante,assim parece que eu dou um passo além do que eu tava,então isso ai que eu me sinto e você vê que ta me incomodando não fazer o Ensino Médio.

E você acha que esse incomodo te causa algum mal-estar, esse sentimento de não ta...
Ta porque eu...no momento eu ainda não consegui eu só vou me sentir bem depois que eu tiver fazendo.

Entendi, porque é uma coisa que você quer fazer.
Então você vai ver daqui à um mês,um mês e pouco eu vou esse profissional tenho certeza daí eu vou encontrar com você e vou falar...

A gente sempre se encontra. Então Messias me fala uma coisa, você acha que a escola foi importante na sua vida?
Importante?

É, ter estudado foi importante? Se você não tivesse estudado você acha que você era a mesma pessoa que você é hoje?
Ah difícil,não acho que não porque você vê coisinha simples que a gente fez no Ensino Médio, eu falo pra você porque foi uma coisinha simples que a gente fez a visão abriu o jeito de conversar, o jeito de olhar as coisas,o jeito de conversar até com a família em casa,o jeito com as filhas tudo estudando então você vê e o meu sonho é que quando eu quero que elas estuda mais parece que elas querem parar,então fica difícil ,então tem que saber conversar,então hoje você tem que usar a sabedoria,não pode brigar não pode fazer nada senão elas acaba afastando mais,mas eu te falo pra você,você vê que eu não fiz nada pra mim não foi muita coisa e a visão foi outra.

Você acha então que ate nesse jeito de lidar com as meninas, conversar com elas a escola ajudou também?
Ajudou pra o publico tudo,principalmente lá em casa onde eu ando,aonde eu caminho,ando pra frente isso eu agradeço à vocês,porque através de vocês que eu comecei você foi a 1° né, eu comecei a esudar os professores ate indicavam você,então eu não esqueci,seu nome eu não esqueço nunca, é Jany né?

É(risos)
Porque sempre eu comento com o pessoal falo: “a Jany foi a 1° que estudei com ela ai e ela eu não esqueço né”

Obrigada.
Então eu falo pra você que esse passo que eu dei ai foi através de você.

Mas pra gente que é professor também não tem nada melhor no mundo do que a gente vê o aluno terminar o Ensino Fundamental, tem gente que para...
Eu fiquei...eu só não acabei o Ensino Médio lá porque depois acabou o curso né lá,acabou daí foi o que falei pra você tem que procurar né, o material ta tudo guardado em casa não joguei nem fora,não joguei porque volta e meia eu pego e dou uma verificada.

Lê alguma coisa....
É, eu então eu vejo aquilo lá eu vou falar pra você aquilo lá foi 10 pra minha vida viu.

Então Messias, esse trabalho que eu te falei, de mestrado tem defesa, então eu vou escrever tudo,depois vai ter um dia que eu vou apresenta o meu trabalho para os professores, eles vão me fazer perguntas eu respondo,vou fazendo a defesa do meu trabalho,nesse dia as pessoas podem ser convidadas para assistir não tem data marcada ainda porque primeiro eu preciso terminar, mas quando tiver data marcada eu faço questão de vir convidar vocês que tão dando entrevista e me ajudando porque sem entrevista não tem como fazer o trabalho imagina eu vou inventar: "ah eu acho que o Messias gostou" mas não posso falar da minha cabeça eu tenho que saber de você, pra ser um trabalho certo, então quando tiver uma data certa eu vou voltar e trago o convite pra você assistir.Ta bom?
Eu vou com muito prazer sabe porque?Do meu sobrinho foi assim também ele fez esse trabalho também e teve que apresentar é como um júri,aquele sobrinho que eu te falei,ele passou por isso também.

É todo mundo que faz mestrado tem passar por isso.Ai a gente apresenta e depois no final os professores falam se você ta aprovado ou não.
Pode eu vou ver se eu lembro mais alguma coisa.

E se você lembrar, por exemplo alguma coisa da escola que você acha que foi muito importante que mudou a sua vida,que você acha que é importante escreve para não esquecer e a gente...
Eu vou ver .
Não mas isso não tem problema não.
Mas eu vou falar pra você eu to sempre aqui.

Então eu também moro pertinho,qualquer coisa que precisar eu passo aqui de novo.
Você falou que é ai na rua Padre Justino.

Na esquina da padaria.
O numero é...605 né?

Não é 588 o prédio mas o apartamento é 12.
Então eu vou falar uma coisa pra você, não longe é aqui do lado.

Nós somos vizinhos.
Você tem o telefone daqui? Qualquer coisa você dá uma ligada.

Não, acho que eu não tenho. Deixa eu anotar acho que é melhor sabe...

Transcrição: Ester 31/03/08

Parte - I

(Não foi gravado o preenchimento da ficha – Perfil dos sujeitos da pesquisa)

Dona Ester a senhora entrou na 5ª série e depois, o que aconteceu?
Depois eu parei de estudar porque não deu certo por causa que meus filhos eram pequenos, então eu parei.

Quando a senhora parou em que série a senhora estava?
Eu estava na 6ª série.

Depois quando é que a senhora voltou?
Uns quatro anos depois. Eu tive um outro problema e dei uma parada, mais um ano.

A senhora parou mais um ano.
È depois eu voltei e terminei até o fim.

Ate onde a senhora foi?
Até a 8ª.

A senhora parou na 8°. A senhora fez formatura... que legal

(Ester) - você foi?
Eu fui eu ia em todas as formaturas. È tão bonito a gente se emociona.

Eu tenho a fita.

A senhora se lembra qual o ano em que se formou?
Não.

A senhora trabalhava em que unidade quando se formou? Aqui na faculdade de educação mesmo? E qual era o cargo que a senhora tinha quando começou a estudar?
Olha, quando eu comecei era na limpeza.

E hoje o que a senhora faz?
Eu trabalho na inspetoria.
Da limpeza eu prestei concurso e fui para o xérox depois eu sai fui trabalhar na portaria ai eu, depois da portaria eu fui lá em cima ajudar a diretoria na biblioteca. Depois que eu vim trabalhar na inspetoria (por problema) por motivo de doença.

A senhora trabalhou em vários lugares...
Sim mas tudo aqui na educação.

Qual foi o motivo que fez a senhora voltar a estudar?
Eu queria aprender mais e trabalhar num serviço melhor.

Como foi essa experiência de ser aluna, estar estudando?
Foi muito bom aprendi muita coisa.
Muitas coisas que eu aprendi mudaram. Quando eu estudei em Barbosa a professora ensinou assim: Quem descobriu o Brasil foi Pedro Álvares Cabral. Ai a professora explicou que não era quando chegou aqui já tinha pessoas. Aprendi bastante coisas que eu não sabia.

E as lembranças que a senhora tem são boas?
Saudades dos professores. Outro dia eu vi a Maria Helena ali(ex-professora) eu fiquei tão contente.

Ela foi sua professora?
Foi.

A senhora acha que o fato de ter estudado mudou alguma coisa em sua vida? Teve algum efeito?
Teve.

Qual?
A gente aprende coisas novas. E outra coisa se eu tivesse estudado um pouquinho mais, porque se eu não tivesse estudado eu não tinha saído nunca da faxina, né? Ia continuar na faxina para mim foi muito ótimo! E em casa também né? A gente aprende muita coisa. Troca idéia, adorei! Na minha casa também mudou bastante.

Mudou o que? A senhora fala em relação ao que, aos filhos?

È porque você vê uma idéia. Um conversa, outro conversa, um fala outro fala. Ai você vê uma idéia que não é só seus filhos que faz isso que faz aquilo. Para mim foi muito bom porque eu aprendi que o ambiente que eu criei meus filhos é um ambiente muito completamente diferente do ambiente que eu fui criada porque meu pai era assim, falou tá falado.

Não podia discutir naquela época.
Falou tinha que ficar quieto, não podia nem conversar. E na escola eu aprendi muito a trocar idéia com os filhos eles falam o que eles querem e eu respondo o que tá certo. O que eu acho que esta certo e o que eu acho que esta errado.

Falar com os pais com respeito não tem problema.
Eu aprendi muita coisa boa.

Então a escola ajudou a senhora na vida familiar?
Ajudou muito, muito, muito.

Era exatamente isso que eu ia perguntar agora. Como eram as relações na sua casa, na sua família, no seu trabalho antes da escola e depois da escola?
Mudou bastante porque depois que eu comecei a conversar a trocar idéia com os meus filhos foi muito interessante.

A senhora acha que melhorou o relacionamento de vocês?
Vixe, quanto melhorou.

É, por que ?
Eu comecei e entender, a falar para os meus filhos: estudam! Porque eu estou estudando agora porque não tive condições eu fui criada na roça, né? Onde eu morava era uma roça. Para mim ir para a escola tinha que andar 3,5 km de a pé e eles tem a escola na porta tem que aproveitar essa oportunidade.

A senhora contou um pouco de sua experiência...
Antigamente eu não tinha coragem de conversar com eles ai na escola ouvindo os outros falando, falando.

Não por que eles falavam assim: Como a senhora pode chamar a atenção da gente se a senhora também não estudou. Depois que voltei a estudar comecei a falar com eles: ‘ta vendo, se eu fosse estudada não precisava estar abandonando vocês aqui.Trabalhando e estudando !Vinha para a casa e a gente ficava a noite juntos. Por que eu preciso estudar e deixar vocês sozinhos’.A vida mudou bastante!

Quando a senhora entrou na escola o que esperava dela? E quando a senhora saiu a senhora conseguiu o que esperava?
Consegui.

Então, conta pra mim um pouquinho? Quando a senhora entrou o que a senhora esperava?

Esperava aprender mais né? Porque sabia pouca coisa. Lá no interior só a 4° série, mal a gente sabia escrever, lê alguma história do Brasil.Ai eu aprendi a historia real né? Sobre aquilo que eu aprendi né? E também mudou muito na minha vida assim porque eu acho que eu aprendi a ler e a escrever foi melhor para mim porque eu aprendi a valorizar aquilo que eu aprendi. Porque quando a gente é criança a gente estuda porque é obrigação né? Mas depois de grande a gente estuda porque a gente que dá e aprende a valoriza aquilo que a gente aprende.

Muito bonito o que a senhora falou eu admiro muito.
Foi uma luta quantas vezes eu queria fazer um trabalho(escola) e não dava tempo não conseguia.

Muito bem!É por isso que estou fazendo esse trabalho. O que eu sinto por vocês é uma admiração muito grande. Eu ainda estava falando outro dia - uma pena que o curso tenha acabado.
Eu concordo, mas a gente na universidade esta pensando em como retomar este trabalho. Eu estava falando outro dia, agora eu não tenho mais filho pequeno já ta tudo casado.Ai eu ia fazer...como é que chama?O ensino médio?

Ai que legal!
Quem sabe da certo.

Que legal a senhora ainda tem vontade de continuar estudando?
Tenho. Aqui é bom porque é só duas horas né? Agora ai são 4 horas não ia dar não.

O chefe da senhora te estimulava a continuar os estudos? Como era?
A Elsa e Marisa eram muito legais sim. Elas apoiaram e a gente tinha direito a sair mais cedo por causa da escola. Elas estimularam bastante deram a maior força.

E essa força a senhora acha que ajudou?
Ajudou.

Agora eu vou perguntar para a senhora umas outras coisas. Tudo sobre o mesmo assunto. O que a senhora acha das pessoas que não sabem ler e escrever ou sabem muito pouco porque não tiveram oportunidade?
Eu fui morar com meu marido ele era analfabeto de tudo ai eu dei a maior força para ele. Ele falava que nunca tinha estudado e que nem por isso nunca tinha ficado desempregado.As v vezes ele falava isso perto das crianças e que não é normal. Eu brigo muito com ele por causa disso.Agora ele fala: ‘Ta vendo você tava certa.Se fosse agora por exemplo eu nunca mais arrumaria uma emprego’. Eu até chorava.

Ele estudou então?
Não foi na minha casa eu ajudava ele.

A senhora que ensinou a ele? Que legal!

Eu falava para ele: ‘Lê aqui para mim’. E se ele me pedia eu dizia: ‘não você vai ler, que você vai ter que aprender e quando ele riu que eu voltei a estudar ele também me deu força. Eu vinha estudar chegava em casa a janta estava pronta. Ele ajudou bastante. Não posso reclamar! Mas só que ele tinha essa mania de dizer perto das crianças : ‘para que estudar eu nunca estudei’.

Mas hoje ele reconhece que a senhora estava certa?
É ele reconhece e também meu pai, nós viemos aqui para São Paulo, meu pai as vezes queria sair e não podia sair porque não sabia ler nem “o” a placa de ônibus. Meu pai era analfabeto de tudo, meu marido ainda sabia alguma coisa, meu pai era analfabeto de tudo, tudo minha mãe também. Então eles não saiam de casa porque eles não podiam ler a placa do ônibus por isso ele incentivo nos a fazer pelo menos a 4° serie né? Que foi o que ele podia dar para a gente vontade ele tinha, mas não tinha condições. Por isso que ele falava vocês vão para escola, tem que levantar cedo e ir para a escola, para não fazer como eu. Meu pai sofreu bastante minha mãe também. Muita gente enganava eles porque eles não saber ler, né?

A senhora acha que as pessoas que não sabem ler e escrever passam muita dificuldade?
Eu acho.

Por que no caso dos seus pais foi assim?
É.

E por isso a senhora quis estudar mais ainda.
È por isso que eu quero que meus filhos, foi o que eu falei para eles, eu aprendi, meu pai não sabia nada, eu sabia um pouco, mas quero que eles saibam mais do que eu.

Muito bem!
Foi assim que eu criei eles.
E todos eles estudaram?
Meus filhos, graças à Deus, só esse que esta aqui na ECA trabalhando que é o mais preguiçoso.

Sempre tem um.
Mas que nem eu falo, ele aprendeu né? Por que até a 8° série eu obriguei .

Mas esta encaminhado né?
Ta trabalhando só que ele tem uma boa profissão, que a profissão dele é motorista,né? Quando ele entrou aqui na USP, só exigia até a 8° e ele é profissional, né? Que ele já trabalhava na CMTC, já ouviu falar na CMTC? Que era os ônibus que tinha.

Depois mudou de nome.
E ele ta bem empregado.

Que bom!
Agora dona Ester o que a senhora acha das pessoas estudadas?
Ah eu acho, não sei, eles são mais educados.

A senhora acha que eles são mais educados?
São.

Aqui na convivência com os estudantes da USP, com os professores, o que a senhora acha?
Quando a gente pega ônibus para USP os alunos levantam dá lugar para os idosos. Acho muito mais educação.

O que a senhora faz que envolve a leitura e a escrita? Quando a senhora usa a leitura e a escrita?
Tudo. Eu mexo com computador hoje em dia é a gente que liga tem que sabe ler né? Se eu não soubesse ler como é que eu ia por lá?!

E no trabalho da senhora lá na inspetoria o que mais envolve a leitura e escrita?
É porque a gente mexe com computador a gente olha e-mail, a gente se corresponde pelo computador né?

E quando a senhora não esta no trabalho a senhora usa a leitura e a escrita?
Ah eu uso bastante, né? Eu gosto de ler.

A senhora gosta de ler?
Ah eu gosto de ler romance eu gosto de revista.

Que legal!
E sobre a escrita, a senhora utiliza escrita?
Escrevo. Quando eu preciso eu escrevo também. Ali(na inspetoria) a gente escreve bastante.Vamos supor você chega lá e pede um computador eu tenho que anotar que você levou.Tal dia,tal hora e quando você me devolve eu marco tudo lá.

Quando a senhora só tinha a 4ª série como se sentia no meio de pessoas que tinham mais estudo?
Um peixe fora d ´àgua.

Era assim que a senhora se sentia?
É péssimo, né?

Transcrição: Ester.

Parte - II

Continuando**... Era assim que a senhora se sentia?**

Que quando eu entrei na USP as pessoas que trabalhavam assim na diretoria eu achava assim : ‘ele é diretor e eu sou uma faxineira ai as vezes eu me sentia envergonhada ai depois de tanto tempo de convivência, convivência, convivência com os professores

também a Maria Helena era uma que pessoa que lutou muito pela gente. Eu gosto de todos sem igual tanto os professores como os alunos nós somos funcionários tudo igual, igual.agora só porque a pessoa é melhor ou tem um cargo melhor que você não vai conversar.Isso é uma coisa que eu aprendi bastante.

Muito bem! Então a senhora acha que a sua auto-estima o seu amor próprio melhorou depois que a senhora aprendeu a ler?
Melhorou porque agora eu converso com o professor converso disso, converso daquilo não sinto assim sabe inferior como eu sentia assim sabe, aquele ar inferior mesmo quando eu falo com o professor.

E agora a senhora não sente mais isso?
Não**.**

Ai que legal eu to muito contente com a história da senhora.
Eu tinha vergonha.

A senhora tinha vergonha mas, é uma coisa comum, várias pessoas tem vergonha quando elas não sabem ler ainda muito bem. A senhora é querida por todo o mundo, não tem mais vergonha!
Não. E você também conversa com a gente.

Converso, eu também gosto de todos eles.
Agora vamos falar um pouquinho da vida, a senhora dona Ester antes de voltar para a escola se identificava com qual grupo com aqueles que não sabiam ler e escrever ou com aqueles que sabiam ler e escrever. A senhora achava que fazia parte de qual grupo antes de a senhora voltar?
Dos que não sabia ler e escrever.

E agora?
Ai eu sinto juntos eu sei que o cargo dele é melhor mas também não sinto vergonha do que eu sou.
É por que a senhora sabe. Outro dia fui ligar isso daqui (aparelho instalado nas salas) e não sabia como fazer, então fui lá na inspetoria pedir ajuda.
Então é isso que eu aprendi é isso ai que eu gosto de estudar com você é porque eu aprendi que cada um na sua profissão tem o seu entendimento.

A senhora, por exemplo, sabe lidar melhor com essas coisas do que eu, não é?
Você na sua profissão eu na minha o outro na outra mas somos todos iguais era isso que eu queria falar e não tava conseguindo.

É cada tem uma profissão a senhora falou muito bem e cada um precisa do outro, mas, cada um tem o seu valor independente da profissão, tem o valor sem ela. Isso, foi isso que eu aprendi na escola!

E hoje a senhora acha que é uma pessoa mais autônoma, que tem mais liberdade de fazer as coisas sozinhas do que tinha antes?

Sim.

Como era antes e como que é agora?
Ah porque tudo que eu ia fazer eu tinha medo.

A senhora saía sozinha?
Não, sozinha eu não saia não porque eu saia muito com os meus pais ai depois comecei a sair com os meus filhos, né?

A senhora levava os filhos para passear?
Isso.

Porque a senhora já não tinha medo de pegar ônibus, por exemplo a senhora saia com eles ia na casa dos parentes?
Isso, passeava bastante porque eu vim pra cá pra morar aqui na Raposo e meus pais moravam em Itaquera né?

Ah, do outro lado da cidade tem que pegar bastante condução?
Isso, meu pai às vezes quantas vezes ele queria vir na minha casa e não vinha.

Então, você que ia lá?
É porque eles tinham que pegar ônibus quantas vezes eu queria ir na cidade comprar uma roupa e não podia.

Depois que se formou a senhora acha que é mais independente?
É eu acho.

É a senhora teve algum momento assim de crise, a senhora não sabia se tava certa ou não .
Antes de eu entrar aqui na USP eu não achei emprego numa firma eu gostava de trabalhar em fábrica né? Como eu não consegui em lugar nenhum eu comecei a trabalhar em casa de família de diarista você sabe né?

Eu sei de limpeza né?
Ai chegava na casa das pessoas e falava assim : “ai minha amiga vai arrumar um serviço para mim na USP” ai as pessoas falavam assim pra mim : “você ta pensando que a USP vai pegar uma analfabeta igual à você” eu me sentia um nada.

Nossa, mas também as pessoas não tem o direito de falar assim com a outra.
E ai quantas casa eu falava que eu ficava com tanta vontade até que uma colega minha ficou prometendo esse emprego aqui fazia uns 3 anos eu já não acreditava mais e quando os outros falava assim pra mim : “imagina que a USP vai te pegar” ai caia mais a moral né?

Em vez de ajudar e dar incentivo, põe para baixo, tem gente que não tem o que fazer né?

Aí depois quando eu entrei aqui eu falei “ta vendo como Deus é bom”, demorou mas chegou.

Agora, dona Ester, para a gente encerrar: O que significa a escola na vida da senhora?
Na minha?

É na sua vida.O que significa a escola na vida da senhora?
Ah, significou muito, muito mesmo.

Conta pra mim que sentimento a senhora tem da lembrança de quando a estudava?
Ah, me sinto bem melhor olha antigamente eu não pegava a bíblia não lia agora eu pego a bíblia e sei ler quando eu não consigo entender eu volto para trás torno a ler aquele pedaço eu aprendi que muita coisa não é você ler é entender.

Que nem um papagaio, ler, ler, ler e não sabe o que esta lendo.
Isso, só aprende decora mas não aprende, para mim a minha vida melhorou muito por que tudo que você faz com a força de vontade e sacrifício vale a pena para mim a escola foi a mesma palavra, assim, será que você vai agüentar depois lidar com as crianças pequena querer ele queria ele me dava muita força pra mim ele me deu apoio depois.

Que bom né? Assim que é uma família um ajudando o outro.
E ele fala hoje para mim: “sabe que você tava certa”, se eu tivesse estudado naquela época à 30 anos atrás e sabe que pra tudo tava...os outros fazem você de boba Por que que nem meu marido trabalhava em um lugar e ganhava um salário não era registrado com aquele salário até outro dia tava falando nas empresas de ônibus que paga hora extra e não marca na carteira hoje ele ta ganhando 1 salário mínimo e sabe porque? Porque não soube né? Lutar por aquilo. Agora eu se me fazer de boba eu sei se mexer eu vou atrás dos meus direitos.

Então a senhora acha que até nisso a escola ajudou, a lutar pelos seus direitos. A senhora acha que se não tivesse estudado seria do mesmo jeito que a senhora é hoje?
Não, não era não. Me enganaram muito os outros me faziam muito de boba eu fui muito enganada.

E depois, isso mudou?
Isso mudou.

E a senhora acha que isso é responsabilidade da escola?
Isso, eu aprendi que cada um tem os seus direitos o cidadão, e o povão.

Claro que mesmo a pessoa mais simples ou a pessoa mais rica, tem direitos como ser humano, não importa se ela tem dinheiro ou não, as pessoas tem direito como ser humano e os direitos são iguais .
E outra coisa eu ainda não sabia mais eu aprendi que cada um deve se procurar o seu direito procurar o seu advogado de graça a sua defesa eu aprendi muita coisa.

Isso mesmo porque mesmo para aquele que não pode pagar, em nossa sociedade o Estado tem que oferecer uma defesa gratuita para aquele que não pode pagar.
Isso, eu já to procurando agora para me aposentar mas agora quando chega lá vou falar: “faz as contas ai para ver quanto é que eu vou ganhar”. Não bota fé que eu vou me aposentar lá com o salário que eles querem não porque agora eu to esperta aprendi muito assim.

É por que quando a gente chega na aposentadoria já trabalhou a vida inteira então esta na hora de descansar e usufruir todo o trabalho que a senhora já fez, nada mais justo não é? A gente precisa do retorno do trabalho de uma vida inteira. E nessa hora receber um salário mínimo, quer dizer...
É fazer a gente de bobo né?

Não pode . A senhora esta certa tem que procurar os seus direitos.
Então, eu queria agradecer a senhora, muito obrigada pela entrevista.
Foi muito bom conversar com você!

Entrevista: Mauricio

Hoje é dia 15/07 e vamos começar a entrevista com o Mauricio

Mauricio aqui esta marcando que você entrou no termo 2 em 1998 certo?
Certo.

Só que antes disso você já tinha ido para a escola?
Já.

Você estudou ate que serie?
Eu estudei ate a 4ª série no...comecei Rosa Bonfiglioli e terminei no SESI aqui em Osasco.

Como era o nome da escola?
Escola estadual Rosa...Rosa Bonfiglioli

Então você tinha estudado até a 4ª série quando você entrou no NEA?
Isso.

E porque parou na 4ª série o que aconteceu Mauricio por que você não continuou estudando?

Falta de vontade. Eu estou sendo sincero.

Você entrou pequeno na escola...?
Entrei com sete anos. Naquela época entrava com sete anos.

É sim, agora entra com 6, O que aconteceu.
Comecei a trabalhar ai depois falei "vou parar de estudar e continuar a trabalhar".

Então você entrou com 7 anos aí 7, 8, 9, 10.Com 11 anos você já estava trabalhando?
Não, ai repeti uns anos praticamente eu comecei a trabalhar com uns 14 anos.

Daí você parou definitivamente de estudar?
Parei definitivamente.

E só voltou quando você foi para o NEA? Ou nesse meio tempo você foi para outra escola?
Não só voltei para o NEA.

Aqui consta que você fez ate o termo 10. Você terminou ate termo 10 no NEA?
Termo 10 terminei.

Que equvalia a 8ª série?
Terminei até a 8ª série.

Isso aconteceu em 2001 e de lá pra cá você fez mais alguma coisa depois?
Depois eu voltei para o Rosa e fiz ate o 3° ano.

E por que você não fez aqui na USP mesmo?
Porque eu achei que era pouco tempo de aula.

Ah, era pouco tempo.
Pouco tempo de aula então fui para lá por que era mais puxado era até as 11 horas da noite.

Nossa ate as 23:00 e não era complicado isso?
Não, porque era 6 meses de curso.

Então depois do termo 10 você fez o 1°, 2° o 3° lá na outra escola?
Lá no Rosa tudo em 6 meses deve ter durado uns 2 anos.

Deve ter durado 1 ano e meio.
É.Um ano e meio mesmo.

Você sempre trabalhou aqui na FFLCH? Nessa unidade?
Sempre foi aqui na FFLCH.

Na gráfica?
Isso a mais de 22 anos .

Qual o seu cargo? O que você faz aqui na gráfica?
Eu sou auxiliar de gráfico.

E qual o seu horário de trabalho?
Das 8:00 às 17:00 mas antigamente era das 9:00 às 18:00 ai mudaram para as 8:00 ás 17:00.

Então agora eu vou começar a fazer as perguntas mais ligadas à escola.Ta bom?
Ta bom.

Quando você voltou para a escola Mauricio lá no NEA qual foi o motivo? Por que você quis voltar para a escola?
Foi para recuperar o tempo perdido e por necessidade também de melhor as condições de salário.

E melhorou? Por que eu sei que tem o plano de carreira na USP quando você termina um certo nível o salário aumenta um pouco.
É fica aquela disputa de carreira...como é que fala...poucas vagas para muitas pessoas.

Mas com você como é que foi depois que você terminou como é que ficou?
Não melhorou nada.

Não melhorou!?
É porque outras pessoas que eu entrevistei me falaram a mesma coisa que fizeram pensando em melhorar e depois que terminou ficou do mesmo jeito.
Ficou do mesmo jeito, até pensei em continuar fazer uma faculdade porque eu terminei o 3° fazer uns cursinhos mas o dinheiro que eu ganho aqui não dava para pagar então eu acabei desanimando e esse tempo todo pagando os cursos à uns 2 anos atrás ou 3 mais ou menos porque eu não tinha dinheiro para pagar cursinho e entrar aqui é difícil, então desisti de mão mesmo.

Mauricio, o motivo de você ter voltado para a escola era só para melhorar o salário?
É pela cultura também saber mais das coisas aprender um pouco mais.

Mais a sua motivação era essa, era melhorar as condições de trabalho?
Minha motivação era essa melhorar as condições financeiras.

E como é que foi para você a experiência de estar na escola estudando?Quais foram as suas lembranças?
No NEA?

É. Depois quando você voltou como foi estar estudando?
Foi meio estranho assim a gente fazia as coisas na marra, mas depois ia se acostumando com o pessoal ai foi legal.

Mas no começo você achou difícil?

Muitas coisas não por que tinha que relembrar aquelas matéria né? Jany, relembrar aquelas matérias depois de tantos anos parado.

Mas isso é uma coisa comum a maior parte das pessoas quando voltam falam a mesma coisa que no começo já esqueceu um monte de coisa isso é muito comum não é só você.
Ai eu comecei a gostar ai terminei o 3 ° comecei a me empolgar nos estudos,mas no começo é ruim para acostumar tem as amizades que você vai arrumando.

Ai fica mais animado para ir.
Fica mais animado.

Você acha que ter estudado teve algum efeito na sua vida? Se você não tivesse voltado a estudar, hoje você seria a mesma pessoa que você é ou a experiência de ter passado pela escola mudou alguma coisa em você?
Ah, mudou porque a gente aprende mais e tem uma visão mais diferente das coisas que estão acontecendo ao redor da gente.

Você acha que se você não tivesse estudado você seria a mesma pessoa que você é hoje?
De cultura assim de aprender uma coisa diferente não, mas foi bom.

Você acha que a escola mudou alguma coisa na sua forma de pensar a vida, as pessoas?
Não pela experiência que eu tenho pela idade que eu tenho não, cada um tem a sua forma de pensar mas eu converso com umas pessoas umas meninas mais novas do que eu eles já pensam em quebrar tudo bagunçar, entendeu, não é assim, você tem que ser mais observador com as coisas que ta acontecendo e procurar um caminho que não é assim na violência.

E isso você já pensava antes?
Eu pensava assim na infância mas agora não viu Jany, mudança o que teve foi como te falei mais da aprendizagem mesmo.

Então mudou quanto a aprendizagem escolar porque como pessoa você era a mesma.
Era a mesma pessoa só podia ser mais conhecimento os atrasados e os novos, muda também.

Ah, muda porque agora a informação chega a cada segundo muda tudo né?
Muda. Naquela época era de uma forma hoje deve ser de outra.

Você acha que ter estudado mudou alguma coisa no seu trabalho?
Assim de fazer...eu faço a mesma coisa...(risos) não mudou nada.

Mas relações com as pessoas, ajudou a fazer melhor o seu trabalho? Ou não mudou nada nesse aspecto?

Mudou assim não mudou nada o trabalho quem tem que melhorar sou eu próprio né? Se dedicar mais e gostar do que faz.

E a família mudou em alguma coisa, na relação com os filhos?
Bom eu já tinha largado da 1ª mulher da segunda ela não pegou esse tempo do NEA ela pegou mais do colegial.

Você acha que estar na escola ajudou nas relações com a família?
Ajudou porque às vezes ela tinha duas meninas mais velhas a Lívia e a Janaina então às vezes quando eu tava no segundo grau ai elas me ensinaram alguma coisa a gente sentava, conversava ela me explicava algumas coisas a gente fazia trabalho, umas contas de Física de Matemática.

Você acha que a escola ajuda no diálogo, na convivência com outros?
Ajuda sim na convivência com a família com os filhos é bom.

Você acha que antes da escola você tinha essa abertura para falar dos problemas com a família, a escola te ajudou a pensar que isso era importante ou você já era assim?
Na minha família pra falar dos problemas a gente conversava ,discussões a gente sempre teve isso é normal mas tem que conversar, sentar , jantar junto, rotina né? Sentar na mesa ai depois desliga a televisão depois janta conversa de novo, fazer tudo junto né?

Mauricio, isso foi em 98 a gente já ta em 2008. Dez anos depois de você voltar para a escola olhando para trás como é que você vê essa experiência de ter voltado para a escola você faria isso de novo?
Ah faria né? Precisa né? Como eu tava falando hoje para conseguir alguma coisa melhor tem que ter o estudo então eu voltaria.

E quando você lembra da escola você tem lembranças boas ou ruins quais foram as lembranças mais importante para você dessa época de escola depois de adulto?
Do NEA foi legal por que não tinha muita bagunça falava pouco lá na sala de aula as pessoas eram legais quem queria aprender aprendia e no Rosa, nossa no Rosa era um terror....risos

É por que era muito diferente?Como era?
Era muito diferente aqui no NEA era mais tranqüilo lá os alunos eram muito...

As turmas também eram pequenas aqui e lá também?
Lá era 32 na classe mais ou menos depois abaixou ficou uns 20.

Nossa, é que depois vai saindo gente
Mas os alunos da escola publica nossa é terrível a gente fala moleque mas é aqueles que 18, 15, 20.

Ah então tinham pessoas mais jovens?
Mais jovens.Então é um terror na classe ficava jogando baralho, gritando tomando pinga o pessoal não falava nada.

Nossa, na sala?
Na sala.
Até que nós mais velhos se reunimos nossa sala tinha mais pessoas mais velhas e nós e uns nos tiremos da nossa classe e foram pra outras das idades deles lá ate que a classe ficou mais organizada não ficou muito aquela bagunça, todo mundo bagunça um pouco, né?Mas não aquela bagunça.

Conversa, isso é normal agora jogar baralho já é de mais né? Por que assim não dá nem para estudar.
É cada um passando prova pro o outro a prova feita a professora via. Nossa dava o maior rolo.
E desmotivei de ir pra escola, os caras fuma muito, bebe muito, muita droga lá, tem os moleques que não quer nada ai depois chega no fim do ano quer passar , ai as vezes passa sem saber nada as vezes até eu falava pra eles : "ôrra meu você tem que estudar ainda to aqui por que eu to trabalhando eu tenho uma certa idade mais vocês que tem 15, 16, 18 anos vocês ficam bagunçando ate adoidado vocês vão e passam e na hora de vocês procurar emprego ai vem mais um teste para fazer vocês não vão passar", ai não sei se continuaram depois eu terminei né? Um moleque melhorou um pouco mais os outros continuaram do mesmo jeito né? Eu tenho amizade com uns que eu vejo de vez em quando na rua e um ou outro continua estudando já faz uns 2, 3 anos que tão ainda estudando desde daquela época ainda né?Que já podia ter terminado eles só fazem trabalho né? Eles passam mesmo só faz trabalho né?Então passa de ano mesmo .

Mauricio você acha que ter estudado mudou a sua vida? Mudou você?
Ah penso diferente eu encaro as coisas assim e tiro as conclusões não é tudo que se transmite para nóis acredita né?Eu não era muito assim eu acreditava em tudo que eles falavam no que eu lia no jornal eu tirava a suas conclusões mas ai....

Você acha que hoje você esta mais critico?
Hoje eu to mais critico.

Ah, que legal!
Tem pessoas que já viu né? É aquilo é aquilo e tira a suas conclusões.

Então agora eu queria que você me contasse quando entrou na escola você queria melhorar as condições de trabalho a questão financeira e depois.
Ah no começo a intenção né? Era de melhorar o salário e no meio foi que eu não tinha esse negócio de referência aí.

Ah é são referências.
Aí no meio disso você vai estudando, estudando e eu não podia participar porque não tinha o grau de estudo que eles tão exigindo, que a reitoria estava exigindo ai tudo bem esperei terminei até o 4° ano é 4° ano né?

É

De novo aí depois eu fui fazer o colégio ai pensei assim:”quando eu conseguir pegar o cargo aí você apresenta aqui no D.P para a reitoria ver” mas não ganhei nada,bem dizer minha cultura, conhecimento mas a questão financeira de me ajudar assim não tive nada.

Não seria obrigatório, por exemplo todo mundo que terminasse o Ensino Médio no plano de carreira teria a referência não é assim?
Não, não é assim que funciona não.

Ah eu achei que fosse assim todos que tivessem terminado obrigatoriamente mudavam de ...
Não, porque aqui eu sou procedente de vagas por exemplo aqui nós somos em 300 aí eles te dão que nem nessa última 5 vagas para o básico, acho que 6 para o técnico isso é só um exemplo não sei direito e umas 3 ou 4 para o superior, para atender todo esse pessoal não dá.

É muito gente.
Então, a não ser aqueles que são mais colegiados, são mais chegados na chefia “puxa o saco” vamos dizer assim “baba ovo” ta ali aí consegue agora pra você trabalha assim mostrar o que você faz,que ta trabalhando fazendo suas coisas direito sem chances.Mas o estudo para mim foi bom, foi bom porque eu pelo menos cheguei até o 3° que é onde que eu to mas financeiramente foi uma ilusão.

É financeiramente foi uma ilusão, mesmo tendo sido uma ilusão aspecto financeiro você acha que valeu a pena?
Valeu pelo conhecimento da cultura valeu. Eu não dei continuidade porque muito difícil entra na faculdade mas quando eu terminei o 3° eu tava empolgado de continuar mais aí você vê....

Mas você sabe Mauricio, que no Brasil não é só a sua condição mesmo as pessoas mais jovens que acabam o Ensino Médio param porque não tem universidade para todo mundo. Tudo começa com o Ensino Médio, as matriculas diminuem muito mesmo para aqueles que seguiram desde criança e concluíram a 8ª série
Necessidade de trabalho tem uns que conseguem trabalhar no outro dia e estudar a noite.

É daqueles que fizeram o Ensino Médio para o Ensino superior então o numero cai mais ainda, porque também as universidades na maior parte são particulares, pagas e são caras aí torna-se mais difícil o acesso ao Ensino superior.
Então, mas foi bom Jany, foi legal eu aprendi muito com você.

Mas eu tenho saudade da turma das pessoas.(Vendo as fotos),
É da minha época.

Ó esse é o seu Antônio, que eu falei que se machucou acho que você não conheceu também. Não foi da sua turma ...seu Antônio Santos esse daqui é o Artur ele trabalha lá na faculdade ainda.
Esse eu acho que eu conheço mas ta tudo negrão aí nessa foto(risos).

É o xérox que é preto e branco então não aparece direito.

E todos ai terminaram?

Não, muitos não terminaram.
Mas daquela época desistiram também?Mas também daquela época muitos pararam não foi?

Alguns, pararam voltaram, pararam, voltaram ...
Ainda bem que eu cheguei até agora até o 3ª né?

É muito bem! Esse aqui ele trabalha lá na FFLCH.
Ah, o "Piva" o motorista ele ta trabalhando aqui de motorista ele ta aí.

Eu vou falar com ele para ver se ele pode marcar uma entrevista também.
Acho que ele não estudou com você né?

Não ele já entrou no termo 5, mas ele estudou lá também.
Ah o Piva....

Eu fui no Bandejão, tinha bastante gente da cozinha. Da COSEAS, mas tava todo mundo de férias você acredita?
Ah, Junho, Julho.

O Jesus, esse foi da sua turma não foi?
Foi.

Ele trabalha no posto de saúde do Butantã.
Ele ta lá ainda?

Esta eu fui lá.
Olha o seu João esse que eu tava falando o seu João você lembra dele?
Da prefeitura? Ele ta careca agora(risos).

Ta careca?! Aqui ele tava com cabelo.
Ele ta na prefeitura.

Eu fui na prefeitura e disseram que ele esta aqui no COZEAS.
Olha aqui o "Cafu" também é da nossa época.
Eu lembro dele também.

Também parou esse danado aqui.
Também?Mas não voltou mais?Não to vendo mais ninguém se formando.

Você está dando o exemplo heim?(risos)
O "Piva" também o "Piva" continuou.

É o "Piva" também .

O seu Jose, não sei onde foi parar .

Eu acho que é da prefeitura né?

A dona Luzia não tem foto você lembra da dona Luzia?
Eu vejo ela de vez em quando ela ta acho que na química né?

Ela se aposentou e vem aqui só para vender, vender jóias, vender as coisinhas dela para ganhar dinheiro .
Vendendo?!(risos)

O que eu puder te ajudar....

Nossa, me ajudou muito e quero aproveitar a oportunidade para te convidar para defesa, ainda não tem data, mas quando tiver...

Entrevista: Reinaldo

Vou colocar a data aqui, dia 08/04.
Na 1ª parte eu só vou pedir pro senhor para falar pra mim alguns dados pessoais.
O nome inteiro do senhor.
Reinaldo Santana Moura.

Que dia que o senhor nasceu?
Dia 08/02/1956

Estado civil?
Casado.

Senhor tem filhos?
Dois, um casal.

Onde o senhor nasceu?Qual cidade?
Santo Estevão.

Onde fica?

Bahia.

Agora é sobre a escolaridade. Quando o senhor entrou no NEA para estudar o senhor já tinha estudado antes ou foi a 1ª vez?
Eu tinha estudado um pouco antes.

Como foi ?Onde que o senhor estudou antes?
Lá na Bahia mesmo.

Na Bahia, o senhor estudou até que série lá?
Lá não passei da primeira foi a primeira série não completa né.Mas comecei antigamente nos anos 70 né.

Em que série o senhor entrou no NEA?
Eu entrei do começo já fazendo o ABC com2 aquelas letras eu fazia letras ABC,ABC mais com nomes.

Então era como se fosse a 1ª série, termo-1 né?
É.

E o senhor lembra quando o senhor começou a estudar?
Eu comecei a estudar aqui em 92 eu fiquei 2 8anos afastado...eu não lembro bem...

Mais ou menos, né! Daí o senhor parou dois anos...
Foi dois anos eu fiz uma cirurgia, eu operei e fiquei 2 anos e 4 meses afastado.

Eu não sabia que o senhor tinha ficado doente?
Fiquei, eu operei de um câncer né.

Nossa seu Reinaldo! Mas agora o senhor não tem mais nada?
Não.

Ai graças à Deus o senhor tá bem, né?
Graças à Deus.

Eu não sabia que o senhor tava doente não.
É eu operei de um câncer no intestino.

O senhor hoje ta bom né, não parece que teve nada.
Parece que não teve nada né.

E depois que o senhor parou esses dois anos o senhor voltou a estudar logo em seguida ou não?
Não, demorei um pouquinho ai teve uma época que a reitoria pediu junto com a professora Estela pediu que todo mundo que não tinha leitura tinha que voltar a estudar né, aí foi em 96,97,98 aí voltei,aí já voltei firme desde aquela época ai voltei com você ali aquela época aí já voltei firme desde então fiquei até o ano passado.

Ai o senhor ficou e não saiu mais?
Não sai mais, fiquei 4 anos firme mesmo, foi 4 anos firme mesmo.

Ai o senhor saiu em 2007 foi isso, quando fechou o curso?
Foi.

Em qual unidade o senhor trabalhava? Foi sempre aqui na Educação?
Foi toda vida aqui na Educação.

E o que o senhor fazia quando o senhor entrou aqui?
Eu fazia limpeza.

E depois, hoje o senhor esta na copa não é?Por onde o senhor passou ate chegar na copa?
A copa pertence aos serviços gerais é serviços gerais ou não sai da função eu continuo na mesma função que eu tenho.

Ah ta serviços gerais. Só que agora o senhor ta na copa né?
Serviços gerais, é agora eu to na copa.
Nossa equipe era com 7 pessoas,8 pessoas e agora nos ficamos em dois.

Nossa, que desfalque!
Desfalque né e eu que tenho que fazer tudo é arrumar mesa é cadeira eu que faço todo o serviço é a mesma coisa que eu fazia só mudou algumas coisa que eu carregava alguns moveis e agora não carrego mais por falta de gente agora não carrego mais mas as mesmas coisas ,continua as mesmas coisas.

Meu Deus seu Reinaldo e eles não pensam em contratar mais gente não?
Por enquanto não fala nada.

É difícil né, desse jeito.
Eles tão falando em comprar uma maquina pra fazer café né, pra adiantar um pouco mais o nosso lado.

Entendi.O senhor também faz café?
Faço café.

Daí que fica mais pesado ainda tem mais coisa para fazer.
Mais coisa para fazer.

Agora eu vou começar a perguntar as coisas da pesquisa, sobre a escola. Quando o senhor entrou, o senhor estava retornando para a escola o senhor já tinha estudado um pouquinho lá na Bahia.Qual foi o motivo que fez o senhor retornar ?
A precisão a necessidade primeiramente porque a necessidade a precisão, e era umas coisas que eles pediam tava pedindo eu sentia mesmo que eu precisava mesmo estudar eu achava eu precisava mesmo.

Mas porque que o senhor achava que precisava estudar, qual era o motivo?
Olha, porque eu achava que a gente precisava estudar porque eu via o nome e não sabia o que estava escrito, via por ver né, via por ver só o nome que você conhecia mas não sabia o que estava escrito então é uma pessoa que não enxerga né via e não sabia que via aí eu achava que aquilo ali era um ponto que precisava de estudar.

O senhor se sentia mal quando o senhor via e não sabia o que estava escrito?
Não, mal não.

O senhor só queria saber o que era?
Só queria saber o que era.

E como é que foi seu Artur eu queria que o senhor contasse para mim como é que foi voltar para a escola, ser aluno, estar estudando como é que foi isso para o senhor?
Eu achei que foi muito bom.

Foi muito bom?
Muito bom, assim muito bom, muito legal teve umas horas de dificuldade também né.

Que tipo de dificuldade?
Que eu sempre eu brigava com as professoras com você não foi o caso porque não chegou a ter isso, mas teve com muitas professoras eu disse: "faço de tudo mas eu não levo lição para casa".Eu não gostava de levar lição para casa alguma vez que eu pedia para os meu filhos me ajudar a professora achava que não era eu que tinha fazido, pelo tanto que escrevia mesmo que fosse eu mesmo ia escrever mais pouco com palavras reduzida né,então eu não sentia bem porque eu queria fazer alguma coisa assim pra mais né,e ai pedia ajuda e ai meu filho ia falando, mesmo que meu filho falava,ele falava as palavras e eu ia escrevendo quando tava errada a palavra ele falava: "a palavra ta errada vê que letra é que ta faltando" aí eu tentava consertar isso aí.

Então, tirando essa coisa da lição de casa que o senhor não gostava,que lembranças que o senhor tem da escola?
Dos amigos.

Dos amigos? O senhor sente falta?
Sinto falta.

Como que era, o senhor vinha para a escola e encontrava os amigos?
Ah, porque era sempre os amigos que eu nunca tinha visto, pessoas que não era daqui dessa mesma comunidade era de outra comunidade.

O senhor fez muitos amigos?
Fiz muitos amigos, eu tenho muitos amigos né, porque depois de uma semana eu perguntei pela Dora né, a gente estudou junto, bastante tempo. Têm uns que ainda hoje a gente conversa no telefone lembra da data de aniversario, da Ana Paula a Ana Paula professora eu lembro do aniversario dela ate hoje e sempre que tem o aniversario dela eu ligo para ela: "ai Artur você não esquece é só você mesmo" dia 24 de Junho o da Ana Paula.

Eu conheço a Ana Paula.
É a Ana Paula.

Acho que ela ta fazendo uma matéria comigo.
O senhor estudou ate que serie seu Reinaldo.
Aqui, até a 8ª.

Então o senhor conseguiu terminar até a 8ª. Que bom seu Reinaldo!
É.

O senhor acha que ter estudado, teve algum efeito na sua vida, mudou alguma coisa na sua família, no seu trabalho?
Não.

Se o senhor não tivesse estudado o senhor acha que ia ser do mesmo jeito que é hoje?
Do mesmo jeito.

O senhor acha que não mudou nada ter estudado?
Não, não mudou nada.Mudou assim um pouquinho mais o conhecimento, muita coisa eu passei a conhecer de outro modo que eu não conhecia pensar alguma coisa, no que eu era antes em tempos teve uma época que eu teimava com as professoras com as professoras que tinha mais liberdade eu teimava as coisas ai com o tempo eu tentava encaixar aquilo que era uma coisa e outra coisa, então eu aprendi bastante,agora no meu modo de viver...

Não mudou nada?
Não mudou nada.
O senhor acha que seria a mesma pessoa se o senhor nunca tivesse estudado? Seria do mesmo jeito que o senhor é hoje?
É do mesmo jeito.

Na casa, no trabalho, em todos os lugares?
A mesma coisa. Continuo fazendo o mesmo serviço, recebendo ordem das mesmas pessoas que eu recebia, os mesmos filhos a mesma mulher,os mesmos colegas.Agora no lado do conhecimento a gente muda sim a gente começa a ver outro lado das coisas como eu gosto assim de esporte e meio ambiente eu sei que uma arvore tem sentimento eu achava que uma arvore era um pedaço de pau mas não é um pau morto é um pau vivo ele tem sentimento a gente corta ele tem rede ou água ele vai sair é igual você se levar uma pancada você chora,uma árvore se você bater nela ela vai chorar porque tem vida, ela murcha.

Se a gente pensar em 97 o senhor voltou a estudar até hoje, são 10 anos, como senhor avalia essa período?
Pra mim foi uma experiência muito boa.Porque muita coisa a gente sentia muita dificuldade que ate hoje eu sinto eu fui até a 8ª eu penso assim uma criança que ta na 8ª série sabe muita mais ler do que eu ,sabe muito lê já vem com o nome e lê e eu ainda fica tentando juntar letra por letra,juntando palavras pra dizer aquele nome se for letra graúda é mais fácil se for letra miúda eu sinto mais dificuldade então eu sinto que eu melhorei bastante

no caso de que de um ônibus que eu pegar, eu toda vida peguei ônibus sozinho graças a Deus eu com 18 pra 19 anos eu vim pra São Paulo sozinho eu não sabia ler.

Que coragem né!
Eu vim pra São Paulo direto eu to fugindo do assunto mas dentro do assunto.

Não, eu entendo o senhor nem sabia ler e veio, já pegava ônibus e se virava.
Eu pegava ônibus já sabia para onde que eu queria ir tinha hora que eu perguntava para as pessoas perguntava ele falava o nome e anotava uma pessoa: " me da o endereço aí" anotava o numero é aquele, "esse vai para aquele lugar?" "vai". Hoje não eu já penso já no nome primeiro,quando eu vou pegar o ônibus "ah você vai pegar ônibus tal" aí eu fico tal nome,tal nome eu fico já pensando no nome do ônibus que ônibus que pode vim e eu vê o que ta escrito uma comparação né, "esse vai para tal lugar"? "Vai" se não, não é outro ônibus que vai mas nunca aconteceu a gente já ta calejado né,ta acostumado.

Seu Reinaldo, depois de ter entrado na escola o senhor acha que a escola era como o senhor imaginava ou era diferente?
Eu já pensava do modo que era só que eu pensava que ia aprender mais rápido, eu tinha vontade de aprender mais rápido, tinha vontade de aprender muito rápido eu fiquei sabendo das coisas muito rápido e por isso até que eu conversava muito com as professoras porque eu via as coisas muito rápido não tem aquele negocio de ficar pensando e elas falavam: " não Artur vamos aí tem os outros colegas eu não posso falar isso pra você vai ter uma hora que o senhor vai aprender isso ai".

Mas o senhor tinha pressa para aprender logo?
Para aprender logo, e as vezes não era pressa tanto para aprender era só curiosidade mesmo de saber das coisas rápido eu queria.

Isso é bom né, querer saber das coisas conhecer o mundo é uma coisa boa.
Um ano passou do planeta, de Marte, tal eu queria saber de tudo logo bem rápido eu era muito curioso.

Mas então a escola era do jeitinho que o senhor pensava? Só que o senhor queria aprender mais rápido?
Eu queria aprender mais rápido.

Mas a escola era do jeito que o senhor pensava?
Do jeito que eu pensava.

Então seu Reinaldo, agora eu vou perguntar um pouquinho dessa coisa que o senhor tava contando agora pouco. O senhor saiu lá da Bahia com 18 anos e veio para São Paulo sozinho?
Eu e meu irmão.

Ah o senhor e seu irmão.Vocês tinham algum parente, alguém da família por aqui?

Tinha mas eu não sabia né. Aí fui parar na casa de uma pessoa por um acaso ai quando eu desci porque eu conhecia mais ou menos a cidade como era né, eu como era de Santo Estevão né, mas eu conhecia Salvador já tinha ficado em Salvador isso,aquilo ai então eu peguei o ônibus lá na rodoviária e fui parar em Cotia meu carro não foi parar em Cotia meu carro foi parar na Lapa olha a diferença de falta de conhecimento que não deu certo porque eu pensava que São Paulo era igual a Salvador porque se fosse em Salvador o ônibus da a volta na cidade e passa pelo mesmo lugar. Ai eu pensei quando eu vi o ônibus Cotia dentro da rodoviária eu tive o mesmo pensamento eu peguei o ônibus aqui e era para descer na Lapa mas eu não tinha o endereço de ninguém aí eu peguei fui lá em Cotia desci tal, entrei num bar.Quer saber dessa história?

Ah, eu quero saber!

Aí desci num bar parei com umas sacolas né, eu e meu irmão aí nós pedimos uma coca aí tomamos uma coca não chamava coca era gazeada ai nos pedimos uma gazeada nós jogamos uma partida de sinuca mas a gente viu que o pessoal tava muito olhando para nós né, meio cismado de dizer sim ou não daqueles rapazes ali,aí nos jogamos,aí eu falei com o meu irmão,o Orlando : " Orlando vamos conversar com aqueles caras do bar a gente precisa conversar serio" ele disse: "porque"? aí eu disse: "tu não ta vendo que aquele pessoal ta olhando pra nós?" "nós chega aqui pede uma gazeada e fica jogando com a sacola ai do lado" aí nos chegamos e jogamos outra partida de sinuca e pedimo outra ficha na hora que a gente pegou as fichas eu vi que ele deu uma olhadinha para nós né,disfarçou mas deu uma olhadinha, ai eu cheguei : "Sabe o seguinte? Eu cheguei da Bahia agora e ia pra Lapa aqui mas eu peguei o ônibus e parou aqui.Aqui onde é?" aí eles disseram: "aqui é Cotia quilômetro 21 no quilômetro 21 indo para Cotia" eu disse: "então ta bom" ai eles disseram: "mas o senhor é da Bahia?" eu disse: "Sou mas cheguei agora,desci aqui tal,disse que tinha uns parentes nosso,não é parente é conhecido nosso que mora na Lapa mas peguei esse ônibus mas sabendo que não era para onde a gente queria ir,ele disse: "ah é?" eu disse: "é" ai ele falou: "sabe que aqui tem um rapaz chamado Jorge que é da Bahia, você conhece o Jorge?" eu disse: "não eu não conheço Jorge" ele disse: "De que lugar da Bahia vocês é?" eu disse: "Santo Estevão" , "Santo Estevão" ah, eu disse: "E você também é?" ele disse: "Eu sou da Bahia mas não sou de Santo Estevão, eu sou de Cruz das Almas" eu disse: "Ah ta bom eu conheço Cruz das Almas" ai ele disse: "O Jorge trabalha numa fabrica de papel ai embaixo, 6 horas ele passa aqui vocês sendo meu conterrâneo e vizinho quem sabe vocês não podem arrumar uma , pra trabalhar na fabrica né, com ele".Aí nós continuo conversando,jogando, né e eu disse: "ta bom" aí nos ficamos esperando o Jorge aí ficamos falando bem com ele, com o dono do bar, a gente falou para o dono do bar que tava com fome, ai ele serviu almoço a gente almoçou lá, aí ele já chegou: Jorge "tem dois rapazes da Bahia e é da sua cidade,você quer conversar com eles?" ele disse : "quem"? Aí gente pensou que ele não queria e tal mas depois foi lá ele perguntou: "você é filho de quem lá?" eu pensei em falar o nome do meu avô né, eu disse : "eu sou neto de Artur" ele disse: "Ah você é neto de Artur Moura" eu disse: "sou".Eu não pensei em dizer do meu pai porque meu pai não é conhecido, dizer para o pessoal meu avô era conhecido como fazendeiro né e meu pai não era, meu pai sempre viveu da migalha do meu avô aí eu falei que era neto de Artur, e ele disse: "Sabe quem eu sou?Eu sou Jorge filho de seu , o terreno do pai do Jorge era encostado com o do meu avô.O terreno do pai do Jorge era encostado com o do meu avô Artur.

E vocês saíram de lá e foram se encontra aqui em São Paulo?

Vai encontrar aqui,aí comecei a falar dos parentes dele que eu conhecia você é sobrinho,tem um tio isso tem uma prima assim, ai ele falou: “vamo lá para a minha casa” ai fomos para a casa dele ai ele disse : “lá na fabrica ta precisando de gente para trabalhar,você quer amanhã a gente vai”ai no outro dia nos ainda fomos,nos fomos ai ele mandou tirar uma chapa do pulmão nós tinha que tirar aqui em Pinheiros, porque nós tava lá ficou aquela noite lá e no outro dia nos foi para Pinheiros ele disse : “vocês pega o ônibus que vai para Pinheiros,chegando em Pinheiros,tem homem que tira a chapa,tem gente que fica falando,gritando, aí vocês tira a chapa e volta de novo aqui para a minha casa pra depois ir lá na fabrica levar a chapa, Jany foi uma correria,correria,correria que valeu a pena,nós trabalho lá na fabrica 1 mês e 15 dias e não foi o que a gente queria a fabrica não era o que a gente queria porque não era um ambiente adequado para nós ai eu cheguei disse : “Jorge, foi muito bom trabalha com você não to desfazendo daqui da fábrica,nós já vamo sair porque a fabrica não dava pra nós” ai ele falou: “ Por que não da? Vocês não se dão bem,vocês não se dão bem com as meninas?” tem muita menina eu disse: “ Eu me dei bem o pessoal gosta de gente,são muito simpático” ai ele ficou fazendo um pouquinho de charme para cima da gente para ver se nos aceitava ai eu disse: “Não,não quero eu quero mora em obra eu quero trabalha em obra em construção eu tenho conhecimento em construção porque na construção a gente pode trabalhar, pode dormir lá e tem horário pra nos chega” aqui não tem jeito lá não podia nos trabalhava numa fabrica,trabalhava voltava pra casa,lá não tinha ninguém pra fazer comida não tinha lugar a casa dele era dois cômodos a gente dormia no chão uma dificuldade tremenda aí um dia de domingo nos foi pra Lapa passear na Lapa que era muito conhecida era esse lugar que era pra gente chegar num dia de domingo pra ir pra feira da Lapa que lá na feira da Lapa a gente via gente conhecida o nosso caso era esse era pra chegar num dia domingo de manhã e ir pra feira da Lapa, nos levamos 4 dias é um ‘barato’ viu foi um ‘barato’.

E acabou dando certo o senhor foi depois pra feira da Lapa...
Fui pra feira da Lapa, aí chegando lá nos também tava sem saber de nada, chego lá ai começou a andar, encontro uma pessoa,depois que encontrou um ai depois começou a encontrar o outro,o outro aí um rapaz falou que a gente ganhou 5 sorvetes por que nos ganhamos esses 5 sorvetes porque comia sorvete com farinha.

Olha só!
Para economizar dinheiro para levar para a Bahia.

Ah, entendi pensei que ele comia porque gostava de farinha.
Não, ele queria economizar dinheiro,porque o caras quando eles vem não os que vem pra ficar mais a maioria dos que vem pra voltar eles fazem a maior economia pra voltar com dinheiro e depois chegar lá e dizer que São Paulo é a “mil maravilha” pra dizer que: “tem dinheiro em São Paulo e eu voltei com tanto” então lá é maravilha e pior que quando chega lá engana as meninas tudo viu.

As meninas ficam achando que ele ta rico né?
É que ta rico.

Então, seu Reinaldo, depois como é que o senhor veio parar na USP?

Eu vim parar na USP pela graça de Deus,primeiramente foi a graça de Deus,primeiramente foi uma oportunidade que Deus me deu.

O senhor tava trabalhando na obra?
Não, aqui nessa obra aqui desse prédio aqui eu morava de aluguel na casa de um rapaz né, e esse rapaz era pedreiro ele pegou um serviço em frente aqui...

Pra fazer a faculdade de educação?
É.

Ai que legal seu Reinaldo, senhor que fez a faculdade?
Foi.

Que legal!
Aquelas paredes da garagem foi eu que fiz ajudei fazer,essas paredes o prédio já tava feito mas só recentemente que saio daqui né, ele me chamou: você quer trabalhar comigo?" eu tava desempregado né, eu tinha saído de um serviço naquela mesma semana eu disse: "quero" ai eu fui, trabalhei,trabalhei 11 meses na construção ai foi uma época que tava pegando gente aqui 1986,naquela época fazia ficha,ai eu fiz a ficha em Fevereiro no fim de Janeiro para começo de Fevereiro foi em Janeiro,em Janeiro eu fiz a ficha aí teve a entrevista eu trabalhava aqui,deu tudo certo,eu vinha trabalhar aqui.

Seu Reinaldo me fala o que o senhor aprendeu na escola, quando o senhor tava estudando o que foi o mais importante que o senhor aprendeu na escola?
Sabe lê e escrever a minha preocupação era saber ler e escrever eu sabendo ler e escrever.

Era o que o senhor mais queria?
Era o que eu mais queria, bem.

Ler e escrever bem?
Bem.

Por que o senhor então, se inscreveu no curso de alfabetização? Foi por isso?
Era.

Por isso que o senhor veio estudar?
Isso.

O que o senhor acha de uma pessoa que não tem estudo nenhum, só tem aquele pouquinho de estudo que não consegue nem ler o ônibus direito?
Quando eu vejo essa pessoa é fácil de conhecer tem horas que as pessoas te engana, porque a pessoa chega com dificuldade pra ler: "ô fulano esse ônibus passa em tal lugar?" as vezes ele sabe que passa,ele tem certeza que passa mas ele tem duvida de pegar a condução errada.É quase um perdido, é um perdido com conhecimento ele sabe que aquele ônibus passa mas fica com dúvida de chegar.

Ah não, eu pensei que você tivesse falado assim de uma pessoa que não sabe lê que vai pegar o ônibus e fica com medo de ficar perdido. Não é dessa pessoa que você ta falando?
Não, ele á uma pessoa que não sabe lê né, o que ele faz, ele vê o ônibus ele sabe que aquele ônibus vai passar naquele lugar mas ele não se confia,ele fica perguntando.

Pra ter certeza.
Pra ter certeza.

O que o senhor acha da situação dessa pessoa?
É ruim né.

Senhor acha que essas pessoas sofrem muito?
Sofre muito.Sofre todo mundo sofre, é uma comparação que não da nem pra falar.

Não, mas pode falar a comparação que o senhor acha, senhor acha que pode comparar com o que?
É uma comparação igual entre rico e pobre é a mesma coisa que você vê uma pessoa pobre e uma pessoa rica, uma pessoa normal,classe média que tem o dinheiro para fazer sua compra tem seu trabalho e de fazer tudo e de uma pessoa que não tem aquela condição,não tem emprego,vive na rua é a mesma comparação.É bem pesada.

E quando o senhor vê uma pessoa muito estudada, um professor da USP, o que o senhor pensa deles?Qual a diferença que o senhor vê daquele que não sabe lê e daquele que sabe muito que tem bastante conhecimento, como é que o senhor vê essas pessoas?
O que eu vejo, uma pessoa inteligente,uma pessoa que tem mais cultura, que a gente se for pra falar com ele tem que falar com menos palavras.

Por que o senhor acha que tem menos palavras?
Menos você conversa menos você erra.

Ah, o senhor tem medo de errar?
Errar.

Mas deixa eu perguntar uma coisa que agora o senhor me lembrou. Quando o senhor entrou na escola e ainda não sabia ler e escrever muito bem, o senhor tinha vergonha de falar com as pessoas?
Não.

Então porque o senhor tem agora, o senhor já tem a 8ª série e já esta formado?
Não, mas eu não tenho vergonha hoje,mas toda vida eu já tive esse ritmo de que menos você fala,menos você erra.

Então, o senhor já procura falar menos?
Menos. Já procuro falar as palavras mais...certas.

Quando a pessoa for estudada se a pessoa não for senhor fala bastante?

Ah, só que tem uma coisa tem gente que não é estudada mas fala bem.Aqui tem uma senhora que estudava a dona Geomira ela não estudava junto com nós,não sei se você se alembra uma época falava tão bem,bem explicado ela falava as palavras super bem super inteligente,falava palavras correta eu gostava da palavra correta com a leitura pouca que ela tinha, o modo de vida dela,ela aprendeu a falar muito bem,e as vezes essas pessoas é que ignoram se a gente vai conversar com uma pessoa mais estudada mais inteligente eles não dão muito ouvido eles só querem saber o que você ta falando e pode não exigir de você de falar aquela palavra errada e as pessoas que não sabe exige mais.

As vezes ficava corrigindo o senhor?
Corrigindo. A maioria das pessoas que corrigi você nunca foi gente que você acha que tem um grau bem alto que você, sempre é um, dois ou três graus,quatro mais alto que você esses corrigem você, esses que deixa você muito envergonhado.

E o que o senhor acha disso, dessas pessoas que ficam corrigindo o outro?
È ruim né,você fala uma palavra que você sabe que não é muito correta e a pessoa corrigi se você falar para ela,ela fica meio nervosa,você olha pra pessoa e as pessoas inteligentes não fala,sabe que se eu to falando errado é porque você não sabe.

O que tem né cada um fala do seu jeito, que bobagem seu Reinaldo, eu acho uma besteira.
A maioria das pessoas que corrigi você toda vida.

Hoje, seu Reinaldo o senhor lê no seu trabalho escreve alguma coisa?Com a sua relação hoje com a leitura e a escrita o senhor lê alguma coisa uma revista ou um livro? Senhor escreve alguma coisa no seu dia-a-dia ou depois que o senhor sai da escola o senhor não lê e não escreve mais?
Eu não leio.

O senhor não precisa da leitura pra nada?O senhor não precisa da leitura dentro do seu trabalho?
Precisa.

Quando é que o senhor lê no seu trabalho?
Olha, quando chega o pedido pra café, ai vem um pedido assim com papelzinho que ta pedindo:café doce,café amargo,café com bolacha,café com água,café doce,café amargo,bolacha,na sala tal número tal,tal hora essas coisas que a gente lê.

Ai fora disso o senhor não lê?
Não.

Não tem o costume?
Não. Porque eu não tenho costume não tenho tempo e pra falar a verdade eu ando muito cansado, eu saio daqui e chego em casa tem tanta coisa para fazer eu tenho os meus passarinhos pra cuidar nas gaiolas que eu tenho,eu tenho 12 passarinhos que é a maior loucura que eu tenho todo dia que cuidar deles eu chamo de: “meus menininhos” ,eu cuido dos meus menininhos perfeitamente eu tenho amizade com eles como se fosse meus filhos

porque com os meus filhos eu tenho uma conversa com eles,é para conversa um pouquinho e tal e com os passarinhos não,todo dia eu pego eles eu limpo gaiola,boto comida,boto ração,boto fruta,boto água,boto pra tomar banho,põe lá,dia de Domingo eu trabalho,trabalho dia de Sábado também chego em casa 7 horas da noite.

Senhor trabalha de Sábado também seu Reinaldo, mas não é aqui na faculdade não?
Aqui na faculdade.

Nossa, mas até Sábado e Domingo?
Sábado e Domingo. Dia Domingo eu saio daqui 7 horas da noite.

Por que teve seminário alguma coisa?
É ta tendo, tem direto.

Nossa, eu não sabia que o senhor trabalhava de Sábado e Domingo não?
Trabalho, mas é muito bom eu trabalho no que eu gosto viu?

Eu sei. Seu Reinaldo, me fala uma coisa o senhor acha que a sua auto-estima, o seu amor próprio melhorou depois que o senhor estudou?
Melhorou. A minha auto-estima melhorou eu não vou dizer 100% porque 100% é perfeito mas 50% melhorou.

É?
Hoje eu me sinto.

Como o senhor se sente hoje?
Se sinto bem.

Se sente bem melhor do que antes?
Bem melhor do que antes principalmente na minha cabeça.

Ai que bom!
Isso da auto-estima foi uma das coisas que me evoluiu muito, eu senti uma felicidade que tava escondida de mim.

Ai que bom!Que bonito isso!
Por que? Porque a Ana Paula eu falei: “Ana nunca vou esquecer de você,faço de conta que você foi a minha primeira professora” a minha professora chamava professora Estela igual a professora eu gosto muito dela,era a professora Estela lá na Bahia ela foi a minha primeira professora lá na Bahia e a Ana Paula aqui foi uma menina, ela com 24,23 anos ela tem a idade do meu filho mais velho eu descobri a idade dela por acaso.

Por causa da data do aniversário?
Não, não foi nem aniversario.Uma época nos tava conversando sobre a copa do mundo a gente tava falando das coisas que marcaram a época da menina: “você gosta de jogo?” e tal e ai nos descobrimos a idade dela aí eu sei que ela tem a mesma idade do meu filho,ela faz aniversario no dia 24 de Junho do mesmo ano e meu filho faz aniversario no dia 06 de Julho do mês sete,ela faz no mês seis e ele faz no mês sete,bem pertinho,então ai eu

começava a falar com ela da minha auto-estima ela falava: “Artur não se importa com o que os outros fala,o que os outros dizem,quem paga a tua conta de luz,Artur?” “eu” “por que você se preocupa com isso?” Num caso bem simples por que alguém falava alguma coisa e ela falava: “Artur quem paga as contas da sua casa?” “eu”,ela dizia: “por que você se preocupa com os outros?” então,isso eu dei valor aí eu falava assim de conviver com as pessoas eu gostava de conviver com as pessoas mas a gente tinha um pouco de receio e ela dizia: “então por que você tem esse receio?” “você tem que ser a pessoa que você é o dia-a-dia de você ninguém tem nada a ver com a sua vida,Artur”.

E por isso que eu to fazendo esse trabalho. Eu admiro tanto vocês porque, veja bem uma pessoa que vem da Bahia pra São Paulo sem ter onde ficar, sem saber ler e escrever tem que ser muito corajoso pra enfrentar isso, enfrentar uma cidade grande como São Paulo sem ter uma casa pra ficar direito, sem ter nenhum conhecido, sem ter emprego garantido,t em que ter muita coragem, depois casar criar filho, construir uma casa, cuidar de uma família,vocês conseguiram tudo isso.
Eu graças a Deus da minha auto-estima eu falo: “eu sou feliz” ,pela família que eu tenho eu graças a Deus principalmente por já ter a minha casa,meu terreno antes de entrar aqui na USP eu já tinha meu terreno uma casa,era dois cômodo,depois passei pra três,agora minha casa ta com oito cômodos.

Nossa, já é uma mansão já..
È uma casa que tem conforto pra minha família,tenho o meu emprego,principalmente meu emprego né,tenho tudo né, então eu to feliz.Agora eu to feliz mas ainda não ta do jeito que eu quero.

Por que o que tem pra melhorar seu Artur?
É por isso que eu trabalho Sábado,Domingo,todos eventos que tem aqui que me convida eu venho trabalhar porque eu quero mais,pra quando eu aposentar não precisar trabalhar.

Pro senhor ter mais tranqüilidade né?
É.Quando eu me aposentar eu falo o que eu puder fazer hoje.Tem gente que fala assim: “ah, mas você já tem a sua família” eu disse : “minha família precisa de mim,como a minha família precisa do meu emprego,eu preciso do meu emprego agora o meu emprego não precisa da minha família,precisa do meu serviço eu acho isso, tem gente que fala assim: “primeiramente a família” não,primeiramente a minha saúde segundo meu emprego,depois a minha família porque um vem atrás do outro se você tem a saúde você tem emprego depois do emprego você pode cuidar da família,quanto mais você tem um emprego melhor com melhores condições mais você pode dar melhor condições para a sua família, a sua família vai ter um crescimento de conhecimento de qualquer coisa melhor é conforme o seu emprego o que o seu emprego te favorecer,você favorece a sua família do outro lado você tem uma renda melhor, mais alta você ganha isso como foi o caso meu pai, nós pagamos a clinica particular pra cuidar do meu pai, por que nós tamos pagando?A minha mãe teve o mesmo problema que o meu pai mas não pode pagar,porque naquela época a situação era outra era bem pouca ai nos fomos obrigado a cuidar da minha mãe ate o fim da vida dela ali dentro conforme nos podia fazer ,nos cuidava dela direitinho,dentro da nossa casa e a gente já soube e colocamos meu pai numa clinica quem tem medico,tem enfermeira pra cuidar dele e nós tamos pagando caro,mas fazer o que?

Ele esta sendo bem tratado.
Ele que teve sorte, pra falar a verdade ele que teve mais sorte.

Então, fala pra mim, a ultima pergunta agora. O senhor falou que quer mais o que?
Ah, de tudo um pouco viu....

De tudo o que fala um pouquinho pra mim.
Ah de tudo, principalmente com que nos estamos correndo né, ate ele sarar,quando ele sarar eu vou estar melhor e vou dar mais conforto para a minha família o que eu quero fazer é arrumar a minha casa também porque eu já to chegando perto de me aposentar,quero a minha casa arrumadinha tudo feito para mim,não vou acordar cedo pra trabalhar dá um conforto melhor para a minha família,agora também os meus filhos tão criado eles já tem que se virar.

É já estão moços né?
É já ta tudo maior, só que meu filho ainda depende de mim de tudo,minha filha também, minha filha não tem saúde muito boa depois que fazer um convênio bom,principalmente quando a gente sai daqui a gente já não tem mais direito, tem que pagar outro,isso é lamentável.

Ah é eu não sabia seu Reinaldo. Porque se o senhor foi funcionário tinha que ter o convênio para o aposentado também né?
É podia ter mas diz que não tem.

O senhor já viu no sindicato isso?
Não, não vi mas diz que não tem lá da USP passou uma carta para todas as unidades que as pessoas que se aposentar CLT não tem.Então o grande esquema da auto-estima é isso é a gente correr atrás das coisas pra querer mais.È o caso de dizer: “ah mas você não precisa” mas a gente tem sempre de correr atrás pra querer mais,pra querer mais,mais,tudo que você consegue ainda é pouco porque tem assim quanto mais você corre atrás você vai gastar mais também,você corre atrás de uma coisa vai gastar mais também, uma coisa gira a outra,você trabalha mais,você gasta mais,você tem mais amizade,você conhece mais,você que andar mais,tudo você quer mais,tem que ter mais,isso que é bom,muito bom.

A força de vontade de vocês é uma coisa que eu admiro muito, demais da conta.
Porque, eu quando eu falei “eu quero trabalhar” porque quando eu chegar daqui mais ou menos 4,5 anos para eu me aposentar ai quando eu me aposentar eu não quero mais trabalhar,como eu vejo muitos colegas que fica trabalhando,dá lugar para o jovem,dá lugar para esse jovem entrar,eu queria que eu saísse e ele ficasse lá quando eu entrei não ta dando oportunidade pra todo mundo ta fechando a oportunidade.

Seu Reinaldo só tem dois lá trabalhando na área do senhor?
Quando eu entrei aqui nos serviços gerais eu trabalhei com 15 pessoas ,12 hoje ficou com 4,5 agora ta com 2.Cadê esse povo?Cadê essas vagas. Não deu oportunidade, fechou tirou as pessoas botou em outro ponto a Maria Estela trabalhava com a gente a Maria Preta trabalhava com a gente foi desviando função muita gente dentro da seção trabalha na mesma seção mas desviou de função.

Então tá bom! Seu Reinaldo eu queria agradecer muito o senhor pela entrevista porque se os alunos não aceitassem participar da entrevista o meu trabalho não seria possível. Eu não posso achar isso ou aquilo, tem que ser o depoimento do senhor porque só o senhor sabe o que o senhor sente e quando o senhor me fala eu gravo,depois escrevo tudo direitinho e ai eu posso estudar o que o senhor falou, não é uma coisa inventada da minha cabeça.então queria agradecer mais uma vez ao senhor porque se não fosse isso não dava pra fazer esse trabalho.
Pode fazer esse trabalho tranqüilo que eu tenho a maior felicidade Deus que abençoe vocês ricamente. Eu agradeço por essa oportunidade a vocês professores todos à Jany a Daniela a Ana Paula principalmente a professora Estela que foi a primeira a abrir a porta com um pouquinho de migalha da faculdade de educação que pode ajudar ela com as dificuldades que ela sofria que teve mas, muito obrigado por tudo também pelo pouco que eu aprendi pra mim foi pouco mas a gente usa esse pouco como se fosse muito eu achei pouco,achei pouco porque uma criança que estudou no tempo que eu estudei sabia muito mais do que eu,eu não aprendi,não foi por falta dos professores,porque os professores eram da melhor qualidade mas porque na minha cabeça não entrava as coisas....

Entrevista: José

Trecho de conversa antes de iniciar o trabalho propriamente.

A Margarida me falou que estava numa classe aonde tinha muitas pessoas mais jovens do que ela, não eram pessoas como ela, que não que nunca tinham estudado ao contrario já tinham estudado até a 3ª serie, 4ª serie, quando eram crianças. Depois pararam, saíram da escola depois voltaram, mas é muito diferente não é José? A pessoa já sabe ler e escrever quando entra na escola é diferente da pessoa que não aprendeu e vai aprender depois de adulto.
Olha,não sei se a Cicera te falou também na UNISA eles parecem que eles tinham eu achei o contato assim,parece que eles tinham obrigação de fazer aquilo né, de dar aquele negocio mas não tinha tanto interesse pelo aquilo,não era como era o encontro com vocês lá,eu perdi muito tempo,foi quando eu estudava com vocês lá,ali que eu tinha que ter evoluído bem mais,porque depois que eu comecei a entender alguma coisa que eu falei: “caramba como é que eu não pegava aquilo entendeu”? Mas lá você tinha muito mais cuidado com a

gente você vai mais fundo nisso ,e o pessoal de cá não era um pessoal mais...tanto que quando passou a gente eu fiz uma prova que eu vi que eu não tinha condições de passar,e eu passei.

Ah, então foi isso que a Margarida reclamou, que ela via que as vezes ela não tinha condições de passar numa e eles passava mesmo sem saber, e ela não gostava.
Carlos, vamos começar a entrevista? Deixa eu te perguntar uma coisa., seu nome inteiro.
José da Silva.

E sua data de nascimento?
È dia 18/12/55

Você nasceu aonde?
Minas.

Qual a cidade?
Governador Valadares.

Ah, você é lá da terrinha boa (risos)...igual eu.
Você é de qual cidade?

Eu sou de Campo Belo.
Quando você começou a estudar lá no SENAC, José você já tinha ido pra escola alguma vez?
Olha, eu tinha ido mais quando era pequeno mais praticamente não tinha ido,eu ia lá não aprendi foi nada,é a mesma coisa que não tinha feito nunca escola.

Mas quando você era pequeno, você chegou a ir e ficar um tempo?
Cheguei ir cheguei ir,mas eu mais faltava do que ia pra escola,a verdade é essa.

O que acontecia para você não freqüentar sempre?
È porque era erro meu mesmo, porque a minha mãe forçava legal,era eu que fiz tudo errado,não gostava mesmo,nunca gostei de estudar, a verdade é essa,quando eu entrei lá que eu tinha que aprender alguma coisa,eu pus na cabeça que eu preciso,não tenho uma carta de motorista,não tenho nada,eu não consigo nada,quer dizer o pouquinho que você fique sabendo,você já consegue alguma coisinha né, e não sabendo nada como é que eu vou conseguir alguma coisa.

Você tirou a carta depois?
Tirei a carta, tive uma dificuldade danada que eu ainda não consegui...mas tirei,graças à Deus tenho a minha carta e eu dirigia sem carta.

Eu me lembro que você contou .
Fazia,ia pra todo lado.Fui até Minas.Você acredita...agora não graças à Deus tenho a minha carta,consegui entre trancos e barrancos,mas...

Mas conseguiu. Porque dirigir, você já dirigi faz tempo, só faltava tirar a carta né?
E hoje em dia que dizer eu continuo com dificuldade mas alguma coisinha, no bar mesmo

já me ajudou,entendeu com dificuldade ou não,alguma coisinha...então o que acontece

antigamente,nada disso acontecia né...

Então José, eu vou fazer umas perguntas pra você sobre a escola, tudo bem?
Sem problema.

Você se lembra desse período que estudou quando você era criança, quanto tempo foi, 1 ano, 2 anos? Você chegou a concluir alguma serie, 1ª serie, 2ª serie?
Nada sempre fiquei na primeira.

Na primeira, porque você não terminava o ano né?
Não, não sempre no meio eu parava não voltava nunca conclui nada.

O que fez você querer voltar pra escola?
È a dificuldade pra tudo né, você não consegue nada,não consegue,sei lá...você quer ver uma placa...com é que você vai dirigir um carro?Você sai por ai você tem que ver, conhecer com dificuldade,precisa conhecer alguma coisa né,então isso que me levou...a falar: “meu Deus,eu to precisando tirar uma carta não tenho condição,preciso...”,no bar mesmo como é que eu ia pôr o nome da pessoa no papel?Eu tinha que fazer uns iniciais lá por na minha cabeça que aquela letra começava o nome da pessoa,muitas vezes eu ate trocava,entendeu,aquilo ali eu tinha que guardar na cabeça,aquele ali é fulano de tal,mas muitas vezes eu tomava o prejuízo porque no final eu não sabia defini quem era quem.

É muito difícil né?
È terrível.

E como foi pra você estar estudando José? Tente se lembrar da nossa turma lá no SENAC, quando você estava retornando a escola pela 1ª vez depois de adulto, como é que foi pra você já ter uma família, já ter o seu trabalho,a sua casa,voltar a estudar.
Ah,foi bacana, porque sei lá a gente vai conhecendo coisas,vendo coisas, quando você consegue ler uma primeira palavra mesmo com dificuldade,nossa aquilo ali você já vem maravilhado pra casa né, você fica,você passa num lugar,você vê uma placa você tenta lê aquela placa,nossa é bom demais, porque você começa...você vê uma papel ali você fala: “ poxa o que ta escrito nesse papel” ai você vai forçando,forçando ai você consegue forma uma palavra,aquilo que foi me motivando né, foi me motivando,o que depois me desmotivou foi essas coisas,a gente de parar com vocês lá né,do SENAC para tudo,a gente foi para a escola lá né,que já peguei um pessoal diferente ai ficou tudo meio esquisito,desanimou a gente,mas tava muito bem tava muito maravilhoso,tava mesmo.

Depois do SENAC, você estava me falando que foi estudar na UNISA...

Não foi na UNISA né,mas na UNISA sei lá eu acho que eu não tinha tanto interesse não o pessoal era mais...

Até que serie você estudou depois?
Eu só passei pra segunda, né,eles falam né,eu nem sei como que eu fui...ai passei por segundo,segundo não terceira serie acho que foi isso.

É porque o nosso curso era 1ª e 2ª séries, né?
Era primeira e segunda,então era terceira serie que quando eu vim pra esse colégio daqui eles falaram: "agora aqui não tem mais condições você tem que passar pra lá" eu vim com o diploma ate que esse diploma ficou ate lá no colégio,acho que é terceira serie ate não to bem a par ai me puseram numa classe que ai me quebrou as pernas porque tinha igual a Margarida falou jovens demais e pessoas que sabiam do meu lado mesmo tinha uma pessoa que, nossa quando passava as coisas lá ela numa rapidez...eu tinha uma dificuldade danada pra ler o que ta no papel, a pessoa lia aquilo ali numa...e começou a querer me ensinar mas só que não ritmo que ele tava eu não conseguia acompanhar,ate é boa vontade da pessoa que tava do meu lado,as professoras não era varias professoras aqui,professora daquilo,daquilo,daquilo...elas entravam e nem sabia que eu tava sentado ali,se sabia alguma coisa ou não.

Você acha que elas não conheciam bem os alunos?
Não, porque a gente vem de outro colégio com o diploma,com o diploma que a gente sabe que a gente não tinha condições de...tanto que quando eu cheguei lá eu comentei eu falei: "meu, poxa eu vou pega uma classe aqui? " ai então que a Margarida falou para mim: "olha, José aqui eu to é assim,assim,assado,eu voltei pra trás,vou fazer o que eu tava fazendo lá acho que era primeira e segunda e eles me puseram aqui depois me voltaram" ai eu peguei e fui pedir: "olha gente eu acho que do jeito que eu to eu não tenho jeito de pegar esse ritmo aqui" "ah não te puseram aqui porque você tem que ficar,porque é isso ai que você tem que..." ai eu falei: "puxa eu vou sair daqui, o que eu vou ficar fazendo aqui?"

É preciso ter um trabalho diversificado(diferente) numa sala assim, para ninguém se sentir mal. Você se lembra da Antonia, ela já tinha estudado ate a quarta- serie, e quando acabava primeiro fazia outras atividades. Combinei com ela que o objetivo principal era alfabetizar aqueles que não sabiam ler e escrever e que precisaria ter paciência.
E ela tinha mesmo, ela ajudava.

Por isso mesmo ela já sabia, tinha sido combinado que ela ia aceitar o ritmo dos outros quando acabasse ia fazer outras atividades, sem reclamar ou ficar impaciente pro outro andar rápido.
Não, então mas ai que ajudava a gente né, e agora nas outras não, eles passavam a matéria,tinha hora que aqui nesse colégio mesmo eles enchiam a lousa todinha,nossa porque vinha professora de...professora tal,professora tal, quer dizer o aluno saia..

Era separado por disciplina assim: Matemática, Língua Portuguesa, Ciências,cada uma tinha um professor?

Isso, isso cada um tinha um professor, cada dia chegava um professor na sala,aquele professor não sabia do que tava acontecendo com a gente,eles passavam na lousa e tal,tal,tal e ai cada dia que passava eu falava: “meu eu não vou aqui,eu não to compreendendo nada,não to conseguindo”...eu tentava fazer tinha vezes que eles fazia aquilo e apagava a lousa,porque já tinha...muitas vezes eu ate falava ate que já tinha feito aquilo,mas porque eu falei: “poxa to chamando a atenção da sala inteira pra mim” e eu já conversei com eles que eu não tenho condição.

E a gente fica com vergonha né: “ah, não apaga que eu ainda não terminei”.
Olha, pra você ter uma idéia do meu lado tinha duas crianças uma menina de dezesseis anos,que tinha parado de estudar e tinha voltado e do outro lado tinha um carinha de 21 anos que tinha também parado e voltado eles sabiam, tinha hora...e tinha um outro rapaz na minha frente que depois ele passou a sentar do meu lado ali,porque ele viu minha dificuldade ai ele falava assim,tinha hora que ele passava o caderno pra mim e falava pra mim assim: “meu,você não conseguiu copiar o resto?Copia ai não tem problema não,o que vai adiantar isso pra mim? Eu copia o que ta no caderno ali,não adianta nada.

Então, mas você falou uma coisa muito importante José, não adianta encher a lousa demais, isso não quer dizer que a professora esta ensinado e o aluno esta aprendendo. Lembra-se? Nossa lousa era pequena e normalmente eu levava o texto pronto pra vocês, a folhinha de papel já estava escrita por que naquele momento vocês fariam um esforço tremendo pra copiar , levaria muito tempo e vocês não estariam pensando sobre a escrita. O importante é ler entender, discutir sobre o que a gente leu. Mais importante do que ficar só copiando, copiando, copiando, apaga copia de novo. Tem muita gente que espera isso da escola, espera que tenha lição para copiar ate doer o dedo, eu não sei se você lembra que varias vezes a gente também teve discussões a esse respeito, seu Antonio por exemplo vivia falando que queria encher o caderno.
Encher o caderno, não é isso ai não.

Encher o caderno, ter um monte de coisa lá e nem saber o que esta escrito, então não adiantava.
Se o seu Antonio tivesse vindo pra cá, isso ai aqui ele ia ter demais,mas ele não ia sair do que tava.Jany a gente começou certinho eu acho que quando a gente começou com você lá a coisa andava de um jeito quando a gente saiu lá ta acostumado com o seu ritmo de ensinar,entendeu, e tava pra gente tava maravilhoso,você tava dando atenção, tanto você como a Célia que depois entrou também o mesmo sistema ,vocês se preocupavam com a gente de repente a gente saiu e foi pra outra escola e o pessoal já não tinha o mesmo pensamento fazia aquela função tudo,então foi nessa que muitos desistiram,muitos não conseguiram seguir eu fui um que eu fui ate quando eu pude,depois eu falei: “meu Deus eu não to praticando nada,to indo por ir” o Veríssimo também apanhou muito por ai,então a gente ficou,ficou,quando eu vim pra essa escola,essa escola aqui diz que é maravilhosa,essa escola ta quase dentro da minha casa,as meninas vem de longe pra mim eu tava pertinho aqui,quando eu fui e vi o sistema deles eu falei...

Você sabe o nome da escola José?
Não sei a Margarida não te passou, porque a Margarida começou...
-(não é Antenor? José) voz externa.

-Não sei eu não tenho certeza, Celeste.
Só que eu deixei o diploma,eu nunca voltei lá nem pra pegar esse diploma,ai enquanto eles forçava,forçava,forçava e eu vi que eu tava atrapalhando eu falei: “meu” eu já pedi eu já conversei com eles que eu não tinha condição,se eles poderia me voltar pra uma outra classe,me pôr pra estudar com a Rosa,porque a Rosinha é de lá porque ela falou que tava bem,eles falou que não tem condição,então o que eu vou ficar fazendo nessa classe.

Então José, o seu objetivo não era ter um diploma com a série tal o que você queria era aprender? Por isso pediu para não passar de ano?
Sair de lá, lendo e escrevendo pra mim chegar não, chegar a saber alguma praca, alguma coisa,saber ler e escrever esse era o meu pensamento,não era se um doutor não era sai uma pessoa que a sociedade aceita a gente melhor né e falei: “poxa” mas eu não tava conseguindo porque...

Ai você ficava só copiando e isso tirava um pouco do seu interesse?
Meu Deus,olha tanto rapidinho lá meu caderno encheu todinho porque era coisa demais era muita matéria,era muitas coisas né, copia,copiava tinha vezes que passava,pulava palavras com aquela ansiedade de por aquilo no caderno pra acompanhar as pessoas que estavam do meu lado,eu falava: “puxa eu to passando vergonha nessa sala” tinha pessoas que abandonou primeiro do que eu,tinha pessoas que veio também lá da UNISA que ela não segurou elas saíram,elas falaram: “to saindo fora” eu falei: “eu vou segurar mais um pouco se eu vê que tem condição”mas cada dia tava...

Mas sabe José eu vou te falar uma coisa como professora, você não estava errado a é que estava errada porque a escola devia perceber o ritmo de cada um e propor atividades diferenciadas na nossa sala mesmo tinha pessoas muito diferentes, em todas as salas tem. Tinha pessoas que nunca tinham segurado um lápis na vida toda. Então o professora tem que conhecer as pessoas, os alunos saber qual a historia deles, o que eles já sabem, o que não sabem qual o ritmo que eles podem ir. Se os professores não sabem quem são alunos eles podem julgar todo mundo é igual, e encher a lousa pra todo mundo da mesma maneira,então isso vai resultar exatamente no que você esta falando no abandono da escola, porque aqueles que não conseguem seguir esses ritmo acham que aquele lugar não é pra eles e daí como você falou: “cai fora”.
Cai fora não tem como...

Então, mas isso é um erro da escola, porque a escola tem que ser pra todo mundo, e por isso deve estar preparada pra lidar com as pessoas diferentes que tem na sala de aula. As pessoas não são iguais, não dá pra fazer uma sala com todo mundo que sabe a mesma coisa porque cada um sabe coisas diferentes depende do que você viveu.
Mas uma coisa que é fabulosa quando a gente entrou naquela escola lá no SENAC a gente lá eu não sabia como que era as outras então eu entrei ali eu vi aquele sistema quando a gente saiu a gente pensou que lá fora também seria.

Que fosse igual?
È lógico a gente pensou que ia acompanhar, que ia continuar aquilo ali,entendeu,lá você

tinha disciplina,la nas outras classes o pessoal mais conversava do que...brincava dentro da

classe,entendeu,com o seu Antonio e as pessoas que foi pra lá e vieram com você lá,lá eles ficaram completamente diferente eles tinham mais liberdade,você não você exigia,você falava: “vamo calar a boca, vamo estudar, tal” nas outras não o pessoal conversava a professora parece que ela não tinha...igual eu te falei parece que ela não sentia um interesse: “você quer aprender você aprende não quer problema é seu” entendeu,não que ela falasse isso pra gente né.

Mas é o que você sentia.
É lógico.

Olhando você percebia.
Não é lógico,você ta conversando,tem pessoas ali que ta,ela ta passando alguma coisa falando sobre aquilo,as pessoas tão,porque você conhecia o seu Antonio, você sabe como ele era.

Eu sei!
Seu Antonio ele começava a bater papo com o pessoal do lado ali, ele esquecia que tava dentro de uma classe né.

Não, e se deixasse ele ficava falando a aula inteira.
Então, e era assim mesmo lá enquanto seu Antonio tava no começo quando entrou lá,ele conversava normal assim, e as pessoas não chamavam a atenção dele,então atrapalhava ai tanto que eu ate conversei com o pessoal: “meu,aqui é assim se você,pra você ter interesse você tem que abandonar aquele pessoal,porque o professor,vez ou outra vai te chamar a atenção senão o resto que se dane vocês” e ai não conseguia porque um conversava,outro conversava,virou aquela bagunça e entrava gente diferente,entrava pessoas que sabia,tinha pessoas que tinha, essa Giane mesmo que entrou lá era menina o que de 21 anos ela tinha uma experiência bem melhor,ela sentou do meu lado e falei: “você já esudou?” disse: “eu já estudei,já fiz segunda,terceira e quarta serie” e ela desenvolveu mesmo entendeu,tanto que quando a lição dela tava apronta tava tudo beleza,nos tava tudo pela metade.

A Margarida me falou, que ela não conseguia acompanhar que agora ela esta indo pra outra escola.
Os mais burrinhos lá era a eu e Margarida que sentava do outro lado de cá nos dois.

Ah, mas não José...
Então é aquele negocio a pessoa ficava se batendo lá, então as pessoas já vinha com a noção com aquilo.

Olha bem a historia de vocês é muito diferente, se você tivesse tido a mesma oportunidade que essa moça de 21 anos e tivesse estudado até a 3ª. 4ª série com certeza

você ia dar conta das lições como ela fazia, porém a sua historia é muito diferente da dela.
Então, José eu queria que você me contasse o que essa experiência de ter estudado fez na sua vida, se mudou alguma coisa? Como era a sua vida antes de ter ido pra escola como era o seu trabalho, como era a família e depois de ter ido pra escola mudou alguma coisa\/
Ah, melhora, melhora nossa melhora muito mesmo tudo,você participa mais você consegue participar mais uma vez eu vi um papel aqui em cima aqui as vezes quando eu saia a Celeste a Daiana eu vi que deixou um papel escrito ali pra mim,escrito tal,eu vou pra tal lugar,eu to em tal lugar eu olhava aquilo ali e não fazia nada eu ia fazer o que,entendeu, se alguém me mandasse alguma coisa deixasse um bilhete no bar ou qualquer coisa um numero, um telefone com um nome embaixo,eu via o numero e eu marcava o numero de telefone era coisa incrível eu marcava mil números de telefone que a pessoa me dava,mas eu não tinha coragem de marcar o nome deles lá perto deles porque eu não sabia pôr e eu não queria falar pra eles que eu não sabia,entendeu,então o que aconteceu eu só marcava o numero de telefone punha ali depois como é que eu sabia de quem era aquilo.

É porque tinha um monte né. Não sei se você lembra quando a gente fazia agenda telefônica eu falava que tinha que pôr o nome, porque como a gente vai saber de quem é o telefone, com todos estes números embaralhados?
A gente muitas vezes punha ate uma cruzinha ali,só que depois esquecia,depois de muitas vezes você pega aquele papel,quantas vezes eu pegava um papelzinho assim e falava: “meu Deus” ate hoje eu tenho dificuldade mas pelo menos alguns eu consigo fazer,entendeu.E no bar então, no bar era pior ainda porque ninguém tinha nome eu não dava “nome aos bois” era aquela coisa, era iniciais era...

Uma marca...xizinho...
Uma marca era terrível, e outra coisa você tem vergonha das pessoas, porque uma pessoa que sabe e sabe muito talvez teja muitas pessoas aqui não sabem que eu não lei e escrever que eu sou analfabeto.

Não, mas agora você já sabe né?
Não, eu sei alguma coisinha mas sabe o que acontece a gente tem vergonha, porque muitos sabem demais outros sabe pouco mas é...sabe, então a gente acaba ficando anulo, sei lá e tanto quando eu comecei a ler alguma coisinha pra mim foi maravilhoso,porque desde que quando eu pegava na caneta eu já pelo menos o nome ali nem que fosse uma letra errada que eu troco uma letra.

Ah, mas não faz mal...
Mas já tava chegando à alguma coisa,outra coisa Jany uma pessoa pega um papel como acontece mesmo com time de futebol pega um papel, põe meu nome time falo: “puxa vida vamo marcar o nome do pessoal telefone do pessoal pra gente localiza eles, puxa vida eu nunca marcava na frente deles eu pegava o papel e deixa que depois eu faço, mas é cômodo como eu ia fazer aquilo, aí ia passando o telefone depois eu punha e não sabia de quem é quem depois vinha cobrança né, ai falavam: “mas você não marcou o telefone de fulano?” “cara não sei onde eu pus” eu sabia onde eu tinha posto mas qual deles era de quem,era terrível,então o que que acontece, ajuda,ajuda demais.

Então você acha que sua vida mudou depois que você aprendeu?
Ah muda,muda por que?Meu Deus é tudo é numa viagem, você vai viajar com o carro você vê uma placa você não sabe,nem o que é o que,você não sabe nem o que é um restaurante pra você para,você via placa lá,muitas vezes você via tem uma ruazinhas cruzadas lá que você fala que é um restaurante,não é verdade você não sabia de nada,hoje em dia você já sabe,você vê uma placa 'para',você sabe que é 'para' né.

Ta escrito né...
È então porque tira a carta você tira,mas eu não queria tira uma carta somente por tirar,queria tirar sabendo alguma coisinha né, oh, porque quando me deram a primeira vez o livro pra mim estudar eu tinha dificuldade pra juntar as palavras pra mim fazer aquilo.

É tem muita coisa.
È... eles faziam eu vi que não tinha condição ai tal,fui fazendo aos pouquinhos, pouquinho ali ai fui fazendo,mas antes eu não tinha condição de nada.

Antes de aprender...
Ai foi maravilhoso né...

José, quando você entrou na escola, o que esperava dela? Depois que já estava estudando que já conhecia um pouco da escola, mudou o seu pensamento sobre a escola, você achou que a escola era realmente aquilo que você esperava? Foi melhor do que você esperava ou foi pior?
Igual eu te falei de algumas que eu passei,foi três,em algumas que eu passei...igual foi primeiro no SENAC,ali eu entrei não tinha assim...eu pensei: " aí meu Deus",vou fazer lá,o que eu vou fazer lá, mas cheguei lá encontrei uma turma que tava no mesmo nível então foi melhor, porque a gente já começou quando começou,eu assustei,depois eu fui vendo eu falei: "poxa, aqui ninguém tem vergonha de ninguém porque todo mundo ta aprendendo, so tinha a Antonia que dava umas cacetadas na gente ali que a Antonia era terrível, né.Era o jeito dela, então era a única que sabia, sentava do meu lado, ela falava e ajudava entendeu, ali tinha muita gente que todo mundo também tava no mesmo nível, então pra mim foi o começo,foi maravilhoso,eu fui melhor eu não tinha vergonha de ir,eu não tinha vergonha de falar as coisas,mas nas outras não,aí já entrei ai já fiquei reprimido,porque já peguei coisas que já sabia,tanto que quando levou a gente pra UNISA, a gente já chegou na UNISA,a gente já tinha uma turma,eles repetia né, a pessoa...que...num ano, no outro ano e já sai e passa e se precisava ficava,entendeu.Agora no SENAC não, o nível era igual, se todos perguntar ali, poucos vão ter assim, só se não falar a realidade, mas se falar realidade, eles vão falar assim: "não, nos começamos numa turma que nois éramos iguais. Essa escola aqui se você conhecesse um pouquinho dela você via que as pessoas realmente sabe muito,não sabe muito,sabe o suficiente.

Tinha outra experiência, já tinham já estudado...
È pra não ta no meio da gente né, porque não tem...pra numa classe que so tinha eu e a Rosa e tinha mais duas que também tavam bem fraquinha,essas duas pessoas tavam antes do que a gente.

Saíram, desistiram, não agüentaram.

Saíram, desistiram, não agüentaram,então não tem como.

E José, me fala uma coisa, quando você entrou no SENAC você já tinha o bar? Então porque foi estudar?
Tinha, porque comigo aconteceu assim,eu trabalhava numa gráfica na Paulista,eu trabalhei 18 anos nas gráfica a gráfica faliu,entendeu, eu montei o bar assim na necessidade,porque quando eu sai falei: “meu Deus,vou trabalhar do que”? ai comecei a deixar umas fichas numa firma,antigamente tinha esse negocio de ficha em todas as firmas.

É antigamente era assim.

Parte da entrevista se perdeu.

Entrevista: Francisco

Eu vou colocar escrever meu nome que é Francisco.
Antônio da Silva.

Francisco, que dia você nasceu?
Eu nasci no dia 7/12/1977.

Nasceu aonde em que cidade?
Eu nasci na cidade de Itaguá município de Campos Salles, Ceará.

Você lembra quantos anos você tinha quando você ingressou no NEA?
Quando eu ingressei no NEA...eu tenho hoje 31,eu to à 10 anos aqui eu entrei aqui com 21 anos de idade foi logo que eu entrei eu entrei aqui dia 24 de Junho ingressei no NEA já no 2 ° semestre do mesmo ano.

Nossa, foi rápido então não perdeu tempo.

Foi, sabe porque me ofereceram, eu entrei para esse concurso eu tinha a 4ª série pra esse concurso, passei, entrei aí me disseram: “olha você quer retomar os estudos que a gente tem um curso”.

Quem te indicou?
Foi do DP mesmo que eles falaram:”olha tem curso de educação de adultos aqui mesmo na educação na USP mesmo você quer a gente dá um encaminhamento,uma carta aí você vai lá e faz a sua matricula” aí eu peguei e fui.

Francisco me fala uma coisa então, quando você ingressou lá no curso de educação de jovens e adultos você já tinha ido para a escola até a 4ª série? É isso?
Eu já tinha, já tinha porque foi o seguinte: a 4ª série eu já tinha aos 10 anos de idade, mas aí meus pais me tiraram do colégio ele levou a gente para o Ceará eu passei mais ou menos dos 11 anos aos 14, 15 de idade ao final dos 15 anos de idade eu sai de casa aí eu fui morar sozinho eu fui trabalhar num parque fui para Recife aos 18 anos de idade eu retornei para São Paulo aí eu retomei os estudos por duas vezes eu retomei os estudos antes de entrar aqui na USP uma vez apenas eu retomei aí fui para uma igreja que tinha lá em Carapicuíba um curso de educação de adultos também a noite, aí eu estudei lá 4ª e 5ª série aí foi a época que eu prestei concurso aqui.

Então a 4ª série você tinha aos 10 anos, depois tinha 18 anos é isso?
18 anos.

Depois você fez a 5ª e a 6ª é isso?
Fiz a 5ª e a 6ª.

E quando você entrou aqui você entrou em que série?
Aí eu retornei a 4ª eu voltei para a 4ª novamente mas imagina só 2 semanas que eu estava na escola aí eles fizeram uma avaliação e eles me jogaram da 4ª para a 6ª.

Entendi. Isso acontecia muitas vezes porque por exemplo: entra um aluno que a gente não conhece então melhor pôr numa série mais básica pra se a pessoa precisar de alguma reforço, mas no dia a dia, se o professor percebesse que aquele aluno já tinha capacidade de estar numa série superior então a gente fazia o documento para poder passar ele para frente, porque é uma judiação deixar a pessoa lá. Isso é uma coisa que eu acho legal no curso porque em outras escolas as vezes isso não acontece.
Mesmo sendo a mais evoluída da sala aquela pessoa que esta sempre a frente tinha que ficar ali.

É compreendo.Você ia levar 4 anos para fazer o Ensino Fundamental completo, não 2 anos...
Dois anos suplência é 2 anos.

Dois, mas enquanto ela podia fazer em 1. Eu gostava muito dessa possibilidade no NEA, de não ficar segurando a pessoa. Já que a lei permite é uma coisa legal.
Que unidade você trabalha desde que você entrou aqui?
Aqui na FMVZ.

Qual o significado?
Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia FMVZ.

E depois você continuou trabalhando no mesmo lugar?
Continuei trabalhando e continuo, continuei trabalhando aqui no mesmo lugar eu só fiz aqui o Fundamental.

Então, mas mudou alguma coisa quando você entrou? Por exemplo qual o seu cargo?
Quando eu entrei eu era auxiliar de serviços gerais e depois passei a auxiliar agropecuário que é uma coisa mais específica.

E **você acha que isso tem uma ligação com os seus estudos?**
Ah tem sim, tem sim na realidade eu sou auxiliar agropecuário,porém exerço a função de enfermagem em Medicina Veterinária até porque não existe um órgão superior que reconheça a enfermagem entendeu eles sempre explicam:auxiliares de laboratório, auxiliares agropecuário e colocam para exercer a função de enfermagem em medicina veterinária.

Mas na verdade você é....
Eu sou enfermeiro em medicina veterinária e sou técnico de enfermagem 1 ano eu fiz o curso técnico de enfermagem 2 anos e meio eu conclui o ano passado.

Ah, espera um minutinho enfermeiro de...
Grandes animais, enfermeiro de grandes animais, cirurgia de grande animais,medicina veterinária.

E você fez o curso?
Técnico de enfermagem fiz pela escola Vital Brasil, vou fazer vestibular dia 26.

Ai que legal você vai fazer!
Para enfermagem mesmo vou fazer aqui pela faculdade pela UNIP.

Hum, você vai conseguir eu vou anotar aqui, olha que legal porque aquele dia eu fiquei pensando: "gente ele ta lá ajudando a fazer a cirurgia, meu Deus". Mas deixa eu anotar isso que você falou porque depois eu posso não lembrar que não lembrar que na verdade não existe...
Não existe um órgão superior que reconheça.

Então só tem o médico veterinário?
Só tem o médico veterinário que reconheça enfermagem em medicina veterinária, só existe o COREN que reconhece enfermagem em medicina humana e o COFEM que é Conselho Federal de Enfermagem.

Mas todos em Medicina Humana?
Humana.
Sabe esse barbudo que tava ai ele é diretor do hospital veterinário no inicio desse mês ele chegou para mim e falou: " Francisco precisava ter uma coisa voltada para enfermagem

mas se você fizer o curso leva para o CTA que é o conselho técnico administrativo da escola e aí a gente vê se consegue implantar o curso e quem sabe mais pra frente abrir espaço para profissionais de fora vim aqui fazer um curso de enfermagem em medicina veterinária reconhecida, pensa em alguma coisa, põe no papel alguma coisa aí,cria um curso com uma grade com disciplinas com carga horária, cria e traz pra mim para ver se a gente consegue implantar".O cara me pediu pra cria um curso de enfermagem voltado para a medicina veterinária.

É porque na verdade é USP é uma universidade muito reconhecida...
Se a USP implantar isso é reconhecido.

E a USP é pioneira ela tem característica de sempre ter tomado frente nas coisas.
Gente isso aqui é uma das ultimas minas aqui do Brasil é uma mina tudo que sai daqui cresce.

E tudo o que sai daqui depois as pessoas reconhecem, eu nunca tinha pensado nisso porque a gente não trabalha na área né, eu nunca tinha pensado nisso! Se médico de humano precisa como medico veterinário vai trabalhar sozinho.
Como que um medico veterinário não tem um enfermeiro?

Não é esquisito?!
É estranho, estranho ele depende de outro profissional e como ele outros médicos veterinários para auxilia-lo porque ele não tem um enfermeiro para auxiliar.

Mas ai é complicado porque por exemplo uma pessoa que tem um animal vai ter que pagar 2 médicos?
Vai ter que pagar 2 médicos.O médico não leva um enfermeiro enquanto auxiliar porque não tem.

Então Francisco eu vou começar a fazer umas perguntas pra você mais relativas à questão da escola. Francisco qual foi o motivo que fez você voltar à escola?
Eu sempre quis muito desde os 6 anos de idade eu tenho um sonho um objetivo de vida o meu grande sonho sempre foi me tornar médico,porém a minha condição sócio-econômica não me permite isso e não vai permitir assim entendeu, aí eu adotei uma nova filosofia de vida eu pensei o seguinte: "eu vou fazer um curso de auxiliar de enfermagem vou terminar o Ensino Fundamental o Ensino Médio fazer um curso de auxiliar de enfermagem vou fazer um técnico vou fazer enfermagem nível superior a ai sim eu vou tocar a minha vida pretendo fazer medicina um dia nem que seja por hobby nem que como ser assim eu me aposentei não preciso mais trabalhar agora eu vou fazer medicina.

Ai que legal!
É o meu sonho o meu grande sonho e eu sempre fui muito forte muito dedicado muito objetivo com relação à isso o que eu quero fazer eu faço sempre foi assim.

Determinado né?
Eu sempre fui muito determinado.

Isso é importante para conseguir as coisas que a gente quer.

Porque senão não consegue.

É verdade.
E eu sempre disse isso par todo mundo sempre fui decidido com relação ao que eu quero sempre decidi muito cedo o que eu quero da minha vida e vida e sempre toquei,
toquei e sempre conseguia ás vezes uma coisa mais difícil que a outra mas eu sempre conseguia isso veio de mim acho que por mais que eu não almejasse um emprego melhor uma condição de vida melhor eu estudaria da mesma forma eu tenho uma sede uma fome de conhecimento meio fora do comum entendeu, eu to sempre lendo,sempre estudando observando, perguntando eu observo muito e eu pego as coisas muito fácil.

E você acha que essa vontade sua de conhecer vem da onde? Porque você gosta tanto de conhecer?
Vem de uma classe social muito descriminada eu sou cearense eu venho da terra seca, a minha família inteira é semi-analfabeta quem tem mais estudo tem até a 4ª série.Eu só tenho um tio irmão mais velho da minha mãe ele saiu da casa dos pais dele com 16 anos de idade também ele é o pai que eu nunca tive, eu tenho pai mas ele pra mim é o pai ele sempre que me sentou me conversou hoje ele vai na minha casa e fala: “ e ai ta estudando?” “estuda heim moleque,estuda heim” ele fala pra mim: “olha Francisco eu entrei na faculdade com 33 anos de idade ele , hoje é chefe da UTI aqui do Sara e ta se aposentando pela iniciativa privada e vai ficar na publica ele ta fazendo licenciatura agora ele fala pra mim: “ estuda, estuda, estuda sempre conhecimento nunca é o bastante, não ocupa espaço” eu sempre me espelho muito nele, entendeu.O cara vai falando e eu já tenho vontade dali correndo entrar na faculdade e dizer: “gente deixa eu estudar” .É muito legal mas acho que alguma coisa reflete dele em mim e de mim nele é alguma coisa de pele força e energia passada muito legal você vê, embora minha família inteira meus pais, meus irmãos todo mundo minha família é grande seja semi-analfabeta eu consigo encontrar ainda força e vontade para seguir é muito né?

Claro.
Imagina se eu me espelhasse em todo o resto da minha família eu pensaria, olharia no espelho e diria para mim mesmo: “puxa você tem um ótimo emprego, cara vai estudar” mais pra que isso não existe.

Tem muita gente que pensa assim é acomodada né?
Não muito longe não, o José Antônio Lopes que trabalha conosco o cidadão tem um salário de mais de R$ 3.000 reais, tem a 4ª série sabe o que ele quer? Que mande ele embora para ele ir para o Maranhão eu olho pra ele me entristeci, me entristece esse tipo de coisa eu falo para ele: “cara sossega aproveita que você ta numa condição boa da vida vai estudar se preparar para se estando preparado mais na frente você pode dizer: olha gente muito obrigado mas eu estou melhor preparado arrumei coisa melhor e vai tocar a sua vida”.O meu objetivo é esse eu acho assim o mundo é grande e esta cheio de oportunidades basta que todo cidadão tem que procurar estar preparado e apto à concorrer sempre com uma vaga melhor seja ele de emprego ou de condição social com outro cidadão,vai ter sempre gente melhor ou igual à você tem que estar preparado porque oportunidades surgem aos montes você só tem que procurar estar preparado quando surgir oportunidade para que você possa concorrer com alguém disputa-la com alguém aí a gente vai se preparando com muita calma vai se preparando que nem mineiro “vai comendo pelas beiradas”.

Eu queria que você contasse para mim Francisco como é que foi a sua experiência de estar estudando?
No início eu tinha vergonha quando ingressei nos estudo aqui eu tinha vergonha.

Mas vergonha do que?
Porque eu entrava na sala e todo mundo sabia mais do que eu, eu olhava para todo mundo assim e a impressão que eu tinha era que todo mundo olhava pra mim como se fosse um coitado.

Quando você entrou na 4° série?
Quando eu entrei na 4° série.

Mas olha que bobagem como é que você foi logo para a 6ª e todo mundo ficou na 4ª.
Você vê ai isso te joga lá em cima você fica se sentindo eu sempre fui o mais falador na sala de aula o mais comunicativo, chegava a despertar certa inveja de algumas pessoas que acham que eu ia ser metido.

É uma coisa ruim, tem gente que tem inveja mesmo.
Porque assim é pra frente se você se você for para frente se você for comunicativo você é um metido você quer saber de tudo você acha que sabe tudo embora eu não saiba eu to perguntando: "gente eu posso não saber eu sou comunicativo porque eu quero aprender eu to perguntando entendeu".

Eu sei como professora, já pude vivenciar isso muitas vezes de alunos que eram ótimos que falavam que perguntavam as coisas que eram interessados e os outros que tinham 'dor-de-cotovelo' .
Se você acha que acha que ele sabe bastante se você acha que ele sabe bem porque ele procura perguntar, procura especular 'cola' nele 'gruda' nele quem sabe você aprende alguma coisa.

Eu também acho esse sentimento tão mesquinho.
Se esforça lógico não adianta invejar.

Então me conta, no começo você tinha vergonha...
Eu tinha vergonha depois eu fui me soltando, depois que eu me soltei ai ninguém me segurou mas ai passou muito rápido porque quando eu terminei o fundamental aqui já surgiu aquela idéia de curso a distancia semi-presencial supletivo semi-presencial para o 2° ano para o colegial ai pensei: " semi-presencial isso não vai dar muito certo" porque eu venho, você vem aqui pega as apostilas o conteúdo leva e faz em casa a aparece vez por outra par tirar a duvida ai pensei: "isso não vai dar muito certo" a gente é meio preguiçoso, brasileiro tem a fama de ser adepto do comodismo, é sim nos temos fama.

Tem gente que leva pra casa e não estuda.
Nós temos fama de sermos adeptos do comodismo ai eu penso assim: "isso não vai dar certo" imagina só eu to trabalhando todos os dia eu levanto as 4 da manhã eu entro as 7 e meia sempre chego ás 6 e meia, vinte para as 7, saio daqui às 16:30 agora eu saio ás 17:00

aí daqui beleza vou para a escola e se daqui eu for para casa você acha que eu vou pegar em casa eu vou pegar material, gente.

Fica com preguiça.
Eu vou pegar material, gente, fala serio(risos), isso não vai acontecer, pensei: “não vou fazer ai não” fui lá e falei: “olha vou fazer lá mas não vou me matricular não” ai peguei uma carta aqui fui lá fora e me matriculei aí já peguei direto no próximo semestre ,fiz lá fora o 1°, 2° e 3° quando eu tava concluindo o 3° já me inscrevi num curso de auxiliar de enfermagem aqui na Vital Brasil ai já peguei direto também.

Sem parar?
Sem parar eu parei num intervalo de 6 meses entre o técnico e o auxiliar conclui o auxiliar me formei ai dei um tempinho 6 meses depois eu entrei no técnico mas foi sempre assim.

Eu entendi qual foi o percurso mas agora eu queria saber como é que foi a estar estudando? Quais lembranças você tem? O que a escola significou para você? Não precisa falar só do NEA, mas das escolas pelas quais passou em geral que você lembra.
Eu acho assim a escola significou para mim uma mãe, é legal você se sentir nascendo e caminhando a passos gigantescos, sabe, quando eu tava ai estudando a professora vez por outra passava alguma coisa, “meu eu sei isso” aí de repente vinha um clarão eu lembrava eu lembrava do tempo que eu já estudei: “meu, eu sei isso” aí rapidinho eu já fazia,: “ o professora é assim?”, perfeito, perfeito, você já tinha visto já, é muito legal né?É bom também você sente que a sua mente vai se expandindo eu tenho uma facilidade de afixar as coisas eu lendo também eu afixo muito facilmente, isso é muito bom porque vê só o professor explicava algo hoje tipo 2 dias amanhã ou depois tinha aluno que pedia: “professora eu não entendi isso, assim, isso, sabe o que a senhora explicou 3° feira?Eu não entendi,será que a professora não pode explicar de novo?” ás vezes ela tava até em um determinado assunto e precisava voltar para explicar novamente aí são as perguntas que vinham de pessoas que não costumavam fazer muitas perguntas, por isso que é bom especular na hora perguntar na hora, questionar na hora você fica melhor e professor nenhum vai se opor a explicar 3, 4, 5 vezes que seja naquele momento porém fica até chato eu acredito eu concordo que ás vezes os professores ficam meio chateados de explicar uma semana depois a professora dizia: “mas gente eu expliquei isso na 3° feira, mas tudo bem eu explico de novo” entendeu, mas é mais chato.

Por isso que ser professor não é muito fácil porque cada aluno consegue entender de um jeito uns mais rápido outros não.
É por isso que existem linhas de raciocínio diferente cada um tem uma linha de raciocínio diferente uma maneira de entendimento diferente por isso que ser professor para ser professor tem que ter o dom de saber explicar algo de varias formas a mesma coisa de varias formas.

Cada um aprende de um jeito.
Cada um aprende de um jeito mas todo mundo acaba entendendo a mesma coisa.Eu acho que a escola é tudo na vida de um ser humano é a base acho assim, que sem estudo a gente acaba regredindo eu acredito eu conheço pessoas por ai que regrediram de tal forma que é como se você estivesse diante de um primata de uma pessoa da idade da pedra tinha que regredir, porque por não ter tido uma base.

Eu queria saber se essa experiência de ter estudado teve algum efeito na sua vida? Como era você antes da escola e como você é agora.
Ah, eu era grosseiro.

Então Francisco, o que a escola fez em sua vida, você podia me falar nos aspectos do trabalho da família.
Nossa, a escola me mudou muito.

Mas eu queria saber que você comentasse, se você pensar faz 10 anos né?
10 anos, nossa faz 10 anos!

Então 10 anos passou rápido nem parece né? Se você voltar no tempo agora à 10 anos atrás pensa como era naquela época e como você é hoje.Você acha que a escola teve alguma intervenção na pessoa que você é hoje ou não se você não tivesse passado pela escola você seria a mesma pessoa do mesmo jeito?
Nossa, a escola me mudou totalmente eu era grosseiro era rústico.

Como assim grosseiro?
Eu não sabia falar eu não sabia... como é que eu posso dizer eu não sabia falar palavras eu não entendia nada eu falava coisas que depois eu parava assim: " meu, o que eu acabei de dizer eu não to entendendo nada,eu não falei coisa com coisa", por isso que hoje eu babo quando vejo pessoas dando aula porque é muito legal você saber conversar você saber dialogar independente do ambiente, das pessoas, você conversar com as pessoas de igual para igual independente de a pessoa ter um nível superior elevado ou não eu tinha vergonha eu era mudo, era completamente mudo eu tinha vergonha de falar próximo de pessoas que eu sabia que meu, era um doutor uma doutora,meu puts,sabe eu tinha vergonha eu não abria a boca eu era mudo a escola me soltou muito.

E hoje você já não tem mais essa vergonha?
Eu não tenho mais nada disso eu sou uma pessoa completamente aberta, sei conversar sei entrar em qualquer ambiente converso em qualquer pessoa inclusive tem pessoas que dizem: " você tem um diálogo muito bom cara, você se expressa muito bem, isso é muito bom que nível você tem?" Eu falo: " meu tenho o nível médio, cara" "tem muitas pessoas que tem nível superior por ai que não tem o diálogo que você tem que não se expressa tão bem quanto você" isso é muito bom.Tem um professor aqui que ele da oratória eu morro de vontade de fazer um curso de oratória para falar em publico, porque eu vou fazer pós graduação ainda você vai ver.

Ah, claro que vai. Mas e na família?Você é casado ou solteiro?
Sou casado.

Você tem filhos?
Tenho uma filha de 4 anos, eu ensino muito ela a falar eu corrijo muito a minha esposa também ela fica nervosa.

Ah é só falar com jeitinho.
Eu corrijo muito eu sou muito chato.

Você é perfeccionista?
Eu não era, eu era rústico eu nem percebia nem que eu e que as pessoas falavam errado hoje eu percebo muito isso e corrijo muito eu acho isso é bom.Eu considero isso bom eu quero que as pessoas evoluam pelo menos as pessoas à minha volta, por isso eu fico corrigindo fico me auto-policiando e corrigindo as pessoas a minha volta.

Você acha que a escola fez diferença na sua relação com a família?
Fez muita diferença hoje eu sou o metido da minha família, enquanto irmãos eu sou o metido, eu sou o metido a querer falar bonito sou o metido a ser estudado,imagina se eu ingressar na faculdade ninguém vai mais querer aparecer na minha casa,ninguém vai mais.Isso me fez evoluir muito a minha auto-estima então nem se fale.

Você se acha melhor que as outras por causa disso?
Não, o incrível é isso, isso que é incrível eu me acho uma pessoa muito humilde muito simples, acho que assim, as melhores coisas do mundo estão na humildade, na simplicidade, igualdade e eu me considero uma pessoa bem humilde bem simples, porém perfeccionista.

Não é, porque mesmo entre os professores da USP tem aqueles que são pessoas muito acessíveis com quem a gente pode conversar e que é uma delicia e tem outros que você não pode nem falar com a pessoa. Eu acho que isso que é o legal a pessoa aprender muito, gostar disso, isso fazer diferença na sua vida e não se tornar uma pessoa arrogante.
O legal é eu saber lidar com as pessoas saber lidar com você no seu ambiente, da sua forma, entendeu, um superior a mim ou no meu nível eu vou ter o discernimento de lidar com ele no nível dele, da mesma forma eu tenho que saber de tudo ou seja eu sei ser pião e sei ser doutor eu tenho que saber.

Mas isso é uma capacidade muito importante de adaptação lingüística, postural diante das situações, saber em que ocasião usar. E como saber usar a roupa certa para a ocasião certa.
Não adianta nada.

Você vai para a praia de smoking?
Você vai encher uma laje de smoking vai comer uma feijoada de smoking.

Cada situação pede uma coisa diferente. Agora em relação ao trabalho e a família ter estudado você acha que melhorou no que? Você acha a escola ajudou você nesse sentido de se relacionar melhor com as pessoas? Fale um pouco dos sentimentos não só da parte intelectual.
Ajudou muito. Eu não sabia me relacionar com as pessoas eu procurava aqueles ambientes daquelas pessoas mais rústicas mais grosseiras como eu porque eu tinha vergonha de outro ambiente, eu suava eu chegava a transpirar de nervoso de entrar nos outros ambientes: “opa,medico veterinário,professores, gente vou lá não ta assim de gente lá é tudo doutor vou não eu tenho vergonha” isso é horrível.

Mas fala um pouco desse sentimento Francisco como você se sentia antes de estudar?
Isso faz com que a gente vá se fechando no nosso mundinho na nossa concha e se a gente não quebrar esse tabu esse gelo você nunca consegue ir pra frente você tem que quebrar isso.Houve um tempo em que eu tava lendo até dicionário ,houve um tempo em que eu peguei um caderno e comecei a anotar umas palavras menos rotineiras e ia procurar no dicionário para que eu pudesse falar e saber o que eu tava falando para eu vez por outra soltar uma palavra bonita e saber o que eu tava dizendo isso foi me ajudando,foi fazendo com que eu quebrasse esse tabu esse gelo e fosse ingressando aos poucos e me infundindo nesse outro ambiente senão eu não ia conseguir.

Entrevista Francisco-2° parte

Sempre que alguém dizia uma palavra e eu não sabia o que era...

Você anotava?
Eu anotava e guardava no bolso. Sempre que eu ouvia.

Mas isso é uma coisa boa. Sabe por que? A gente vive numa época chamada a era da informação porque veja bem, se a gente pensar à 50 anos atrás acontecia uma coisa no Japão e levava dias para a notícia chegar até o Brasil, hoje em segundos você sabe o que ta acontecendo no mundo inteiro, Você é capaz de estar aqui e conversar com alguém no Japão que é do outro lado do mundo em tempo real.
É a mesma coisa de estarmos um de frente para o outro só que aqui tem microfone...

Você coloca o vídeo, coloca o microfone, e fala com a pessoa, tecla com a pessoa em tempo real quer dizer na mesma hora não é uma coisa que vai chegar duas depois. Essa velocidade das informações atuais elas também trazem a necessidade de pessoas que tenham uma outra postura diante da vida que além de conhecimento teórico. Ttanto que nós professores quando vamos preparar as aulas a gente tem lá os conteúdos que são teóricos que são os conceitos e conteúdos que são os atitudinais. Ter uma atitude diante daquilo, não basta mais só ter muito conhecimento acumulado e nenhuma atitude diante das coisas, diante da vida.
Você acha que ter estudado mudou a sua vida?
Mudou. Hoje eu me sinto uma pessoa mais capacitada mais útil, hoje eu tenho a capacidade de corresponde aquilo que as pessoas esperam de mim, principalmente as pessoas do ambiente do trabalho.Porque é o seguinte, somos eu e outro aqui eu sinto que...ele já tem aqui 29 anos,29 anos que ele atua aqui porém ele tem o ensino fundamental o pouco de conhecimento teórico que eu tenho alem dele o pouco não,bastante na realidade.

É por que você estudou muito.

Bastante.Eu sinto que as pessoas me olham como se eu fosse mais profissional que ele assim,para a mão de obra o Henrique e quanto ao conhecimento o Francisco,isso é muito bom pra mim.

Mas Francisco me fala uma coisa. Esse cargo que você assumiu agora ele foi mudado na sua carteira também?
Ainda não.

Ah porque isso faz diferença. Porque tem gente que muda, eu conheço vários alunos que estão trabalhando, eles trabalham à anos, na verdade são eles que ensinam os novos quando chegam mas na carteira eles estão como auxiliar e o cara que entrou depois que é o técnico ganha mais que ele.
É o cara que entrou depois é na realidade o profissional perante a sociedade ele é um auxiliar do cara que ele acabou de ensinar.

Que ele que ensinou né, porque na verdade a pessoa não sabia nada quem ensinou foi ele.
Ele é o profissional, porém passa a ser auxiliar do profissional que ele ensinou.

Isso é só burocracia. Porque na realidade quem sabe mesmo das coisas é ele que tem experiência tinha um aluno que trabalhava na ECA que quando pifava alguma coisa lá das máquinas, ninguém sabia resolver os problemas só ele e no entanto ele era o auxiliar. Além dessa satisfação profissional o que você acha de importante?
As pessoas agora acreditam tanto em mim que surgiu uma vaga de técnico de laboratório para trabalhar no banco de sangue no hemocentro daqui do hospital veterinário, beleza o diretor falou: “Francisco ,presta,presta que é bom você vai pra técnico você tem noção de hemocentro,tem noção de coleta de material e armazenagem.

Aprende coisas novas.
Ele dizia: “pra você vai ser bom,vai ser muito bom pra você”.Beleza me inscrevi, porém quem elaborou a prova foi uma medica veterinária que é chefe do laboratório aí eu puxei o conteúdo aplicativo na integra da prova e tinha coisa para biomédico,puxei e mostrei pra ele e falei: “professor,isso é coisa pra biomédico,quem vai entrar é um biomédico isso aqui não é conteúdo de técnico”.

Mas você nem tentou?
Não fiz.Eu falei pra ele foi franco falei que eu ia passar vergonha.

Ah, bobagem isso.
Professora ,era coisa de nível superior.

Não, tudo bem eu entendo, mas você não ter ido foi bobagem, sabe porque?Servia de experiência você ia ver como era que tipo de pergunta que cai a experiência de ter ido ia valer para você.
Ia valer pra mim, mas tudo bem,ta valendo.É muito bom as pessoas chegarem pra você...ele fala pra mim de vez em quando : “ presta um concurso de técnico,você só vai melhorar aqui se você presta um concurso técnico”.Agora vai ter o plano de ascensão na carreira ai eu vou pleitear o básico 3,eu tava conversando com ele,eu falei: “professor eu vou pleitear o básico

3 porque isso vai me ajudar vai me possibilitar a pagar a faculdade” e ele falou: “ a gente precisa dar um jeito nisso,né,precisa ver isso ai,vamos dar uma vasculhada ,ver se não tem um tipo de auxilio ” eu falei: “professor,a poli tem auxilio de estudo,paga valor X pela faculdade dos funcionários” ele falou: “olha,precisa ver se isso é a poli ou é algum projeto,alguma coisa assim da poli,vamos ver o que a gente consegue fazer,vamos dar um jeito nisso ai”.Eu falo pra ele todos os dias catedraticamente : “professor, eu quero estudar,eu quero estudar”,um dia esse cara vai encher o saco comigo e vai falar: “Francisco eu vou pagar a sua faculdade do meu bolso,porque eu não agüento mais essa ladainha(risos)”.Mas é muito bom viu,eu me sinto,eu sinto que eu cresci muito depois que eu retornei aos estudos.

Mas você acha que cresceu só profissionalmente?
Não culturalmente, meu nível de cultura meu Q.I cresceu muito os meus horizontes se expandiram muito.

E como ser humano?
Eu me sinto uma pessoa mais humana,uma pessoa mais culta que eu consigo interpretar as coisas de uma maneira melhor,interpretar da maneira como deve ser interpretada porque existem várias interpretações pra uma só coisa,eu sinto que agora eu consigo interpretar da forma correta.

Uma pergunta, Francisco, quando você entrou na escola você tinha uma expectativa do que a escola ia ser na sua vida, depois que você entrou na escola e que você já tava dentro dela,essa expectativa em relação à própria escola mudou?
Cresceu,cresceu,porque eu entrei na escola achando que a escola vai te oferecer um pouco e você vê que é muito mais a sua sede vai aumentando,vê só, eu ia na biblioteca eu começava a pegar livros e acabava não conseguindo ler porque eu pegava um livro um dia começava a ler e no outro dia eu pegava outro ai eu começava a ler e tava lendo um e outro,meu,você sabe aquela fome,aquela sede tudo de uma só vez e você quer correr na verdade,você quer fazer tudo hoje,como se hoje fosse o seu último dia.

Você teve o estimulo do chefe pra entrar na escola? Quando você entrou aqui você já me falou que lá no departamento pessoal mesmo eles te falaram...
Na hora.Eles ofereceram eles falaram: “Você quer retomar os estudos”, “Quero”! “É um curso de suplência de supletivo aqui na educação se você quiser a gente te encaminha pra lá” falei: “quero,quero sim”.

E aqui no trabalho, você teve incentivo?
Me incentivaram muito,aliás sempre me incentivaram.

Porque tem algumas unidades que o chefe fica achando ruim do funcionário sair pra ir para a escola...
Sempre me incentivaram, incentivaram muito me cobraram também.

Por que você saiu da escola quando você tinha de 10 para 11 onze anos?
Nos morávamos aqui em São Paulo ,eu tinha vindo com 2anos para São Paulo aí dos 10 para os 11 meus pais resolveram ir para o Ceará(sabe coisa de gente tosca mesmo): “vamo para o Ceará de novo” aí tiraram eu de dentro da escola,chegando lá meu pai sempre muito

rústico: “que estuda que nada,vamos trabalhar” , “toma uma enxada”pra cada um de nós era nossa caneta.

Mas era porque vocês precisavam disso?
Meu pai pensava que escola não servia pra nada e que estudar era bobagem
Meu pai pensava assim aliás deve pensar até hoje.

Tem muitas pessoas que pensam assim e não é culpa delas é por uma questão de ter vivido em outra época. Então, eu queria entender se você teve que parar de estudar por uma necessidade da família ou se não era tão necessário assim mas que o seu pai achava que era bobagem?
Não era tão necessário assim, meu pai achava que isso era bobagem dava pra estudar.

O que você acha que a gente aprende na escola?
Aprendemos a ser humanos.

Francisco, por que você voltou para a escola? Foi lá se inscrever quando falaram pra você : “tem um curso aqui”.?
É o que eu sempre quis você imagina “juntou a fome com a vontade de comer” ,entendeu? Um bom emprego que me ofereça uma escola e não existe lugar melhor,acho até um absurdo um ser humano dizer: “eu sou um cidadão que trabalha na Universidade de São Paulo”isso não te estimula a nada?

Em estudar né?
Isso não te estimula a aprender nada?

Agora eu queria que você me falasse um pouquinho como é a relação que você estabelece com a pessoa que tem pouca ou nenhuma escolaridade.
É uma pessoa muito cômoda.

Ou então tem um pouquinho de escolaridade, como é que você vê essa pessoa?
Acho que é uma pessoa muito cômoda, porque é muito fácil hoje,muito simples,existem inúmeros cursos de educação para adultos para 3° idade que seja,todo mundo pode estudar,educação é algo muito acessível hoje,embora que os governantes aqui no Brasil,queiram as pessoas com o mínimo de educação possível para que não saibamos escolhe-los porém,depende de mim, você já imaginou o cara chegar pra mim e falar: “olha,você tem estudo,tem vaga na escola até a 8° série,até o 3° ano que seja” mais aí o resto cabe à você.Gente!Existem por ai cursos acessíveis, muitos cursos acessíveis que você paga muito pouco ou não paga nada, direitos, o ser humano tem que saber lutar pelos seus direitos, tem faculdades por ai de graça, existe por ai uma porcentagem de bolsas que as universidades particulares que sejam tem que destina-las à população de baixa renda não é porque eu sou de baixa renda que eu não vou poder estudar, isso depende de mim acho que cada um tem que querer.

E a relação que você estabelece com as pessoas estudadas?
Nossa, pessoas felizes né.Pessoas que tiveram oportunidade na vida ou que fizeram a oportunidade na vida.Por que assim tem muitas pessoas estudadas que não tiveram uma vida boa,não tiveram uma boa oportunidade na vida,esse meu tio que eu tenho ele fez UNG

muitas vezes ele saia da faculdade dormia na estação de trem e foi para o trabalho ou seja, não foi uma pessoa que estudou porque teve tudo na mão,então pronto,foi como eu durante um período da minha vida sempre tive que trabalhar e estudar por isso eu me dei muito melhor depois que eu retomei os estudos,depois da maioridade eu aprendi a valorizar mais isso porque eu tenho que estudar e trabalhar eu te que me manter,eu tenho que estudar ou seja,eu tenho que me virar isso faz com que a gente valorize muito depois que a gente chega a conseguir o que a gente quer eu acho que por mais que eu tivesse oportunidade na vida,por mais que tivesse condições de estudar sem ter que trabalhar eu seria essa mesma pessoa eu iria preferir trabalhar nem que eu dissesse: "olha gente eu não tenho necessidade de trabalhar e estudar,então ta bom eu vou trabalhar meio período só e vou estudar pra que eu aprenda a valorizar e isso faça de mim uma pessoa mais humana,a maioria das pessoas que tiveram oportunidade na vida suficiente para estudar sem ter que trabalhar não valorizam o próximo não são pessoas totalmente humanas.

Porque ?
Porque tiveram tudo muito fácil de mão beijada, existem inúmeras pessoas por ai de nível superior que estão matando o próximo.

Então, Francisco você acha que isso tem relação com o percurso da sua vida?
Tem relação, tem muita relação.

Você falou que saiu de casa foi morar sozinho com 16 anos, você era novinho, não era?
16 anos.

Como é que foi isso?
Eu sai de casa meus pais estavam no Ceará ainda, ai eu vim descer num parque de diversões.

O que você fazia lá?
Olha só eu sou uma pessoa bem esperta, né, eu entrei lá trabalhando na roda gigante, depois eu passei para a auto-pista,depois ele me colocou numa barraca de jogos que era a roleta depois eu passei pelo carro de som,nossa eu passei por tudo em dois anos.

Aprendeu tudo?
Aprendi tudo em dois anos a gente fazia Ceará, Piauí, Pernambuco e Paraíba a gente rodava do inicio de Janeiro até final de Dezembro, 7 dias num lugar,8 dias em outro,15 dias em outro,nunca mais que 15 dias,eu passei 2 anos nessa rotina eu passei, dos 16 aos 18 anos,nesse intervalo com 3 meses que eu sai da casa dos meus pais vieram embora de volta do Ceará para São Paulo, eu fiquei sabendo com 3 meses que eles tavam aqui que chegou uma carta pra mim lá em Recife, eu passei 2 anos eu nem repostei essa carta porque vê só,meu pai me tirou da escola aqui fomos para o Ceará, desde então eu chorava todos os dias, meu paia levava a gente pra roça às 6 da manhã e voltava às 6 da tarde,eu chorava para sair de casa porque eu queria estudar: "eu quero estudar" "você não vai estudar,você vai trabalhar" eu chorava e falava: "eu vou embora" eu chorava todos os dias,aos 16 anos eu sai de casa passei 2 anos sem dar noticia,quando eu resolvi sair do quarto eu tinha uns 18 anos eu vim embora para São Paul,cheguei aqui,minha mãe achou que eu tinha morrido

porque 2 anos que eu não dava noticias,ai morei ainda na casa dos meus pais 2 meses,aí falei: “ não agüento isso não é vida pra mim mais”.

Depois de você ter vivido isso tudo sozinho, né?
Isso ai não é vida pra mim, mais sai da casa dos meus pais aluguei um cômodo, arrumei um emprego e aluguei um cômodo aí falei: “vou estudar de novo” ai ingressei num curso de suplência numa igreja lá em Carapicuíba aí fiquei por lá 6 meses,fiz ainda...eu ingressei com a 4° eu retornei na 4° ai fiz 4°,fiz 5°,fiz 6°,ai entrei na USP falei: “meu pronto era tudo que eu queria”.

É...o projeto de vida você já me falou, um pouco né? É muito legal. E hoje Francisco que você não ta indo para a sala de aula todos os dias você faz uso da leitura e da escrita em que situações?
A gente aqui, eu costumo... a gente faz muito pedido,pedidos de material de consumo,entendeu, tudo isso,a gente faz receita,a gente faz...

Receita Médica? De remédio?
Às vezes.

Que tipo de receita?
A gente prescreve exercícios entendeu, a gente faz exercício, a gente faz muito pedido, pedido a gente faz bastante a gente faz bastante pedido de material de consumo de material permanente .Lê eu to lendo, eu gosto de ler muito tudo que é envolvido com a enfermagem na área de enfermagem, eu leio bastante jornal eu leio sempre jornal, procuro estar sempre lendo eu sou curioso.

Você ta lendo alguma coisa agora?
Atualmente eu to lendo 1 livro chamado:Espinhos do tempo e tô lendo também um livro chamado...é da Zibia e to lendo também um livro chamado: “enfermagem voltado para o oncologia” é muito legal eu já tive 2 livros dele, então eu vou ler né.

Ah, quando a gente gosta, né? Eu também sempre gostei muito de ler.
Eu tava lendo... esse eu passei uns 3 meses eu trazia ele na bolsa todos os dias,um livro dessa grossura chamado...não era nem um livro é mais um manual,”manual de técnico de auxiliar em enfermagem” pra mim ir recordando todas as técnicas,para a gente não ficar meio...

Não esquecer, né...
É não, se não a gente dá uma regredida e outra coisa, todos os dias tem coisas novas na área,tem doenças novas,tem técnicas novas, tem medicações novas,tem vírus,todos os dias,precisa estar atualizado.

E me fala uma coisa, antes de você ter estudado tanto quanto você estudou hoje numa época que você sentia mais dificuldade de dominar a leitura e a escrita como você se sentia? Isso te causava algum mal-estar?

Me causava, isso fazia com que eu me diminuísse muito,não existe coisa mais chata que você estar lendo algo muito simples e você chegar a mostrar pra alguém e falar:”meu,o que quer dizer isso aqui,cara?” “Eu não to entendendo esse texto” aí ou alguém ta lendo alguma coisa ou mesmo você ta lendo e você perguntar: “meu o que foi mesmo?” “o que é isso mesmo”? “Você não entendeu?” “não, não entendi”.

E hoje parte dessa alegria toda é porque você não tem mais isso?
Eu não tenho mais isso, entendeu...

Ah, isso é moleza...(risos) E você sentiu Francisco, em algum momento um sentimento de preconceito?
Muito,principalmente antes de eu terminar o colegial,antes de fazer o curso técnico,entendeu,tinha um sentimento de...principalmente no ambiente como um todo,ambiente de trabalho,as pessoas te olhavam como se você fosse um menor,como se você fosse de uma classe inferior.Isso é muito ruim,imagina o que é hoje um médico veterinário é muito claro quando diz: “meu,o Francisco sabe mais que um médico se quiser saber alguma coisa,pergunta pro Francisco”.

E a sua auto-estima hoje, como é que você acha que é a sua auto-estima hoje?
Não dá nem pra explicar, como é a minha auto-estima hoje, eu me sinto grande isso é muito legal,meu ego é lá em cima,entendeu eu não me sinto diminuído por ninguém e acho que ninguém tem mais a capacidade de me diminuir independente de quem seja você imagina o que é um cara que tem o nome dele reconhecido em Marrocos,tem o nome dele reconhecido em qualquer lugar chegar pra mim e fala:”Francisco,vamo criar uma coisa,cria pra mim”.

Pensar nessa idéia...
“Pensa em alguma coisa pra mim põe no papel e me traz que eu vou levar para o conselho técnico administrativo pra gente ver se a gente consegue implantar”,você imagina o que isso faz com um cidadão na minha posição,isso é muito bom,esse cara é chamado em Recife em todos os lugares para...

Um curso deste seria pioneiro.
É lógico ...muito legal.

Já pensou?! Oh na história da sua vida heim...
Imagina que em outros tempos eu estaria dando essa entrevista.

(Risos)Você ficaria com vergonha.
Imagina você chega assim...

Francisco, vamos falar de um sentimento agora de um pertencimento à um grupo porque a gente falou de 2 grupos aquele do qual as pessoas não tem muito conhecimento da leitura e da escrita e um outro onde as pessoas tem maior domínio sobre esse, e você já me disse que você já sentiu parte desse 1° grupo um dia...
Já.

E hoje?
Hoje me sinto parte desse outro grupo.

Como é se sentir parte do 1° grupo e parte do 2° grupo?
A gente se sente uma pessoa...eu sou uma pessoa diferenciada,eu sou uma pessoa diferenciada das pessoas por parte do 1° grupo,entendeu...a gente muda porque vê só como que eu posso explicar...

Mas como era se sentir assim, como era se sentir parte do 1° grupo?Quando você se sentia parte daquele grupo, como era?
Eu me sentia... eu me sentia excluído,até tinha vontade de ingressar eu ficava babando de almejar um dia pertencer ao 2° grupo,porém eu sentia...até ficava recluso,eu me recluia porque sei lá eu sentia vergonha,pavor das pessoas me chamarem,eu imaginava : “meu se me chamarem pra fazer parte de algum confraternização eu vou ficar com vergonha eu não vou conseguir ir,para que eles não me chamem eu vou me esconder,isso é um sentimento inexplicável”.

E como é que você acha que você conseguiu passar desse grupo pro outro?Como é que foi essa transição?
Eu acho que isso foi muito da minha pessoa mesmo,da minha capacidade de observação,minha capacidade de aprendizado,minha capacidade de afixar,entendeu,eu busquei,eu quis,eu penso assim: “meu eu quis assim” e por isso uma das minha filosofias de vida hoje é a seguinte assim,cada um é aquilo que quer ser na vida,por isso acho que assim o que você quiser,você vai ser, o que eu quiser fazer eu faço,o que eu quiser ser eu serei,acho que se as pessoas passassem a pensar mais assim existiriam muito menos pessoas,pouco evoluídas no mundo porque as pessoas tem mania de pensar : “eu não posso,eu não consigo”, não existe gente: “eu posso,eu quero!”.

Mas você acha que não tem um fator econômico, um fator que também impede isso?
Ah!Nos país em que nos vivemos?!Fala serio.Não tem sabe porque?

Mas se a gente for pensar nas estáticas tem milhões de pessoas desempregadas hoje...
Ah,porém sei lá...pra estudar eu preciso estar oficialmente empregado,há milhões de desempregados porém que trabalham na informalidade.

Sim, e outros que não tem trabalho. Eu estou entendendo o que você ta me dizendo eu concordo plenamente,que é preciso que haja força de vontade, interesse a pessoa tem que ser lutadora mesmo,batalhar porque se ficar esperando que caia do céu não acontece nada.
Lógico,assim,eu to desempregado mas não vou me matricular numa escola pra mim estudar.

Então, mas tem o outro lado...todas as questões tem os dois lados Voce não acha que tem o lado que é meio perverso dessa história?
Da sociedade...

Do capitalismo dessa exploração de gente no Brasil que morre de fome até hoje e gente que ganha num dia o que a gente...

O que a gente nunca vai ganhar...

Numa vida inteira.
O que a gente nunca vai ganhar mesmo numa 3° geração.

Existe uma desigualdade social muito grande que é um fato não é uma coisa que a gente ta inventando é uma realidade brasileira...você acha que isso também não tem interferência?
Interfere mas não totalmente porque assim,essas pessoas que estão desempregadas, se pensar da seguinte forma em determinado momento da vida delas elas estiveram empregadas e quando não estavam empregadas tinham condições não precisavam trabalhar e tinham condições de estudar tem muita gente hoje...o exemplo de muitos adolescentes por ai que não precisam trabalhar porém não querem estudar também daqui a menos de 5-10 anos da vida deles vão estar sofrendo por ai.

Porque na juventude de hoje tem muita criança fora da escola, adolescente...
Tem muita criança fora da escola,tem adolescente que na realidade até ta na escola (porém eu fiz o Ensino Médio,o colegial) e fala: "eu não quero mais",tem gente que fala claramente: "eu só quero fazer até o colegial" tem gente que ta no 1° ano do colegial e fala: "quando eu terminar,eu paro".

É não vê a hora né!
Não vê a hora!

Ah, então, isso é uma coisa muito legal que você falou é verdade apareceu no jornal esses dias uma reportagem falando: "escola parece uma prisão",então essa coisa que você falou é muito legal que parece uma prisão, um presídio, assim: "ai não vejo a hora de sair daqui".O que você acha disso?Você se sentiu em algum momento assim quando você ia pra escola?
Não,de maneira nenhuma a minha felicidade era ir pra escola,sempre foi eu dizia quando eu saia daqui: "agora eu vou cuidar da minha vida, o trabalho pra mim era como se fosse uma obrigação,vim pra cá,trabalhar,quando eu saia daqui que eu pegava o material eu falava: "gente agora eu vou cuidar da minha vida,agora eu vou viver" é uma satisfação muito grande.

Francisco eu queria saber também se você acha que ter passado pela escola ter toda essa experiência de vida que você me contou, te deu mais autonomia?
Muito mais,nossa me deu muita autonomia, vê só hoje eu posso chegar e falar assim: "gente eu sei que é difícil o mercado ta difícil porém, se eu sair daqui hoje amanhã eu vou tentar a minha vida e vou trabalhar, de fome não vou morrer, eu tenho conhecimento que me capacita a encarar o mercado de trabalho diferente de algum tempo atrás e tocar a minha vida pra frente,porém eu vou atrás de tudo que eu gosto e aqui dentro eu tenho inúmeras oportunidades a oportunidade de conhecimento aqui dentro é muito grande, isso aqui é uma universidade publica.

Mas e a autonomia em outro sentido a autonomia...
Eu sei também quais são os meus deveres entendeu, é legal você saber quando exigir algo e quando pedir e saber que você ta exigindo porque eu posso,eu tenho conhecimento sobre isso.

Que é um direito né.
Entendeu, é muito bom.

E você já passou por algum momento assim de crise? Que você ficou sem perspectiva?
Não, nunca passei eu não lembro,não lembro de nunca ter passado por um momento de crise que eu tenha ficado sem perspectiva não.Eu sempre fui muito decidido muito pra frente.

Nossa! A gente falando com você a gente até se anima!(risos)
Então, era isso Francisco eu gostaria de falar pra você que esse trabalho deve ser concluído logo.
Eu quero muito assistir essa defesa.
A gente pode assistir a defesa.

Isso tem uma argüição da minha parte, eu vou defender o trabalho, expor, então todas as pessoas que participaram cestão convidadas para assistir.
Nossa, que legal!

Se você puder ir.
Eu adoraria.

Entrevista: Erico.

Primeiro fale seu nome inteiro pra mim.
Erico Magalhães Filho.

Qual é a data do seu nascimento?
Dia 11/12/66

Vocês todos são de Dezembro né? Agora estou lembrando.
(risos) Erico.

Estado civil?
Casado.

Você nasceu aonde? Cidade e estado.
Ceará, Itapipoca.

Erico quando você entrou no SENAC, você já tinha ido pra escola alguma vez?
Já, eu tinha ido mas, eu era muito cabeçudinho, muito pequeninho ai não aprendi nada.

Você foi quanto tempo pra escola?
Foi pouco uns dois anos, assim no Ceará ainda, né? Ai também vim pra cá também novo ai só trabalhei não estudei.

Mas você chegou a fazer primeira serie?
Não, só lá com vocês no SENAC mesmo.

E essa escola que você foi antes, não chegou a completar o ano?
Não, não completei.

Então eu vou fazer umas perguntas pra você sobre a escola, tá bom?
Ta ok.

Olha, uma das coisas mais importante pra mim Erico é saber por que você foi procurar a escola, por que você queria estudar o que te motivava a fazer isso, o que você esperava ?
Foi assim eu passei lá de frente e saiu na TV não saiu?

Saiu, no rádio na TV eu não sei.
Uma propaganda do SENAC que tava fazendo alfabetização, ai me interessou né?Porque a gente...quem trabalha nesse ramo precisa e todo mundo precisa né?Da escola.

Qual ramo você ta falando?
Ramo de pizzaria, de restaurante.

Ah, porque naquela época você já trabalhava com restaurante né?
Eu já trabalhava e a gente que não tem estudo não tem chance de crescer na vida, de crescer dentro de uma empresa né?Nunca passa de peão sempre vai ser peão porque não pode crescer na empresa.

Então, veja se eu entendi, seu motivo maior, era melhorar suas condições no trabalho?
È melhorar minhas condições no trabalho e eu sabe do estudo pra mim né?Pra mim melhorar o meu trabalho porque com o estudo melhora o seu trabalho, então minha motivação de eu ir foi essa.

Agora queria que você me contasse como é que foi a experiência de estar na escola, procure se lembrar como se a gente estivesse voltando lá pra nossa sala de aula. Como foi esta experiência pra você?
Ah, foi muito bom, foi ótimo, porque uma que eu comecei a estudar, comecei a conhecer outro pessoais legais que também que tava procurando a mesma oportunidade que eu tava tendo no SENAC de estudar e foi muito bom,porque eu já sai de lá já meio esperto achando que já tava sabendo alguma coisa, entendeu, porque a gente teve um pouco tempo de escola lá, mas foi muito bom o tempo que o passe lá, foi ótimo maravilhoso, bem aproveitado mesmo.

E estar na escola, significou o que pra você?
Assim, foi muito bom porque realmente na escola a gente aprende muita coisa, e estudando com a professora boa de saber ensinar, de saber falar com o aluno e amostra como é que a gente tem condições de aprender ai é maravilhoso.

E você acha que isso aconteceu com você, que você conseguiu estar numa escola boa, ter uma professora boa?
Ah, com certeza aconteceu sim, porque a gente ia, a gente ia de manhã, era muito bom e a gente na sala de aula a gente se diverte também,a gente além de aprender, a gente se diverte então é muito gostoso é maravilhoso, pra mim foi uma experiência melhor que eu tive assim, foi estuda no SENAC, porque realmente amoleceu mais a minha cabeça um pouco pra...entendeu.

Entendi. Depois de lá Erico, você continuou estudando?
Oh, depois de lá eu passei mais 2, 3 anos... eu viajei eu fui aqui no CEJA fiz a inscrição no CEJA só porque eu voltei a estudar no CEJA , mas ai eu tava na empresa quebrei o dedo e eu escrevo só com uma mão, ai eu quebrei o dedo, ai fiquei afastado da empresa, ai minha mãe também não tava legal ai eu viajei passei um tempo fora de São Paulo, uma que eu tava fora do serviço,ai também fiquei fora da escola por isso ai demorei a voltar, mas agora eu voltei a estudar no CEJA.

Agora esse ano de 2008?
O ano de 2008 eu não terminei porque eu tive uns probremas com família aqui em casa e eu fiquei muito triste com muita coisa que aconteceu comigo, ai mas esse ano eu vou voltar esse ano de 2009, com certeza eu vou voltar e terminar o que eu não consegui terminar né?Parece que quando chega perto de terminar acontece alguma coisa que me deixa muito triste e eu não termino.

Agora eu queria que você me contasse uma coisa Erico, quando pensa como você era antes de ter estudado e depois, você acha que é a mesma pessoa ou mudou alguma coisa na sua vida?
Não, lógico muita coisa mudou,lógico que eu mudei pra melhor, né? Porque quando você foca num negocio da gente já de...39 anos eu acho que eu entrei lá com 39 anos, 38 ou 37 essa faixa de ano que eu entrei lá no SENAC, então um cara que não sabia nem assina o nome né? Pra mim trabalhar era muito ruim, entendeu.

E você trabalhava do que?
È eu trabalhava de pizzaria eu era pizzaiolo e pizzaria precisa lê comanda, entendeu, quando é da maquininha é bom de você lê mas a pessoa escreve na mão ai não fica tão fácil né? Mas na realidade melhorou muito a minha vida sabe, as coisas que a gente tem na cabeça quem não sabe ler e escrever é muito ruim é muito ruim assim porque quando você começa a aprender a sua mente começa a melhorar, como melhorar?Melhorar, melhor mesmo porque ai você fala: “não tenho mais medo de perder o meu serviço sou profissional vou arrumar outro eu sou profissional”entendeu, essas coisas abre a cabeça da gente.

Fica mais confiante.

Você fica mais confiante no seu trabalho, você não fica assim, mendigando um trabalho assim, porque você fala: “não eu não posso fazer isso porque a firma não pode me mandar embora e que essa me mandar embora eu não vou arrumar outra” e você estudando realmente você tem uma grande chance na vida logicamente que é pra melhor.

Mas fora a vida profissional, que melhorou o seu trabalho, você acha que a escola também te ajudou na vida pessoal com a sua família com o relacionamento com as pessoas no geral? Você acha que a escola também mudou isso ou foi só a relação com o seu trabalho?
Não, realmente a escola muda a pessoa por inteiro né?Porque na realidade sobre isso ai também mudou ne?Porque as vezes a gente ta solteiro quer escrever uma carta pra alguém, quer falar umas duas três palavras mas que escrever aquelas duas, três palavras pra aquela pessoa quer mandar umas flores também precisa você né?Você manda um
cartãozinho você manda : “eu te amo” tal,tal,assim algumas palavras assim, logicamente que realmente melhorou sobre isso a escola é fundamental e melhorou a minha vida no geral,entendeu.

Mas fora essa coisa de escrever que é muito importante a carta, o cartão, na convivência com as pessoas você acha que a escola muda também?
Muda sim, porque na convivência porque se a gente também ta fora da escola a gente ta conversando sobre o aprendiz que a gente ta tendo na escola, então realmente muda, muda em casa, muda na casa da gente porque a gente pega um livro, você pega um livro pra você lê, a família fica em volta, fica vendo você lê é muito legal realmente muda, na parte de casa também ajuda demais.Mudei sim.

Como que você era antes e como você é agora, então o que mudou?
Ah mudou porque eu era assim pra conversar com alguém eu não conversava muito porque eu também não tinha aquela experiência de conversar muito com as pessoas mas quando você ta dentro da escola realmente tem uma confiança maior de conversar com as pessoas de se expressar melhor com as pessoas então isso mudou também.

Olha só Erico, se a gente for pensar faz mais ou menos 10 anos que a gente estudou.
È verdade.(risos)

Não é. O tempo passa rápido se a gente for pensar fazem 10 anos desde a época que a gente estudou junto na escola. Como foi essa experiência pra você?
Olha, pra mim na realidade Jany, foi difícil porque quando eu fui lá pra me inscrever lá no SENAC pra mim da o meu nome pra mim começa turma de alfabetização foi muito difícil porque eu passei lá de frente duas vezes, e não tive coragem de entrar eu via aquelas meninas bonitas lá na frente que atendia né? Eu falei: “vendo um cabeção desses com 36 anos que não sabe nem assina o nome” é difícil pra você entrar.

Você tava com vergonha?
Com vergonha, com certeza e eu nessa época eu tava sozinho né? Ai não tinha aquela motivação de alguém, fala: “não Erico você vai lá e acabou você tem que ir não eu era sozinho então ficou difícil de eu ir de eu entrar ai um dia eu passei lá e falei: “caramba eu vou entrar assim eu vim aqui pra fazer isso eu vou fazer” ai cheguei lá comecei a conversar com as meninas as meninas super simpáticas tal ai comecei a estudar ai depois que eu

comecei a estudar ai realmente já mudou tudo porque ai eu já não tinha mais vergonha eu t já tava no meio do pessoal enturmado com o pessoal ai não tinha mais vergonha ai foi só coisas boas que ate agora vem acontecendo na minha vida.

Então você acha que o fato de você ter estudado mudou a sua vida pra melhor, tanto no aspecto profissional, quanto na família e com os amigos?
Com certeza, mudou muito e melhorou a minha vida depois que eu comecei...

Agora eu queria que você pensasse uma coisa Erico, hoje estamos aqui e você não tivesse ido pra escola se essa história fosse diferente você acha que você seria a mesma pessoa?
Olha, eu não seria a mesma pessoa porque logicamente que eu não...eu mudei muito assim no sentido de me conversar com as pessoas de me relacionar com as pessoas, entendeu, então se eu não tivesse ido pra escola eu não tinha o que eu tinha hoje, entendeu eu não tava com a pessoa que eu estou hoje, entendeu, porque eu era um cabeção não tava nem ai cabeça fechada, cabeçudo né?Então eu não tinha conquistado tudo que eu conquistei eu voltei pra minha esposa tal pra minha filha pra minha família,construímos uma casa juntos tamo trabalhando juntos e a vida a gente ta tocando e ta crescendo.

E você acha que a escola também teve parte nisso?
A escola teve parte nisso sim, porque se eu não tivesse ido pra escola eu não tava nem ai, né? Porque as vezes a gente também precisa da escola e do saber pra gente também ter inteligência pra gente buscar as coisas que é bom pra gente sem prejudicar ninguém, então mudou isso também da minha vida.

Então, antes de ir pra escola você não se importava com coisas que você se importa hoje é isso?
Não, antes de ir pra escola eu não me importava com as coisas que eu me importo hoje, então por isso que eu digo que a escola realmente melhorou e o pessoal que estava junto comigo também lutando pelo mesmo objetivo que eu também estava lutando também mudou.

Você fala de quem por exemplo?
Ah do José, todo mundo que tava ao redor da gente trabalhador, honesto e também atrás dos objetivos deles é crescer também a gente fez uma turma ali uma turma muito boa de pessoas honestas trabalhadeiras eu acho que hoje ali ta todo mundo ta mais ou menos bem também com a proposto do estudo que veio também pra abri a cabeça do pessoal para realmente melhorar também.

Você acha Erico que se você não tivesse estudado...porque você só estudou então até o SENAC depois você não estudou né? Eles foram estudar na UNISA e você não foi junto nessa turma

É depois eu parei ne? Eu to dando continuidade agora depois... Não, não fui.

Você estudou até o SENAC agora que você esta voltando, foi isso ou você passou por algum outro curso nesse meio tempo?
Sabe que eu não lembro eu não sei se tive na UNISA...
Você teve na UNISA(voz externa)
Eu tive na UNISA sim, tive na UNISA um tempo na UNISA.

Esteve?Ah tá então depois do SENAC você teve um tempo com eles na UNISA.
Foi, foi.

Então sua primeira motivação sua foi melhorar o seu trabalho, nesse ramo de restaurante que você trabalhava você achou que era importante estudar por causa disso e hoje você ...
Hoje eu sou mais legal ainda(risos).Pra você vê que hoje eu também to buscando as coisas melhores também pra...

E você acha que se você não tivesse ido pra escola a sua vida seria assim como ela é hoje?
Não, não acho que não eu acho que quando a gente procura o melhor é pra gente a gente só recebe o melhor, entendeu, então depois que eu fiz o curso de alfabetização lá no SENAC é que melhorou a minha vida, começou melhorar, entendeu, então o pessoal perguntava: "ta fazendo, ta estudando, ta legal"?

Quando você entrou na escola Erico você tinha uma idéia do que era a escola? Por exemplo você pensava: "ah escola deve ser assim, assim" eu queria que você me contasse o que você pensava da escola antes de entrar na escola? E se a escola correspondeu as suas expectativas.
A escola sim com certeza porque na escola é você ter um bom professor, se você tem um bom professor realmente você aprende e se você tiver com interesse de aprender, mesmo a pessoa que não tiver interesse de aprender se tiver um bom professor ele aprende.

Mas por que você acha que isso acontece? Por que você acha que o professor é uma figura tão importante pra aprendizagem?
Ah, com certeza o professor é a cabeça pensante, então é ele que dá as cartas então ele que comanda se ele tem o grupo dele na mão pra ele comanda e realmente ele gosta do grupo que da aula, realmente sai aprendizado que não tem jeito de não sai.

Você tem lembranças dessa época de escola depois de adulto, tem alguma coisa que tenha saudade, que lembranças você tem dessa época?
Ah, eu tenho muito lembrança boa dessa época da escola como do pessoal que estudava comigo, como da minha professora que eu não consigo acha uma igual a você(risos), então realmente é difícil a gente lembra de muitas coisas boa que acontece primeiro é da professora que você estudou que realmente deu uma luz pra você e abriu a cabeça da pessoa pra ensinar mesmo porque a gente com idade mais avançada já é mais duro pra aprender, uma que a pessoa trabalha, trabalha a noite como tinha a gente que trabalhava a noite.

Tinha gente que chegava lá dormindo né?Com sono cansada.
Muita gente chegava lá dormindo porque trabalhava a noite saia do serviço 6 horas, e ia pra escola ai se torna o dobro de problema que a pessoa vai carregando ali pra poder atingir os

objetivos que é ler e escrever, entendeu, muita gente ia ali mais por causa de você, porque você era uma otima professora.

Ah, muito obrigada.
Então muita gente não desistiu mesmo por causa que você incentivava, você não, vocês tem que aprender, vocês tão aqui pra isso,então isso foi maravilhoso senão muita gente tinha desistido.

Na verdade eu pegava no pé porque eu sabia quando alguém estava faltando eu falava: "não pode faltar de jeito nenhum" se bem que era difícil vocês dois faltarem, mas tinha uns que faltavam muito daí eu ficava preocupada. Acho isso muito importante o professor saber o que esta acontecendo com o aluno se tem alguém doente, por isso não esta vindo,porque se a gente deixa a pessoa abandonada ai fica mais fácil de desistir da escola.
Mas ai que ta a diferença do bom professor, porque,porque na realidade muita gente lá na UNISA porque tinha um professor ruim, né? Tinha um professor que não tava nem ai, se a gente vinha ou se ninguém viesse tinha gente que ia mais por causa de você por causa que sabia que você tava lá você ensinava mesmo, você passava um clima bom para os alunos que estava ali.Na UNISA todo mundo foi, mas a maioria desistiu porque chegava lá o professor não tava nem ai e a gente já ta cansado, já ta esgotado e o cara nem olha a minha lição o que eu fiz pede pra fazer e nem olha, nem olha o que a gente escreveu errado ou escreveu certo se agente escreveu errado, então se nos tive escrevendo certo ou errado ta a mesma coisa,então eu não vou ficar nessa escola, então o professor que faz a diferença.

Então, tanto faz né? Assim, você pensar que...
Então ai a pessoa fala então tanto faz eu não to aprendendo, mas na realidade ate assim a pessoa ta dentro da sala de aula a pessoa ta aprendendo mas a pessoa as vezes não tem a noção de que pode estar aprendendo mas a pessoa esta aprendendo sim.

É de alguma maneira a gente aprende, né?
È verdade.

Mas é que é mais difícil, porque você já está cansado já trabalhou então estudar torna-se um grande empenho né? Vocês acordam, cedo se chegarem lá e encontrarem um ambiente sem estimulo vocês podem pensar: "o que eu vou fazer aqui" agora se vocês encontrarem um ambiente motivador cheio de propostas interessantes a preguiça fica pra lá, então você, fica mais animado né?
Eu sei que aquela nossa turma do SENAC ninguém acha outra igual, porque aquela turma lá era gente-boa demais(risos)

(Risos)O José falou a mesma coisa.
Não, não acha não é todo dia que a gente acha uma Jany na vida né(risos) pra ensinar tão bem com aquela disposição que você tinha, você tem ate hoje pra ensinar então, a gente chega lá com a Dona Áurea.

Quem é a Dona Áurea?
Eu falo: "Ô meu Deus, ô Dona Áurea" é a minha professora loira(risos) é a Dona Áurea ela é uma figura de pessoa ela já ta se aposentando, não ta muito ligando não, realmente as

aulas dela não são ruins não, são bem aproveitosas as aulas dela, então mas a gente ta batalhando devagarzinho pra aprender um pouco mais.

Que bom fico muito feliz de ver que a escola foi uma coisa boa na vida de vocês!
Ah, na minha foi ótimo a escola pra mim foi...não porque a pessoa vai abrindo a cabeça , porque a pessoa não adianta você fala que a escola não ajuda, hoje tem muito jovem ai que vai pro caminho do mal mas não é a escola que ensina a escola que o melhor pro jovem os pais que o melhor pros jovens mas o pessoal né?Eu achava que quem era cabeção sou eu,mas é os jovens que são cabeção eles tem tudo na vida ai pra aprender tem escolas ai boas né? E tem muita chance de aprender hoje tem curso, tem muita chance do jovem aprender, porque você vê que todo jovem hoje que realmente que estudar tem uma profissão e ta ai na linha de trabalho né?Sempre sendo encaminhado pra uma boa firma né?Pra ter uma chance na vida né?Pra ser encaminhado pra com certeza depois.

Erico você dá todo esse valor pra escola, se você tivesse estudado quando criança acha que daria o mesmo valor?
(risos) não, não sabe o que é Jany eu não posso mentir eu vim do interior do Ceará mas a minha mãe queria que nos estudasse quando o meu pai morreu,eu não conheci o meu pai ele morreu no dia 15 de Novembro e eu nasci no dia 11 de Dezembro né?27 dias, 28 dias depois que ele morreu eu nasci, entendeu, quando eu me entendi por gente assim, né?Porque lá a gente demora pra se entender por gente hoje não mas antigamente se demorava, antigamente ate 10, 11 anos os moleques andava pelado.

Era muito ingênuo né?
Era muito ingênuo**.**

Criançio né? Não tinha maldade.
Criançio, não era porque não tinha roupa não é que a molecada andava mesmo eu conheci um pessoal que acho que eles tava com 16 e os moleques andava pelado a gente chegava lá o todo mundo se escondia um negocio assim né? Mas tinha maldade, não tinha aquela e o estudo naquela época não era tudo mas quem, vamos supor a minha mãe queria muito que a gente estudasse o meu irmão veio estudar na cidade grande também né?Também não terminou os estudos né? Que deu um monte de problema por ai,problema assim ele namorava com uma menina e minha mãe não quer e naquela época se não queria,não queria e acabou,entendeu,mas as minhas irmãs todo mundo foi pra escola a minha mãe tinha condições de põr a gente na escola ninguém lá era, eu não estudava porque realmente eu não queria mesmo.

Não era por que você tinha que trabalhar na roça?
Eu nunca trabalhei, na roça os meus irmãos ate hoje fala: “você nunca fez nada Erico você nunca trabalhou e nem quis estudar” então hoje eu vejo a importancia que tem o estudo, mas não porque eu não tinha a minha mãe não tinha condições graças à Deus quando a gente veio pra cá minha mãe tinha bastante gado,a minha mãe tinha de tudo que você imaginasse, nos tinha vaqueiro pra isso, vaqueiro pra aquilo, entendeu, então nos não estudamos porque nos fomos uns “cabeção” mesmo tinha muita gente que não estudou lá mesmo porque não tinha condições tinha que trabalha na enxada de segunda a domingo em terra à pôr-do-sol e depois o Zé ainda arrumava alguma coisas pros meninos fazer, não estudava porque não tinha jeito, mas nois tinha sim,mas não dei valor por isso que eu estou

hoje aqui e depois que eu voltei a estudar aqui porque aqui as coisas são completamente diferente aqui você tem que saber ler você tem que sabe escrever,então se você não sabe então você não arruma emprego né?Lá não na época você pegava o seu cavalo, você ia atrás de uma vaca, você tinha as suas coisas.então não precisava você saber ler e escrever.

Mas aqui na cidade grande é diferente né?
E hoje também já mudou muito, hoje você tem que ter um conhecimento muito grande pra você hoje arruma um serviço, um serviço bom que você possa ajudar a sua família que você possa crescer dentro da empresa.

Entendi. Então era isso Erico, quero agradecer pela entrevista vou dizer o que já falei já pro José na família dele que eu estou gravando esse trabalho porque tenho que escrever exatamente o que você falou, não posso inventar nada, depois apresentarei este trabalho para professores da universidade e vocês todos são convidados pra assistir. Ainda não tem data porque eu preciso terminar, mas quando tiver vocês serão convidados.
Pode ter certeza que nos vamos ta lá torcendo pra você.

Ah obrigada.

Transcrição: Margarida

Parte-I

Então, vamos começar Margarida...
Primeira coisa, eu vou anotar o seu nome inteiro.
Margarida dos Santos.

Que dia que você nasceu Margarida?
É...

Dia do seu aniversário?
30/08/49

Seu estado civil?
Casada.

Quantos filhos?
Três.

Você nasceu aonde Margarida?
Alagoas.

Qual cidade?
Palmeira dos Índios.

Quando você entrou no curso pra aprender a ler e escrever, era a primeira vez que você tava indo na escola?
Quando eu era criança eu fui, lá no Norte, mas...

Você foi quanto tempo? Você lembra?
Eu lembro, só que agente ia duas semanas, e o pai tirava a gente pra roça.

Pra trabalhar?
Pra trabalhar, pra apanha algodão, cata feijão, "prantá" palma.

Então vocês nunca iam....
Faze farinha, tinha casa de farinha, faze farinha. E agente nunca continua, sempre ele tirava, e na época do inverno, aí nem se fala, vinha aula, porque era tudo pra roça, pra lavoura.

Porque era época de plantar?
De pranta.

Entendi...então você nunca chegou a cursar um ano inteiro de escola?
Não, de jeito nenhum.

Aí quando você começou lá no Senac, foi a primeira vez que você foi pra escola?
Foi de verdade. A gente viu na televisão, passando a propaganda, aí a gente correu, eu corri, fui me matricula. Cheguei lá, fiz a matrícula com você mesma.

Eu lembro. Então...fala uma coisa pra mim Rosinha. Quantos anos você tinha quando entrou no curso?
Quantos anos? Peraí...Olhe Jany!!Olhe Jany, acho que eu tinha uns...

Quantos anos você tem hoje?
Peraí,...como posso lhe falar...eu vou fazer cinqüenta e nove. Acho que eu tinha uns...

Dez anos atrás...
Dez anos atrás...é....então, eu tinha, uns, uns....quarenta e nove.

É, isso mesmo.
Por aí, né?

Isso mesmo, dez a menos.

É, dez a menos.

Ingressante.

É...depois de lá Rosinha, quando acabou o curso do Senac, você estudou mais aonde?
Na Unisa.

Você estudou na Unisa.
Na Unisa.

Quanto tempo você estudou na Unisa?
A gente estudou....eu creio que uns três anos.

Uns três anos?
Uns três anos.

E, vocês quando saíram da Unisa, tinham terminado até que série? Você lembra?
Lembro.

Chegou até a 4ª?
A gente chegou até a 4ª, mas daí houve uma sabotagem com a gente, na hora da prova.

O que aconteceu?
Os professor... os professor, na hora da prova Jany, eles entraram pra ajudar a gente.

Entendi.
Tá entendendo? Aí, eles passaram a gente pra 5ª série. Quando a gente foi estudar aqui no EJA, aqui do Interlago, as professoras acho que a gente não ia acompanhar.

E aí, eles queriam que vocês voltassem?
Eu vô te falar....era uma japonesa, aí...ela foi lá na diretoria da escola do EJA, aí ela...aí ela falô lá com a diretoria, aí depois fizeram a reunião coma gente, tá entendendo?
E a professora falô que nóis não tava em condições de ir pra 5ª série. Acontece....ia acontecer isso, porque nenhum professor é obrigado a voltar um aluno, né? Assim...a reprovar um aluno, né? Assim que eles falaram. Aí o que acontece...fizeram a reunião, chamaram os alunos, que foi uma turma, lá da Unisa pro EJA, aí foi assim, a pessoa que assinasse, nós assinamo, como a gente queria volta, passa pra 3ª série ou a 4ª. Aquele que assinasse pra volta, tudo bem, ele continua, e o que não assinasse, não ia acompanha, ia desiste, e foi o que aconteceu. O problema do Carlo e mais de umas três pessoas que foi com a gente. Aí, eles não acompanharam, aí desistiram, ficaram com vergonha, porque o EJA é embalado, sabe? (risos) Foi...

Mas eles não foram obrigados a assinar? Só assinava quem queria?
Não. Oh, só assinava quem queria. Justamente, eu to falando pra você.

Ah, então tá bom, só pra eu entender
Só era obrigado a voltar o aluno, por exemplo a gente tava na 4ª, pra voltar pra 3ª só se a gente assinasse, e foi o caso que as pessoa que assino, continuo, e quem não assino desistiu,

porque não acompanhava. Olha Jany, quando a gente tava lá, quando ela passava um "probrema" que os outros iam em frente, às vezes terminava aquele "probrema" as pessoa, éh....respondia as questão que tava pedindo no "probrema", e a gente ainda tava copiando.

Mas fala uma coisa pra mim...
Certo.

Essa turma era mais jovem que vocês?
Não tudo da nossa idade. Agora, os que tavam lá eram mais jovem.

Então, isso que tô perguntando...
Pois é...

A turma que vocês falam que já terminava primeiro, era mais jovem?
Os que tava lá?

É, os que estavam lá?
Eram tudo mais jovem, aí a gente não acompanhava.

Ah....porque é diferente sabe Margarida....
Porque tinha uma moça que tinha cabeleireiro, tinha um rapaz que terminava, começava, depois desistiram.

E as histórias dessas pessoas, então.... as histórias dessas pessoas, se a gente for ver é diferente, não é igual de vocês que nunca foram pra escola. Eles já tinham ido quando eram crianças, estudaram um pouco.
Justamente, justamente...nossa desistiram.

Aí, mas desistiram....
Uns até casado desistiram, outros....tudo jovem, que eram outros,não eram uma sala só a gente.

Alguns, por exemplo desistiram quando estavam na 4ª série, e agora estavam voltando pra 5ª.
Então, justamente.

Mas, é muito diferente uma pessoa que frequentou a escola quando era criança até a 4ª série, parou, depois volta na 5ª, de uma pessoa, da nossa turma , não sei se.... você lembra como era a nossa turma?
Lembro.

Então, a nossa turma tinha gente, assim, que já tinha estudado?
Não, não tinha.

Não tinha. A única pessoa que tinha estudado um pouquinho mais era a Antônia, ela tinha.

O Marcelo.

É, que era jovem também.
Que era jovem...

Mas eu também falei pra eles, que aquele curso era pra quem?
Era... aquele curso era pras pessoas, jovens e adultos que não sabiam assinar o nome.

Isso, então falei pra eles, que era pra quem não sabia.
É, não sabia...

Se eles quisessem, eles não iam poder ficar nervosos, nem ficar chateados, porque o curso era para aquelas pessoas, mesmo assim eles queriam continuar, eles aceitaram e nunca ficaram, assim, pacientes, por causa disso. Mas, eles já sabiam desde o começo que o curso era para quem não sabia ler e escrever, né?
Pois é, e você vê como a gente ficava nervosa, quando a gente: "hum...minha filha, eu não sei", a gente se descabelava, chorava, você vinha, e conforma a gente, e você falava: "Oh, vocês estão aqui pra aprende, porque se vocês soubessem, vocês não tavam aqui, vocês tão pra aprende, vocês não sabem, mas aprende". Lembra quando você falava, a Celi também como aquela paciência dela, né?

É claro, eu lembro. Então, eu lembro sabe por quê. Porque, vocês tinham uma idéia de escola na qual não podia errar que tinha que fazer tudo certo, tudo rápido. E não era bem assim, porque vocês estavam começando naquele momento, então tinha que ter um pouco de paciência, o erro fazia parte mesmo, quem já vai acertar uma coisa que nunca fez, né? Então....
Eu pra assinar o meu nome...você lembra que você pegava na mão da gente, aí Meu Deus, meu nome, eu até troquei minha identidade, troquei ah...não foi bem identidade, é troquei identidade e a minha profissional, você vai ver, porque tem uma carteira aí que eu tirei pra receber a natalidade das criança quando nasci, eu assinei o meu nome com Z, e o meu nome não era com Z, era com S, né? E agora tem a profissional, oxi!!! (risos).

Chiquérrima, né? Margarida?!(risos). Então tá bom. Rosinha, eu agora vou fazer umas perguntas pra você.
Qual foi o motivo, Margarida, que fez você querer começar a estudar? Por quê você foi procurar a escola, o que você queria com isso?
Oh Jany, eu procurei a escola, porque eu achava que aquilo era um absurdo pra mim, uma pessoa vive aqui em São Paulo, ir no supermercado e não saber, assim, o que era o que tava escrito qualquer coisa que você via na prateleira, assim, quando você ia no Shopping, tinha na vitrine dizendo o preço, a promoção, como era os pagamento, você via aquilo ali, era a mesma coisa que você não tava vendo, porque você não entendia nada, né?

E o que você falou pra mim dos ônibus? Como que eram os ônibus?
Os ônibu! Ave Maria!! Você via...eu quando vim morar aqui, que era, começo....porque eu me casei lá em Alagoas e vim morar aqui, quando os meu filhos começo a nasce, que tinha que sai pra fazer pré-natal, tinha que sai.....a gente conhecia os ônibu pela cor dos ônibu, não pelo letreiro, pelo número, porque a gente não sabia de nada, era o mesmo que não tivesse nada escrito, porque antes não sabia de nada. Aí, eu achei que não dava pra

continuar assim, meu filhos nasce, cresce, e eu continua nessa vida, sem sabe de nada, é um morto, é um vivo cego. É, pra mim era.

Como é que foi pra você Margarida, estar lá na escola estudando? Como é que foi essa experiência? Quais são as suas lembranças?
Olhi, lembrança dos amigo, lembrança de você pega o caderno, compra caderno, compra lápis, começa a escreve, depois começando a ler, e já entendo a alguma coisa, daí você vai ganhando experiência de ler algum número, de faze uma continha um tudo, isso pra mim foi maravilhoso.

Eu te escrevi uma carta, né? Como é que foi quando chegou a carta aqui na sua casa?
Ah, eu li a carta.

Você leu sozinha.
Eu li a carta sozinha, vi o endereço, comecei a olha o endereço, aí comecei a olha, lia, relia de novo (risos). Aí, quando eu abri a carta, eu li a carta direitinho, e quando as minhas filhas chegaram, eu falei assim: " Vocês nem acreditam o que aconteceu? O que foi mãe? Eu to tão feliz, falando pra elas, vocês não acreditam a minha professora, a minha primeira professora escreveu uma carta pra mim, e quem leu fui eu". Pra mim isso foi uma alegria maior do mundo.

Mas hoje você já faz isso, né? Você lê as suas próprias cartas.
Eu leio, ponho o endereço, no natal eu ponho os cartão, eu que endereço as carta, isso não é maravilhoso Jany?! Isso tem coisa que pague, uma coisa dessa? Pra mim não, pra mim não, Nossa Senhora!!!

Pra mim também não tem.
Rosinha você estudou até que série? Você parou na 5ª?
Eu parei na 4ª série.

Na 4ª série....., e você vai retomar a 5ª?
É, eu vô retoma a 5ª.

Agora eu queria que você me contasse uma coisa. Olha, você achou que, indo pra escola, mudou alguma coisa na sua vida? Pense como era sua vida antes da escola e como ficou depois da escola, se mudou alguma coisa no relacionamento com a família, na sua vida, porque no trabalho, você sempre foi do lar, não foi?
Não, eu já trabalhei.

Você trabalhou? Então, se mudou alguma coisa no seu trabalho, depois de ter estudado? Como era antes de ter estudado, e agora depois que você estudou? O que mudou na sua vida?
O que é que mudou?

Se você acha que mudou alguma coisa.
Mudou. Eu mudei no comportamento.

O que é que mudou no seu comportamento Margarida?

Falar mais baixo.

Ah é? você falava diferente?
Um tom alto, aquele tom que a gente aprendeu a falar no Norte, que parece que tá todo mundo surdo. É, aprende a falar mais as palavras, sabe? Que a gente falava muito errado, tá entendendo?

Eu entendo. É que é assim. Tem gente que acha que é errado, mas a gente já conversou bastante sobre isso também. Que na fala cada um pode falar do jeito que quiser, não tem uma lei, que diga que falar assim é errado. É que tem um jeito de falar, que é mais próximo do jeito de escrever, né? Mas falar qualquer um pode falar do jeito que quiser que tá certo.
Certo. É, mas a gente, a gente, aqui às vez a gente, as menina corrige que a gente fala, e não é daquele jeito, a fala.

Mas, você acha que você fala melhor?
Magina, claro que eu falo melhor! Aí, que trabalhei numa metalúrgica, a gente atendia o telefone?

Isso antes de estudar, ou depois?
Depois que eu freqüentei a escola.

Ah, depois que você foi trabalhar na metalúrgica.
Depois que eu fui trabalhar na metalúrgica.

Ah, isso eu não sabia.
Na Mooca.

Hum, e como é que foi isso, me conta?
Eu ia só, eu pegava o metrô.

Que legal!!
As estação que você tá vendo. Com a escola eu aprendi a lê o nome das estação, como entrava e como saia o metrô, quando vinha. Quando a gente entro dentro do metrô, você sabe que ali ta indicando tudo, agora se você não sabe lê, você não ta vendo nada, é! Porque a seta de Jabaquara tá ali indicando, ou se ela entra aqui, ou se ela vai, ou se, ta indicando, né? Quando as pessoa iam almoça, o escritório não podia fica só, aí ficava a gente pra atende os telefone, eu atendia os telefone, “ponhava” o nome da pessoa que ligo, anotava o número do telefone, isso pra mim mudo muito, né? Jany! Porque quem não sabia número nenhum, não sabia nenhum número. Agora ta atendendo telefone, pegando metrô, pegando ônibu, nunca me perdi, trabalhei quase três ano.

Ah, eu não sabia disso.
É, foi na Mooca, na metalúrgica.

Porque quando a gente começou a estudar, eu acho que você, naquela época você não tinha...você já tinha trabalhado?
Não.

Não tinha. Você só cuidava da casa.
Era.

Então, essa era a lembrança que eu tinha até quando a gente estudou, mas como já passou muito tempo...você já fez coisa, heim moça!
É, já, já fiz.....nossa Jany, já fiz....nossa senhora!

E com a família Margarida, mudou também com a família alguma coisa, o fato de você ter estudado?
Oh Jany, a gente aprende muita coisa, sabe! Na escola, pra você passa pros filho, sabe?!

Mas o que tipo de coisa?
Assim, negócio de casamento, sabe?! De casamento, de relação sexual, que antigamente, a gente... nossa senhora, tinha...

Não podia falar sobre isso.
Não podia falar sobre isso, era o cúmulo do absurdo, hoje as moçada já sai, se manda se cuida, usa camisinha, né?Tudo...e a gente naquele tempo, quem podia fala isso pro um filho? Magina, hoje em dia a gente conversa abertamente, apesar que meus filho, já caso dois, só tem uma solteira, agora, né?
Mas, a gente fica mais liberal, sabe Jany! E através da escola, pra mim foi tudo através da escola, você vai no mercado, nossa senhora...você vê ali quanto ta escrito o preço, matemática, eu sou boa em matemática, que coisa boa, que maravilha isso, né?...Nossa senhora!!

Viu que não era nenhum bicho de sete cabeças!
Não, de jeito nenhum.

Né? Eu falava que vocês conseguiam.
É!

Mas Rosinha, deixa eu te perguntar mais uma coisa.
Certo, pode fala.

Então, você acha que quando você entrou na escola, você tinha alguma esperança, alguma vontade de encontrar um emprego?
Tinha.

Tinha. E você acha que a escola te ajudou nisso?
E muito.

Te ajudou.
Oh.....

Pode falar...
Você quer que eu conto um.....

Eu quero, eu quero que você conte tudo o que você puder.
Uma pequena história pra você.

Quero.
É, antes de eu ir pra escola, que, casei e, vim pra aqui, e daqui começou nasce os filho. Aí, quando as menina nasceram, acho que Andréa tinha o que....uns onze anos já, eu oporei pra não ter mais, né? Aí, elas cresceram começaram ir pra escola, aí eu queria arrumar um emprego. Você sabe o que aconteceu? Era ali no...na divisa de Diadema, aí eu queria arrumar emprego, e sabe o que fiz? Eu levei a minha menina que já tava na escola, e já sabia lê e escreve, porque ela com seis anos, pôs ela no pré, quando ela foi pro pré, que ela sai pro primeiro ano, ela já assinou o diploma dela, que eu tenho até aí, das duas. Aí, eu levei ela pra faze uma ficha por mim, que eu não sabia, aí tudo que tá aí, aqui no papel, tava pedindo, eu como não sabia, eu levei à ela.

Pra ela escrever?.
Pra ela escreve pra mim, isso não é um absurdo?

Porque você não sabia.
Porque eu não sabia, né?

Aí, você não conseguiu...
Aí, eu não consegui o emprego.

Entendi.
Depois quando ela fez a ficha, que eu assinei, que tinha que ser, aí a letra dela tava diferente da minha assinatura, aí eles perceberam que aquela ficha não fui eu que fiz.

Entendi.
Foi a minha filha, foi...

Mas assim, você acha que você voltou, foi pra escola, por causa disso? Você acha que teve uma grande importância, você foi pra escola, porque era isso que queria, arrumar um emprego? Ou você queria outras coisas?
Não, eu não queria tanto o emprego.

O que era mais importante?
O que era mais importante pra mim era eu aprende lê e escreve.

Entendi.
Porque o emprego eu já vivi sem emprego, já depois de um certo tempo, já tinha os filho crescendo. Não era esse o meu objetivo, o meu objetivo era quere aprende a lê e a escreve, ir no mercado, compra, chega em casa pega a caneta, faze um conta que hoje em faço isso (risos)....que pra mim...pois é...não era atrás de emprego.

Ah, entendi. É, porque podia arrumar emprego, mas não era o mais importante, né? Eu entendi.
Pois é...

Agora Margarida, eu vou te fazer uma pergunta que é parecida com a outra, mas é só pra você me conta um pouco...
Olha, fazem dez anos desde que você estudou pela primeira vez, né? Se você olhar pra traz, assim, como se a gente tivesse fazendo um exercício, como se tivéssemos imaginando, olhando pra traz, e olhando esses dez anos que passou, depois que você entrou na escola. Como é que você vê esse tempo, desde o dia que você entrou na escola, e começou a aprender a ler e a escrever, até hoje. Você acha que foi bom, você acha que sua vida ia continuar a mesma se você não tivesse feito isso, como é que você olha pra esse tempo Rosinha?
Assim...dos dez ano pra cá.

Desde que você entrou na escola até hoje, faz dez anos, né?Como é que você vê esse tempo? O que aconteceu nesse tempo?
Oh, esse tempo pra mim Jany, o que aconteceu, que agora, depois que eu estudei, que eu peguei as coisa melhor, sabe?! Assim.....que eu raciocinei melhor, sabe?! Que você aprende alguma, você aprende.

Você se sente melhor?
Eu me sinto melhor...Deus é mais. Eu fico pensando assim: aí meu Deus, valhe meu pai poderoso, o que seria de mim se eu não tivesse me interessado ir pra escola? Já penso como eu não estava? Aquilo monótono, a mesma coisa, não conhecia ninguém, não sai pra lugar nenhum, porque eu não sabia sai só, né? Só saia com o marido ou os filho, agora eu vô pra todo lado. Oh, eu vô no Brás, eu vô no Bom Retiro, eu vô na Santa Cecília.....

(Risos)Você faz compras?
Vô na cidade, vô sozinha, porque, porque.....

Você não vai se perder....
Eu não vô me perde, e antigamente, Jany, eu só saia mais o marido ou os filho.

Tinha medo, né?
Tinha medo, porque eu não sabia sai só, quer dizer que isso pra mim evolui muito.

Te deu muita liberdade, autonomia, é isso?
Me deu.....meu deu muita liberdade....nossa senhora não tem nem comparação.

Entendi.....
Deus é mais. É por isso que eu não vô pará, eu vô é continua.

Muito bem!!! Fico feliz de ouvir você falar assim....
É, pois é.....se Deus quiser. E depois Jany, a gente ganha mais experiência, né? Você sabe mais as coisa, você vai no supermercado, você sabe conta, você vê as gôndola, você sabe lê, sabe?! Nossa isso pra mim foi maravilhoso!!! Você vai numa loja tem uma promoção, tem um tanto de juro ou vezes, dez vezes ou a quantidade do juro. Tudo isso eu entendo. E eu entedia isso, pelo amor de Deus?! Nossa Senhora.....pra mim foi....pra mim foi.....eu evolui muito depois que eu fui pra escola. Eu me considero assim, né?De mim. Pois é....

Fico tão feliz de ouvir isso Margarida, você nem imagina...
Nossa senhora...oh Jany, não tem nem comparação minha filha, pelo amor de Deus...nossa senhora...pra mim o estudo foi tudo!!

Porque pra mim....vocês todos, que não sabiam ler e escrever e hoje já sabem, eu gosto de vocês do mesmo jeito....
Pois é....

Sem saber eu gostava, e agora que vocês sabem, eu continuo gostando do mesmo jeito.
Então, gostando do mesmo jeito...

Mas eu fico tão feliz, porque vejo no depoimento de vocês, que isso foi muito importante.
Muito importante...nossa senhora!!! Você lembra como a gente chorava de tão emocionada que a gente ficava, quando tava nas aula de vocês, que via aquelas coisa que vocês faziam com a gente, lá aqueles trabalho, que a gente não sabia, né? Nem que existiu aquilo, e como começava nada nessa vida, principalmente pro lado de estudo. Você lembra da vez do barbante? Que você começou?

Que tinha que jogar o barbante?
Que tinha que joga e, aí você falava, acho que era nos pato, era nos ganso...

Nos gansos
Que quando eles sai, né?Os outro acompanhava, né?E você fez aquilo com aquele barbante, com a gente.

Eu lembro...
E mandando as pessoa, cada cá fala o que....o objetivo, o porquê tava ali. Você lembra?

Eu lembro....
Pois é....que tudo começo com você e a Célia naquele tempo lá...

Eu me lembro muito de vocês começando a ler e a escrever, descobrindo as coisas.....
É...nossa...você ficava feliz também.

Porque isso pro professor também é uma coisa maravilhosa.
Nossa Jany era tudo ..e a gente, eu acho que só dentro da gente sabe...e hoje quando ligo pra minhas amiga, assim....que nem Dona Zoraide, a Zefinha, o Carlo, cada cá tem um orgulho que aprendeu um pouco, sabe?! Não continuo, mas aquilo que fez bem, que aprendeu. Aquilo é maravilhoso, eles contam vitória. A gente conta....cê lembra quando?... cê lembra quando a Cele pegava na mão da gente, pra escreve, cê lembra?
A gente era...agora o pouco que você aprende, mas aquilo já lhe serviu muito. é...nossa mãe.

É porque o conhecimento é uma coisa, não sei se você lembra que eu sempre dizia isso: o conhecimento é uma coisa que ninguém pode tirar da gente.
É, como certeza.

Depois que você aprende a ler e a escrever...
E as palavra de vocês ali naquela sala de aula nenhuma caia no chão era tudoaproveitoso.

Ninguém pode tirar de você o que você aprendeu.
É...

Alguém pode até roubar o seu dinheiro, roubar as suas coisas, mas o que você aprendeu tá lá dentro, ninguém pode tirar. Ninguém pode fazer você não saber mais ler. Não tem jeito.
Sim. Não tem mais jeito, aquilo que você aprendeu nunca mais cê vai esquecer, né?Jany?

Né?2
É. Então Jany, aí eu tirei a minha identidade, tirei outra, e tirei a minha carteira profissional, e meu título de eleitor se Deus quiser, eu ainda vô tira ele, porque quando eu fui tira o meu titulo de eleitor, Jany...tudo bem, eu fui, fiz lá a entrevista que naquele tempo já não é que nem agora, que tudo muda, né?! Aí quando eu fui, aí... fui lá, a gente leva os dado, tudo, começava com a identidade...., aí quando eu tirei..., aí tem aquele certo dia, aí tudo bem não preciso assina, até aí tudo bem, né.....aí no dia que eu fui pega no título de leitor tinha que assina...ai Jany...

Mas faz muito tempo isso Margarida?
Faz, faz...

Quanto tempo mais ou menos? Você lembra?
Eu acho que...lembro quando tinha estudado ainda.

Porque as pessoas no Brasil podem...

Parte-II

Nossa Margarida que letra bonita!!!!
Agora Jany...oh, olha pra diferença Jany.

Muito diferente. Olha que letra linda, heim!!
Olha Jany, aqui foi quando eu fiquei nervosa que pra mim o mundo ia desaba sobre mim, aí a moça foi...quando eu fui recebe ela pego a minha mão pra vê se saia...olha...tu tá vendo?... eu vô troca, magina, não só mulhé pra tá mais com tipo de eleito, com assinatura dessa. Esse aí é um tipo de eleito. Tem quantos ano Jany?

Deixa ver se tem data.
Tem.

Oh, de oitenta e seis.
Oitenta e seis.

É.

Ta, quantos anos?

Vinte anos, né? Vinte e dois, oitenta e seis, noventa e seis, dois mil e seis fez vinte anos.
Então...

Vinte e dois anos.
Eu não tinha que ir pra escola ainda.

Não sei....
Aí você vê a assinatura.

Mas é fácil de trocar, é só você no cartório eleitoral.
Pois é...e eu já...oh, eu já troquei da identidade, cê viu a antiga?

Tá linda, viu!
Oh, você vê a assinatura daqui pra aqui. E olha a carteira de trabalho...

A carteira de trabalho.
Oh minha filha, não te coisa que...isso é uma coisa abençoada, isso é...olha aqui.

Deixa eu ver.
Olha.

Ah, a mesma letra bonita.
Né? Pois é.

Você tá com uma letra muito bonita.
É**.**

Porque essa letra de mão, essa letra manuscrita, lembra quando começava a aprender, que eu falava: não a gente não vai aprender essa primeiro, porque essa é muito difícil, cheia de laçinho, de nozinho.
É muito difícil, é...

Você já ta fazendo direitinho!!
É, pois é...é minha filha magina.

Que linda Margarida!!
Pelo amor de Deus! Agora o que eu acho que tem diferença, uma assinatura dessa pra uma dessa aqui desse titulo de eleitor, claro que tem!

Claro que tem! Dá muito orgulho.
Dá muito orgulho. Por isso que eu vô troca de novo.

Ah, muito bem!
Por que eu fui deixando de lado, mas se Deus quiser, eu vô troca o título, só falta o título. Quer dizer que é uma coisa que eu evolui muito, minha filha, pelo amor de Deus, é...Ave Maria!

Agora Margarida eu vou te perguntar sobre a escola.
Certo.

Eu queria saber de você Margarida, o que você esperava da escola logo que entrou nela?
Certo.

Depois que você entrou na escola, a escola, serviu pra realizar aquilo que você queria, que você esperava dela ou ela te ajudou a realizar muitas coisas e te decepcionou em outras, não era tudo aquilo que você queria. Como é que foi isso, queria que você procurasse se lembrar o que você esperava da escola, antes de conhecer a escola. E depois que você já conhecia, que sabia como era estudar, ser aluno, é... se a escola correspondeu ao que você esperava dela.
Ah Jany, oh nenhuma escola me decepcionou, nenhuma, nenhuma escola.

Que bom! Aí que bom!
Nenhuma, nenhuma escola me decepcionou, porque você ia no ritmo, conforme o dia a dia, cada dia você aprendia um pouquinho, cada dia que você ia, você aprendia um pouquinho, mas durante essa escola que eu freqüentei, nenhuma, o que eu esperava era tudo o que eu encontrei lá. Nenhuma me decepcionou, eu num, se eu num fui bem, se eu fui lenta era o meu jeito de ser, que eu tenho... eu escrevo devagar, nunca fui, assim, na caneta escreve rápido, mas pra mim, todas as escolas que eu frequentei pra mim todas elas foram maravilhosa. Nenhuma escola me decepcionou.

Que bom! Cê tinha falado, pra mim que você não era rápida na caneta, mas tem gente na universidade que não é, que não escreve rápido também. Isso é bobagem.
É.

Mas você me contou uma história que eu não lembrava, que eu achei muito interessante Margarida, do Pedro, de um dia que a gente foi fazer um desenho, o que foi que aconteceu?
Foi. No dia que a gente foi faze o trabalho, aí você deu um papel pra cá cada desenha, assim, alguma coisa que você tivesse em casa que você gostava, é...um bibelô, um cachorro...

Um objeto...
Um objeto...

Que tivesse um significado pra vocês.
Um significado, quem quisesse podia desenhar a filha, alguma coisa que fosse...aí esse amigo da gente, o Pedro, ele diz que penso, penso...aí ele disse que a única coisa que vem na cabeça dele que ele freqüentou muito e que ele só era o que ele fazia quando era jovem que os pai dele apanhava, era a enxada, aí ele desenhou uma enxada.

E você lembra disso até hoje.
Magina, eu não esqueço nada.

Você falou assim pra mim: que a enxada era a caneta dele.
É, era a caneta dele, ele falava da enxada. Aí, o papel, aí quando você recolheu os papel que todo mundo escreveu o seu, o mais interessante foi do Pedro pelo fato (risos).

Que cada um falava o seu.
Cada qua falou o seu, e o Pedro foi...e aí você dizia: mais venha, venha eu quero sabe o porquê você desenhou, parece que no meu tempo eu desenhei um cachorrinho que a gente tinha, o nome dele era Dodi.

Era. E cada cá desenhou o seu, né? E foi a do Pedro que desenhou a enxada no papel.

Ah, e você lembra disso até hoje.
É, nunca esqueci...é.

Então tá bom Margarida.
Pois é.

Tem mais alguma coisa que você lembra que você queria conta que acha importante.
Oh, quando nóis começo lá no...

No Senac.
No Senac, você tinha, você lembra do rádio que vocês tinha ou você trazia ou pegava lá na...

Na secretaria.
Na secretaria que você colocava que colocava música do Luis Gonzaga, cê lembra que eu me desmanchava?

Eu lembro. Quando eu coloquei Asa Branca.
Justamente Jany. Ah meu Deus do céu! !Como eu me emocionava naquele tempo que a gente...

Você lembra do dia das fotos Margarida?
Das foto.....que a gente desenho?

Não de umas fotos que eu coloquei na parede.
Ah, certo.
Que tinha gente cortando cana.
Ah é, umas que você foi que a gente foi lá na...sai lá pra fora pra tira a folha e desenha na folha do caderno, que aquilo tudo fazia parte do trabalho, né?

Fazia.
É...é. E da música lá, da Asa Branca, nossa senhora!! Aí Jany, sempre quando a gente tava lá, naquela escola que foi lá onde que começou se freqüenta mesmo até o curso termina, né? É, eu nunca esqueço disso, porque eu era revoltada.

Você era revoltada com o que Margarida?

Com os meu pai.

Por que?
Que Deus o perdoe...já morreu todos os dois, mas eu acho que eles...eu acho que eles não se interessavam apanha a gente na escola, aí você se conformava que era antigamente, era o jeito deles, era aquele, que não queria que a gente não fosse pra escola, que não era pra escreve bilhete pra namorado, e a gente...e eles não se interessavam, era tudo...oh Jany, porque...

Mas você tinha irmão homem?
Tinha, era cinco homem e cinco mulhe.

E os homens iam pra escola?
Não, também não. Ninguém ia pra escola, só os dois mais velho que foram mais tinhoso e, enfrentaram eles e foram, que foi meu irmão e minha irmã, os dois mais velho, o homem e a mulhe. E nóis como era já dos....da geração....

Dos menores.
Escutava tudo o que eles falavam, que a gente atendia muito os pais da gente, O que eles falassem, tinha que ser o que eles falassem. E minha mãe como era mulhe, que ela não se interessava pra fala como marido dela que era o meu pai. Ah, deixa elas estuda as moça... Que nóis Jany, assim, não é a gente se orgulhando, mas nóis toda vida, nóis fomos uma família bonita, sabe? Umas moça mais bem apresentada, irmãos tudinho se criaram, tudinho analfabeto, só os dois. Aí, depois cada cá tomou conta de sua vida, e hoje todos eles assina o nome, sabe? Lê uma carta, escreve outra, mas foi só depois que cada um tomou conta de sua vida.

Que foi procurar.
É, que foi procura, porque enquanto tavam...porque você sabe naquela época o pessoal do norte, eles era metido a coroné, sabe? Assim, rígido, aquele jeito, os filho só pra roça, pau mandado pra...aí sempre quando você tocava esse assunto na escola, o povo que... a gente não estudo, aí sempre isso me revoltava que eu achava, não sei até hoje, mas eu culpo eles que não...e a gente não...e a gente...

Porque era um outro jeito de pensar...
E a gente Jany, vô fala pra você, a gente não era pobre, sabe?! Nóis trabalhava, mas a gente trabalhava pra gente. Se sabe, aqui é trabalha, lá é trabalha alugado pros outro, nóis nunca trabalho pra ninguém, nóis só trabalhava dentro da nossa terra...

Então quer dizer que vocês...
E com o nosso pai.

Vocês poderiam ter estudado.
Com certeza.

Entendi.

Era. Meu pai era coroné, meu pai era fazendeiro forte, meu pai tinha gado lá que...leite naquele tempo, eles nem vendia, leite nem fazia queijo, tirava leite pro consumo, deixava os bezerro mama, e bastante .
Não é que nóis estudo, assim, nóis não fomo pra escola, porque se nóis não trabalhasse, nóis ia passa necessidade. Não, com nóis não era assim.

O problema era que eles não queriam que vocês fossem pra escola.
Saíssem pra estuda em escola. Isso você sabe naquele tempo.

Porque era o jeito deles pensarem, né?
Justamente. E naquele tempo Jany, há...uns cinqüenta anos atrás que a gente, dez ano, né....já vô faze cinqüenta e nove ano, to com cinqüenta e nove, vô faze sessenta ano agora esse mês, esse ano, em agosto.
É, a gente não fi..., não ia trabalha pra ninguém, sabe? Era da...ele apanhava a gente na roça. E não era naquele tempo, não era que nem agora que cada esquina tem uma escola. As escola era longe naquele tempo...

Muito longe...
Era longe, não tinha escola. Quando tinha aquela turma, assim de fazendeiro às veze quando tinha uns do coração bom, reunia e ponhava uma professora pros...., a vizinhaça estuda, mas isso lá, nunca aconteceu lá, e eles também não se interessaram, desde que a gente nasceu. Quando eu fui casa, que era para assina eu não consegui assina, eu pus o dedo no batiste....na certidão de casamento, porque eu não sabia assina. E muitos, e as minhas irmã, quase tudo. E agora, depois que todo mundo se caso, o rapaz, seu Mobral, sabe? Você lembra do Mobral?

Lembro.
Que era parceiro nas fazenda. Aí, eu tinha uma irmã que foi até professora. Essa aqui foi tinhosa, escapa mais duas irmã e ia pra escola. Quer dizer, que Deus o perdoe, mas sempre a gente carrega esse sentimento.

Eu acho que eu entendo a sua revolta, porque a sua revolta não quer que você não gosta deles, você continua amando, mas é que você sofreu demais....
É, sofri demais.

Por não ter estudado, né?
Oh, então Jany, é quando a gente ia pra uma escola, agora que nem eu freqüentei essas escola, porque eles passa “probrema” pra gente, e você, quando você resolve, ou você não sabe de jeito nenhum resolve, aí você se revoltava, eu mesmo chorei quantas e quantas vezes nas outras escola. Na sua que foi pouco tempo lá, foi...aquele curso foi quanto Jany? Seis mês?

Não, um ano e meio.
Um ano e meio, né? Fazia “muitos” probrema” que eu acho que eles achava que a gente ia acompanha, e não acompanhava, aí eu começava a chora dentro daquilo que eu não tava entendo, nem sabia faze, aí era que crio minha revolta, é...eu só devo isso aos meus pais, porque se eles tivesse hoje, eu não tava num sofrimento desse chorando aqui com cinqüenta e poucos ano na sala de aula (risos).

Mas cê sabe Rosinha eu vou te falar uma coisa, a revolta não vai te ajudar...
Isso mesmo que todas as professora falava.

O que vai te ajudar é você tentar entender e perdoar a eles. Eles não sabiam, se eles soubessem que o estudo era tão importante, eles tinham mandado vocês pra escola. É que naquela época eles achavam que principalmente, as meninas, iam ser donas de casa...
Exato, pois é.

Cuidar dos filhos, que não iam precisar ler e escrever, que isso não serviria para nada.
E o meu pai sabia lê e escreve.

Então.
Sabia.Agora, ele sabia, e ele e eu acho que não sei ele sabia o que ele sabia e, não quis que a gente aprendesse, fosse pra uma escola aprende, agora a minha mãe não sabia lê e escreve, não.
É, mas era, era que nem, naquele tempo era que nem coronel, que o dono da casa.

Manda...
Manda, a mulher tinha que obedece.

Obedece
E naquilo criava os filho, e foi nisso que a gente não conseguiu.

Entendi.
Mas...

Mas, agora...
Eu acho que você já tem falado tanto as escola que a gente tem freqüentado que a gente já tira...eu mesmo já tirei mais do meu coração, porque eu tinha magoa, eu tinha, viu Jany.

E agora você, lê a carta que eu mando, sai por aí passeando pela cidade inteira sozinha, anda de metrô, não tem mais que carregar esse magoa não, joga ela fora.
Joga ela...não mas, isso aí, eu só to contando.

Eu tô entendendo.
Eu to só contando, mas...

Não, conta é bom.
De tanto vocês fala, cada prof...porque eu falava pra você, falei pro...o EJA que onde a gente estudo, falei na UNISA, porque quando você vai começa numa aula, quando você tá começando se matricu...você vai começa, todos eles pede pra faze um resumo, o porquê a gente tá na aula agora depois de adulto, depois de já...(risos), é...aí a gente vai e fala.

Conta a sua história.

Aí de quanto os professor, as sala que a gente tem freqüentado, de tanto eles fala, aí a gente vai esquecendo, vai...graças a Deus hoje eu já tirei do meu coração, to só lhe contando.

Não, eu fico muito...
E também não era só eu que conto. Tem gente que conta caso pior do que o meu, modo de escola naquele tempo.

E caso de menina que o pai achava que ia arranjar namorado, na nossa sala tinham várias.
É, pois é.

Não é?
É, com certeza.

Rosinha, cê falou que você tem o telefone de umas outras pessoas ainda, né? Eu queria.
Tenho, eu tenho.

Pra eu ligar, e ver se consigo falar com essas outras pessoas que estudaram com a gente.
Oh Jany, isso é bom pra o seu trabalho, né?

É, isso é pro meu trabalho.
Alguma coisa a gente vai aprendendo né? Jany?

Claro.
Olha aqui posso mostrar com orgulho meu caderno, o último.

Aí que lindo!!!
Olha ái...

Aí que letra mais linda!!!
Tá vendo.
Tem muito erro, né?

Não tem não.
Oh Jany, porque uma coisa também. Sabe porque a gente demora mais na escola? Porque Jany, cada dessas escolas que a gente freqüentava o horário era sempre o mesmo, duas horas de aula.

É menor.
É menor. Oh Jany, todos eles. O EJA que a gente estudo, aí depois, aí acharam que a gente chegava lá e, nem bem começava a aula já tava pra termina, se tivesse uma palestra, ou algum professor com alguma coisa pra conta, ih...quando abria os caderno já era hora de termina. Então, por isso que se torna lento.

Entendi.

O aprendizagem da gente.

Porque com a gente eram três horas e meia, né? Era maior o tempo.
Então, era maior. Mas esses outros que nem a Unisa, que nem o Magister e, aquele ali, era tudo duas horas. Pois é aí se torna mais lento, né? Né Jany?

É, mais difícil, mas também deve ser por causa do horário...vocês estudavam em que horário, Margarida?
Nóis estudava da...das 10:30 às 11:30, é. Das 10:30 às 11:30 dá duas horas, né?

Não dá uma.
Dá uma, não.

É das 10h às 11h. Das 9h30?
Não então, era...das 9:30 às 11:30. Dá duas.

Isso dá duas.
É, então era esse horário. Ih...

Porque quando é de noite, pra acabar 11h30 é muito tarde. Mas de manhã podia.
Não, não tem.

Podia ter mais horas.
Não, eles não dão mais hora, de jeito nenhum.

Você falou que tem o telefone do José, né?
Tenho.

Da Zoraide?
Tenho.

Vou anotar o nome deles aqui.
Oh, do José aqui, oha Jany, oha.

Entrevista: Dona Márcia

Então aí depois dessa reunião que tiveram com a Mayra e a professora Estela, nossa ela ficou assim muito maleável,porque eu ia desistir do curso porque sabe quando você vai pra sala de aula você já tem pouco tempo e você fica reprimido ali era muito difícil pra mim aí depois disso ela mudou o modo dela tratar os alunos, explicar a matéria era muito confuso eu sei que ela melhorou e depois foi teve um desenvolvimento assim bem melhor eu consegui terminar o 1° ela ainda participou e logo em seguido a gente já...mas era muito bom a experiência da sala de aula era ruim numa parte porque eu fazia isso assim na correria, terminava, dava as 18:00 eu já pegava o caderninho e ia correndo, então e tive assim muita ajuda de professores que me dava aula quando eu precisava ele me ajudava porque eu achava essas questões daquelas de responder o questionário muito difícil, estudar ali, estudar naqueles questionários sozinha não dava, não dava eu não conseguia de jeito nenhum, o Edgar não sei se você lembra do Edgard?

Lembro.
O Edgard, em Português ele me deu uma força total.

Ai que bom né?

Não só em Português nas outras matérias e tiveram outros também que as vezes no horário que as vezes eu vinha ate um pouco antes e ficavam juntos,então assim foi muito bom a participação deles, então dava pra ta pegando por esse motivo.

É como a senhora falou uma coisa é uma professora que vem dar aula pra adulto e tem experiência com criança ou com adolescente e ela acha que é a mesma coisa e e não é o trabalhar adulto é muito diferente, já é uma pessoa adulta, madura, responsável não é mais uma criança não precisa ser tratado desse jeito.
Não, de jeito nenhum.

Então, a senhora se formou? A senhora fez até o Ensino Médio completo até o 3° ano?
Completo, até o 3° ano.

Aí que maravilha. Depois que a senhora terminou, Dona Márcia mudou alguma coisa na sua vida, ter estudado mudou alguma em casa, na família, na vida, no trabalho, a senhora acha que mudou alguma coisa ou a senhora acha que se a senhora não tivesse estudado tudo seria a mesma coisa?
Não eu acho que mudou.

O que mudou?
Mudou...aquilo que eu falei pra você o seu conhecimento passa a ser um pouco maior e você tem mais é...como que eu posso falar, um exemplo assim, você fala com as pessoas com mais clareza, mais segurança assim acho que bem por ai, exemplo eu gosto muito do meu irmão ele é professor,eu tinha dificuldade pra conversar o meu linguajar era um o dele era outro, então hoje depois disso eu sinto assim que a gente conversava e entendia as línguas apesar do conhecimento dele ser bem maior mas ai eu já passei a encarar uma outra realidade mesmo aqui no trabalho pra eu ta resolvendo os meus problemas eu já comecei a encarar melhor, entendeu e na realidade eu só na fui mais pra frente por causa do trabalho porque eu enxergo assim uma dificuldade grande você ter que trabalhar a estudar ao mesmo tempo exemplo, se eu tivesse que voltar a fazer um curso superior eu teria que estar estudando de manhã e eu já não...saindo do horário que eu saio daqui pra eu ta entrando na escola oito horas pra mim já é muito cansativo mas eu gostaria sempre falei isso quando eu aposentar eu gostaria de fazer um curso não pra melhorar no trabalho mas sim no meu conhecimento porque a gente aprende,estudo é pra gente próprio então isso eu gostaria sempre tive vontade você fica mais desinibida pra conversar com as pessoas.

E por que a senhora não tenta prestar o vestibular aqui na USP?
Jany, eu não me vejo a não ser que eu faça um cursinho mas eu não me vejo preparada pra estar prestando.

Que curso a senhora gostaria de fazer?
Você sabe o que eu gostaria de fazer, hotelagem esse tipo de curso, hotelagem ou mesmo assim... eu gosto muito de cozinha.

Ai, eu também tem um curso no SENAC, que eu gostaria muito de fazer é um curso de chef de cozinha disseram que quem faz esse curso aprende a cozinhar pratos do mundo inteiro, dá uma vontade!

É então são esses daí e outra também hotelagem ou mesmo cozinha ou senão pra viagem, turismo entendeu só que aí no caso a gente só tem vontade porque depois também se aposenta aqui você não tem mais idade pra voltar a, fazer essas coisas, teria que ta fazendo isso mais cedo né?

Ah quem sabe né?
É pode ser.

Mas só da senhora pensar nisso já é uma coisa boa,
E outra, o estudo é muito bom...você nossa...eu acho que pra você ta conversando com as pessoas que tem estudo você também tem que ta num nível...tem que ta junto pra se entender, muito bom.

Então, Dona Márcia a senhora falou que tinha voltado a estudar por causa dos filhos e em casa como é que foi, depois que a senhora estudou mudou alguma coisa na relação com os filhos?
Não porque exemplo eu tenho... a minha filha essa mais velha ate falei pra ela hoje: "você me deu muito trabalho" ela parou não estudou só me deu trabalho, queria muito que ela estudasse e ela não estudou né?Ela falava que ia pra escola e acabava não indo e eu tinha que vim trabalhar não dava pra eu ta vigiando eles né? Eu acho ela super inteligente eu sempre pego no pé dela pra ela voltar a estudar né?Espero que uma hora ela ainda vai acordar pra vida e volte né?Assim ela parou de estudar, o Cristiano ela na época ele também foi só ate a 8ª e o trabalho dele ele também tava trabalhando né?Depois que ele casou exemplo ai ele já não tava mais na minha companhia é que ele terminou o ginásio o colegial né? Hoje ele faz faculdade, então quer dizer, a minha outra filha ela terminou a 8ª também casou,casou muito jovem e depois estudou aqui no NEIA também, concluiu aqui então assim enquanto depender de mim nos estudos eles não dependeram, depois tomaram...

Mudou a relação da senhora com eles, em casa com a família, acha que mudou?
È como pessoa acho que mudou, mudou bastante.

O que a senhora acha que mudou?
Sei lá eu passei a entender eles melhor, porque eu fase difícil é uma fase que você passa com os filhos que a gente nunca ta preparado né?

Eu ainda não cheguei lá mas me disseram que na adolescência...
Nossa é terrível, terrível Jany, eu sofri muito principalmente com essa minha filha né? Então eu acho que se eu tivesse um preparo melhor exemplo se eu já tivesse concluído talvez eu entenderia melhor ela.

Acha que poderia ter lidado melhor com a situação...
Teria lidado melhor, mas assim foi muito difícil, mas foi com ela.

Mas a senhora conseguiu né?
Consegui, consegui, graças à Deus que eu consegui sobressaiu das situações muito difícil mas chorei muito...

Imagino, ser mãe não é fácil né?
Não é Jany é sofrer no paraíso porque a gente ama eles né.

A gente tem medo que alguma coisa dê errado e queremos o melhor pra eles.
E eu vou ser sincera pra você não deu errado com essa minha filha hoje se ela tivesse agido diferente hoje ela estaria melhor ela só não esta melhor por causa das conseqüências da vida dela própria mas se Deus tivesse tido misericórdia hoje ela não estaria nem como ela é porque ela se envolveu com gente muito da pesada Jany, então por isso que eu falo foi Deus que teve misericórdia senão hoje nem estaria nem viva mas graças à Deus hoje ta ai né? Tem mais juízo, tem o marido ta criando os filhos dela e tem medo de passar pelo que eu passei...

Eu acho que tem umas coisas que a gente só entende quando é mãe .
Mas é realmente porque a gente se preocupa muito com eles.

Dona Márcia então, já fazem muito anos assim, um período de 10 anos da experiência escolar, como é que a senhora avalia isso? Acha que o fato de ter passado pela escola mudou a sua vida ou acha que se a senhora nunca tivesse estudado a sua vida seria a mesma?
Ah não, não mudou muito não seria a mesma não!

Mudou? O que a senhora acha que...
Mudou o conhecimento Jany, eu acho que é aquilo pra você ter contato com as pessoas eu acho que mudou bastante.

Antes de entrar na escola a senhora pensava tinha uma idéia de como era a escola e depois que a senhora entrou a acha que a escola era aquilo mesmo ou esperava algo diferente?
Não, era diferente.

O que a senhora esperava antes de entrar?
Eu tinha uma idéia de escola rígida aquilo muito duro que você tinha que fazer porque senão...senão fizesse, entendeu, eu tinha isso de escola e na realidade não é.

Daí a senhora entrou...
A gente entra pra estudar e você vê que não é as próprias pessoas te dão um apoio te ajudam em si né? Te ajudam em tudo.

Então foi melhor do que a senhora esperava?
Foi, foi.

O que a senhora aprendeu na escola Dona Márcia? O que a senhora acha de mais importante que a senhora aprendeu na escola.
Eu acho que assim a comunicação.

É...que a senhora sempre fala que isso foi muito importante na sua vida.
É eu acho que foi muito importante comunicação e gostaria de poder me
Comunicar melhor ainda.

Ah, mas a senhora se comunica tão bem Dona Márcia, nossa!
Imagina não.

Então a senhora se inscreveu no curso por causa destes motivos.

O que a senhora acha Dona Márcia, de uma pessoa que não teve oportunidade de estudar na vida e que tem pouca escolaridade e que quase não sabe ler e escrever, que mal sabe assinar o nome lê pouca coisa?
Eu acho que a mente dela é muito tapada, exemplo é a mesma coisa você não enxerga um horizonte, você não enxerga as mesmas coisas que uma pessoa que estudou enxerga, então ela tem um limite assim, ela enxerga muito pouco.

E a senhora achava que a senhora também estava nessa condição?
Com certeza.

Por isso que a senhora quis estudar?
Ahã.

Com é que a senhora se relaciona com essas pessoas?
Não, normalmente, normalmente.

Não tem diferença ?
Não tem diferença não.

E com as pessoas que tem um nível de escolaridade alto assim?
Ah sei lá, eu acho muito...elas são... eu me sinto inibida junto delas.

A senhora ainda sente isso?
Não dependendo do caso de algumas eu sinto, exemplo aqui nos temos nos trabalhamos com professores que são doutores né? Eu me sinto... exemplo eu converso bem com eles eu me entendo bem agora dependendo de outras pessoas igual eu tenho muita amizade com advogados assim então eu me relaciona bem com esse tipo de pessoa mas dependendo outras que eu não conheço que eu tenho que as vezes conversar eu me sinto meio inibida eu gostaria de poder eu acho assim, exemplo uma pessoa muito boa que eu sempre admirei a professora Miriam.
Miriam ?
Ahã. A professora Miriam ela...exemplo assim ela usa o linguajar na hora certa com as pessoas certas, você já percebeu isso?

Mas isso é o que a gente chama de inteligência é uma pessoa que sabe usar as palavras certas na ocasião certa. Para cada ocasião tem o jeito certo de se vestir e falar e a pessoa que é inteligente é aquela pessoa que é sensível a isso.
Sensível, muito inteligente porque olha eu já participei assim de conversas, conversações, de reuniões de funcionários com ela que ela falava o mesmo linguajar nosso.

E todo mundo entendia?

Todo mundo entendia. E outras reuniões com pessoas da altura dela que ela usava...nossa eu achava muito bonito aquilo.

Mas é muito bonito mesmo ela não precisava se exibir pra ninguém, então ela falava...
Daí a gente vê que o conhecimento dela é o conhecimento que ela sabia aplicar nas horas certas.

O que adianta fazer uma reunião se ninguém vai entender o que ela esta falando, não é? Para uma reunião ser proveitosa as pessoas tem que entender.
Com certeza.

Quando a senhora ainda não dominava bem a leitura e a escrita, quais as dificuldades que a senhora mais sentia, imagino que quando a senhora estava voltando pra escola na 4° serie, não tinha o mesmo domínio que a senhora tem hoje depois de já ter terminado o Ensino Médio que dificuldades que a senhora sentia no dia-a-dia por não saber ler e escrever tão bem quanto hoje?
Era exatamente a fala, assim o falar, pronunciar certo.

O mais difícil pra senhora era a fala?
O mais difícil era a fala.

Porque a senhora não tinha que ler e escrever nada no seu trabalho?
É nunca não dependia de escrever e ler o que é errado uma coisa que quase não faço é ler que é uma coisa que eu deveria fazer... eu quase não leio nada. Eu preciso procurar alguma coisa que eu goste de fazer...

É uma leitura que seja prazerosa pra senhora ler e ficar com vontade de ler mais, porque é bom.
É que seja prazerosa mas isso eu começo a ler uma coisa e depois já não me interessa mais, eu tenho essas dificuldades.

A senhora disse que se sentia envergonhada perante os professores com quem trabalhava, que era mais tímida e agora como é a sua auto-estima?
Ah, eu acho que melhorou bastante.

Hoje a senhora se vê como nesta questão da leitura e da escrita?
Ah, domina a leitura e a escrita eu ainda não domino muito bem...

Mas se alguém der um texto pra senhora a ler a senhora consegue não consegue? A senhora já terminou o Ensino Médio.
Ah consigo.

Então a senhora não se vê mais como uma pessoa que não sabe ler e escrever?
Ah não de forma alguma.

A ultima pergunta Dona Márcia, a senhora acha que mudou como pessoa por causa dos estudos? A senhora falou que era mais tímida...
Não, não eu mudei em termos de comunicação eu acho que eu me comunico melhor com as pessoas exemplo é...você pode ver as pessoas que são mais tímidas elas vão conversar com você, ela as vezes não te encara no olho ela fala alguma coisa ela abaixa a cabeça ela se sente envergonhada.E hoje não eu me sinto assim bem desinibida pra falar do que tem que falar se for pra encarar eu encaro.

Então a senhora acha que isso mudou muito?
Mudou, mudou muito.

E hoje no dia-a-dia da senhora, a senhora lê e escreve? Precisa da leitura e da escrita no seu trabalho?
No meu trabalho...é um pouco não tanto né?

Como?
Faço anotações.

Mas no dia-a-dia a senhora falou que não lê muito...
Não leio muito Jany, uma parte acho que é de família(risos) .

Ah não é deve ser porque a senhora ainda não descobriu ainda, tem gente que gosta de ler romance que se apaixona tem gente que gosta de ler aventura, gibi...
Gibi, eu achei que eu gostava de ler gibi teve umas épocas, muitos anos eu ia trabalhar, pegava um ônibus pegava um gibi e começava a ler as historinhas pra ver se eu me animava mas nem com gibi....

È que a senhora ainda não descobriu...
Será que eu não descobri, acho que eu vou me esforçar pra isso.Veja um livro que você acha que eu vou me interessar e traga pra mim.

Eu vou pensar. Porque tinha aluno que falava pra mim: “ah não gosto de ler, não gosto de ler” de repente se interessava por um assunto e não parava de ler .
Eu preciso descobrir isso pro meu neto eu acho que o ler e escrever é muito importante.

Ah, então acho que já sei onde eu vou pegar a senhora...

Quantos anos ele tem?
Ele já tem 12 anos.

Qual o nome dele?
Nicolas eu já perguntei para ele o que ele gosta de ler, “ah vó, não sei” , “Nicolas veja o que você gosta de ler pra vó comprar livros pra você” .

As vezes livro assusta a principio porque ele pensa assim, esse negocio é muito grande mas se for uma revista por exemplo.
Mas tem revista?Rock ele gosta.

Tem revista que trazem letras de musicas dos conjuntos que ele gosta, assim ele vai se interessando...É uma besteira achar que uma criança tem que ler livro, não importa se ela ler uma revista pode ser a mais bobinha que for mas se tiver um assunto que ela gosta, ela vai ler aquele assunto inteiro vai querer ler outro, outro.....
Eu vi na internet esses dias atrás elas conversando sobre namoro...

Pois é pode ser um bom assunto.
Então o importante é gostar.

O importante é achar alguma coisa que ele goste e se identifique.
Ah, eu vou procurar leva ele na banquinha pra ver, tem em banca né?

Em banca tem.
Mas geralmente essas musicas rock parece que são em inglês.

Muitas em inglês, mas tem a letra em inglês e tem a traduzida ai ele vai saber o que significa, pode até aprender um pouco do idioma.

Então Dona Márcia eu vou encerrar hoje eu quero agradecer muito a senhora pois sem a colaboração das pessoas que aceitam fazer essa entrevista a minha pesquisa não seria possível porque eu preciso saber como foi essa experiência da senhora e para saber eu preciso conversar com as pessoas, elas precisam estar disponíveis nem todo mundo esta disponível. Eu agradeço muito a senhora, depois no final da pesquisa lá pelo fim do ano é uma responsabilidade de todo pesquisador mostrar o resultado da pesquisa, então vou convida-la para defesa, ta?
Espero que eu possa te ajudar nos seus trabalhos.

Ajudou muito, muito, muito.